

**GOD  
SAVE  
THE QUEER**

DEUS É  
PRETA!!

**UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ**  
**MÁIRA DE SOUZA NUNES**

**GOD SAVE THE QUEER: MOBILIZAÇÃO E RESISTÊNCIA**  
***ANTIMAINSTREAM* NO FACEBOOK**

**CURITIBA**

**2017**

**MÁIRA DE SOUZA NUNES**

**GOD SAVE THE QUEER: MOBILIZAÇÃO E RESISTÊNCIA  
*ANTIMAINSTREAM* NO FACEBOOK**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens, da Universidade Tuiuti do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Comunicação e Linguagens, na linha de pesquisa Processos Mediáticos e Práticas Comunicacionais.

Orientador: Prof. Dr. Álvaro Larangeira

**CURITIBA**

**2017**

Dados Internacionais de Catalogação na fonte  
Biblioteca "Sydney Antonio Rangel Santos"  
Universidade Tuiuti do Paraná

N972 Nunes, Máira de Souza.

God Save the Queer: mobilização e resistência  
antimainstream no Facebook / Máira de Souza Nunes;  
orientador Prof. Dr. Álvaro Larangeira.  
362f.

Tese (Doutorado) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba,  
2017.

1. Cultura da mídia. 2. Resistência. 3. Antimainstream.  
4. Grupos subalternos. 5. Facebook. I. Tese (Doutorado) –  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens /  
Doutorado em Comunicação e Linguagens. II. Título.

CDD – 302.4



## EPÍGRAFE

*“Não há salvação. Isso aqui é uma barricada! Não uma bíblia.”*

*Jota Mombaça*

## DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa a todas as pessoas desviantes e dissidentes que resistem em sua loucura, em sua abjeção, em sua existência descartada.

A todos os corpos errados – muito tortos, muito velhos, muito negros, muito gordos, muito tatuados – marcados com as formas da violência.

A todas as bruxas.

Às malditas Genis.

A todas as pessoas que amam sem medo e fracassam utopicamente.

Às que sobreviveram.

E às que não.

## AGRADECIMENTOS

*“Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro.”*

*Belchior*

O processo de elaboração desta tese foi muito intenso e transformador, alternando momentos de encontros potentes e de uma dolorosa solidão. Exigiu boas doses de abandono e de acolhimento, e só foi possível mediante o apoio e a participação de tantas pessoas que compartilharam estes longos anos de ativismo no Facebook. Meu agradecimento e meu amor aos meus companheiros de jornada, sem os quais esta tese não teria se concretizado. Júlio, Ian e Tom, vocês suportaram o silêncio, a ausência, as falhas, a irritação, a insegurança e me amaram quando eu mesma já não me aguentava mais. Abarcaram os efeitos do feminismo em nossas vidas e se transformaram junto comigo. Dividir a vida com vocês tem sido um delicioso percurso e uma grande aventura. Agradeço igualmente ao meu pai e minhas irmãs, que torceram por mim esse tempo todo e me apoiaram nos momentos mais difíceis, respeitando minhas distâncias.

Agradeço imensamente a todas as pessoas que participaram, de maneira direta ou indireta, da concepção, escrita e finalização desta pesquisa, principalmente a Álvaro Laranjeira, orientador-professor-coordenador, que desde o início concedeu a liberdade necessária para que eu imaginasse a tese e a convertesse em algo concreto. Sua confiança e entendimento das minhas limitações e dificuldades possibilitaram a finalização da pesquisa. Estendo meus agradecimentos a Carlos Eduardo Marquioni e Geraldo Pieroni, pela grande contribuição e aprendizado, tanto nas aulas do PPGCOM-UTP quanto na banca de avaliação; à Regiane Ribeiro, Carla Rizzoto e Leandro Colling, que avaliaram a tese nas bancas de qualificação e defesa e realizaram importantes apontamentos sobre os resultados da pesquisa e a proposta geral da tese.

Reconheço que o caminho que me trouxe até a concretização da tese teve início ainda na Educação Básica, nas aulas de Sérgio Vicentin, responsável pela minha paixão pela História e por ter plantado a semente do pensamento crítico, me ensinando a duvidar das grandes verdades lá nos idos dos anos 1980. Já no ensino superior, Ana

Maria Burmester e Oswaldo Munteal acompanharam meus primeiros passos na pesquisa acadêmica, durante a graduação e o mestrado, e foram fundamentais para que eu acreditasse que era capaz de produzir investigação científica.

Agradeço à Juliana Bergmann, pelos quase 40 anos de amizade presente-distante, e por ter sido responsável pela cadeia de eventos que me levaram a essa tese: a contratação no Uninter, as aulas na Comunicação Social, e um livro que fez com que eu decidisse partir, finalmente, para os Estudos de Gênero. À Rodrigo Scama, Fernando Lucas, Alisson da Hora, Gilce Corrêa, Luciano de Sampaio, Nicole Kollross, Ariete Nasulicz, Danielle Wobeto, Morena Magalhães e a tantas outras amigas e amigos que fui conhecendo e cultivando ao longo dos anos, todo o meu amor.

À Gustavo Lopes, Nivea Bona, Paulo Negri, Patrick Diener, Guilherme Carvalho e Alexandre Santos, agradeço pelas tantas oportunidades que os cursos de Jornalismo e Publicidade Uninter criaram para o meu desenvolvimento pessoal e profissional, principalmente para a elaboração da pesquisa. À Matias Peruyera, pela amizade e disposição de resolver todas as questões metodológicas no tratamento dos dados, insistindo em oferecer ajuda mesmo quando eu relutava em aceitar. Agradeço também a Jeferson Ferro, que acompanhou os passos iniciais da pesquisa enquanto ainda era um projeto de iniciação científica e também auxiliou grandemente com as traduções. A Adriana Baggio, Evary Anghinoni, Jheison Holthausen, Patrick Diener (again) e Marco Mazzarotto, meu carinho e admiração.

Sou grata a Geisa Mueller, Ana Heck e Regina Reinert, “Mulheres de Satã”, que seguraram todas as barras possíveis e imagináveis. Porque, no fim das contas, a gente sabe que só nos resta o álcool. E amor, porque essa é uma tese de toda feita de afetos. E a Mauro Marinelli, Kapelle Bar, e tantas entidades que embalaram noites embriagadas de descarrego dançante, possibilitando muitos insights anotados com pressa num bloquinho lambuzado de cachaça.

Toda a gratidão do mundo a Andréa Cordeiro, Bárbara Rodrigues, Camila Puni Melo, Clara Cuevas, Gustavo Bitencourt, Jussara Cardoso, Lena Muniz, Letícia Camargo, Mariana Raquel, Miro Spinelli, Ricardo Marinelli, Suelen Regina, Thayz Athayde e Xênia Melo pela amizade, pela presença, pelo aprendizado e por me permitirem ser uma pessoa melhor. Construir essa tese com vocês foi necessário e



urgente, pois a mudança que queremos precisa passar por outros afetos e utopias. Não tenho palavras para descrever o quanto vocês são importantes na minha vida. Estão presentes aqui, mesmo que indiretamente, Chandler Bensberg, Flaviane Silva, Marjory Rocka, Antonio Marcos Quinupa, Rodrigo Pinafi, Ricardx Nolascx, Letícia Costa, Ximena Seidel e tantas outras pessoas de luta que estão resistindo no Facebook e nas ruas. E se fracassamos utopicamente, pelo menos nos divertimos um tanto.

Agradeço também a Patricia Smaniotto, pela cessão da imagem da capa, e a Miriam Asanome, pela confecção da capa artesanal preparada para a banca de defesa.

Acompanharam a escritura da tese: Belchior, Rage Against the Machine, Maria Bethânia, Bikini Kill, Joy Division, Joan Jett, David Bowie, Radiohead, Cassia Eller, João Bosco, Mercenárias, James, Os Mutantes, Bauhaus, Belle and Sebastian, Amanda Palmer e uma infinidade de artistas e bandas que fazem parte de quem eu sou.

## RESUMO

A presente tese parte da vivência articulada no site de rede social Facebook e se propõe a pensar o *antimanstream* enquanto uma política do estranhamento, na qual saberes e poderes são desestabilizados por meio de resistências utópicas fracassadas. Historicamente excluídos das instâncias de saber e de poder, os grupos subalternos têm estabelecido táticas de resistência e de oposição às hierarquias e à marginalização, denunciando estruturas hegemônicas que consolidam um modo de vida *mainstream* - entendido enquanto tendência dominante - e estabelecem um regime de normalização, principalmente por meio da cultura da mídia. Partindo da noção de que as transformações tecnológicas das últimas décadas resultaram na descentralização da produção e compartilhamento de informações e no surgimento de diferentes iniciativas de ativismo *antimainstream*, chegou-se ao seguinte problema de pesquisa: Em que medida as redes de afeto, amizade e militância, estabelecidas entre pessoas subalternas, dissidentes e não-conformes no Facebook, permitem a articulação de subversões e resistências *antimainstream*? Buscando responder esse questionamento, foi estabelecido como objetivo geral: Analisar os sujeitos e movimentos *antimainstream*, a partir de uma perspectiva feminista, queer e descolonial, pensando suas complexidades e potencialidades enquanto possibilidade de resistência ao *status quo*. Os objetivos específicos propostos foram: Desenvolver um “estado da arte” sobre os estudos de gênero e sexualidade no campo da Comunicação Social, identificando a presença (ou ausência) de pesquisas baseadas na Teoria Feminista, bem como nos Estudos Queer e Descoloniais; Propor uma Teoria da Tendência Dominante tendo como ponto central a categoria *mainstream*, pensada enquanto uma estrutura hegemônica e heteronormativa que regula comportamentos e visões de mundo; Identificar o papel da internet e das redes sociais na configuração dos movimentos *antimainstream*; Investigar a formação de redes de resistência no Facebook, por meio de estudo de caso da rede curitibana formada a partir da Marcha das Vadias. A pesquisa foi realizada a partir de uma perspectiva transmetodológica, um “método mestiço” e uma “pesquisa da pesquisa”, compreendendo o intercalar de diferentes procedimentos: estado da arte, história dos conceitos, netnografia e a autoetnografia. Ao pensar a sociedade por um viés *antimainstream*, esta tese pretendeu recuperar algo das experiências de pessoas que fazem dos seus corpos seu campo de batalha, entendendo que o queer constitui-se como um devir, como a possibilidade de pensar um outro horizonte que não seja pautado pela matriz *mainstream*. Pensar o queer como uma política do estranhamento pressupõe manufaturar possibilidades de existência e resistência a partir de outros espectros e permite abandonar discursos de tolerância, de inclusão e de pertencimento, assumindo uma atitude radical frente ao mundo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura da Mídia, Resistência, *Antimainstream*, Grupos Subalternos, Facebook.

## ABSTRACT

This thesis arises from an articulated participatory experience on the social media Facebook and purposes to think of antimainstream as a politics of estrangement, within which knowledge and power are destabilized by failed utopic resistances. Historically parted from knowledge and power realms, subaltern groups have established resistance and opposition tactics to hierarchies and marginalization, denouncing hegemonic structures that consolidate a mainstream way of life – here understood as a dominant tendency – and establish a normalization system, most of all through media culture. Starting from the notion that technological transformations in the last decades have resulted in forms of decentralized production and sharing of information and in the appearance of different initiatives in antimainstream activism, we have come to the following research problem: To what extent do the friendship, kinship and activism networks, established among subaltern, dissident people and those marked by non-conformity, on Facebook, allow for such articulation of antimainstream subversion and resistance? Searching for answers to this question, we established as a general goal: To analyze antimainstream subjects and movements, from a perspective grounded on feminism, queer and decolonial studies, thinking about their complexities and potentialities as a means of resistance to the *status quo*. The specific goals of this research were: To build a “state of the art” panorama of the gender and sexuality studies in the field of Communication Studies, highlighting the presence (or absence) of research based on Feminist Theory, as well as Queer and Decolonial Studies; To propose a Theory of the Dominant Tendency, having as its defining aspect the category of mainstream, understood as a hegemonic and heteronormative structure that rules over behaviors and views of the world; To identify the role social media and the internet play on the constitution of the mainstream movement; To investigate the constitution of networks of resistance on Facebook, through a case study of the Slut Walk network of Curitiba. This research was carried out through a transmethodological approach, a “crossbred method” and a “research on research”, comprising the alternation of different procedures: state of the art, history of the concepts, nethnography and self-ethnography. By looking at society from an antimainstream perspective, this research aimed at retrieving something from the experiences of the people who turn their bodies into a battlefield, comprehending that queer presents itself as a will-be, as the possibility of thinking of a new horizon which is not bound by the mainstream frame. Conceiving of queer as a politics of estrangement predicates the creation of possibilities of existence and resistance from new sources and therefore allows us to abandon tolerance, inclusive and belonging discourses, taking on a radical position to face the world.

**KEY WORDS:** Media Culture, Resistance, Antimainstream, Subaltern Groups, Facebook.

## RESUMEN

La presente tesis parte de la vivencia articulada en la página de la red social Facebook y se propone a pensar el *antimainstream* en tanto que una política de extrañamiento, en la cual saberes y poderes son desestabilizados por medio de resistencias utópicas fracasadas. Historicamente excluidos de las instancias del saber y del poder, los grupos subalternos han establecido tácticas de resistencia y de oposición a las jerarquías y a la marginalización, denunciando estructuras hegemónicas que consolidan un modo de vida *mainstream* - entendido en tanto que tendencia dominante - y establecen un régimen de normalización, principalmente por medio de la cultura de los medios. Partiendo de la noción de que las transformaciones tecnológicas de las últimas décadas resultaron en la descentralización de la producción y el compartir de informaciones y en la aparición de diferentes iniciativas de activismo *antimainstream*, se llegó al siguiente problema de investigación: En qué medida las redes de afecto, amistad y militancia, establecidas entre personas subalternas, disidentes y no-conformes en Facebook, permiten la articulación de subversiones y resistencias *antimainstream*? Buscando responder a ese cuestionamiento, fue establecido como objetivo general: Analizar los sujetos y movimientos *antimainstream*, a partir de una perspectiva feminista, queer y decolonial, pensando sus complejidades e potencialidades en tanto que posibilidad de resistencia al *status quo*. Los objetivos específicos propuestos fueron: Desarrollar un “estado del arte” de los estudios de género y sexualidad en el campo de la Comunicación Social, identificando la presencia (o ausencia) de investigaciones basadas en la Teoría Feminista, así como en los Estudios Queer y Decoloniales; Proponer una Teoría de la Tendencia Dominante teniendo como punto central la categoría *mainstream*, pensada en tanto que una estructura hegemónica y heteronormativa que regula comportamientos y visiones de mundo; Identificar el papel de la internet y de las redes sociales en la configuración de los movimientos *antimainstream*; Investigar la formación de redes de resistencia en Facebook, por medio de estudio de caso de la red de la ciudad de Curitiba formada a partir de la “Marcha das Vadias” (Slut Walk). La investigación fue realizada a partir de una perspectiva transmetodológica, un “método mestizo” y una “investigación de la investigación”, comprendiendo el intercalar de diferentes procedimientos: estado del arte, historia de los conceptos, netnografía y la autoetnografía. Al pensar la sociedad por un sesgo *antimainstream*, esta tesis buscó recuperar algo de las experiencias de personas que hacen de sus cuerpos su campo de batalla, entendiendo que el queer se constituye como un devenir, como la posibilidad de pensar un otro horizonte que no sea pautado por la matriz *mainstream*. Pensar al queer como una política del extrañamiento presupone manufacturar posibilidades de existencia y resistencia a partir de otros espectros y permite abandonar discursos de tolerancia, de inclusión y de pertenecimiento, asumiendo una actitud radical frente al mundo.

**PALABRAS-CLAVE:** Cultura de los Medios, Resistencia, *Antimainstream*, Grupos Subalternos, Facebook.



## LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1.....	31
IMAGEM 2.....	33
IMAGEM 3.....	41
IMAGEM 4.....	62
IMAGEM 5.....	70
IMAGEM 6.....	100
IMAGEM 7.....	113
IMAGEM 8.....	114
IMAGEM 9.....	126
IMAGEM 10.....	130
IMAGEM 11.....	132
IMAGEM 12.....	139
IMAGEM 13.....	143
IMAGEM 14.....	146
IMAGEM 15.....	149
IMAGEM 16.....	152
IMAGEM 17.....	154
IMAGEM 18.....	158
IMAGEM 19.....	163
IMAGEM 20.....	167
IMAGEM 21.....	174
IMAGEM 22.....	177
IMAGEM 23.....	180
IMAGEM 24.....	181
IMAGEM 25.....	196
IMAGEM 26.....	209
IMAGEM 27.....	210
IMAGEM 28.....	213
IMAGEM 29.....	222

IMAGEM 30.....	223
IMAGEM 31.....	239
IMAGEM 32.....	240
IMAGEM 33.....	257

## LISTA DE INFOGRÁFICOS

INFOGRÁFICO 1 .....	80
INFOGRÁFICO 2 .....	81
INFOGRÁFICO 3 .....	82
INFOGRÁFICO 4 .....	83
INFOGRÁFICO 5 .....	84
INFOGRÁFICO 6 .....	86
INFOGRÁFICO 7 .....	90
INFOGRÁFICO 8 .....	186
INFOGRÁFICO 9 .....	187
INFOGRÁFICO 10 .....	187
INFOGRÁFICO 11 .....	188
INFOGRÁFICO 12 .....	189
INFOGRÁFICO 13 .....	191
INFOGRÁFICO 14 .....	193
INFOGRÁFICO 15 .....	200

## VADIA É QUEM LUTA E NÃO SE CALA: PRÓLOGO

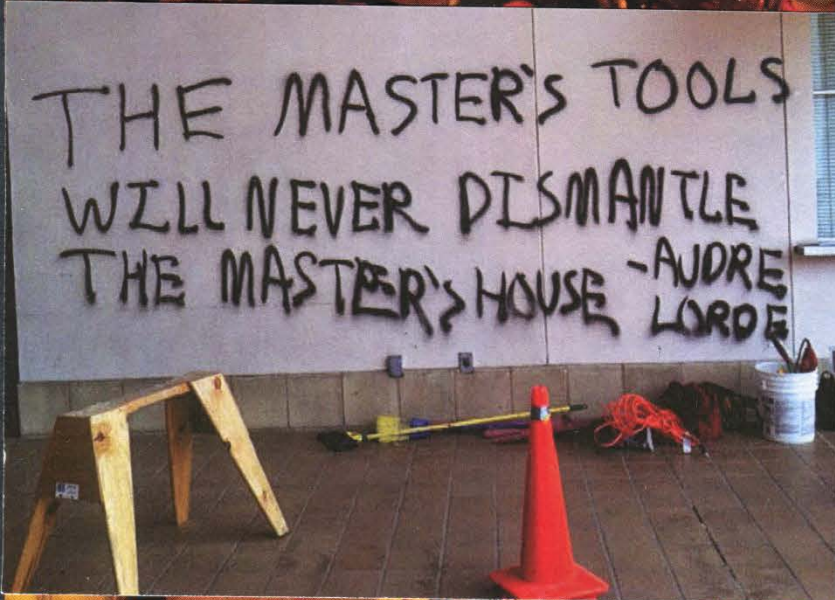
2011 é o ano que marca, na cidade de Curitiba, a formação de uma rede de militância que se consolidou a partir do Facebook e que possibilitou que pessoas com origens e interesses distintos se encontrassem e passassem a ocupar os sites de redes sociais, locais de trabalho, lares, escolas, universidades, associações de bairro, coletivos e, principalmente, as ruas em busca de mudanças sociais. Participar desta rede de militância e resistência permitiu que eu estabelecesse um primeiro contato com o feminismo e pudesse repensar não apenas minhas escolhas pessoais, mas minha práxis enquanto professora universitária e pesquisadora. A escolha de mudança de área de formação, da História para a Comunicação Social, também foi resultado da inquietação gerada por esta articulação política. A costura de temas proposta nesta tese é resultado da vivência adquirida no contato com esta rede ativista, a partir da participação da organização do movimento Marcha das Vadias. A enunciação do meu lugar de fala aqui é proposital e tem o intuito de desestabilizar o que Ramón Grosfoguel (2008, p. 119) chama de “ego-política do conhecimento”, visto que o apagamento do sujeito de fala, em nome de um conhecimento universal, oculta “não só aquele que fala como também o lugar epistêmico geo-político e corpo-político das estruturas de poder/conhecimento colonial, a partir do qual o sujeito se pronuncia.” Neste sentido, falo enquanto mulher latino-americana, vadia, subalterna, livre. Silenciada e desqualificada, desde a graduação, por não ter uma “postura intelectual”, por não performar corretamente os códigos de conduta acadêmicos, por não participar dos círculos “certos”. Mas, ao mesmo tempo, falo enquanto mulher cisgênero, branca, de classe média. Um lugar bastante privilegiado que permitiu, inclusive, que eu produzisse a presente tese. O texto que se apresenta aqui se constitui em uma colcha de retalhos que une, pedaço a pedaço, feminismo, subversão, ocupação, carnavalização, dissidências, chistes, fracassos e utopias. Marchas, Ocupas, Intervenções, Performances, Memes, Costuras, Cartazes, Pichações, Micropoderes, Bordados, Corpos Desviantes, Saberes Subalternos são alinhavados como urdidura de um tecido social que enseja a possibilidade de existir e resistir. Esta tese não é o resultado de alguma excelência intelectual, fria e racional como aparenta ser a pesquisa científica. É, antes de tudo, o resultado de um trabalho árduo e cansativo com vistas a conciliar uma intuição, uma visão utópica construída diretamente na e pela experiência, com um repertório teórico e intelectual reconhecido e validado academicamente. É o resultado de noites insones e momentos de choro descontrolado em completo desespero, vividos em meio ao caos político nacional e internacional, à perda de esperança e de direitos. É o resultado de um movimento construído no sentido de superar o “autoativismo”, essa criação contemporânea na qual a análise histórica-conjuntural e a construção coletiva passaram a dar lugar a uma militância autocentrada, muitas vezes preconceituosa e alienada, que busca encontrar soluções para problemas pessoais e não mais sociais. Acima de tudo, é o resultado do encontro com pessoas radicalmente incríveis e do afeto produzido na revolta e no dissenso.



## SUMÁRIO

<b>“THE MASTER’S TOOLS WILL NEVER DISMANTLE THE MASTER’S HOUSE”: INTRODUÇÃO</b>	17
O RISCO DO BORDADO: TECENDO O PERCURSO ANALÍTICO	24
<b>1 “WISH YOU WERE QUEER”: GÊNERO, SEXUALIDADE E COMUNICAÇÃO</b>	30
1.1 “AS THE THIEF IN THE NIGHT”: ESTUDOS CULTURAIS E FEMINISMO	35
1.2 “CAN THE SUBALTERN SPEAK?”: ESTUDOS SUBALTERNOS, PÓS-COLONIAIS E DECOLONIAIS	50
1.2.1 Estudos Subalternos	50
1.2.2 Estudos Pós-Coloniais	58
1.2.3 O Giro Descolonial	63
1.3 “A GAME THE WHOLE FAMILY COULD PLAY”: OS ESTUDOS QUEER	66
1.3.1 Os Estudos Queer no Brasil	73
1.4 “AS MULHERES SÓ QUEREM SER SALVAS”: COMUNICAÇÃO E GÊNERO NO BRASIL	77
<b>2 “WINNING HEARTS AND MINDS”: <i>MAINSTREAM</i> - UMA TEORIA DA TENDÊNCIA DOMINANTE</b>	94
2. 1 “O HOMEM É A MEDIDA DE TODAS AS COISAS”: A ORDEM DO CONHECIMENTO	97
2.1.1 “Falta o vocabulário”: o <i>mainstream</i> acadêmico	105
2. 2. MANUFATURAR O CONSENSO: A ORDEM DO PODER	120
2.2.1 “Eu não sou da paz”: Necropolítica capitalista	128
2.3 “A CORRENTE IMPETUOSA É CHAMADA DE VIOLENTA, MAS O LEITO DE RIO QUE A CONTÉM NINGUÉM CHAMA DE VIOLENTO”: <i>MAINSTREAM</i> – TEORIA DA TENDÊNCIA DOMINANTE	134
<b>3 “REMEMBER: SATAN WAS THE FIRST TO DEMAND EQUAL RIGHTS”: MULTIDÕES ANTIMAINSTREAM</b>	143
3.1. “ <i>THE SUBVERSIVE STITCH</i> ”: CRAFTIVISMO, <i>DIY</i> E MÍDIA RADICAL	151

3.1.1 Faça Você Mesma: Contracultura e <i>DIY</i> .....	154
3.2 “NÓS DIZEMOS REVOLUÇÃO”: MULTIDÃO QUEER .....	159
3.2.1 “A multidão é carne viva” .....	162
3.3 “ <i>KEEP SLUTWALKING</i> ”: O FEMINISMO VADIO .....	168
3.4 “O GIGANTE ACORDOU”: AS JORNADAS DE JUNHO .....	179
3.5 ANÁLISE DOS ATIVISMOS NO FACEBOOK .....	184
<b>4 “MEU CORPO É MEU CAMPO DE BATALHA”: AUTOETNOGRAFIA DE RESISTÊNCIAS UTÓPICAS FRACASSADAS .....</b>	<b>196</b>
4.1 2011: O ANO EM QUE NÃO MUDAMOS O MUNDO .....	201
4.2 2012: “O QUE QUEREMOS, DE FATO, É QUE AS IDEIAS VOLTEM A SER PERIGOSAS” .....	215
4.3 2013: O MOVIMENTO É SEXY .....	229
4.4 2014-2016: FRACASSAMOS .....	243
<b>“O PESSOAL É POLÍTICO”: CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>254</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>259</b>
<b>FONTES: DISSERTAÇÕES E TESES .....</b>	<b>284</b>
<b>FONTES: DICIONÁRIOS .....</b>	<b>320</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>322</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>359</b>





## **“THE MASTER’S TOOLS WILL NEVER DISMANTLE THE MASTER’S HOUSE”<sup>1</sup>: INTRODUÇÃO**

Em 1979, a escritora estadunidense Audre Lorde proferiu uma fala no encerramento do evento “The Second Sex Conference”, com o título que nomeia esta introdução, desafiando as participantes a refletir sobre as estruturas de dominação e subordinação e a forma como as questões de classe, raça, sexualidade e idade são, na maioria das vezes, excluídas das análises feministas. Ao afirmar que “as ferramentas do mestre nunca irão desmontar a casa do mestre”, Lorde denunciou as armadilhas de um feminismo reformista que luta contra as estruturas patriarcais sem levar em conta que mulheres pobres ou não-brancas limpam as casas e cuidam dos filhos de mulheres brancas, enquanto estas participam de conferências feministas.

A crítica de Lorde, que se definia como uma mulher “negra, lésbica, mãe, guerreira e poeta” (BYRD; COLE; GUY-SCHEFTALL, 2009, p. 234), revela um aspecto fundamental dos movimentos sociais organizados ao longo dos séculos XX e XXI: a questão da interseccionalidade<sup>2</sup>. Mesmo no caso do feminismo, a categoria mulher tem se mostrado, em muitas análises, excludente e essencialista, pois centra-se na mulher cisgênero<sup>3</sup>, branca, heterossexual, escolarizada, de classe média. Isso pode ser percebido inclusive na produção acadêmica feminista.

Aqueles de nós que se posicionam fora do escopo do que esta sociedade define como mulheres aceitáveis; aquelas de nós que foram forjadas nas caldeiras da diferença – aquelas de nós que são pobres, lésbicas, Negras, mais velhas – sabem que *a sobrevivência não é uma habilidade acadêmica*.

---

<sup>1</sup> “As ferramentas do mestre nunca irão desmontar a casa do mestre”. (LORDE, 1984, p. 110).

<sup>2</sup> “A associação de sistemas múltiplos de subordinação tem sido descrita de vários modos: discriminação composta, cargas múltiplas, ou como dupla ou tripla discriminação. A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento.” (CRENSHAW, 2002, p. 177).

<sup>3</sup> Pessoa que se identifica com o gênero que lhe foi atribuído ao nascimento (JESUS, 2012). Cabe ressaltar que boa parte da produção acadêmica sobre “mulheres” – feminista ou não – refere-se a mulheres cisgênero. Nesta tese o termo engloba todas as mulheres, a não ser quando se referir aos grupos específicos que compõe o conjunto “mulheres”.



Trata-se de aprender a como sobreviver sozinha, impopular e às vezes achincalhada, e a como unir-se a outros [grupos] marginalizados de modo a conceber e buscar um mundo no qual todas possamos florescer. (LORDE, 1984, p. 112, *grifo da autora*).<sup>4</sup>

A ideia de que “a sobrevivência não é uma habilidade acadêmica” remete ao fato de que a produção intelectual feita nas universidades pouco influencia na realidade de pessoas subalternas. Historicamente excluídos das instâncias de saber e de poder, os grupos subalternos têm estabelecido táticas<sup>5</sup> de resistência e de oposição às hierarquias e à marginalização. Esses sujeitos relutam em se submeter às formas de assimilação e inclusão e buscam construir, por meio da diferença, ferramentas de mudança a partir das margens, bordas e fronteiras.

No contexto atual, o avanço do “capitalismo global triunfante” (FRIEDEN, 2006) – neoliberal e imperialista –, tem acirrado as desigualdades e promovido a crise do Estado de direito democrático burguês. O paradigma da modernidade, enquanto primazia da razão e das relações capitalistas, continua apostando no desenvolvimento humano guiado pelo progresso da ciência e do conhecimento. Neste “horizonte de futuro”, as promessas da racionalidade e do desenvolvimento apresentam não uma continuação do passado ou do presente, mas uma nova realidade de um futuro quimérico (QUIJANO, 2001).

Excluídos da participação neste futuro, os grupos subalternos que lutam pela igualdade de direitos, pela soberania dos povos e pela autonomia dos corpos se encontram à mercê de uma estrutura política asfixiante, excludente e violenta. “Desmontar a casa do mestre” demanda a manufatura de ferramentas outras, as quais permitam aos sujeitos subalternos a configuração de novos discursos e práticas visando uma desestabilização das estruturas de poder, pois

---

<sup>4</sup> “Those of us who stand outside the circle of this society's definition of acceptable women; those of us who have been forged in the crucibles of difference — those of us who are poor, who are lesbians, who are Black, who are older — know that *survival is not an academic skill*. It is learning how to stand alone, unpopular and sometimes reviled, and how to make common cause with those others identified as outside the structures in order to define and seek a world in which we can all flourish.”

<sup>5</sup> Os conceitos de tática e estratégia utilizados em toda a tese seguem a definição de Michel de Certeau (2013), que entende tática como a ação calculada na esfera de ausência de poder, uma “arte do fraco” acionada na medida em que se abrem espaços de ação ou brechas que permitem articular a oposição de forças; e estratégia como a manipulação das relações de força empreendida por sujeitos de querer e poder.

o poder opera por ficções, que não são apenas textuais, mas estão materialmente engajadas na produção do mundo. As ficções de poder se proliferam junto a seus efeitos, numa marcha fúnebre celebrada como avanço, progresso ou destino incontornáveis. O monopólio da violência é uma ficção de poder baseada na promessa de que é possível forjar uma posição neutra desde a qual mediar os conflitos. (JOTA MOMBAÇA, 2016, p. 4).

Entendendo que a pretensa neutralidade das posições de poder mascara a opressão, a exclusão e a violência, indivíduos e grupos sociais têm buscado diferentes formas de atuação e mobilização a partir da criação de táticas, narrativas e estéticas condizentes com o enfrentamento às imposições da sociedade pós-industrial. Uma das táticas possíveis é a denúncia de estruturas hegemônicas que consolidam um modo de vida *mainstream*<sup>6</sup> e estabelecem um regime de normalização de práticas, saberes e corpos. Este regime ultrapassa a ação coercitiva do Estado e se apresenta em processos de padronização de gostos, costumes, valores e sistemas simbólicos.

As práticas e processos comunicacionais resultantes da midiatização<sup>7</sup> são parte integrante da constituição e representação de sujeitos e grupos sociais a partir de discursos hegemônicos. Entende-se, portanto, que o estabelecimento do *mainstream*, ao longo de todo o século XX, deu-se enquanto consolidação dos ideais da modernidade, como uma narrativa mítica construída pelo projeto histórico europeu e estadunidense – capitalista, globalizante e excludente – que buscou silenciar os discursos subalternos. As teorias científicas e os saberes acadêmicos sustentaram esta narrativa e alimentaram o *mainstream* por meio dos conhecimentos canônicos eurocêntricos<sup>8</sup>: modernos, ocidentais, masculinos, brancos e heterossexuais.

---

<sup>6</sup> Segundo a definição do dicionário Oxford, *mainstream* significa “as crenças, atitudes, etc. que são compartilhadas pela maior parte das pessoas e por isso consideradas normais ou convencionais; a TENDÊNCIA dominante de opinião, moda, etc.” (HORNBY, 1995). Uma proposta de categorização do termo será desenvolvida no segundo capítulo da tese.

<sup>7</sup> “Por midiatização da sociedade, entendemos o processo pelo qual a sociedade, em um grau cada vez maior, está submetida a ou torna-se dependente da mídia e de sua lógica. Esse processo é caracterizado por uma *dualidade* em que os meios de comunicação passaram a estar *integrados* às operações de outras instituições sociais ao mesmo tempo em que também adquiriram o *status* de instituições sociais *em pleno direito*. Como consequência, a interação social – dentro das respectivas instituições, entre instituições e na sociedade em geral – acontece através dos meios de comunicação.” (HJARVARD, 2012, p. 64).

<sup>8</sup> “Eurocentrismo é, aqui, o nome de uma perspectiva de conhecimento cuja elaboração sistemática começou na Europa Ocidental antes de meados do século XVII, ainda que algumas de suas raízes são sem dúvida mais velhas, ou mesmo antigas, e que nos séculos seguintes se tornou mundialmente hegemônica percorrendo o mesmo fluxo do domínio da Europa burguesa. Sua constituição ocorreu

As formas de enfrentamento *antimainstream* se apresentam como “tecnologias de resistência” (PRECIADO, 2014) e pretendem desestabilizar construções normalizantes e disciplinadoras. No entanto, não se realizam de maneira uniforme e monolítica, estando carregadas de contradições e de reproduções de discursos e práticas hegemônicas. Forças coercitivas – históricas, políticas, sociais, culturais e epistemológicas – estão presentes em todo o espectro da vida contemporânea e geram uma série de regimes normativos que regulam e controlam os sujeitos subalternos. Mesmo assim, nas ruas e nos espaços acadêmicos, esses sujeitos recuperam saberes insurgentes que desafiam o silenciamento histórico e questionam o apagamento de suas vivências, de seus conhecimentos e de seus corpos.

Falar de saberes subalternos não é, portanto, apenas dar voz àquelas e àqueles que foram privados de voz. Mais do que isso, é participar do esforço para prover outra gramática, outra epistemologia, outras referências que não aquelas que aprendemos a ver como as “verdadeiras” e, até mesmo, as únicas dignas de serem aprendidas e respeitadas. (PELÚCIO, 2012, p. 399).<sup>9</sup>

A subalternidade é entendida como um aspecto das estruturas hegemônicas de dominação que classificam e hierarquizam sujeitos e grupos sociais como forma de garantir a manutenção do *status quo*. As lutas contra os processos de sujeição, exploração e exclusão se configuraram ao longo da história e ganharam novas nuances no período pós-guerra, adquirindo um caráter identitário. Organizados ou não, estes grupos e movimentos sociais passaram a criticar sistemas políticos, modelos econômicos, determinações culturais e estruturas sociais. Vanguardas artísticas, os movimentos feminista, LGBT<sup>10</sup>, negro, indígena e estudantil, entre outros, procuraram expressar suas demandas de transformação, promovendo críticas sobre como o “estilo

---

associada à específica secularização burguesa do pensamento europeu e à experiência e às necessidades do padrão mundial de poder capitalista, colonial/moderno, eurocentrado, estabelecido a partir da América.” (QUIJANO, 2005, p. 115).

<sup>9</sup> Pensar “a voz” do sujeito subalterno a partir de uma outra gramática, como propõe Pelúcio, significa compreender que os discursos existentes – dominantes – irão sempre desqualificar essa voz subalterna. Seja porque a pessoa subalterna não domina os códigos discursivos hegemônicos, ou porque não possui um vocabulário reconhecido como válido, pois sempre é visto como incompleto e imperfeito – estranho.

<sup>10</sup> A sigla LGBT será utilizada em referência ao movimento social. Em outros casos será utilizada a expressão “dissidência sexual e de gênero”.

de vida” das pessoas cisgênero, brancas, heterossexuais, de classe média, cristãs, ocidentalizadas constituiu-se enquanto regime de normalidade.

A partir da década de 1990, o desenvolvimento tecnológico e a cultura digital possibilitaram a ampliação dos debates sobre as configurações das relações de poder e o desenvolvimento de diferentes formas de ação política. Sabe-se que os movimentos sociais têm historicamente incorporado novos meios<sup>11</sup> em suas lutas por mudança social, no entanto, neste contexto entende-se que as transformações nas tecnologias de comunicação e informação passaram a oferecer diferentes possibilidades de conexão e mobilização. A análise destes movimentos organizados na internet produziu uma visão triunfante do ativismo digital, na qual as “redes de indignação e esperança” (CASTELLS, 2013) representariam uma nova forma de mobilização nos sites de redes sociais e de ocupação dos espaços públicos em busca de transformação social. Segundo essa visão, produzida nos primeiros anos da década de 2010, a multidão (HARDT; NEGRI, 2012) colocou-se em marcha contra a exploração capitalista, a destruição de comunidades locais, a falta de participação política, a exploração do trabalho, a desigualdade de direitos, a exclusão e a opressão. Acreditava-se no nascimento de um novo mundo, igualitário e inclusivo, que proporcionaria a todas as pessoas condições dignas de existência.

No entanto, a reação das forças de dominação conservadora foi fulminante e violenta. A eleição de governos com pautas políticas reacionárias, a imposição de medidas de austeridade, a perda de direitos e a perseguição a manifestantes e pessoas opositoras ao sistema possibilitou uma ofensiva contra-insurgente que freou o curso revolucionário incipiente destes novos movimentos. O capitalismo heteropatriarcal retomou com violência discursos e dispositivos normativos de controle, submetendo e criminalizando a “multidão” – suas ideias, corpos e paixões – promovendo um retrocesso como ferramenta para a manutenção das estruturas de poder.

---

<sup>11</sup> “Ainda que o termo novos meios seja, ele próprio, um novo termo, datando de menos de 50 anos atrás, as questões que ele levanta não são novas, e um entendimento das transformações contemporâneas promovidas por celulares e pela internet se beneficia de uma conscientização sobre as ‘novas tecnologias’ anteriores, tais como a imprensa, o rádio e o telégrafo. Os novos meios, de uma forma ou de outra, têm estado conosco desde há séculos.” (HASSAN; THOMAS, 2006 *apud* FELINTO, 2011, p. 7).

Neste sentido, a partir da noção de que as transformações tecnológicas das últimas décadas resultaram na descentralização da produção e compartilhamento de informações, na ampliação da portabilidade e da capacidade de armazenamento e no surgimento de inúmeras e diferentes iniciativas de ativismo *antimainstream*, chegou-se ao seguinte questionamento: Em que medida as redes de afeto<sup>12</sup>, amizade e militância, estabelecidas entre pessoas subalternas, dissidentes e não-conformes no Facebook, permitem a articulação de subversões e resistências *antimainstream*?

Alguns desdobramentos possíveis desta problemática de pesquisa se encontram em outros questionamentos: Sendo o Facebook uma empresa capitalista, há alguma possibilidade concreta de uso para fins “revolucionários”? Grupos feministas, queer, subalternos, anarquistas, anti-capitalistas, conseguem se estabelecer como “redes de indignação e esperança”, no modelo horizontal e descentralizado proposto por Manuel Castells? A potência de insurgência possibilitada pela articulação em rede e observada entre os anos de 2011 e 2013 manteve-se nos anos posteriores? A descentralização na produção e circulação de informações e conhecimentos resultou em transformações concretas nas instâncias de poder e saber?

Buscando possibilitar uma análise que englobe todos esses fatores, foi estabelecido como objetivo geral: Analisar os sujeitos e movimentos *antimainstream*, a partir de uma perspectiva feminista, queer e descolonial, pensando suas complexidades e potencialidades enquanto possibilidade de resistência ao *status quo*. Os objetivos específicos desenvolvidos enquanto percurso para a concretização da pesquisa foram: Desenvolver um “estado da arte” sobre os estudos de gênero e sexualidade no campo da Comunicação Social, identificando a presença (ou ausência) de pesquisas baseadas na Teoria Feminista, bem como nos Estudos Queer e Descoloniais; Propor uma Teoria da Tendência Dominante tendo como ponto central a categoria *mainstream*, pensada enquanto uma estrutura hegemônica e heteronormativa que regula comportamentos e visões de mundo; Identificar o papel da internet e das redes sociais na configuração dos movimentos *antimainstream*, Investigar a formação de redes de resistência no Facebook, por meio de estudo de caso curitibano.

---

<sup>12</sup> Afeto é entendido aqui como um devir, algo que nasce nos entre-lugares e se encontra na intensidade das relações. Representa uma força do encontro e uma capacidade de afetar-se. (SEIGWORTH; GREGG, 2010).

A perspectiva teórica da tese foi pensada a partir da noção de que, ao longo do século XX, os produtos da indústria cultural como o rádio, a televisão, o cinema, as revistas de moda, entre outros, passaram a estabelecer padrões a partir dos quais são definidas identidades de gênero, sexualidade, classe e raça (KELLNER, 2001). A cultura das mídias, estabelecida no sistema capitalista globalizado, tornou-se *mainstream* enquanto visão de mundo articuladora de subjetividades e materialidades que configuram as estruturas sociais e os vínculos de poder que produzem a opressão.

Uma posição *antimainstream* representa uma possibilidade de circular por entre as brechas destas estruturas e vínculos, rearticulando relações dentro da própria subalternidade. Perceber as instâncias hegemônicas e suas contradições possibilita compreender esse tortuoso caminho e seus atalhos, principalmente a partir do entendimento de como o *mainstream* influencia nos processos de identificação.<sup>13</sup> Assumir uma bandeira política subalterna produz uma identificação na qual a opressão passa a definir o sujeito oprimido, pois as categorias políticas disponíveis são dadas de antemão no jogo hegemônico. Para subverter os modelos de identificação hegemônicos é preciso conhecer os tipos de identificação possíveis para que os termos dessa identificação se convertam em uma “resistência desidentificadora.” (BUTLER, 2000a).

Desta maneira, o processo de desidentificação<sup>14</sup> deve se organizar como uma política do estranhamento estabelecida a partir da noção de que as grandes narrativas hegemônicas construíram, de forma violenta e opressiva, uma única forma de existir – material e discursivamente – que é uma ficção totalizante, pois visa explicar e classificar todos os recônditos da existência. Uma política do estranhamento pressupõe promover rupturas nessa totalidade, visando, a partir de suas inconsistências, propor o impossível. Esta utopia não pretende se realizar como um futuro viável, mas como uma possibilidade de entranhar do presente. Para Jack Halberstam (2011), esta utopia

---

<sup>13</sup> Conceito psicanalítico que define “um processo psicológico por meio do qual o sujeito assimila um aspecto, propriedade ou atributo de outro e se transforma, total ou parcialmente no modelo provido pelo outro. É por meio de uma série de identificações que a personalidade se constitui e se especifica.” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1973 *apud* MUÑOZ, 1999, p. 7).

<sup>14</sup> Para José Muñoz (1999), a desidentificação compreende um conjunto de táticas de sobrevivência que os sujeitos subalternos praticam no sentido de negociar e resistir em uma esfera pública opressora, a qual pune indivíduos e grupos que não conformam com a cidadania normativa.

que se recusa em aquiescer à dominação capitalista, colonial e heteronormativa representa um fracasso, e é a partir desse fracasso que a resistência deve ser estabelecida.

Assim, é preciso parar de esperar pela revolução e começar a estabelecer levantes<sup>15</sup> estratégicos que, ao fracassarem, permitem a produção de novas experiências temporárias, unindo grupos e pessoas que não aceitam subordinar-se e nunca chegam a desaparecer. Para além da ideia de criar um novo poder, a proposta é criar um espaço de libertação. (BEY, 2011).<sup>16</sup>

Portanto, a tese defendida nesta pesquisa parte da vivência articulada no site de rede social Facebook e se propõe pensar o *antimanstream* como uma política do estranhamento, na qual a produção científica, a história linear teleológica<sup>17</sup>, as relações de poder heterocispatriarcais, e a necropolítica são desestabilizadas a partir de resistências utópicas fracassadas. Ao denunciar as ficções de poder e saber pretende-se estranhar narrativas de salvação e de revolução, elaboradas a partir dessas ficções, que desconsideram existências subalternas. A proposta de uma política do estranhamento pressupõe pensar diferentes formas de produzir conhecimento – seja na academia ou na rua – e de resistir a partir de uma rede de afetos divergentes.

## O RISCO DO BORDADO: TECENDO O PERCURSO ANALÍTICO E OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como Penélope que tece durante o dia para desfazer o tecido durante a noite, a tessitura desta pesquisa se fez a partir da fiação de uma narrativa teórica e empírica

---

<sup>15</sup> “*Levante e insurreição* são palavras usadas pelos historiadores para caracterizar revoluções que *fracassaram* – movimentos que não chegaram a encerrar seu ciclo [...], o *levante* sugere a possibilidade de um movimento fora e além da espiral hegeliana do ‘progresso’, que secretamente não passa de um círculo vicioso.” (BEY, 2011, p. 15, *grifos do autor*).

<sup>16</sup> Para Bey (2011, p. 16), a revolução tem falhado em “mudar o mundo”, pois assim que os combates do processo revolucionário se encerram e a revolução trunfa, surge um novo Estado, mais forte e opressivo. “O slogan ‘Revolução!’ transformou-se de sinal de alerta em toxina, uma maligna e pseudognóstica armadilha do destino, um pesadelo no qual, não importa o quanto lutamos, nunca nos livramos do maligno ciclo infinito que incuba o Estado, um Estado após o outro, cada ‘paraíso’ governado por um anjo ainda mais cruel.

<sup>17</sup> Os estudos da Teoria da História preconizam, em sua vertente historicista, um percurso teleológico, ou seja, um transcorrer linear que teve início com o desenvolvimento da escrita e desenvolveu-se ao longo dos séculos. A história desse percurso está presente em toda a tese e embasa as críticas que são feitas a essa forma de conceber a construção do pensamento ocidental.

sobre o devir revolucionário. A sucessão de fatos e análises, entre os anos de 2011 e 2016, demandou o desmanchar de incontáveis pontos e nós e o desenho de novos riscos de bordado até que a peça final – mesmo que provisória – contivesse o desenho textual da tese costurado entre palavras, imagens e vazios.

O trabalho de tecer e desfiar (VEIGA, 2017) procedimentos de pesquisa, tabulação de dados e escrita foi pensado a partir da ideia de “artesanato intelectual” (MILLS, 1982) enquanto forma de utilizar a própria experiência de vida como ponto de partida para o trabalho de pesquisa. Assim, o processo de captura de “pensamentos marginais” permitiu a construção de um amálgama de conceitos, fatos e afetos que perpassam toda a estrutura da tese e se organizam em uma perspectiva transmetodológica<sup>18</sup>, entendida como um conjunto de estratégias – articulação e atravessamento de métodos – que reconfiguram categorias e teorias e permitem a sistematização, compreensão e resolução de problemas concretos. (MALDONADO, 2013).

A natureza e complexidade da pesquisa proposta demandou um “método mestiço” que alia “cosmovisões, sistemas, modelos, procedimentos, lógicas, operacionalizações, tecnologias, explorações, vivências, experiências e processos de construção de conhecimento” (MALDONADO, 2002) e permite a configuração de uma “desobediência epistêmica” (MIGNOLO, 2008), não como negação das matrizes teórico-conceituais ocidentais – leia-se racistas e patriarcais –, mas como compreensão de que esses conhecimentos são também formadores das (e não apenas formados por) estruturas de poder colonial.

O *método*, portanto, como conjunto de estratégias e procedimentos para a resolução de problemas, adquire um caráter mestiço, configura-se num cenário e numa estruturação (*dimensão/campo/nível*), na qual confluem processos sociohistóricos e culturais que valorizam a sua produção de sentido (pluralidade de contextos) e, por outro lado, incorpora e apropria-se de

---

<sup>18</sup> “O termo latino *trans* o usamos nas suas distintas acepções. Pensamos que é um *movimento além* das disciplinas e as formalizações tradicionais; é, também, uma *dinâmica (fluxo)* que *atravessa* os distintos campos do saber. Por outro lado, define uma *posição deslocada* a respeito das anteriores: supõe uma *reconfiguração* e *reformulação*. Por conseguinte, constitui-se numa *posição e um movimento, ao mesmo tempo*, que tem a propriedade de fluir e atravessar vários campos. Denota, simultaneamente, *intensidade* porque realizar transpassa e transborda os limites estabelecidos e as estruturações tradicionais do conhecimento.” (MALDONADO, 2002, p. 18, *grifos do autor*).



lógicas e modelos teóricos, em confluência e desconstrução, que configuram um real *transmetodológico comunicacional*. (MALDONADO, 2002, p. 18).

Neste sentido, o método mestiço desenvolvido para esta pesquisa compreendeu a intercalação de diferentes procedimentos, visando atingir os objetivos propostos sem perder de vista o pano de fundo construído para o trabalho: a investigação das possibilidades de resistência ao *status quo*. O ponto de partida foi a realização de uma “pesquisa da pesquisa”<sup>19</sup>, visando a construção do arcabouço teórico-metodológico da tese, bem como das etapas de coleta e tabulação de dados. Os procedimentos metodológicos foram organizados a partir da configuração dos capítulos (descritos ao final da Introdução) e pensados de acordo com a identificação dos dados a serem levantados. São eles: estado da arte, história dos conceitos, netnografia e autoetnografia.<sup>20</sup>

Um importante desdobramento da pesquisa netnográfica e análise de redes foi a proposta de trabalhar com uma linguagem híbrida, visual-verbal (LIMA, 2014). Entendendo que o desenvolvimento de dispositivos tecnológicos e a convergência midiática instituíram a centralidade da imagem na configuração de dinâmicas sociais, percebe-se que novas e diferentes formas de visualização da existência são desenvolvidas todos os dias (CAMPOS, 2011).

Interessa, portanto, pensar a construção de imagens, enquanto forma narrativa, como uma parte constituinte da experiência de uso do Facebook, criando uma intertextualidade. Neste sentido, foi concebida uma narrativa visual que acompanha o texto teórico desta pesquisa, remetendo à profusão de textos e imagens presentes na linha do tempo do Facebook. Ao longo de toda a tese foram produzidas imagens customizadas para as capas dos capítulos, bem como de memes<sup>21</sup>, capturas de telas e

---

<sup>19</sup> “A pesquisa da pesquisa é literalmente o revisitar, interessado e reflexivo, das pesquisas já realizadas sobre o tema/problema a ser investigado ou próximas a ele - falo de um *revisitar interessado* porque esse movimento é focalizado e trabalhado pela ótica do que essas pesquisas podem oferecer para a construção do projeto em que o pesquisador labora. O procedimento implica debruçar-se sobre o reservatório das pesquisas existentes em relação ao tema, trabalhar em processos de desconstrução, de reflexão/tensionamento e de apropriação.” (BONIN, 2011).

<sup>20</sup> Os procedimentos serão descritos nos capítulos subsequentes.

<sup>21</sup> Memes são compreendidos como palavras, imagens, fotos, bordões, desenhos, ideias, fragmentos de ideias, sons, gírias, comportamentos, falas, costumes, enfim, partindo da concepção original [...] é tudo aquilo que se multiplica a partir da cópia/imitação. (SOUZA, 2014, p. 156).

fotografias, com o intuito de provocar reflexão e/ou estranhamento, visando aproximar o texto da experiência de interação no Facebook.<sup>22</sup>

O processo de tradução de imagens adaptadas “para uso em um ambiente diferente do que foi inicialmente idealizado” pressupõe que, enquanto comunicam e revelam, “imagens são irremediavelmente mudas. Como disse Michel Foucault, ‘o que vemos nunca está no que dizemos’.” (BURKE, 2004, p. 43).<sup>23</sup> As imagens presentes na tese foram propositalmente descontextualizadas, permitindo que a interpretação seja feita por quem as lê, sem interferência direta da autora, seguindo a proposta de uma política do estranhamento.<sup>24</sup>

As análises da pesquisa de tese são narradas nos capítulos que se seguem, os quais apresentam um mapeamento teórico-empírico a partir da construção de um arcabouço conceitual visando investigar processos *mainstream/antimainstream*, articulados com a problemática e os objetivos propostos.

O primeiro capítulo “*Wish you were queer: Gênero, Sexualidade e Comunicação*” estabelece um resgate da constituição das pesquisas acadêmicas que instituíram o campo dos Estudos de Gênero e Sexualidade, com a finalidade de organizar um estado da arte sobre a pesquisa dessa temática nos programas de pós-graduação em Comunicação Social realizada no Brasil. A análise centra-se nos Estudos Culturais, Subalternos e Queer e busca investigar a filiação, ou não, das teses e dissertações produzidas entre 2005-2015 a estes campos de estudo.

No capítulo 2, “*Winning hearts and minds: Mainstream - uma Teoria da Tendência Dominante*” analisam-se os processos históricos de construção dos regimes de verdade que instituem os saberes hegemônicos. A partir da investigação de discursos científicos e midiáticos, discute como se estabelece o *mainstream* enquanto corrente principal de pensamento que regula vivências, conhecimentos, configurações

---

<sup>22</sup> As capturas de tela, imagens e ilustrações selecionadas para compor o texto são públicas, mesmo assim a identidade da autoria foi apagada, visando preservar a privacidade, garantir o anonimato e a proposta ética da pesquisa.

<sup>23</sup> A citação de Peter Burke refere-se ao trecho: “[...] por mais que se diga o que se vê, o que se vê não se aloja jamais no que se diz, e por mais que se faça ver o que se está dizendo por imagens, metáforas, comparações, o lugar onde estas resplandecem não é aquele que os olhos descortinam, mas aqueles que as sucessões da sintaxe definem.” (FOUCAULT, 1985, p. 25).

<sup>24</sup> Esta proposta está presente nos primeiros capítulos da tese. Apenas no capítulo 4 as imagens são contextualizadas, pois fazem parte da análise do estudo de caso da rede de militância curitibana.

identitárias e relações de poder, com a finalidade de propor uma teoria da tendência dominante.

“*Remember: Satan was the first to demand equal rights: multidões antimainstream*” é o título do terceiro capítulo, o qual propõe pensar o *antimainstream* enquanto resistência utópica fracassada, visto que a própria existência e sobrevivência de pessoas subalternas que se reconhecem e afirmam como tal, já se torna uma forma de insurgência. Da mesma forma, investiga as possibilidades de uso do Facebook para articular essas resistências.

O quarto e último capítulo, intitulado “Meu corpo é meu campo de batalha: Autoetnografia de Resistências Utópicas Fracassadas”, investiga a formação de uma rede de militância *antimainstream* na cidade de Curitiba, a partir da organização da Marcha das Vadias, identificando afetos, conflitos e táticas de luta e de sobrevivência de sujeitos subalternos. Apresenta uma visão fragmentada e interessada, na medida em que recupera a forma como as pessoas envolvidas interagiram e construíram saberes sobre sua própria realidade.







## 1 “WISH YOU WERE QUEER”<sup>25</sup>: GÊNERO, SEXUALIDADE E COMUNICAÇÃO

Os saberes sobre gênero e sexualidade são marcados pelo silêncio: o silêncio da falta de participação na política; o silêncio da falta de acesso à esfera pública; o silêncio sobre o que acontece entre quatro paredes; bem como sobre as opressões existentes nas relações sociais. Sob a herança do racionalismo universal, os diferentes campos<sup>26</sup> teóricos das ciências humanas e sociais estabeleceram-se a partir do sujeito “Homem”, sinônimo de ser humano e do coletivo da humanidade. O discurso filosófico iluminista - entendido como libertador - centrado no homem universal esconde uma dimensão coercitiva que, ao padronizar um determinado entendimento racional de mundo, exclui uma série de conhecimentos e sujeitos. Durante um longo período interessaram apenas alguns tipos de saberes, sendo omitido tudo o que se relacionasse às questões de gênero e sexualidade.

Tornar-se objeto e sujeito da história europeia representou um longo caminho para as mulheres. Jules Michelet, representante da historiografia romântica, é considerado precursor na produção de análises históricas que incluíssem a mulher como tema, chegando a afirmar que “a relação dos sexos é um dos motores da história”<sup>27</sup>. (SOHIET, 1997). No entanto, a historiografia produzida ao longo do século XIX, cunhada no positivismo, privilegiou fatos políticos, militares e diplomáticos, ignorando a presença das mulheres. No início do século XX, a primeira geração da Escola dos *Annales* e a produção marxista inseriram novas abordagens no fazer histórico, mas continuaram não privilegiando as mulheres na sua produção.

---

<sup>25</sup> “Querida que você fosse queer”.

<sup>26</sup> “Um campo é um espaço social estruturado, um campo de forças - há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes, de desigualdade, que se exercem no interior desse espaço - que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças. Cada um, no interior desse universo, empenha em sua concorrência com os outros a força (relativa) que detém e que define sua posição no campo e, em consequência, suas estratégias.” (BOURDIEU, 1997, p. 57).

<sup>27</sup> Ao abordar o tema das mulheres em seus escritos e aulas, Michelet não deixa de apresentar uma visão da mulher de acordo com o seu tempo, relacionando as mulheres à natureza (maternidade) e os homens à cultura (racionalidade). (PERROT, 2005).

Uma longa historiografia do silêncio<sup>28</sup> constituiu-se por meio dos saberes científicos, nos quais a história política, econômica, social e cultural foi escrita e analisada, excluindo a mulher e a sexualidade. Mesmo sendo tema de análise dos discursos médico, legal e religioso, foi apenas na segunda metade do século XX que se desenvolveu um caminho de constituição do que hoje se chama de “Estudos de Gênero e Sexualidade”. Mudanças históricas e sociais, aliadas a fatores científicos, permitiram que começassem a ser produzidos e sistematizados conhecimentos teóricos sobre mulheres, gays, lésbicas, bissexuais e pessoas transgênero.

A partir dos anos de 1960, o tema das mulheres começou a ser lentamente introduzido no campo da produção acadêmica europeia e estadunidense, concomitantemente ao surgimento de uma demanda social fomentada pela presença das mulheres nas universidades, como alunas e professoras. O movimento feminista<sup>29</sup> também teve papel importante nesse cenário, defendendo a luta pelo direito ao próprio corpo e denunciando a desigualdade de acesso a direitos sociais e políticos.

IMAGEM 1<sup>30</sup>



<sup>28</sup> Michele Perrot (2005) analisa o processo de elaboração de uma historiografia sobre mulheres e gênero a partir da constituição de arquivos, traços e memórias que permitem (ou não) acessar a vida das mulheres ao longo da história.

<sup>29</sup> Joan Scott (1992, p. 67) afirma que “o feminismo ressurgiu nos anos 60, estimulado em parte pelo movimento dos Direitos Cíveis e pelas políticas do governo destinadas a estabelecer o potencial feminino, para ir ao encontro da expansão econômica através da sociedade, incluindo as profissões e a academia.”

<sup>30</sup> Cena do filme “*She’s beautiful when she’s angry*”. Fonte: Netflix.

Havia entre as militantes um desejo de construir um saber novo que ocupasse o vazio da história das mulheres, mas ao mesmo tempo havia também

[...] uma vontade de fazer a crítica do saber constituído, pelo questionamento dos diversos parâmetros que o fundam: o universal, a ideia de natureza, a diferença dos sexos, as relações do público e do privado, o problema do valor, o da neutralidade da linguagem, etc. (PERROT, 2005, p. 17).

A história que passou a ser produzida no período, no entanto, apresentava um caráter essencialista e entendia a categoria “mulher” a partir de uma visão homogeneizante que abarcava, a partir da natureza biológica do “feminino”, os diferentes papéis sociais da mulher. No decorrer dos anos essa abordagem passou a sofrer mudanças, principalmente a partir da articulação de diferentes categorias de análise - como classe, raça e sexualidade - as quais possibilitaram uma fragmentação do conceito universal “mulher”.

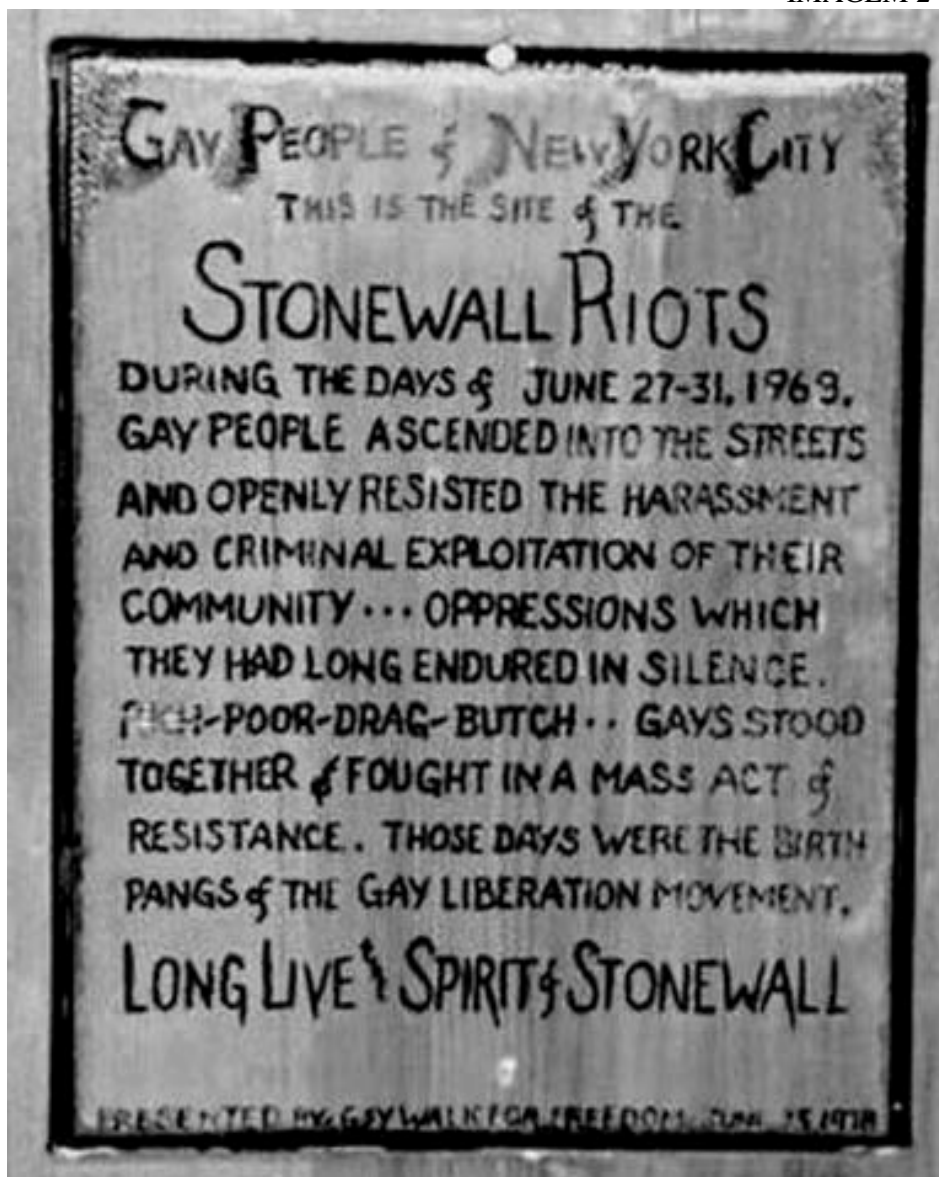
Na verdade, o termo “mulheres” dificilmente poderia ser usado sem modificação: mulheres de cor, mulheres judias, mulheres lésbicas, mulheres trabalhadoras pobres, mães solteiras, foram apenas algumas das categorias introduzidas. Todas desafiavam a hegemonia heterossexual da classe média branca do termo “mulheres”, argumentando que as diferenças fundamentais da experiência tornaram impossível reivindicar uma identidade isolada. (SCOTT, 1992, p. 87).

A partir da rejeição ao determinismo biológico relacionado ao sexo – macho/fêmea – estabeleceu-se a categoria “gênero” enquanto construção sobre a “organização social da relação entre os sexos”. (SCOTT, 1995, p. 72). O campo dos “Estudos de Gênero” possibilitaria uma maior legitimidade à produção feminista, bem como a ampliação da esfera da experiência dos papéis sexuais de homens e mulheres. Ao evidenciar construções culturais, o uso da categoria gênero “ênfatiza todo um sistema de relações que podem incluir o sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade.” (SCOTT, 1995, p. 76).

No mesmo contexto histórico da estruturação das discussões sobre o gênero surgem os estudos sobre a sexualidade, unindo ativismo e construções teóricas. A história da sexualidade ganha força como campo de investigação enfocando tanto os discursos sobre o sexo como as vivências das sexualidades. Os “Estudos Gays e

Lésbicos”, desenvolvidos a partir dos anos de 1970 nas ciências humanas e sociais, pretenderam estabelecer a centralidade analítica do sexo e da sexualidade, investigando os significados culturais inscritos nos discursos e práticas sexuais.

IMAGEM 2<sup>31</sup>



Da mesma forma que os estudos feministas buscaram transformar o processo tradicional de construção do conhecimento ao estabelecer a centralidade do gênero enquanto categoria de análise e compreensão histórica, também os estudos gays e lésbicos procuraram estabelecer a sexualidade como uma rubrica analítica de grande

<sup>31</sup> Placa comemorativa da Revolta de Stonewall. Fonte: <https://goo.gl/eW72bb>



relevância para diferentes campos disciplinares.<sup>32</sup> (ABELOVE; BARALE; HALPERIN, 1993).

Estudos feministas e estudos gays e lésbicos estruturaram-se a partir da crítica contra-hegemônica, da luta pela liberação sexual, igualdade e direitos humanos. Tiveram como base a resistência à homofobia e ao heterossexismo, por meio da oposição política e cultural às práticas ideológicas e institucionais do privilégio heterossexual. O seu estabelecimento não foi um processo fácil e a institucionalização requereu uma boa dose de enfrentamentos. Constituintes dos “Estudos das Minorias” e organizados na conjuntura do ativismo político, estes campos também compartilharam, muitas vezes, marcos teóricos e objetos de estudo na intersecção entre sexualidade, classe, gênero e raça.

O movimento gay e lésbico centrou-se, em grande parte, na noção de política identitária, entendendo identidade como um pré-requisito para uma ação política efetiva. O movimento queer, consolidado nos Estados Unidos durante os anos 1990, apresentava, por sua vez, uma visão crítica das categorias de identificação. Inseridos no contexto da produção intelectual do final do século XX, fortemente marcado pelo pós-estruturalismo, os Estudos Queer<sup>33</sup> centraram-se na estratégia de desnaturalização, entendendo as identidades como provisórias, a sexualidade como uma construção discursiva e apresentando uma crítica às visões consolidadas de comunidade, raça e política. (JAGOSE, 1996).

Mais do que uma sucessão linear de fatos e saberes, a emergência dos estudos queer se deu na intersecção de diferentes contextos que incluíam o feminismo, o movimento negro, o movimento gay e lésbico, o transfeminismo, o estudo de pessoas

---

<sup>32</sup> Judith Butler (1994) apresenta uma crítica a esta analogia entre a produção feminista (Women Studies) e dos estudos gays e lésbicos, considerando que a formulação contém uma visão reducionista dos conceitos de gênero, sexo e sexualidade. A autora entende que a analogia estabelece o gênero como objeto dos estudos feministas e a sexualidade como objeto dos estudos gays e lésbicos, o que apaga a importante tradição de teorização sexual radical na qual a reprodução normativa do gênero permite a regulação da sexualidade.

<sup>33</sup> Existe uma ampla discussão sobre o uso do termo “Teoria” Queer, pois este representaria a dogmatização do conhecimento produzido, pensado desde o início com um saber transitório. David Halperin (2003) enfatiza que a institucionalização acadêmica da teoria queer resultou em uma ênfase muito maior na “teoria” do que no “queer”.

com deficiência e os estudos pós-coloniais.<sup>34</sup> Mesmo organizados em torno da sexualidade, os estudos queer recusam-se a fixar um único objeto de análise, privilegiando desafiar categorias estáticas e monolíticas. Ao repensar protocolos discursivos, pretendem propor uma análise interseccional, não identitária e não normativa, que permita discutir como as categorias gênero, sexo, sexualidade, identidade, raça, etnia, nacionalidade, cidadania, entre outras, se influenciam e afetam mutuamente.

No Brasil, os estudos queer foram incorporados ao longo dos últimos 20 anos nos campos teóricos de áreas como a Educação, a Sociologia, a Linguística e a Psicologia, bem como Estudos Feministas, Pós-Coloniais e da área do Cinema. No entanto, na Comunicação Social as análises promovidas sob esse viés ainda são incipientes.

Desta forma, o presente capítulo pretende apresentar um levantamento teórico sobre os estudos relacionados ao gênero e à sexualidade no campo da Comunicação Social, bem como propor uma aproximação com os estudos queer e descoloniais, estabelecendo uma relação entre os diferentes aportes teóricos discutidos aqui e o debate que será feito ao longo da tese.

### 1.1 “AS THE THIEF IN THE NIGHT”<sup>35</sup>: ESTUDOS CULTURAIS E FEMINISMO

Os Estudos Culturais Britânicos desenvolveram-se como corrente teórica ao longo dos anos 1960 e 1970, estruturados no Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), sediado na Universidade de Birmingham. Sua fundação teve como

---

<sup>34</sup> Judith Butler (2006, p. 17) ressalta que não se deve pensar a emergência do queer dentro de uma linha histórica progressiva. “Penso, no entanto, que seria um erro subscrever uma noção progressiva da história pelo qual se entende que os diferentes marcos vão acontecendo e se substituindo uns aos outros. Não pode se narrar uma história sobre como passamos do feminismo ao queer e ao trans \*. E não se pode narrar essa história simplesmente porque nenhuma dessas histórias pertence ao passado: essas histórias continuam a ocorrer de formas simultâneas e solapadas no mesmo instante em que as contamos. Em parte, elas ocorrem mediante formas complexas em que são assumidas por cada um destes movimentos e práticas teóricas”.

<sup>35</sup> “Como o ladrão que chega à noite” (HALL, 2005a, p. 268).

base os trabalhos de Richard Hoggart, Raymond William e E. P. Thompson<sup>36</sup> e ancorou-se, inicialmente, no estudo das “formas, práticas e instituições culturais e suas relações com a sociedade e a transformação cultural”. (MATTELART; MATTELART, 2012, p. 105). Estes trabalhos abordam a temática da cultura contemporânea pensando ideias, práticas e resistências que constituem diferentes modos de vida e são organizadas na produção ativa da cultura. Neste sentido, os Estudos Culturais

construíram uma tendência importante da crítica cultural que questiona o estabelecimento de hierarquias entre formas e práticas culturais, estabelecidas a partir de oposições como cultura alta/baixa, superior/inferior, entre outras binariedades. (ESCOSTEGUY, 2001, p. 157).

A estruturação da Escola de Birmingham não deve ser analisada apenas pela ação dos “pais fundadores”<sup>37</sup>, que estabeleceram um novo marco teórico e uma rede de novas problemáticas, mas também a partir da conjuntura histórica do momento de sua criação. O período em que surgiram as primeiras obras relacionadas aos Estudos Culturais é marcado por um importante debate entre intelectuais de esquerda suscitado por eventos e conflitos internacionais<sup>38</sup>, bem como pela situação interna na Inglaterra. Neste cenário, surgiu a *New Left*, a nova esquerda inglesa que reuniu intelectuais de diferentes áreas propondo um marxismo heterodoxo. Raymond Williams e Edward P. Thompson fizeram parte deste grupo e compartilharam o interesse em superar o

---

<sup>36</sup> Considera-se que as ideias fundadoras do Centro estão presentes nos textos “The Uses of Literacy” (1957), de Richard Hoggart; “Culture and Society” (1958), de Raymond Williams e “The Making of the English Working-Class” (1963), de E. P. Thompson.

<sup>37</sup> Além dos três autores citados anteriormente, considera-se também Stuart Hall, que substituiu Hoggart na direção do Centro, de 1968 a 1979, como um dos “pais fundadores” dos Estudos Culturais.

<sup>38</sup> Relatório Khrushchev (1956): Durante a realização do 20º Congresso do Partido, na URSS, Nikita Khrushchev apresentou um relatório intitulado “O culto à personalidade e suas consequências” no qual fazia duras críticas ao governo stalinista, revelando práticas que contrariavam o ideário comunista. Revolução Húngara (1956): Iniciada pelas classes estudantil, operária e intelectual húngara como reação ao comunismo stalinista, buscava estabelecer uma via nacional para o socialismo e o fim da tutela soviética. Após tentativas fracassadas de negociação é reprimida com violência pelas tropas soviéticas.

Crise do Canal de Suez (1956): Importante via marítima de ligação do Mar Mediterrâneo ao Oceano Índico, o Canal de Suez foi nacionalizado pelo presidente egípcio Gamal Abdel Nasser, resultando no ataque militar de Grã-Bretanha, França e Israel. O conflito, com claras pretensões colonialistas, terminou com a intervenção internacional dos EUA e URSS e o cessar-fogo proposto pela ONU.

modelo analítico que legitimava o stalinismo e convertia a cultura em uma mera variável submetida à economia.<sup>39</sup>

Para os autores, a história se constrói a partir das lutas sociais e da interação entre cultura e economia, bem como da resistência a uma ordem imposta pelo capitalismo como sistema. Os estudos culturais propõem a superação da visão reducionista da cultura enquanto reflexo da base material e estruturam uma rede de conexões entre os militantes da nova esquerda e as instituições de educação popular. (MATTELART, NEVEAU, 2004).<sup>40</sup> Exatamente por essas características – marxismo heterodoxo, marginalidade e militância<sup>41</sup> – o surgimento do CCCS e as mudanças sofridas nas diversas fases desde sua criação são marcadas por fortes tensões internas e externas.<sup>42</sup>

Após 1956, o debate da história e da teoria cultural centrou-se no conflito entre estrutura e agência, determinismo e liberdade. A visão macro-histórica presente neste debate partia, principalmente, do prefácio da obra “Contribuição à crítica da economia política”, de 1859, no qual Karl Marx defendeu que o objetivo do processo histórico era a liberação das forças produtivas – um objetivo que só era possível por meio da transformação socialista. A partir dessa visão, entendia-se que a história registrou a progressiva apropriação da natureza pelos seres humanos, sua crescente superação da escassez e sua habilidade de vencer contingências. Mas as forças produtivas não

---

<sup>39</sup> Stuart Hall reitera a importância da participação de intelectuais imigrantes que, por não se inserirem na tradicional esquerda britânica, produziram as condições necessárias para a formação da *New Left*. Ao desmistificar a centralidade e originalidade “inglesa” da Nova Esquerda, Hall insere o pensamento “de fora” como parte integrante de sua criação. (MORLEY; CHEN, 2005, p. 11).

<sup>40</sup> Raymond Williams “[...] ressalta o papel dos sistemas de educação e de comunicação (imprensa, padronização da língua) e dos processos de alfabetização na dinâmica de mudança social [...]” (MATTELART; NEVEAU, 2004, p. 47).

<sup>41</sup> Os “pais fundadores” são muitas vezes descritos como intelectuais orgânicos, no sentido gramsciano, devido à sua atuação no campo da educação popular e da sua inserção no cenário do ativismo dos anos 1960/70. Da mesma forma, a origem popular torna-os pensadores “fora do lugar”, deslocados no universo acadêmico inglês. Essa é uma das explicações para as características de heterodoxia e descentralidade da Escola de Birmingham. (MATTELART, NEVEAU, 2004; DURING, 2005; MORLEY, CHEN, 2005).

<sup>42</sup> Agora, com o surgimento do Centro de Estudos Culturais, esta provocação atraiu ataques de ambos os lados. No dia de nossa inauguração, recebemos cartas do departamento de Letras dizendo que eles não poderiam efetivamente nos dar as boas vindas; eles sabiam que estávamos ali, mas desejavam que ficássemos bem distantes enquanto eles prosseguiam com seu trabalho. Recebemos outra carta, bem mais agressiva, dos sociólogos que diziam, especificamente, ‘Nós lemos *The Uses of Literacy* e esperamos que vocês não pensem que o que estão fazendo é sociologia, porque não é, de maneira alguma’. (HALL, 1990, p. 13).

podem ser analisadas isoladamente e, sim, consideradas em relação às relações sociais de produção historicamente específicas e o complexo de superestruturas que essas relações criaram. (DWORKIN, 1997).

Marxistas culturais preocuparam-se em redefinir a relação entre estrutura e agência. Tentavam identificar os contornos do cenário pós-guerra, organizar a luta social, e articular novas formas de resistência apropriadas a uma política democrática e socialista numa sociedade capitalista avançada. Buscavam superar o reducionismo da visão da cultura como subordinada à base material da economia e construir uma história a partir das lutas sociais, pois esse determinismo “conduziu ao empobrecimento da sensibilidade, à primazia de categorias que negam a existência efetiva (na história e no presente) de uma consciência moral, à exclusão de toda uma zona de paixão imaginária.” (MATTELART; NEVEU, 2004, p. 47-48).

Ao estabelecerem um olhar sobre as práticas culturais, especialmente das classes populares, criticavam a ideia de legitimidade cultural e possibilitaram que a história “vista de baixo” e as relações de poder presentes nestas práticas se constituíssem como objetos de análise, no que ficou conhecido como “marxismo vulgar.” (NEVEU, 2010). A investigação partiu, então, da análise da consciência de classe, processo em que a classe explorada torna-se subjetivamente e experiencialmente ciente das condições de exploração e passa a agir para reagir a elas ou, em situações desenvolvidas, superá-las. Quando vista da perspectiva das contradições entre as forças e relações de produção, a luta de classes tinha um status secundário. No entanto, quando examinada nos termos históricos específicos de suas próprias consequências e efeitos, a importância da luta de classes era mais central. Este foco tornou possível uma crescente ênfase na consciência, experiência, ideias e cultura, garantindo um maior papel à agência humana no fazer da história. Escapa-se, assim, da amarra determinista ao ver o resultado da história como sendo construído tanto pelo ser social quanto pela consciência social. (DWORKIN, 1997).

A partir dessa crítica, os Estudos Culturais adotaram uma abordagem centrada na investigação das formas como a cultura midiática transmitia ideologias que serviam aos interesses dos grupos dominantes. Reproduzindo o ativismo dos grupos de oposição dos anos 1960 e 1970, o CCCS engajou-se em um projeto baseado no

crítico compreensivo da configuração presente da cultura e sociedade, pretendendo ligar teoria e prática para direcionar os estudos culturais rumo à transformação cultural. Situou a cultura dentro da produção e reprodução social, especificando as formas como os artefatos culturais e midiáticos servem tanto para impor controle social quanto para possibilitar a resistência popular. (HAMMER; KELLNER, 2009).

A perspectiva marxista adotada para o estudo da cultura foi influenciada pelo pensamento de Louis Althusser<sup>43</sup> e Antonio Gramsci, interessada em compreender como a cultura midiática transmitia ideologias que serviam aos interesses dos grupos dominantes.

Pensar os conteúdos ideológicos de uma cultura nada mais é que perceber, em um contexto dado, em que os sistemas de valores, as representações que eles encerram levam a estimular processos de resistência ou de aceitação do *status quo*, em que discursos e símbolos dão aos grupos populares uma consciência de sua força, ou participam do registro “alienante” da aquiescência às ideias dominantes. (MATTELART; NEVEU, 2004, p. 73).

Seguindo a crítica de Marx à ideologia enquanto reprodução de ideias das classes dominantes, os estudos culturais expandiram o conceito de ideologia, passando do debate de “classe” para como as ideias dominantes reproduzem dominação e subordinação em termos de gênero, sexualidade, raça, etnia, religião e outros domínios da vida social. Ao analisar a sociedade como um conjunto de relações hierárquicas e antagônicas, a Escola de Birmingham empregou a categoria de hegemonia de Antonio Gramsci, procurando identificar as forças hegemônicas culturais e sociais de dominação, bem como localizar as forças contra-hegemônicas de resistência e contestação. A hegemonia se refere às formas como as instituições culturais produzem o consentimento, entendendo que forças como religião, nacionalismo, escolarização e a mídia, impõem certos valores e práticas e induzem ao consenso. (HAMMER; KELLNER, 2009).

---

<sup>43</sup> É importante frisar que esta inspiração não é feita sem crítica. Da mesma forma que os Estudos Culturais Britânicos recusaram a filiação ao marxismo ortodoxo, a questão da subordinação da cultura à infraestrutura econômica, e da ideologia como alienante foram constantemente criticadas pelos pais fundadores. Thompson dedica sua obra *A miséria da teoria* (1978) à crítica do pensamento de Louis Althusser.

Os Estudos Culturais britânicos intentaram atingir uma meta política de transformação social na qual a localização das forças de dominação e resistência ajudaria no processo de transformação política. Desde o início, seu trabalho foi orientado para os problemas políticos cruciais do seu tempo e, entre 1960 e 1970, inseriram a análise do potencial das subculturas de juventude para resistir às formas hegemônicas de dominação capitalista.

Compreendeu-se, então, que da mesma forma que existem indivíduos que atendem à conformidade dos códigos hegemônicos de vestimenta e moda, comportamento e ideologia política enquanto membros de grupos sociais particulares (como pessoas brancas, de classe média, conservadora), há indivíduos que se identificam com subculturas, têm aparência e comportamento diferentes dos do *mainstream*, e definem a si contra os modelos estandardizados. Nos anos 1970 e 1980, incorporaram análises emergentes sobre gênero, raça e etnia e desenvolveram formas de examinar e criticar como a sociedade e a cultura estabelecidas promoveram sexismo, racismo, preconceito de classe, homofobia e outras formas de expressão, ou ajudaram a gerar resistência e luta contra a dominação e a injustiça. (HAMMER; KELLNER, 2009).

Essa grade de leitura estrutura a coletânea *Women Take Issue* [Women's Studies Group, 1978]. A valorização do gênero é tributária do trabalho empírico que manifesta as diferenças de consumo e de apreciação entre homens e mulheres em matéria de televisão ou de bens culturais. [...] Valorizada desde seus primeiros trabalhos por Hebdige, a outra alteridade, simbolizada pelas comunidades imigrantes e pela questão do racismo, vai tomar um lugar de primeiro plano com a coletânea *The Empire Strikes Back* [CCCS, 1982]. (MATTELART; NEVEU, 2004, p. 69).

O desenvolvimento dos estudos culturais foi, em parte, uma resposta à contestação de múltiplos grupos distintos que produziram novos métodos e vozes na Escola de Birmingham. No entanto, esse desenvolvimento não se deu de forma linear e nem sempre surgiu de maneira interna. Stuart Hall (2005a) explica que a inserção do tema do feminismo e das questões de raça foi uma “interrupção”, uma ruptura que promoveu a reorganização do campo em termos concretos. A intervenção promovida pelo feminismo inseriu novas abordagens que até então não estavam em campo, como o entendimento de que “o pessoal é político”, a centralidade da questão de gênero e

sexualidade para a compreensão das estruturas de poder e a inserção da questão do sujeito e da subjetividade.

Este aspecto específico do desenvolvimento dos Estudos Culturais Britânicos interessa a esta pesquisa devido ao fato de demonstrar de que maneira a inserção das temáticas relativas ao gênero e à sexualidade configurou-se como um processo conflituoso que desvela relações de poder e lutas internas dentro dos próprios departamentos acadêmicos. Da mesma forma, demonstra que, mesmo dentro de uma proposta interdisciplinar, a questão da interseccionalidade entre os temas de gênero, raça e classe não se deu de maneira efetiva. Os depoimentos de Stuart Hall e Charlotte Brunsdom sobre a incorporação dos estudos feministas no CCCS são bastante elucidativos sobre a problemática e as tensões presentes neste processo.

IMAGEM 3<sup>44</sup>



Stuart Hall (2005a, p. 268) explica que a boa vontade inicial da iniciativa de “importar” o feminismo para o Centro e atrair boas pesquisadoras revelou o “poder patriarcal” existente no grupo. Sua fala na conferência de Illinois, em 1990, evidencia o incômodo gerado pela “invasão feminista”:

Emprego esta metáfora deliberadamente: como o ladrão que chega à noite, ela invadiu; interrompida, fez um ruído estrondoso, roubou a cena, defecou sobre a mesa dos estudos culturais. O título do livro no qual este ataque surpresa foi feito pela primeira vez – *As mulheres tomam a frente* – é esclarecedor: pois as mulheres “tomaram a frente” em ambos os sentidos –

<sup>44</sup> Imagem produzida pela autora com a utilização do “Stranger Things Type Generator”. Fonte: <https://goo.gl/CnbBds>



assumiram o comando daquele ano e começaram uma briga. (HALL, 2005a, p. 268).<sup>45</sup>

Charlotte Brunsdom (2005, p. 277-278) retoma a fala de Hall e analisa que a evocação de “portas batendo” e “silêncios raivosos” remete à materialidade dos desentendimentos teóricos e políticos, à diferença de posições e investimentos afetivos. Temas como ativismo político, cultura operária, marxismo, psicanálise, estruturalismo, feminismo ou antirracismo geraram disputas sobre as implicações intelectuais das políticas identitárias emergentes. Levantar questionamentos sobre estes temas poderia gerar intensos debates sobre a própria função da pesquisa acadêmica (no cenário de crise social da época) e sobre como os discursos dominantes excluem uma série de sujeitos.

Brunsdon descreve a distância que houve entre a intenção de encorajar a inserção da pesquisa feminista nos Estudos Culturais e as consequências imprevisíveis do desafio ao *status quo*. Contar essa história só é possível, e relevante, porque o “gênero” já faz parte da produção do Centro, mas a sua chegada representou um difícil processo de acomodação de ideias que não faziam parte do senso comum desta produção. A escolha de palavras de Hall para descrever essa “invasão” denota uma sensação de “traição” e “rejeição” por parte de quem se considerava aliado do projeto feminista e precisa ser lembrada para marcar que a construção do marco teórico do Centro, já canonizado, se deu em meio a inúmeras disputas.<sup>46</sup>

As questões internas do feminismo também são retomadas pela autora ao analisar o trabalho intelectual dentro do grupo de pesquisa. Mesmo sendo mais fácil negociar a posição de uma intelectualidade generificada dentro de um grupo, havia

---

<sup>45</sup> “I use the metaphor deliberately: As the thief in the night, it broke in; interrupted, made an unseemly noise, seized the time, crapped on the table of cultural studies. The title of the volume in which this dawn-raid was first accomplished—*Women Take Issue*—is instructive: for they ‘took issue’ in both senses—took over that year’s book and initiated a quarrel.”

<sup>46</sup> “[...] o que eu quero fazer é delinear alguns outros elementos de uma leitura para compará-los com os de Stuart, de modo a contribuir para uma descrição mais robusta de um período e de um tema geradores de conflitos. A razão para tal, num momento em que a pauta de gênero está muito mais consolidada, é insistir no ponto das dificuldades que há para se alcançarem mudanças mínimas nas práticas, para bagunçar a tranquilidade com a qual aquilo que nós chamamos de estudos culturais teóricos internacionais constrói a si próprio como algo que está sempre politicamente na moda.” (BRUNSDON, 2005, p. 279).

uma série de relações complicadas entre feminismo e feminilidade<sup>47</sup>, a começar pelo questionamento se as feministas poderiam ou deveriam “ser” intelectuais, devido ao fato da produção acadêmica ser um espaço masculino. Tendo o “Women’s Studies Group” se estabelecido em 1974, surgiu uma série de debates sobre o lugar da produção feminina no CCCS que resultaram na discussão sobre a dificuldade de “inserir” uma perspectiva feminina em um modelo teórico que já estava dado. Almejava-se a possibilidade de desenvolver uma problemática própria e não apenas algo complementar ou secundário. (BRUNSDON, 2005, p. 282).

A obra que marca o início da pesquisa feminista na produção científica do CCCS é a edição, em número especial, dos *Working Papers* intitulada “*Women’s take issue: aspects of women’s subordination*”, de 1978. O texto de introdução aborda a questão da invisibilidade da produção feminina, seja nos *Working Papers* ou no trabalho intelectual realizado no Centro, bem como os debates em torno da produção de um trabalho intelectual feminista, a partir relação entre prática intelectual e política.<sup>48</sup>

Nós todas estamos envolvidas, de alguma forma, na tarefa de desafiar os parâmetros atuais de compreensão da sociedade, e o papel e a construção do sexo/gênero dentro deles, e as formas em que esses parâmetros são formados e transmitidos. É por meio das questões que o feminismo levanta, e das ausências às quais ele aponta, que a pesquisa feminista e os estudos da mulher se constituem como um aspecto da luta pela transformação da sociedade, a qual tornaria os ‘estudos da mulher’ desnecessários. (WOMEN’S STUDIES GROUP, 2007, p. 7).<sup>49</sup>

Para Anne Balsamo (1991, p. 52), a obra evidencia dois aspectos importantes da formação dos estudos culturais feministas. O grupo estava interessado em desenvolver uma proposta descritiva do processo de construção de um trabalho intelectual

---

<sup>47</sup> “[...] devemos nos lembrar de que ‘feminismo’ e ‘feminista’ não eram os termos a partir dos quais a segunda onda do feminismo definia a si mesma. Na verdade, o final dos anos 1960 produziu o ‘Movimento de Libertação das Mulheres’. Era enquanto ‘mulheres’, e não ‘feministas’, que as primeiras mobilizações políticas e intelectuais foram conduzidas.” (BRUNSDON, 2005, p. 281).

<sup>48</sup> Muitas integrantes do grupo participavam do Movimento de Libertação das Mulheres.

<sup>49</sup> “We are all involved in some way in challenging both the existing understanding of society, and the role and construction of sex/gender within this, and the ways in which this understanding is achieved and transmitted. It is through the questions that feminism poses, and the absences it locates, that feminism research and women’s studies are constituted as one aspect of the struggle for the transformation of society, which would make ‘women’s studies’ unnecessary.”

feminista, tanto no CCCS quanto no contexto do WLM, estabelecendo um modelo de análise que aliasse a pesquisa teórica à prática política. Da mesma forma, havia uma constante preocupação em denunciar a ausência de marcos teóricos relacionados à mulher e ao feminismo nas problemáticas abordadas na produção intelectual do Centro. A autora ressalta que as análises presentes na obra deixam de abordar dois temas importantes: a questão de raça e do racismo; bem como a construção e tendência de identidades feministas nacionalistas e imperialistas, e explica que essa ausência é característica do feminismo dos anos 1970. No entanto, Balsamo (1991, p. 53) aponta que a obra é relevante, pois vai além de apenas analisar aspectos da vida privada das mulheres e possibilita discussões mais amplas. A ênfase na ideia de que “o pessoal é político” atribui às esferas pública e privada o mesmo grau de importância, sendo ambas igualmente determinadas pelas estruturas de poder. Da mesma forma, a obra contribui para o entendimento da articulação entre sexo, gênero e classe na organização das relações sociais e dos dispositivos de poder em um determinado contexto histórico.

Um aspecto relevante para a análise da produção do CCCS nos anos de 1960 e 1970, bem como das características da abordagem de temas marginalizados como gênero, raça e subculturas, está presente na crítica de Angela McRobbie (1990) sobre a produção do grupo. Ao analisar os estudos das subculturas jovens, a autora ressalta que as pesquisas sobre as culturas de juventude são essencialmente focadas nos homens. A ênfase dada na ocupação dos espaços públicos, na escola, no local de trabalho e nos espaços de lazer oculta toda uma série de práticas e discursos, sexistas e misóginos, bem como o fato de que muitas vezes a liberdade dessa juventude foi alcançada à custa das mulheres, principalmente das mães.

Esta crítica evidencia um aspecto relevante apontado pelas feministas a respeito da produção do Centro. Apesar das pesquisas abordarem temas marginalizados como as questões raciais, de classe, das subculturas, estes estudos não foram elaborados a partir de uma visão feminista e nem sequer incluíam as mulheres. O fato do feminismo ter sido incorporado ao CCCS não significa que a produção dos pesquisadores que não faziam parte do *Women's Studies Group* fosse feminista.

Stuart Hall inclusive explicita a dificuldade em inserir uma visão feminista nos seus estudos e, apesar do seu interesse na temática identitária e das subjetividades ser atribuída ao contato com o feminismo, o tema não é abordado especificamente em sua produção teórica. (FISKE, 2005). Isso reforça o fato de que os temas gênero, raça, classe, etnia, subculturas e práticas culturais não eram abordados de maneira interseccional. O CCCS inseriu esses estudos, analisando a cultura – marginalidades e resistências - de maneira central, mas o fez mantendo as fronteiras entre os temas. Evidencia, também, o fato da produção acadêmica estar repleta de relações de poder e hierarquizações.<sup>50</sup>

Estas características da produção intelectual do grupo nas primeiras décadas de existência sofreram mudanças significativas ao longo dos anos de 1980 e 1990, devido à nova conjuntura política e econômica do período e também à nova geração de pesquisadores que irão imprimir diferentes escolhas temáticas e metodológicas. Este momento na produção da Escola de Birmingham é caracterizado pela ênfase nas análises etnográficas e nos estudos de recepção.<sup>51</sup>

A mudança em direção aos estudos da recepção nos anos 1980, dentro dos estudos culturais britânicos, também criou noções mais complexas das políticas de representação e construção de significado ao destacar como o público poderia produzir leituras de oposição, reagindo negativamente àquilo que era percebido como uma representação preconceituosa de seu próprio grupo social, desta forma colocando-se como produtores de sentido ativos, e não apenas vítimas passivas da manipulação. (HAMMER; KELLNER, 2009, p. xxxi).<sup>52</sup>

Da mesma forma, as transformações políticas e econômicas do período resultaram em mudanças nos marcos intelectuais do grupo. A ascensão de Margaret Thatcher ao governo britânico representou uma guinada conservadora que, aliada ao

---

<sup>50</sup> Carol A. Stabile (2011) afirma que após quase 30 anos é possível perceber que a pesquisa feminista nos estudos culturais não se tornou *mainstream*, sendo realizada por umas poucas pesquisadoras. O mesmo pode ser dito sobre o trabalho de intelectuais não-brancos.

<sup>51</sup> Mattelart e Neveau (2004) criticam a ideia corrente de que teria havido uma “virada etnográfica” nos estudos culturais britânicos, evidenciando que os procedimentos metodológicos etnográficos já estavam presentes desde os textos iniciais dos “pais fundadores”.

<sup>52</sup> “The turn toward study of audiences in the 1980s by British cultural studies also created more complex notions of the politics of representation and construction of meaning by stressing how audiences could produce oppositional readings, reacting negatively to what they perceived as prejudiced representations of their own social groups, thus showing themselves to be active creators of meaning, and not just passive victims of manipulation.”

neoliberalismo e à globalização, alterou profundamente o cenário político de esquerda no qual o CCCS se formou. (MATTELART; NEVEAU, 2004). Para Stuart Hall (2005b), a motivação inicial dos Estudos Culturais continuava a existir, pois possibilitava formas de pensamento, estratégias de sobrevivência e fontes de resistência para todos os sujeitos que estivessem excluídos do acesso ao que se conhece como cultura nacional.

Porque, como o thatcherismo cumpriu seu ciclo na sociedade britânica, ele foi, um a um, excluindo todos. O thatcherismo tem um lugar para as mulheres, claro, desde que elas respeitem o papel familiar tradicional; do contrário elas não se encaixam. E, por meio dessa lógica, um a um, fomos todos excluídos da possibilidade de nos encaixarmos na comunidade nacional de qualquer maneira. Isto tem a ver com um sentimento de desconforto e incerteza que só pode ser balizado por um currículo nacional; com as imensas mudanças de uma cultura profundamente tradicional e hierárquica que foi implodida pela migração, pela fragmentação, pela ascensão das margens, pela luta dessas margens por representação, pela contestação das margens em busca de poder cultural, pela pluralização da própria etnicidade na sociedade inglesa. (HALL, 1990, p. 21).<sup>53</sup>

As análises feitas ao longo do período e publicadas na coletânea *New Times: changing face politics in the 1990's*<sup>54</sup> abordam críticas sobre o pós-fordismo, as novas formas de consumo e, principalmente, as identidades moldadas a partir do discurso thatcherista da liberdade de escolha e do empreendedorismo. Para McRobbie (2005), o pensamento de esquerda manteve-se preso à categoria de classe e deixou de analisar o caráter político das identidades sociais emergentes. Considerando que “mercado” passou a ser uma categoria fundamental para a análise do pós-fordismo, o prazer de consumir experienciado pelo povo torna-se equivalente ao que os estudos culturais clássicos entendiam por “cultura popular”. Da mesma forma, a política econômica

---

<sup>53</sup> “Because, as Thatcherism has made the round of British society, it has, one after another, excluded everybody. Thatcherism has a place for women, of course, if they respect the traditional family role; otherwise they don't belong. And, through the exercise of this logic, one after another, all of us have been excluded from belonging to the national community at all. It has to do with a sense of unease and uncertainty that can only be shored up by a national curriculum; with the enormous displacements of a deeply centered and hierarchical traditional culture which has been blown apart by world migration, by fragmentation, by the rise of the margins, by the struggles of the margins to come into representation, by the contestation of the margins for cultural power, by the pluralization of ethnicity itself in English society.”

<sup>54</sup> *New Times* refere-se aqui tanto ao título da publicação quanto ao termo usado para nomear a nova linha de pensamento da esquerda britânica.

neoliberal de Thatcher reintroduziu o debate sobre o determinismo econômico, na concepção marxista de infra/superestrutura, e o papel da cultura e das construções discursivas.

Hall (2005b) explica que a chamada “revolução do sujeito” presente nas análises do *New Times* a respeito dos limites entre objetividade e subjetividade, significou o aumento da importância do sujeito/indivíduo em detrimento de categorias sociais coletivas como classe, nacionalidade ou grupo étnico.

Muito longe de não haver resistência ao sistema, tem havido uma proliferação de novos pontos de antagonismo, novos movimentos de resistência social organizados ao redor deles – e, conseqüentemente, uma generalização da ‘política’ para esferas que até então eram entendidas pela esquerda como sendo apolíticas: uma política da família, da saúde, da comida, da sexualidade, do corpo. O que nos falta é um mapeamento geral de como essas relações de poder se conectam e das suas resistências. Talvez não haja, nesse sentido, um ‘jogo de poder’ de fato, mas antes uma rede de estratégias e de poderes e suas articulações – e com isso uma política que é sempre feita em função desse posicionamento. (HALL, 2005b, p. 233).<sup>55</sup>

As análises teóricas sobre este período da história dos estudos culturais e da Escola de Birmingham apresentam duas abordagens diferentes: a primeira critica o fim da centralidade da crítica política e a fragmentação de temas, o que teria gerado uma despolitização da teoria. A segunda defende que o debate teórico interseccional permite a inserção de novos sujeitos – marginalizados e silenciados –, o compromisso com a diversidade e a diferença, bem como uma crítica política que leve em consideração as diferentes formas de poder e opressão.<sup>56</sup>

Neste sentido, Stuart Hall (2005b) defende que o reconhecimento da subjetividade pelo pensamento socialista deve levar em conta a feminilização da sociedade resultante da posição social da mulher na contemporaneidade, das relações de trabalho e exploração, dos direitos reprodutivos e do fortalecimento do movimento

<sup>55</sup> “Far from there being no resistance to the system, there has been a proliferation of new points of antagonism, new social movements of resistance organized around them—and, consequently, a generalization of ‘politics’ to spheres which hitherto the left assumed to be apolitical: a politics of the family, of health, of food, of sexuality, of the body. What we lack is any overall map of how these power relations connect and of their resistances. Perhaps there isn’t, in that sense, one ‘power game’ at all, more a network of strategies and powers and their articulations—and thus a politics which is always positional.”

<sup>56</sup> Estas análises podem ser encontradas em Mattelart e Neveau (2004), Hall (2005b) e Hammer e Kellner (2009).

feminista. Os movimentos sociais centrados nos direitos da mulher e nas políticas sexuais tiveram um grande impacto no universo teórico da esquerda, principalmente por trazer a questão da sexualidade para a agenda política. No entanto, faz-se necessário o reconhecimento de que todas as práticas sociais e formas de dominação – inclusive as políticas de esquerda – estão sempre inscritas em alguma forma de posicionamento e identidade sexual. Deve-se, portanto, atentar para as maneiras como as identidades generificadas são formadas, transformadas e postas politicamente, com a finalidade de compreender as formas de institucionalização do poder e as forças de resistência à mudança, principalmente as presentes na própria esquerda.

A análise de Hall reforça a crítica de os avanços presentes na produção teórica dos estudos culturais com relação aos grupos subalternos, principalmente no que diz respeito às questões de gênero, esconde relações de hierarquia e poder. É preciso pensar a produção intelectual a partir da conjuntura histórica na qual essa produção se originou. No caso da Escola de Birmingham, o avanço do conservadorismo durante o governo Thatcher impôs ao grupo a necessidade de reformular seus pressupostos, de adequar metodologias e de rever críticas e posicionamentos postulados anteriormente. Da mesma forma, a ação dos movimentos sociais no pós-guerra resultou em novas epistemologias que foram somadas à matriz marxista originária do grupo. O contato com as discussões pós-estruturalistas e pós-modernas resultaram na ênfase nos estudos sobre identidades e consumo e no desafio manter o pensamento crítico e o espaço de fala desses novos sujeitos.

Com relação à produção teórica feminista, os desafios permaneceram. Meaghan Morris (1988) analisa as críticas feitas nos anos 1980 sobre a falta de produção feminista nos debates teóricos sobre a pós-modernidade e defende que a pesquisa feita por mulheres só é reconhecida quando atende aos interesses masculinos. O fato da teoria pós-moderna abordar temas oriundos da teoria feminista – como diferença, especificidades e a crítica ao pensamento Iluminista – não diminuiu o problema da constante constituição de um cânone exclusivamente masculino e da necessidade de que haja um reconhecimento dos homens sobre a produção intelectual feminina.

A autora questiona-se sobre o porquê da produção intelectual masculina sobre os temas da modernidade, pós-modernidade e política não citar obras teóricas de

mulheres, nem abranger autores fora do espectro do marxismo ocidental. A principal resposta encontrada por Morris é o fato de que a teoria feminista ainda é situada na esfera do feminino, pois apesar da reconhecida “contribuição” do feminismo para a teoria política e da cultura, poucos pesquisadores têm efetivamente se dedicado à leitura dos estudos produzidos por mulheres. Neste sentido, um dos aspectos importantes dos estudos culturais feministas é não apenas transformar os discursos, mas abrir espaço nas posições de poder para que as mulheres possam falar. (BALSAMO, 1991, p. 57).

Homi Bhabha (2015) elaborou uma análise contundente sobre a relação entre feminismo e estudos culturais, entendendo que o projeto feminista era mais ambicioso e corajoso do que uma mera política identitária de igualdade. As feministas intervieram na linhagem marxista da Escola de Birmingham – o marxismo humanista de Williams, o socialismo democrático de Hoggart, o marxismo estruturalista de Althusser – transformando as bases da solidariedade socialista e da representação política. As feministas ultrapassaram as barreiras do poder patriarcal e a luta contra o poder pastoral a partir da recusa em aceitar estratégias de normalização.

Bhabha defende que o poder patriarcal nos estudos culturais se estabeleceu a partir da negação, no sentido freudiano, que resultou na rejeição inconsciente da autonomia feminista, ao mesmo tempo em que era reconhecida a importância da participação das mulheres e de sua causa. A iniciativa masculina de incorporar o feminismo constitui-se numa dupla negação: primeiro, o lugar de enunciação tornou-se neutro em nome de um falante cuja abstrata diferença era, via de regra, masculina; segundo, a normalização do conhecimento feminino como uma informação da diversidade sexual, e não como uma enunciação da diferença de gênero, privava as feministas de seu *expertise* ético e político.

Desta forma, entende-se que as feministas reclamam o direito à sua própria narrativa ocupando os espaços patriarcais de negação nos quais suas vozes são rejeitadas. As mulheres passam a produzir suas próprias enunciações a partir dos silêncios e vazios. Desenvolvem referenciais teóricos e metodologias, selecionam objetos de estudo e *corpus* de análise que até então não estavam postos no campo da



pesquisa acadêmica. E insistem em denunciar as ausências e negações da produção corrente masculina, ao produzir seus próprios discursos.

## 1.2 “CAN THE SUBALTERN SPEAK?”<sup>57</sup>: ESTUDOS SUBALTERNOS, PÓS-COLONIAIS E DECOLONIAIS

Os Estudos Pós-Coloniais, Subalternos, Descoloniais<sup>58</sup> e Queer surgem, nas últimas décadas do século XX, na esteira das mudanças teórico-metodológicas resultantes dos estudos pós-estruturalistas e pós-modernos, bem como dos estudos culturais britânicos. O deslocamento produzido por estes estudos inseriram o tema da subalternidade nas ciências humanas e sociais e influenciaram uma série de disciplinas, como a história, a crítica literária, a antropologia, a teoria política e os estudos de gênero (MEZZADRA, 2008). No entanto, apesar de terem muitas similaridades em seus aportes teóricos e metodológicos, cada uma destas escolas históricas possui suas próprias especificidades, como será apresentado a seguir:

### 1.2.1 Estudos Subalternos

A perspectiva da “história vista de baixo” desenvolvida a partir da Escola de Birmingham é reconhecida como um dos pontos de partida dos estudos subalternos.<sup>59</sup> É possível identificar obras produzidas ao longo de todo o século que abordam aspectos da subalternidade e que são leituras importantes para a formação do grupo sul-asiático *Subaltern Studies*. Os textos de Aimé Césaire<sup>60</sup>, Albert Memmi<sup>61</sup>, Frantz Fanon<sup>62</sup> e Stuart Hall<sup>63</sup>, entre outros escritores anticoloniais, passaram por releituras e

---

<sup>57</sup> “Pode o subalterno falar?” (SPIVAK, 2010).

<sup>58</sup> Em muitas análises “Estudos Pós-Coloniais” envolvem o conjunto produzido pela corrente anglo-saxã e latino americana, no entanto, optou-se por manter a distinção entre as linhas teóricas, como será explicitado ao longo do texto.

<sup>59</sup> A referência a uma suposta sobreposição/cópia/importação da matriz britânica esconde a originalidade dos estudos subalternos e revela a colonização dos saberes característica do pensamento eurocêntrico.

<sup>60</sup> *Cahiers d'un retour au pays natal* (1939) e *Discours sur le colonialisme* (1955).

<sup>61</sup> *Portrait du colonisé, précédé du portrait du colonisateur* (1957).

<sup>62</sup> *Les damnés de la terre* (1961).

<sup>63</sup> *Orientalism* (1978)

foram incorporados à produção intelectual do grupo, que teve início em meados de 1970, a partir das pesquisas de intelectuais residentes na Índia, Inglaterra e Austrália.

A decisão de criar uma revista científica foi concretizada em 1982 com a publicação do primeiro volume de *Subaltern Studies: writings on south asian history and society studies*<sup>64</sup>, pela *Oxford University Press* de Nova Delhi. O corpo editorial da publicação incluía Shahid Amin, David Arnold, Gautam Bhadra, Dipesh Chakrabarty, Partha Chatterjee, David Hardiman, Gyanendra Pandey, Sumit Sarkar e Ranajit Guha, considerado o fundador do grupo. (LUDDEN, 2002).

O conjunto de análises produzidas pelos Estudos Subalternos foi influenciado pela publicação e tradução da obra de Antonio Gramsci<sup>65</sup>. O tema da subalternidade foi analisado pelo autor inicialmente no texto “Temas para a questão meridional” (1926) e a conceituação das classes subalternas foi estruturada no texto “Às margens da história. História dos grupos subalternos”, publicado no Caderno 25 dos “Cadernos do Cárcere”. A análise gramsciana da subalternidade parte da discussão sobre “o lugar comum” entre o campesinato meridional e o proletariado do norte da Itália. (GÓES, 2013, p. 1).

Para Gramsci (2011, p. 135) “a história dos grupos sociais subalternos é necessariamente desagregada e episódica”, sendo que a possibilidade de unificação sofre a interferência dos grupos dominantes, mesmo em casos de insurgência. A subordinação só pode ser superada em caso de “vitória permanente” e, mesmo nesses casos, os grupos subalternos ainda se encontram “em estado de defesa, sob alerta”. A

---

<sup>64</sup> “O primeiro volume [...] publicado por Guha em 1982, era abertamente subversivo e causou grande escândalo no mundo acadêmico indiano, constituído na altura por acadêmicos que defendiam o nacionalismo, historiadores ou abertamente de direita ou pertencentes à esquerda oficial e que viam com desconfiança o nascimento do novo grupo. Mas, apesar da hostilidade acadêmica, os Estudos Subalternos afirmam-se, animados também pelo interesse pelos Estudos Pós-Coloniais, que ao mesmo tempo floresciam em muitas universidades americanas. E é interessante salientar que os Estudos Subalternos, nascidos como variante especificamente indiana dos Estudos Pós-Coloniais, alargaram gradualmente a sua esfera de influência, até abrangerem, hoje em dia, os estudos sobre os ‘subalternos de todo o mundo’, Ocidente incluído, e nomeadamente sobre todos os grupos marginalizados pela história, como as mulheres, os exilados, os refugiados, as minorias étnicas, religiosas, linguísticas...” (CIOTTA NEVES, 2010, p. 60).

<sup>65</sup> “Tanto Gramsci quanto Mao ganharam popularidade como uma linha de fuga do marxismo soviético ou stalinista após a Tchecoslováquia de 1968. Muitos historiadores dos Estudos Subalternos eram participantes ou simpatizantes do movimento maoísta que abalou parte da Índia entre 1969 e 1971.” (CHAKRABARTY, 2008, p. 156).

unificação das classes subalternas só seria possível a partir do Estado, pois é este que constitui a unidade das classes dominantes.

Segundo David Arnold (2012), Gramsci defendia a aliança entre camponeses e o proletariado como forma de enfrentar a opressão das classes dominantes – magnatas rurais, burguesia capitalista e burocratas. A formação de um bloco revolucionário possibilitaria a superação da fragmentação da classe subalterna baseada em preconceitos impostos pelo pensamento hegemônico, em especial o discurso de inferioridade biológica atribuída aos camponeses do sul.

No caso da Índia, fonte dos Estudos Subalternos, a formação política, social e cultural da classe subalterna possuía características próprias. Ranajit Guha (2008) explica que a palavra subalterno significa “categoria inferior” e representa o atributo geral de subordinação na sociedade sul-asiática, seja em termos de classe, casta, idade, gênero ou outros.<sup>66</sup> Esta subordinação deve ser entendida a partir de sua relação binária com a dominação, pois grupos subalternos estão sempre sujeitos aos grupos hegemônicos, mesmo quando se rebelam.

Neste sentido, a proposta da escola indiana pressupõe uma desconstrução da historiografia elitista colonial que permita a construção de um repertório teórico-metodológico próprio com a finalidade de revelar as forças hegemônicas que produzem as relações de subalternidade. A produção dos Estudos Subalternos foi especialmente profícua no campo da História, a partir de um projeto político nacionalista de descolonização, baseado em leituras marxistas. Esta abordagem resultou em inúmeras críticas sobre o que seria uma mera incorporação dos métodos do marxismo britânico adicionados de “sensibilidades do Terceiro Mundo”. Dipesh

---

<sup>66</sup> Cabe reforçar aqui que a questão de gênero não está presente nas análises gramscianas, como fica evidente no texto “Algumas notas gerais sobre o desenvolvimento histórico dos grupos sociais subalternos na Idade Média e em Roma”, em que Gramsci analisa características históricas dos grupos subalternos italianos: “Com frequência, os grupos subalternos são originalmente de outra raça (outra cultura e outra religião) em relação aos dominantes e, muitas vezes, são uma mistura de raças diversas, como no caso dos escravos. A questão da importância das mulheres na história romana é semelhante à dos grupos subalternos, mas até certo ponto; só num certo sentido o “machismo” pode ser comparado a uma dominação de classe e, portanto, tem mais importância para a história dos costumes do que para a história política e social.” (GRAMSCI, 2011, p. 138).

Chakrabarty (2002) refuta as críticas, consideradas como incompreensão do que constituiu o projeto pós-colonial da série de publicações *Subaltern Studies*.<sup>67</sup>

Os estudos pós-coloniais, deste ponto de vista, nos convidam a problematizar as *fronteiras* que organizam os próprios mapas mentais dos historiadores. Trazem à luz movimentos diaspóricos e densas tramas de interconexões – ao mesmo tempo locais e globais - ligando inesperadamente espaços aparentemente distantes entre si, delineando uma autêntica "contra-geografia" da modernidade. Ali onde até a historiografia radical vê processos claramente perimetrados por fronteiras nacionais estáveis (a "formação da classe trabalhadora inglesa", para retomar o título da obra clássica de E.P. Thompson), a crítica pós-colonial entrevê traços de um "plácido nacionalismo cultural" que tem levado, por exemplo, no caso da *history from below* [história desde abaixo] britânica, a eliminar a dimensão *atlântica* na qual estes mesmos processos têm acontecido. (MEZZADRA, 2008, p. 23-24, *grifos do autor*).<sup>68</sup>

Gayatri Chakravorty Spivak (2008) defende que a pesquisa do grupo de Estudos da Subalternidade produziu uma "teoria da mudança", pois revisou os estudos tradicionais sobre a inserção da Índia no colonialismo definida como a passagem de uma sujeição semifeudal para uma capitalista, segundo a grande narrativa dos modos de produção. Este processo representaria a inauguração do colonizado, sendo o sujeito colonial um dos componentes da elite indígena "nacionalista burguesa". Para a autora, a análise do grupo propõe que os momentos de mudança sejam entendidos como confronto e não como transição. Da mesma forma, essas transformações marcam uma alteração funcional no sistema de signos: do religioso para o militante, do crime para a

<sup>67</sup> "Olhando em retrospecto, poderíamos dizer que houve, grosso modo, três áreas nas quais *Subaltern Studies* se diferenciaram da abordagem "história vista de baixo" de Hobsbawm ou Thompson (em que pesem as diferenças entre estes dois eminentes historiadores da Inglaterra e da Europa). A historiografia da subalternidade necessariamente implica (a) uma separação relativa entre a história do poder e qualquer história universalizante do capital, (b) uma crítica à forma-nação, e (c) um questionamento a respeito da relação entre poder e conhecimento (e por consequência dos próprios arquivos históricos e da história como forma de conhecimento). É nestas diferenças, quero crer, que repousam os elementos iniciais de uma nova forma de se teorizar a agenda intelectual para os estudos pós-colonialistas." (CHAKRABARTY, 2000, p.15).

<sup>68</sup> "Los estudios postcoloniales, desde este punto de vista, nos invitan a problematizar las *fronteras* que organizan los propios mapas mentales de los historiadores. Sacan a la luz movimientos diaspóricos y tupidas tramas de interconexiones —a un tiempo locales y globales— que ligán de forma imprevista espacios en apariencia alejados entre sí, delineando una auténtica «contra-geografía» de la modernidad. Allí donde hasta la historiografía radical ve procesos claramente perimetrados por fronteras nacionales estables (la «formación de la clase obrera *inglesa*», por retomar el título de la obra clásica de E. P. Thompson), la crítica postcolonial vislumbra las huellas de un «plácido nacionalismo cultural», que ha llevado, por ejemplo, en el caso de la *history from below* [historia desde abajo] británica, a eliminar la dimensión *atlántica* en la que se han desplegado estos mismos procesos."

insurreição, do servo para o trabalhador, etc. O principal resultado desta nova perspectiva é o fato da agência de mudança estar localizada no insurgente ou subalterno.

As pesquisas dos Estudos Subalternos levantaram uma série de questões críticas sobre a existência de modos sutis de resistência às formas hegemônicas de hierarquia social e política na Ásia. Suas investigações centraram-se em recuperar a voz subalterna que não era reconhecida ou representada na escrita da história. O estudo das subculturas e culturas populares, rituais e cerimônias, vida cotidiana e hábitos, permitiu perceber as práticas subalternas não apenas como resposta ao controle das classes dominantes, bem como demonstrar que essas práticas – da mesma forma que os discursos normativos que as condenam como subalternas – são discursos que se desenvolvem em conjunto, cada um se dirigindo ao outro. Nada é a priori: ambos são constitutivos e reativos. (KUMAR, 1994).

No caso da mulher sul-asiática, a produção teórica feita na Índia também estava situada entre o discurso colonial e o nacionalista, sendo que ambos são objeto de crítica das pesquisadoras pós-coloniais. No caso dos autores coloniais britânicos, a empresa colonial foi legitimada como uma missão civilizadora que garantiria a libertação da submissão religiosa. O discurso britânico marcava uma “ética de hipermasculinidade” que envolvia agressão, controle, competição, poder, etc. Incorporando as qualidades coloniais desvalorizadas enquanto femininas, a sociedade indígena foi vista como incapaz de governar a si e moralmente inferior ao Ocidente masculino. Representações da submissão silenciosa à tradição religiosa tornaram-se estratégias políticas de metáfora para a passividade da Índia como um todo.

A mulher indiana foi retratada como uma sombra silenciosa, passiva frente às condições de sua própria subordinação. Essa representação feminina na Índia tem uma longa história e a narrativa da opressão e silenciamento da mulher foi um dos argumentos usados na justificativa da intervenção colonial.

Além da descrição das condições políticas na Índia, anteriormente à conquista inglesa, como sendo um estado de anarquia, inexistência da lei e despotismo arbitrário, um elemento central para a justificação ideológica do domínio colonial britânico foi a crítica aos “bárbaros e degenerados” costumes sociais dos seus habitantes, que eram sancionados, conforme a

crença de então, por sua tradição religiosa. Juntamente com o projeto de instituir procedimentos de governança ordeiros e baseados na lei, portanto, o colonialismo enxergava a si próprio como em busca de uma “missão civilizatória”. Ao identificar estas tradições como “bárbaras e degeneradas”, os críticos colonialistas repetiam invariavelmente uma longa lista de atrocidades perpetradas contra as mulheres indianas, nem tanto por homens ou classes específicas deles, mas pelos conjuntos de escrituras, cânones e práticas ritualísticas que, eles diziam, ao racionalizar tais atrocidades dentro do espectro de uma doutrina religiosa, tornavam-nas marcas da boa conduta tanto para seus agentes quanto para os que sofriam tais ações. Ao assumir uma postura simpática em relação às mulheres indianas, oprimidas e privadas de sua liberdade, a mente colonial foi capaz de transformar esta imagem da mulher indiana em um símbolo da natureza inerentemente opressiva e repressora de toda a tradição cultural de um país. (CHATTERJEE, 1989, p. 622).<sup>69</sup>

As narrativas nacionalistas, por sua vez, tendiam a representar as mulheres como guardiãs e preservadoras da tradição, possuindo a natureza do sacrifício que representava a luta anticolonial.<sup>70</sup> O que chama a atenção em ambos os casos é o fato de que não há vozes femininas na maioria dessas representações e também de que os discursos coloniais, nacionalistas e tradicionais não são primeiramente sobre mulheres, são comentários políticos sobre a autenticidade e valor moral de uma tradição.

Da mesma forma, a produção dos Estudos Subalternos manteve o debate sobre a subalternidade da mulher em segundo plano. Himani Bannerji (2000) ressalta que essa é uma tendência geral nas pesquisas acadêmicas - inclusive nos debates teóricos de esquerda - as quais consideram mulheres e gênero como nada mais do que um

---

<sup>69</sup> “Apart from the characterization of the political condition of India preceding the British conquest as a state of anarchy, lawlessness and arbitrary despotism, a central element in the ideological justification of British colonial rule was the criticism of the “degenerate and barbaric” social customs of the Indian people, sanctioned, or so it was believed, by their religious tradition. Alongside the project of instituting orderly, lawful and rational procedures of governance, therefore, colonialism also saw itself as performing a “civilizing mission.” In identifying this tradition as “degenerate and barbaric,” colonialist critics invariably repeated a long list of atrocities perpetrated on Indian women, not so much by men or certain classes of men, but by an entire body of scriptural canons and ritual practices which, they said, by rationalizing such atrocities within a complete framework of religious doctrine, made them appear to perpetrators and sufferers alike as the necessary marks of right conduct. By assuming a position of sympathy with the unfree and oppressed womanhood of India, the colonial mind was able to transform this figure of the Indian woman into a sign of the inherently oppressive and unfree nature of the entire cultural tradition of a country.”

<sup>70</sup> “Gandhi condensou as ideias de ‘tradição’ e sexualidade feminina em seus apelos, na causa nacionalista, a partir das virtudes “femininas” do sacrifício, da pureza, da humildade e do sofrimento silencioso que poderiam ser empregadas a serviço do movimento de independência. Sua evocação das figuras mitológicas de Sita, Draupadi e Savitri como exemplos da nobre resistência e da sexualidade contida o levou a ignorar [...] as mulheres da história e mitologia indiana que eram menos passivas e submissas e mais desafiadoras, que poderiam da mesma forma ter servido de modelos para uma identidade feminina.” (RAHEJA; GOLD, 1994, p. 7).

tópico de um interesse limitado e especial. Para a autora, pesquisadores como Partha Chatterjee e Dipesh Chakrabarty têm estudos reconhecidos sobre as mulheres e o nacionalismo na Índia, mas sua abordagem peca em não incluir o debate sobre o patriarcado indiano, entendido como uma categoria colonial. Ao recusarem-se em usar o patriarcado como categoria de análise os autores deixam também de encontrar critérios não europeus para discutir a condição da mulher na sociedade indiana e mantém a dicotomia do discurso colonizador-nacionalista.

A dificuldade vivida pelas mulheres indianas em representarem a si mesmas e retomarem a agência de suas ações pode ser percebida a partir de três questões epistemológicas: a ausência de fontes que contenham as vozes das mulheres comuns muitas vezes impede o resgate destas falas; a ação de “dar voz” a essas mulheres é feita sob um viés imperialista-masculino; o feminismo ocidental tende a definir de maneira estereotipada a “mulher do Terceiro Mundo” como oprimida, silenciada e atrasada em relação ao Ocidente.

Autoras como Spivak (2008) e O’Hanlon (1988) criticam a perspectiva teórica subalterna em sua abordagem do discurso e prática subalternos como algo unificado, monolítico, pré-definido. Mais do que uma consciência unificada e consistente, a resistência ao discurso hegemônico é heterogênea e descontínua. Outro aspecto relevante se encontra no debate sobre a possibilidade de fala e autorrepresentação. Enquanto Edward Said (2007) retoma o trecho de Marx: “eles não podem representar a si mesmos: devem ser representados”<sup>71</sup>, Spivak (2010) questiona: “pode o subalterno falar?”. Ambos revelam a dificuldade para que sujeitos subalternos, e em especial as mulheres, possam realmente elaborar seus próprios discursos, autônomos, que não sejam permeados pela visão hegemônica europeia ou masculina.

Neste sentido, Spivak afirma que a mulher subalterna não pode falar, que sua voz não se encontra na lista de prioridades globais, a não ser quando precisa ser salva. No trecho já célebre que classifica a colonização como “[...] homens brancos, procurando salvar mulheres de pele escura de homens de pele escura [...]” (2010, p. 115), a autora evidencia a relação intrínseca entre patriarcado e imperialismo que

---

<sup>71</sup> Trecho do livro “O 18 Brumário de Napoleão Bonaparte”, de Karl Marx, citado por Said na epígrafe do livro “Orientalismo”.

constitui a formação da categoria “mulher do Terceiro Mundo”, estando essa mulher sujeita à opressão do patriarcado tanto quanto do discurso feminista ocidental. A voz da mulher subalterna é silenciada, pois não é reconhecida. É preciso que se fale por ela, desta forma não se configura uma voz que possa acessar o poder. Subalternidade, para Spivak, é o lugar estruturado no qual a capacidade de acessar o lugar de poder é radicalmente obstruída. (MORRIS, 2010).

Da mesma forma, Chandra Mohanty (2003) analisa a construção política e intelectual dos “feminismos do Terceiro Mundo”<sup>72</sup> a partir dos discursos do feminismo ocidental, pensando a colonização discursiva enquanto um certo modo de apropriação e codificação das pesquisas e conhecimentos sobre mulheres do Terceiro Mundo por meio do uso de categorias analíticas empregadas por feministas do Estados Unidos e Europa. Tomando como ponto de partida o fato de que o pensamento ocidental, mesmo não sendo homogêneo, representa a referência primeira em termos de teoria e práxis, a autora analisa os significados políticos do termo “colonização” enquanto relação de dominação estrutural e supressão – normalmente violenta – da heterogeneidade do sujeito.<sup>73</sup>

Mohanty (2003) ressalta que a necessidade política em formar coalisões estratégicas que levem em consideração as interseções entre classe, raça e nacionalidade esbarram nos limites das relações entre feministas ocidentais e do Terceiro Mundo, pois o que está em jogo não é apenas a produção de conhecimento sobre um determinado objeto. É uma prática política e discursiva que é fundamentalmente ideológica, uma forma de intervenção em discursos hegemônicos, uma práxis que resiste aos imperativos dos campos de conhecimento “científicos” e “legítimos”, pois a teoria feminista também está inscrita nas relações de poder.

Dessa forma, percebe-se que a produção teórica feminista ocidental centra-se, no geral, na categoria “mulheres” como um grupo coerente com interesses e desejos idênticos, sem levar em consideração recortes de classe, etnia ou raça, o que implica

---

<sup>72</sup> O texto de Mohanty, publicado nos anos 1980, apresenta a denominação utilizada na época da categoria “Terceiro Mundo”. Em 2003 a autora revisita o texto original e problematiza a nomenclatura utilizada, além de apresentar algumas respostas às críticas feministas feitas ao texto original.

<sup>73</sup> Mohanty (2003) ressalta que o conceito de colonização refere-se tanto às hierarquias econômicas e políticas quanto à produção de um discurso cultural sobre o Terceiro Mundo, o qual também está presente na teoria feminista ocidental.



em uma noção universal de gênero, sexualidade a até de patriarcado. Essa noção homogênea da opressão sofrida pelas mulheres produz uma imagem de uma mulher do Terceiro Mundo “padrão”, que tem a sua existência regida pelo gênero (enquanto submissa), por ser do Terceiro Mundo (enquanto ignorante, pobre, conservadora, vitimizada), ao mesmo tempo em que produz uma representação da mulher ocidental como educada, moderna, com total controle de seu corpo e de sua sexualidade, dotada de liberdade para tomar suas próprias decisões.

As críticas de Spivak e Mohanty revelam um aspecto fundamental da pesquisa acadêmica realizada pelos estudos subalternos: a possibilidade de estabelecer uma leitura não-eurocêntrica da realidade e de construir referenciais teóricos que levem em conta o particular sobre o universal, bem como a materialidade dos efeitos gerados pelas estruturas de poder coloniais. Também apresentam os limites desta construção, visto que a pesquisa científica não é feita fora do universo das relações sociais. Isso denota a importância do estabelecimento de pesquisas que levem em consideração a formação histórica, a diversidade cultural, as questões de gênero e as contradições que estão presentes em todos os grupos subalternos.

### 1.2.2 Estudos Pós-Coloniais

O pós-colonialismo pode ser definido como o “efeito da colonização na cultura e nas sociedades”. Usado originalmente na pesquisa histórica, a partir do pós-guerra, o termo refere-se ao Estado pós-colonial e ao período pós-independência. Em fins dos anos 1970, o termo começou a ser utilizado no campo dos Estudos Literários para discutir os efeitos culturais da colonização. Mesmo identificando o início da discussão pós-colonial com as obras de Gayatri Spivak, Hommi Bhabha e Edward Said, a inserção do conceito de pós-colonialismo ocorreu primeiramente nos círculos literários, referindo-se a interações culturais nas sociedades coloniais. Pós-colonialismo é utilizado com diferentes significados que incluem o estudo e análise dos colonialismos europeus, as operações discursivas do Império, as sutilezas da construção do sujeito no discurso colonial e a resistência desses sujeitos, bem como as

diferentes respostas a essas incursões e seus legados coloniais contemporâneos em comunidades pré e pós-independentes. (ASHCROFT; GRIFFITHS; TIFFIN, 1998).

É importante frisar que a teoria pós-colonial não se refere apenas ao período posterior à independência das colônias, mas a todo um conjunto de práticas e saberes que se formou desde a colonização até os dias atuais. O uso do termo pós-colonial representa também uma rejeição às categorias de “Primeiro Mundo” e “Terceiro Mundo” que denotam, além de subordinação, o atraso econômico. “Chamamos de pós-colonial o esforço de articulação das vozes subalternas em busca da condição de sujeitos de sua própria fala e história.” (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2014, p. 67).

Desde 1980, o pós-colonialismo desenvolveu um campo de estudo que pretende revelar as formas dominantes como as relações ocidentais e não ocidentais são vistas. Ao defender o direito de todas as pessoas ao mesmo bem-estar material e cultural, entende que o mundo hoje é desigual e boa parte dessa desigualdade está entre pessoas do ocidente e do oriente. A empresa imperialista implementada desde o século XIX foi amplamente justificada pelas teorias antropológicas que retratavam os povos do mundo colonizado como inferiores, infantilizados, incapazes de autodeterminação e dependentes do paternalismo ocidental. A base dessas teorias era o conceito de raça e as relações entre o ocidente e oriente se tornaram, então, relações entre brancos e não brancos. A cultura branca foi considerada (e continua sendo) como a base das ideias de governo legítimo, leis, economia, ciência, linguagem, música, arte, literatura – ou seja, civilização.<sup>74</sup> Neste sentido, o pós-colonialismo representa o argumento de que as nações dos três continentes não ocidentais (África, Ásia e América Latina) estão em situação de subordinação à Europa e à América do Norte e demanda o direito de

---

<sup>74</sup> Os conceitos de cultura e civilização são ao mesmo tempo similares e diferentes, estabelecendo entre si uma relação complexa que envolve o seu significado em outros idiomas (francês, alemão, inglês) e a história de seus usos e sentidos. O conceito de civilização refere-se, usualmente, a um processo histórico, um estágio de desenvolvimento e organização social que tem como base a experiência europeia. Estando inicialmente relacionado à polidez, abrandamento de maneiras e costumes, passou a representar a ideia de progresso e conhecimento, a partir do século XIX. (WILLIAMS, 1983; STAROBINSKY, 2001; ELIAS, 1994). Para Elias (1994, p. 23), “o conceito de civilização refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento de conhecimentos científicos, às ideias religiosas e aos costumes. Pode-se referir ao tipo de habitações ou à maneira como os homens e mulheres vivem juntos, à forma de punição determinada pelo sistema judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos.”

peessoas africanas, asiáticas e latino-americanas de acessar recursos e bem-estar material. (ASHCROFT; GRIFFITHS; TIFFIN, 1998).

Segundo Luciana Ballestrin (2013, p. 91), o pós-colonialismo – da mesma forma que o pós-modernismo e o pós-estruturalismo – tornou-se uma espécie de “moda acadêmica” e compartilha com essas teorias a “proposta de uma epistemologia crítica às concepções dominantes de modernidade”. No entanto, ressalta que o argumento pós-colonial está calcado na identificação da relação antagônica entre colonizado e colonizador, a “diferença colonial”, e compromete-se “com a superação das relações de colonização, colonialismo e colonialidade”, pois entende que

as humanidades e as ciências sociais modernas criaram um imaginário sobre o mundo social do “subalterno” (o oriental, o negro, o índio, o camponês) que não somente serviu para legitimar o poder imperial no nível econômico e político, mas também contribuiu para criar os paradigmas epistemológicos dessas ciências e gerar as identidades (pessoais e coletivas) dos colonizadores e colonizados. (CASTRO-GÓMEZ, 2005 *apud* BALLESTRIN, 2013, p. 93).

A teoria pós-colonial desenvolvida nos anos 1980 compreende a discussão sobre diferentes tipos de experiência: migração, escravidão, supressão, resistência, representação, diferença, raça, gênero, lugar. Também pretende apresentar uma resposta aos discursos teóricos hegemônicos – Ciências Sociais, História, Filosofia e Linguística - da Europa imperial, e discutir as experiências fundamentais de falar e escrever pelas quais todas essas experiências surgem.

Do ponto de vista conceitual, as teorias pós-coloniais seguem a crítica radical da metafísica ocidental<sup>75</sup> e assinalam a cumplicidade do ocidente – em suas expressões institucionais, tecnológicas, científicas e morais – com a vontade de poder. No entanto, a crítica pós-colonial se difere do pensamento desses autores, pois percebe que não se dedicaram a analisar as relações entre a metafísica ocidental e o projeto europeu de colonização e, portanto, não ultrapassam suas fronteiras eurocêntricas. Defendem que o estabelecimento da racionalidade técnico-científica na Europa não seria possível sem os recursos materiais oriundos das colônias e que a razão moderna está enraizada na

---

<sup>75</sup> Nietzsche, Weber, Heidegger, Freud, Lacan, Vattimo, Foucault, Deleuze e Derrida.

“matança, escravidão e genocídio praticados pela Europa sobre outras culturas.” (CASTRO-GOMÉZ; MENDIETA, 1998, p. 12).

Para Deepika Bahri (2013, p. 661-662), as questões de gênero presentes na teoria feminista são “inseparáveis do projeto da crítica pós-colonial”, pois os dois projetos empregam perspectivas multidisciplinares para discutir “representação, voz, marginalidade e [a] relação entre política e literatura.” A autora reforça, porém, que as coincidências convivem com tensões e divergências presentes na forma como as especificidades temáticas são abordadas pelas duas propostas. Pós-colonialistas muitas vezes não incluem o debate de gênero em suas análises, enfatizando questões “supostamente mais importantes” do que a relação entre patriarcado e colonialismo e, da mesma forma, feministas ocidentais não incorporam em suas análises questões raciais ou “generalizam em excesso a questão da ‘mulher do Terceiro Mundo’.

As implicações dessas tensões são muitas. Uma posição feminista *dentro* do pós-colonialismo deve enfrentar o dilema de parecer divisionista enquanto os projetos de descolonização e de construção da nação ainda estiverem em curso. Fora dos estudos pós-coloniais, no âmbito mais amplo do feminismo predominante, as perspectivas pós-coloniais que enfocam a raça e a etnicidade podem ser percebidas como forças que fragmentam a aliança feminista mundial. Diferenças entre teóricas feministas pós-coloniais vêm, respectivamente, à tona à medida que a categoria das “mulheres de cor” se esfaca com a política da localização, o conflito entre comunidades minoritárias no Primeiro Mundo, as mulheres em comunidades diaspóricas e as mulheres no Terceiro Mundo. (BAHRI, 2013, p. 663).

Neste sentido, entende-se que o feminismo pós-colonial constitui-se no tensionamento das premissas teóricas de ambos os campos, buscando superar, por meio da crítica interna, as limitações e contradições dessas premissas. O corpo teórico conceitual que serve de base para os estudos feministas pós-coloniais<sup>76</sup> centra-se em categorias como representação, essencialismo e identidade e revela um esforço para “estabelecer a identidade como relacional e histórica em vez de essencial e fixa, enquanto mantêm o gênero como uma categoria significativa de análise.” (BAHRI, 2013, p. 664).

---

<sup>76</sup> Bahri (2013, p. 663) enfatiza que o feminismo pós-colonial constitui-se como “uma construção acadêmica intrinsicamente ligada à ascensão dos estudos literários pós-coloniais na academia ocidental.”

IMAGEM 4<sup>77</sup>

Mirian Adelman (2004, p. 36, *grifo da autora*) afirma que há atualmente importantes trabalhos de feministas pós-coloniais “que enfocam *críticamente* as relações de gênero no seu contexto *global e local* e a vida das mulheres em diversas partes do mundo”, discutindo questões de assimetria de poder, da complexidade das relações de classe, raça e gênero a partir de contextos locais, contribuindo para a “desestabilização de uma narrativa eurocêntrica e androcêntrica da modernidade”, evidenciando que

não há uma “mulher ocidental” nem uma “mulher do terceiro mundo”, mas realidades muito diversas, com histórias e culturas “indígenas” muito diferentes entre si. No entanto (e aqui reafirmo o que considero ser uma das mais importantes contribuições da perspectiva pós-colonial), há *trocās* que vêm ocorrendo desde longa data e em sentidos diversos. Essas trocas são multidirecionais e não sem paradoxos, mas são elas que dão um sentido profundamente “multicultural” à “produção da modernidade” (como *história, prática social e discurso*). (ADELMAN, 2004, p. 37).

As análises sobre a produção feminista pós-colonial revelam não apenas as contradições internas do pensamento feminista ocidental, mas também o fato – já identificado nas outras correntes teóricas apresentadas aqui – de que há uma limitação

<sup>77</sup> Pichação “No se puede descolonizar sin despatriarcalizar”. Fonte: <https://goo.gl/Pn3Pwg>

da inserção desses estudos na produção acadêmica em geral. Percebe-se que a teoria feminista e de gênero permanece sendo uma “contribuição” e não um ponto de partida, pois o repertório conceitual produzido a partir do viés feminista não está plenamente inserido na produção teórica pós-colonial.

### 1.2.3 O Giro Descolonial

Em decorrência da produção pós-colonial e dos Estudos Culturais Latino-americanos, surge nos Estados Unidos, em 1992, o “Grupo Latino Americano dos Estudos Subalternos”<sup>78</sup>, inspirado principalmente nos estudos subalternos indianos. A proposta do grupo é o estudo da subalternidade na América Latina a partir de uma reescrita da história latino-americana, criando uma

alternativa ao projeto teórico desenvolvido pelos Estudos Culturais desde o final dos anos oitenta. Por esta razão, o grupo coloca mais ênfase em categorias de ordem política como "classe", "nação" ou "gênero", que no projeto dos Estudos Culturais parecem ser substituídas por categorias puramente descritivas, como "hibridismo" ou sepultadas sob uma comemoração precipitada da incidência dos meios de comunicação e novas tecnologias no imaginário coletivo (CASTRO-GOMEZ; MENDIETA, 1998, p. 16)<sup>79</sup>

De acordo com a proposta do grupo, a questão da subalternidade não deve ser vista como uma condição de vida naturalizada pelas pessoas latino-americanas, pois o sujeito subalterno, sendo ativo e negociante, possui a capacidade de estabelecer resistência à dominação ocidental. No entanto, essa proposta encontrou resistências, como o exemplo de Walter Mignolo e Ramón Grosfoguel, que afirmam que o

---

<sup>78</sup> “O Grupo Latino-Americano de Estudos Subalternos foi originalmente formado por Ileana Rodríguez, John Berverley, Robert Carr, José Rabasa e Javier Sanjinés. [...]. O grupo foi formado em um diálogo sul-sul com os indianos em uma universidade do norte, como afirma a nicaraguense Ileana Rodríguez. O leque de influências e trânsitos do grupo é bastante amplo: estudos subalternos, estudos culturais, literários, pós-modernos e críticos latino-americanos, pós-estruturais, pós-marxistas, feministas. Ele foi responsável por inserir a América Latina no debate pós-colonial, marcando suas diferenças com o projeto asiático.” (BALLESTRIN, 2013, p. 97).

<sup>79</sup> “[...] alternativa al proyecto teórico llevado a cabo por los Estudios Culturales desde finales de los ochenta. Por esta razón, el grupo coloca mucho énfasis en categorías de orden político tales como "clase", "nación" o "género", que en el proyecto de Estudios Culturales parecieran ser reemplazadas por categorías meramente descriptivas como la de "hibridez", o sepultadas bajo una celebración apresurada de la incidencia de los medios y las nuevas tecnologías en el imaginario colectivo.”

pensamento subalterno tem sua origem na herança colonial britânica, sendo necessário buscar uma crítica ao ocidentalismo que seja feita a partir da tradição do pensamento latino-americano.<sup>80</sup>

As divergências teóricas resultaram na dissolução do Grupo Latino-Americano de Estudos Subalternos e na formação, a partir de 1998, do Grupo Modernidade/Colonialidade (MC). Seu pensamento tem origem na teoria latino-americana desenvolvida a partir dos anos 1970: teologia da libertação, teoria da dependência, debates sobre modernidade e pós-modernidade, discussões realizadas por intelectuais da América Latina nos campos da filosofia, ciências sociais, antropologia e comunicação.<sup>81</sup>

A proposta do grupo MC não pretende ser um “novo” paradigma criado na América Latina, dentro de uma linearidade da história do pensamento moderno, mas um “outro” paradigma inscrito na contracorrente das grandes narrativas – cristianismo, liberalismo, marxismo. Neste sentido, o ponto de partida da produção do grupo é o debate sobre a globalização como radicalização da modernidade, entendendo que o conceito de modernidade foi formulado enquanto um fenômeno estritamente europeu, em suas bases históricas (Reforma, Iluminismo, Revoluções Industrial e Francesa),

---

<sup>80</sup> “[o]s latino-americanistas deram preferência epistemológica ao que chamaram os “quatro cavaleiros do Apocalipse”, ou seja, a Foucault, Derrida, Gramsci e Guha. Entre estes quatro, contam-se três pensadores eurocêntricos, fazendo dois deles (Derrida e Foucault) parte do cânone pós-estruturalista/pós-moderno ocidental. Apenas um, Rinajit Guha, é um pensador que pensa a partir do Sul. Ao preferirem pensadores ocidentais como principal instrumento teórico, traíram o seu objetivo de produzir estudos subalternos. [...]. Entre as muitas razões que conduziram à desagregação do Grupo Latino-americano de Estudos Subalternos, uma delas foi a que veio opor os que consideravam a subalternidade uma crítica pós-moderna (o que representa uma crítica eurocêntrica ao eurocentrismo) aqueles que a viam como uma crítica descolonial (o que representa uma crítica do eurocentrismo por parte dos saberes silenciados e subalternizados). Para todos nós que tomamos o partido da crítica descolonial, o dialogo com o Grupo Latino-americano de Estudos Subalternos tornou evidente a necessidade de transcender epistemologicamente – ou seja, de descolonizar – a epistemologia e o cânone ocidentais.” (GROSFOGUEL, 2008 *apud* BALLESTRIN, 2013, p. 96).

<sup>81</sup> “O grupo da modernidade/colonialidade encontrou inspiração em uma ampla gama de fontes, desde as teorias críticas europeias e norte-americanas da modernidade, até o grupo sul-asiático de estudos subalternos, a teoria feminista chicana, a teoria pós-colonial e a filosofia africana; do mesmo modo, muitos de seus membros têm operado em uma perspectiva modificada de sistemas-mundo. Sua principal força orientadora, no entanto, é uma reflexão continuada sobre a realidade cultural e política latino-americana, incluindo o conhecimento subalternizado dos grupos explorados e oprimidos.” (ESCOBAR, 2003, p. 53)

sociológicas (Estado-Nação), culturais (racionalização do mundo da vida) e filosóficas (teoria racional do mundo).<sup>82</sup>

Arturo Escobar (2003, p. 56) destaca, no entanto, a existência de críticas a esse conceito totalizante de modernidade, desenvolvidas por pensadores europeus. O lado negativo da ordem e da racionalidade pode ser encontrado nos efeitos da secularização – dominação e desencantamento; na “predominância da razão instrumental para a normalização da vida e disciplinamento de populações”; bem como no logocentrismo e falogocentrismo, entendidos como constituintes de um projeto cultural de ordenação do mundo de acordo com princípios racionais da consciência eurocêntrica masculina.

Desta forma, o grupo se propõe a pensar a modernidade a partir de noções alternativas que a deslocam de suas origens europeias – Grécia, Roma, cristianismo, Europa moderna – para o processo colonizador realizado por Espanha e Portugal, enfatizando a periferização de todas as regiões do mundo e a criação do “mito da modernidade”, enquanto superioridade da civilização europeia, imposta pelo projeto civilizador desenvolvimentista. O repertório conceitual do programa de investigação do grupo MC inclui as noções-chave de sistema mundo, colonialidade do poder, diferença colonial e colonialidade global, colonialidade do ser, eurocentrismo, exterioridade e transmodernidade, pensamento de fronteira, hermenêutica pluritópica e pluriversalidade. Escobar (2003) ressalta que o grupo atua não apenas na academia, mas junto a agentes e movimentos subalternos e em espaços mistos como ONG’s e Estado, buscando a transformação das práticas normativas e cânones acadêmicos.

Em suma, o programa de pesquisa MC é um enquadramento construído a partir da periferia latino-americana do sistema mundo colonial moderno, ajudando a explicar as dinâmicas do eurocentrismo na produção da modernidade e as tentativas de transcendê-la. Embora revele o lado sombrio da modernidade, não o faz a partir de uma perspectiva intra-epistêmica, como discursos críticos europeus, mas a partir da perspectiva dos receptores dos supostos benefícios do mundo moderno. (ESCOBAR, 2003, p. 67).<sup>83</sup>

<sup>82</sup> Escobar (2003, p. 55) afirma que o pressuposto de que a modernidade pode ser explicada totalmente por fatores internos da Europa está presente nas obras de “Habermas, Giddens, Taylor, Touraine, Lyotard, Rorty, etc., assim como, antes deles, em Kant, Hegel e na Escola de Frankfurt”.

<sup>83</sup> “En síntesis, el programa de investigación MC es un encuadre construido desde la periferia latinoamericana del sistema mundo moderno colonial, ayudando a explicar las dinámicas del eurocentrismo en la producción de la modernidad y los intentos de trascenderla. Si bien revela los lados oscuros de la modernidad, no lo hace desde una perspectiva intraepistémica, como los discursos



Porém, o próprio autor afirma que a proposta do grupo de “resgatar os contra-discursos não hegemônicos e silenciados da alteridade” peca em não incluir efetivamente o debate de gênero em suas teorizações. Autores como Enrique Dussel e Walter Mignolo têm incorporado conceitos desenvolvidos por teóricas feministas em suas discussões conceituais, mas Escobar ressalta que as iniciativas existentes não fazem jus ao potencial que as teorias feministas têm a oferecer para o grupo. Ballestrin (2013) também salienta que, além das questões de gênero, está ausente das análises do grupo MC a discussão sobre a colonização portuguesa no Brasil, não havendo nenhuma participação brasileira no grupo, o que resulta em uma produção dedicada apenas à análise da América Hispânica.

### 1.3 “A GAME THE WHOLE FAMILY COULD PLAY”<sup>84</sup>: OS ESTUDOS QUEER

O movimento queer surgiu no contexto das lutas políticas e sociais dos anos 1980, marcado por transformações nas teorias e nos ativismos feminista, lésbico e gay, as quais se deram em decorrência da crise gerada pela epidemia da AIDS<sup>85</sup>, bem como por questões específicas como as críticas ao feminismo heterocentrado – branco e colonial – e ao processo de assimilação da cultura gay pelo sistema capitalista. (SAEZ, 2005).

O termo “queer”<sup>86</sup> – estranho, esquisito, excêntrico, anormal, doente – utilizado como insulto aos gays, passou a ser ressignificado e apropriado linguisticamente como orgulho de uma identidade homossexual. A substituição dos termos gay e lésbica pelo

---

críticos europeus, sino desde la perspectiva de los receptores de los supuestos beneficios del mundo moderno.”

<sup>84</sup> “Um jogo que toda a família pode jogar”. (HALPERIN, 2003).

<sup>85</sup> Jagose (1996) afirma que o movimento queer é tanto uma resposta à crise da AIDS quanto à crescente homofobia gerada na resposta pública à epidemia, promovendo uma renovação do ativismo radical. Os debates sobre a reconfiguração de subjetividades e identidades foram tanto reforçados quanto provocados pela urgência gerada pela AIDS, bem como pelos debates nos círculos pós-estruturalistas, feministas e pós-coloniais.

<sup>86</sup> “O termo descreve uma ampla gama de práticas críticas e de prioridades: leituras sobre a representação da atração sexual pelo mesmo sexo em textos literários, filmes, músicas, imagens; análises das relações sociais e políticas do poder da sexualidade; críticas ao sistema sexo-gênero; estudos da identificação transexual e transgênero, do sadomasoquismo e dos desejos transgressivos.” (SPARGO, 1999, p. 9).

queer representa um impulso agressivo de generalização, pois rejeita a lógica de tolerância e representação política em favor da resistência aos regimes de normalização.<sup>87</sup> (WARNER, 1993). Os movimentos lésbico e gay estavam comprometidos com a noção de política identitária, assumindo a identidade como um pré-requisito necessário para uma intervenção política efetiva. O movimento queer, por sua vez, pretendia tensionar as categorias identitárias, não apenas desafiando o seu conteúdo, mas questionando o próprio status das categorias em si. Segundo Annemarie Jagose (1996), queer descreve os gestuais ou modelos analíticos que dramatizam incoerências nas relações alegadamente estáveis entre sexo cromossômico, gênero e desejo sexual. Resistindo a esse modelo de estabilidade – que define heterossexualidade como sua origem, quando é mais o seu efeito – queer foca nos descompassos entre sexo, gênero e desejo, localizando e explorando as incoerências entre essas categorias.

A “virada queer” teve início oficialmente no ano de 1990, quando a teórica italiana Teresa de Lauretis apresentou uma conferência, na Universidade da Califórnia – Santa Cruz, intitulada “Queer Theory”. De forma perturbadora, relacionou um termo indecente – queer – a um termo academicamente sagrado – teoria –, propondo uma provocação relativa aos Estudos Gays e Lésbicos, entendidos pela autora como um discurso monolítico e homogeneizante sobre a diferença (homo)sexual. Sua proposta visa oferecer uma alternativa à hegemonia dos modelos de análise de uma teoria branca, masculina e de classe média. (HALPERIN, 2003).

De Lauretis (1991) afirma que a expressão “queer theory” foi proposta no esforço de evitar as distinções homossexual-gay-lésbica presentes nos protocolos discursivos, não para aderir a algum dos termos existentes ou assumir suas sujeições ideológicas, mas para transgredi-las e transcende-las, ou pelo menos problematiza-las. Ressalta que uma questão problemática dos Estudos Gays e Lésbicos se encontra nas construções discursivas e silêncios produzidos sobre as relações de raça, da identidade e subjetividade nas práticas das homossexualidades e das representações dos desejos homoafetivos, reiterando a necessidade de teorizar as diferenças internas (de raça,

---

<sup>87</sup> Para Sedgwick (1994 *apud* JAGOSE, 1996), o queer só pode ser usado em primeira pessoa, pois há uma grande diferença entre como você se nomeia e como outras pessoas te nomeiam. Neste sentido, o queer se refere a autodefinição e não a observações empíricas das características de outras pessoas.

classe, cultura étnica, geracional, geográfica e localização sociopolítica) existentes entre lésbicas e gays.

A reconfiguração promovida pelo queer aos Estudos Gays e Lésbicos, datada dos anos 1990, é produto de pressões teóricas e culturais que passaram a orientar os debates, dentro e fora da academia, sobre questões da identidade lésbica e gay. Mais do que assumir identidades forjadas em uma reflexão racional e desapassionada como base para a luta política e a pesquisa acadêmica, a teoria queer pretende investigar como essas identidades são produzidas.<sup>88</sup> Para Jagose (1996), a produção conceitual queer foi formada não apenas pela teoria e política lésbica e gay, mas também pelos saberes históricos específicos surgidos no final do século XX. A noção naturalizada de identidade - existente fora das bordas representativas, marca de uma realidade autoevidente e lógica - foi problematizada radicalmente em diversas frentes a partir do trabalho de teóricos como Louis Althusser, Sigmund Freud, Jacques Lacan, Ferdinand de Saussure e Michel Foucault.<sup>89</sup>

A identidade foi, então, reconceituada como uma fantasia ou mito sustentado e persistente, questionando a visão de que seria algo natural, racional e coerente. A crítica às políticas identitárias não surgiu apenas porque a reificação de uma única identidade é vista como excludente, mas porque a própria noção de identidade como duradoura e coerente é percebida como uma fantasia cultural mais do que um fato demonstrável. A objeção à ênfase na identidade presente nas políticas lésbicas e gays

---

<sup>88</sup> “O desencanto da teoria *queer* em relação a alguns aspectos da política do universo gay e lésbico não é uma simples rejeição da normatividade destas categorias particulares, mas antes é fruto de uma concepção distinta de identidade e de poder. Se a cultura *queer* se apoderou de ‘*queer*’ como um adjetivo que contrasta com a relativa respeitabilidade de ‘gay’ e ‘lésbica’, então poderíamos entender que a teoria *queer* manipula o adjetivo ‘*queer*’ de forma a desestabilizar concepções a respeito das práticas e identidades sexuais. Teoricamente, o *queer* está sempre em conflito com o normal, com a norma, seja ela a heterossexualidade dominante ou a identidade gay/lésbica. Ele é definitivamente excêntrico, a-normal.” (SPARGO, 1999, p. 40).

<sup>89</sup> Althusser demonstra como a ideologia não apenas posiciona os indivíduos na sociedade, mas confere a eles seu senso de identidade, a qual é antes constituída pela ideologia do que pela resistência a ela; Freud teoriza sobre o inconsciente desafiando a noção de que a subjetividade é estável e coerente; Lacan estabelece que a identidade é um efeito de identificação com e contra outros: sendo um contínuo, e sempre incompleto, é um processo mais do que uma propriedade; Saussure argumenta que a linguagem não apenas reflete como constrói a realidade social, pois constitui e gera os significantes que parece simplesmente descrever; Foucault defende que a sexualidade é uma produção discursiva mais do que uma condição natural, sendo a subjetividade moderna um efeito das redes de poder - não apenas negativas ou repressivas, mas também produtivas e positivas. (JAGOSE, 1996).

baseou-se no fato de que a categoria fundante de qualquer política identitária inevitavelmente exclui potenciais sujeitos em nome da representação.

William Turner (2000) afirma que a teoria queer critica a ideia de que indivíduos de alguma forma se encaixam “naturalmente” em categorias identitárias puramente empíricas, bem como se estabelece na recusa da inevitabilidade dessas categorias, propondo um esforço para encontrar as escolhas, acidentes e circunstâncias que estabeleceram seus usos particulares enquanto formas de classificar as pessoas. Neste sentido, a teoria queer parte da proposição de que muitas pessoas não se encaixam nas categorias disponíveis e que essa falha em se encaixar reflete um problema não com as pessoas, mas com as categorias.<sup>90</sup>

A produção teórica queer irá se consolidar dentro do campo conhecido como “saberes subalternos” – estudos culturais, feministas, pós-coloniais e queer – entendidos como saberes sujeitados que, segundo Foucault (1999), são

toda uma série de saberes que estavam desqualificados como saberes não conceituais, como saberes insuficientemente elaborados: saberes ingênuos, saberes hierarquicamente inferiores, saberes abaixo do nível do conhecimento ou da cientificidade requeridos.

Ao se estabelecerem como uma proposta teórica, os estudos queer passaram a constituir os seus marcos conceituais a partir de investigações sobre o regime de poder/saber. Teóricas como Judith Butler, Eve Sedgwick, Teresa de Lauretis<sup>91</sup> produziram estudos que problematizam gênero e sexualidade e indagam de que maneira essas categorias começaram a adquirir seus significados específicos, bem como quais práticas simbólicas e institucionais contribuíram para a construção de identidades sexuais e de gênero. Conceitos como heteronormatividade<sup>92</sup>, heterossexualidade compulsória<sup>93</sup>, performatividade<sup>94</sup> e corpo abjeto<sup>95</sup>, entre outros,

<sup>90</sup> “[...] a teoria *queer* se tornou de certa forma uma extensão epistemológica de uma posição ontológica, com a teoria *queer* sendo portanto uma teoria para, a respeito e por ‘queers’. Uma teoria das [pessoas] *queers*, em outras palavras.”(GIFFNEY, 2009, p. 5).

<sup>91</sup> Respectivamente: *Gender Trouble* (1990), *Epistemology of the Closet* (1990), *Queer Theory: Lesbian and Gay Sexualities* (1991).

<sup>92</sup> (WARNER, 1993).

<sup>93</sup> (RICH, 2010).

<sup>94</sup> (BUTLER, 2012).

<sup>95</sup> (BUTLER, 2000b).

passaram a inspirar a crítica aos binarismos homem/mulher, masculino/feminino, heterossexualidade/homossexualidade, binarismos esses que devem ser abalados e “desfeitos” por meio de procedimentos desconstrutivos.<sup>96</sup>

IMAGEM 5<sup>97</sup>



Os estudos queer foram incorporados, ao longo dos anos 1990 e 2000, nas disciplinas e pesquisas acadêmicas em todo o mundo. Esse processo não deixou de ser problematizado teórica e metodologicamente, pois a própria dificuldade em traduzir o termo “queer” gerou reações e questionamentos sobre a validade de incorporar uma matriz teórica majoritariamente estadunidense.<sup>98</sup> David Córdoba Garcia (2005) apresenta uma defesa da manutenção do uso do queer na Espanha explicando que é

<sup>96</sup> Guacira Lopes Louro (2008, p. 42) explica que essa crítica é feita a partir das leituras de Jacques Derrida, que entende que o binarismo é “um pensamento que elege e fixa uma idéia, uma entidade ou um sujeito como fundante ou como central, determinando, a partir desse lugar, a posição do outro”, sendo esse outro sempre subordinado, inferior. Para abalar essa lógica seria necessário “um processo desconstrutivo que estrategicamente revertesse, desestabilizasse e desordenasse esses pares”, subvertendo a sua oposição a partir do entendimento de que cada polo – plural e fragmentado – contém o outro de maneira interdependente.

<sup>97</sup> Pichação: “Queer”. Fonte: <https://goo.gl/vYPEQ9>

<sup>98</sup> Tanto nos Estados Unidos quanto na América Latina e no Brasil, há uma farta produção teórica que discute os desdobramentos do processo de assimilação acadêmica da teoria queer. Teresa de Lauretis (1994 *apud* MUÑOZ, 2005) afirma que, poucos anos após ter proposto o uso da expressão “teoria queer”, passou a se distanciar de sua proposta de trabalho com a categoria, pois esta se tornou um produto vazio da indústria editorial. David Halperin (2003) critica a apropriação da teoria queer nos departamentos acadêmicos estadunidenses, ressaltando a suspeita de que a velocidade com que a teoria foi institucionalizada esconde um processo de perda de seu potencial subversivo e transgressor, tornando-se uma “marca” progressista, ou “um jogo que a família toda pode jogar”. Larissa Pelúcio (2014) reflete sobre a inserção da teoria queer na academia brasileira e reforça que há poucas problematizações sobre suas implicações epistemológicas, bem como sobre sua incorporação no contexto específico brasileiro.

uma palavra de uso comum no âmbito de alguns espaços do ativismo e da teoria gay e lésbica espanhola, que reflete a exterioridade da comunidade LGBT à cultura nacional. Outro aspecto importante é o fato do termo referir-se a sujeitos masculinos e femininos, abarcando todas as identidades marginais – não apenas gays e lésbicas, mas também bissexuais, transexuais e transgênero.

Felipe Rivas (2011), por sua vez, apresenta uma crítica à incorporação generalizada dos estudos queer na América Latina, resgatando não apenas a problematização do uso da expressão “*lo queer*”<sup>99</sup>, mas principalmente a discussão sobre a hegemonia da genealogia estadunidense desse campo teórico. O uso político da palavra queer e sua consagração teórica resultaram na impressão de que a ressignificação de ofensas contra gays e lésbicas foi uma invenção dos Estados Unidos, posteriormente exportada para o resto do mundo, no entanto, sabe-se que a apropriação positiva de termos ofensivos já era uma prática muito antes da teoria queer atribuir uma produtividade performativa ao gesto, como forma da chamada “estratégia do fraco.”<sup>100</sup>

O autor analisa a genealogia da “teoría queer” latino-americana, ressaltando suas particularidades com relação à “Queer Theory” estadunidense. A questão das políticas de tradução e publicação teórica é um fator importante, pois da mesma forma que obras canônicas produzidas nos Estados Unidos não circulam na América Latina e Espanha, os debates realizados fora da produção acadêmica “metropolitana” não são traduzidos ou incorporados em seus estudos.<sup>101</sup> Outro fator fundamental na sua análise é a retomada de uma genealogia do saber que rompe com a ideia de uma linearidade unidirecional e propõe uma “genealogia diferencial”<sup>102</sup> que identifica nas obras de

---

<sup>99</sup> “O ‘*queer*’ refere-se à importação fonética de um termo que, em sua literalidade enunciativa, surge em contextos anglofalantes. O ato de enunciação do termo *queer* em espaços linguísticos de língua hispânica implica uma descontextualização, que é a base de uma série de problemas de tradução, não só pela falta de um termo equivalente no castelhano - e em rigor em todo exercício de tradução - , mas sobretudo, pela perda do “contexto performativo”, a história política do termo, que é própria da palavra anglo-saxã *queer*. ” (RIVAS, 2011, p. 63).

<sup>100</sup> “Treta del débil” é um conceito desenvolvido por Josefina Ludme (1985) e compreende as possíveis táticas e resistências das pessoas subalternas.

<sup>101</sup> Rivas (2011) cita o caso de Paul B. Preciado, cuja obra foi amplamente incorporada aos estudos queer de países como Espanha, Chile e Argentina, mas não circula no debate estadunidense.

<sup>102</sup> “A leitura e apropriação de uma tradição filosófica particular: o surgimento da teoria “queer” na academia americana nos 90 é o resultado de uma retradução política de certo pensamento pós-estruturalista francês, representado principalmente por Jacques Derrida; por sua vez, essa teoria e

Nestor Perlongher, Severo Sarduy, Pedro Lemebel e Nelly Richard a configuração de um referencial teórico que será desenvolvido pela teoria queer estadunidense. No entanto, Rivas ressalta que mesmo que essas genealogias tensionem a unilateralidade da relação entre os saberes produzidos no Norte e no Sul, acabam reforçando a hegemonia dos estudos queer como parâmetro de análise das produções sobre gênero e sexualidade na América Latina, mesmo que em comparações retroativas.

No entanto, é possível perceber que as críticas à incorporação de mais uma teoria “importada” do Norte nas reflexões sobre gênero e sexualidade produzidas no Sul resultaram na construção de saberes outros, saberes *cuir*, latinizados a partir das dissidências sexuais e de gênero<sup>103</sup>, bem como da crítica descolonial. Segundo Rivas (2011), a produção desses saberes nomeados como dissidência sexual são resultado de uma filiação heterogênea que inclui

As discussões próprias do ativismo político contestatário, a crítica cultural chilena e argentina dos anos 90, a recepção e discussão de certos títulos enquadrados na "teoria queer" (na maioria apenas aqueles que foram traduzidos), os debates feministas e pós-feministas latino-americanos, europeus e anglo-saxões, os estudos subalternos e pós-coloniais, os textos espanhóis (Beatriz Preciado, Ricardo Llamas, Paco Vidarte, Oscar Guasch, Javier Sáez), a teoria da mídia e novas tecnologias (também as práticas de guerrilha das comunicações, ciberativismo e o net.art), o ciberfeminismo, a influência dos textos literários (a narrativa dos anos 80 e 90, junto a cena poética jovem) e as práticas artísticas locais, as diferentes correntes do pós-marxismo mais recente e vários autores pós-estruturalistas (RIVAS, 2011, p. 74-75).<sup>104</sup>

---

práxis "*marica*" ou "*coliza*" que é, ao mesmo tempo, uma poética, o neobarroso perlonghiano ou o neobarrocho lemebólico, viria da apropriação de uma outra vertente pós-estruturalista, encarnada no pensamento da dupla Deleuze/Guattari [...] o que proponho aqui é, em primeiro lugar, revisar esse território comum que poderia levar a ver em Lemebel um representante *queer* da cultura latino-americana; e, em segundo lugar, indagar até que ponto essa diferença genealógica, como dispositivo de análise, poderia servir para levantar de outra forma a questão de uma versão latino-americana do queer e dos fluxos de saberes entre centro e periferia." (MARISTANY, 2008, p. 17-18).

<sup>103</sup> "A 'dissidência sexual' corresponde ao nome sob o qual se articulam uma série de práticas políticas, estéticas e críticas recentes e de grande intensidade, que tem gerado uma ruptura com as formas tradicionais da política homossexual chilena." (RIVAS, 2011, p. 74)

<sup>104</sup> "[...] las discusiones propias del activismo político más contestatario, la crítica cultural chilena y argentina de los 90, la recepción y discusión de ciertos títulos enmarcados en la "teoría queer" (en su mayoría sólo los que han sido traducidos), los debates feministas y postfeministas latinoamericanos, europeos y anglosajones, los estudios subalternos y poscoloniales, los textos españoles (Beatriz Preciado, Ricardo Llamas, Paco Vidarte, Oscar Guasch, Javier Sáez), la teoría de medios y nuevas tecnologías (también las prácticas de guerrilla de las comunicaciones, ciberactivismo y el net.art), el ciberfeminismo, la influencia de los textos literarios (la narrativa de los 80 y 90, junto con la escena poética joven) y las prácticas artísticas locales, las distintas corrientes del postmarxismo más reciente y diversos autores postestructuralistas." (RIVAS, 2011, p. 74-75).

A partir destas problematizações, entende-se que a produção teórica e ativista queer na América Latina se dá a partir de uma série de agendas de mudança social, principalmente em países cuja história está marcada por contextos políticos de violência estrutural e pela emergência de críticas à colonialidade. Rejeitando agendas unificadas pela política neoliberal de diversidade, o ativismo queer reage à homogeneização coletiva de incorporação às políticas de cidadania e representação baseadas na igualdade e desenvolve uma “articulação de dissidências”, que pretende a extensão do conceito de cidadania para além dos padrões heteronormativos. (VIDAL-ORTIZ; VITERI; SERRANO AMAYA, 2014).

### 1.3.1 Os Estudos Queer no Brasil

No Brasil, a trajetória dos estudos queer também suscitou questionamentos, principalmente pelo fato de que sua inserção se deu pela via acadêmica, e não por meio dos movimentos sociais. Essa característica gerou uma série de reações, pois o país vivia, no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, um momento de lutas por políticas identitárias – encampadas por feministas e integrantes do movimento negro e LGBT -, e “uma teoria que se proclamava como não-identitária parecia potencialmente despolitizante.” (PELÚCIO, 2014b, p. 75).<sup>105</sup> Da mesma forma, a lenta recepção tem sido marcada por intensas disputas no campo científico, pois ainda há uma grande resistência ao estudo das dissidências sexuais e de gênero a partir de perspectivas chamadas de pós-modernas.

Os primeiros contatos de pesquisadoras e pesquisadores com a teoria queer ocorreram a partir de duas experiências diferentes: publicações em periódicos científicos e viagens de estudos realizados na América do Norte e Europa. No primeiro caso, é possível afirmar que o periódico *Cadernos Pagu*<sup>106</sup> foi precursor na

<sup>105</sup> A autora explica que as críticas não eram dirigidas à teoria em si, mas a determinados nomes da academia. “Talvez isso se dê, justamente, porque ao apontar para as armadilhas das identidades, corremos o risco de sermos interpretados como colocando em xeque lugares duramente conquistados por alguns/algumas ativistas. E assim, os postos políticos a partir do qual obtiveram respeitabilidades e voz. Não se trata, em absoluto, de desqualificar esses lugares, muito menos as conquistas, mas de nos valermos da teoria como ferramenta de combate, uma forma sempre dinâmica para de (sic) análise e intervenção.” (PELÚCIO, 2014a, p. 33-34).

<sup>106</sup> Revista semestral do Núcleo de Estudos de Gênero da Unicamp, criada em 1993.



disponibilização de textos relacionados aos estudos queer. Durante os anos 1990 foram publicados uma resenha de *Gender Trouble*, elaborada por Karla Martins Bessa (1995)<sup>107</sup>, o artigo Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”, de Judith Butler (1998)<sup>108</sup>, e uma edição especial pelos 50 anos do livro *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, intitulada *Simone de Beauvoir e os feminismos do século XX* (1999). Esta edição conta com os artigos Feminismo e lesbianismo: a identidade em questão, de Tania Navarro Swain<sup>109</sup> e A performance da masculinidade portenha no churrasco, de Jeffrey Tobin<sup>110</sup>, ambos com discussões relacionadas à teoria queer. (SOUZA, BENETTI, 2015).

Ainda nos anos 1990, Tania Navarro Swain (UNB), Mário César Lugarinho (USP) e Denilson Lopes (UFRJ) estabelecem os primeiros contatos com a teoria queer e passam a publicar artigos acadêmicos que abordam as temáticas de gênero e sexualidade sob o viés pós-identitário.<sup>111</sup> Mas é a obra de Guacira Lopes Louro<sup>112</sup>, *Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação*, que marca o início de uma produção queer brasileira. (SOUZA, BENETTI, 2015).

Para Larissa Pelúcio (2014b, p. 8), os estudos queer são recebidos no Brasil como uma “teoria de ação/reflexão”, baseada nas reflexões teóricas de “Foucault, Derrida, do feminismo da diferença, dos estudos pós-coloniais e culturais para desafiar não somente a sexualidade binária e heterossexual, mas a matriz de pensamento que a conforma e sustenta.” Neste sentido, é possível perceber que esta problematização das

---

<sup>107</sup> <https://goo.gl/QgwM1K>

<sup>108</sup> <https://goo.gl/PGk4nR>

<sup>109</sup> <https://goo.gl/AUt6i8>

<sup>110</sup> <https://goo.gl/1u34Hv>

<sup>111</sup> Durante a realização de seu pós-doutorado no Canadá, a historiadora Tânia Navarro Swain produz seus primeiros textos aportados na teoria queer, apresentados em eventos e publicações canadenses. Em 2001 publica, na revista *Gênero*, o artigo Para além do binário: os queers e o heterogênero. Mario César Lugarinho toma contato com a teoria queer durante a realização do doutorado sanduíche em Portugal e apresenta, em eventos brasileiros realizados no ano de 1999 os artigos Al Berto, In Memoria, o Luso princípio do queer e Dizer o homoerotismo: Al Berto, poeta queer. Denilson Lopes, por sua vez, entra em contato com a teoria queer em Nova York, ao realizar o doutorado sanduíche, publicando um artigo na Revista Gragoatá, em 1997, intitulado Manifesto *Camp*, e, em 2000, publica na revista Lugar Comum o artigo Somos Todos Travestis. O imaginário *camp* e a crise do individualismo. (SOUZA, BENETTI, 2015).

<sup>112</sup> Considerada a principal responsável pela introdução dos estudos queer no Brasil, Guacira Lopes Louro publica, em 1999, o livro *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*, contendo artigos de Jeffrey Weeks, bell hooks, Richard Parker e a introdução do livro *Bodies that matter: on the discursive limits of sex*, de Judith Butler.

matrizes de pensamento – científicas – se revela em uma articulação entre pesquisa teórica e práxis baseada em disputas quanto à natureza do campo científico, sua neutralidade, imparcialidade e objetividade.

A produção queer brasileira tem desenvolvido um amplo diálogo com o pensamento sulamericano - as epistemologias do sul<sup>113</sup> – e os movimentos sociais. Esse diálogo não deixa de ser marcado por hierarquias e posições de poder (principalmente entre o sujeito pesquisador e o sujeito objeto de pesquisa), mas tem proporcionado a construção de uma “teoria queer à brasileira” que busca estabelecer um campo teórico próprio para pensar gênero e sexualidade que não seja apenas a reprodução da matriz estadunidense.

Larissa Pelúcio (2014a; 2014b) propõe então um exercício epistemológico de estabelecer uma “teoria cucaracha”, uma “teoria cu”, produzida nas margens a partir de outras gramáticas e vocabulários que ampliem os espaços de produção científica para além da naturalidade e neutralidade dos corpos, subvertendo a lógica racional na qual apenas o cérebro é um órgão pensante e afastando-se do discurso universal masculino. A autora explica que

Assumir que falamos a partir das margens, das beiras pouco assépticas, dos orifícios e dos interditos fica muito mais constrangedor quando, ao invés de usarmos o polidamente sonoro queer, nos assumimos como teóricas e teóricos cu. Eu não estou fazendo um exercício de tradução dessa vertente do pensamento contemporâneo para nosso clima. Falar em uma teoria cu é acima de tudo um exercício antropofágico, de se nutrir dessas contribuições tão impressionantes de pensadoras e pensadores do chamado norte, de pensar com elas, mas também de localizar nosso lugar nessa “tradição”, porque acredito que estamos sim contribuindo para gestar esse conjunto farto de conhecimentos sobre corpos, sexualidades, desejos, biopolíticas e geopolíticas também (PELÚCIO, 2014, p. 71).

Berenice Bento (2014) também trabalha com a concepção de um “giro queer cucaracha”, produzido a partir da incorporação das discussões queer juntamente com a teoria descolonial, mas propõe o uso da expressão “estudos transviados”, pois entende que o uso do termo queer, no contexto da produção teórica brasileira, perde a sua potência de ferramenta de luta política, pois não suscita disputa. O debate da tradução cultural se faz necessário, pois a sua simples incorporação no âmbito acadêmico “seria

---

<sup>113</sup> SANTOS; MENESES, 2009.

a própria negação deste campo de estudos que nasce com o ativismo, tensiona os limites do considerado normal e abre espaço para uma práxis epistemológica que pensa novas concepções de humanidade.”

A autora tensiona a relação entre academia e ativismo, explicando que o queer não sai das universidades devido tanto ao fato de que os movimentos sociais brasileiros têm uma relação diferente com o Estado da que existe nos Estados Unidos, como também o fato de que os quadros culturais, históricos e políticos que deram origem ao queer são muito distintos dos existentes no Brasil.

Os movimentos sociais (mulheres, gays, lésbicas e, podemos incluir, os negros) hegemonicamente alimentam a máquina do biopoder do Estado ao demandar políticas específicas para corpos específicos, retroalimentando a noção de identidades essenciais. E a legitimidade da demanda só existe se são corpos essencializados que a profere. (BENTO, 2014).

Da mesma forma, Bento ressalta que o próprio ato de nomear os estudos e ativismos queer como “transviados”, mesmo que antropofagicamente, esbarra em uma concepção essencializada das identidades. Em termos de saberes científicos, a geopolítica do conhecimento ainda é muito demarcada e, mesmo havendo um processo de descolonização dos estudos de gênero e sexualidade no Brasil – principalmente a partir da interlocução com países latino-americanos -, ainda há uma forte hierarquia que faz com que esses saberes caminhem em uma via de mão única, do Norte para o Sul. (BENTO, 2014; PADILHA; FACIOLI, 2015).<sup>114</sup>

A partir das problematizações apresentadas por Berenice Bento e Larissa Pelúcio, é possível perceber que há uma iniciativa contundente no Brasil, proposta por pesquisadoras e pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, de produzir um arcabouço teórico-metodológico próprio, abasileirado por meio da leitura antropofágica da conceituação queer, feminista, pós-estruturalista e descolonial. Da mesma forma, a leitura das discussões mais recentes acerca do queer revela que há

<sup>114</sup> Cabe ressaltar que essa hierarquia também pode ser percebida na produção queer brasileira, pois os estudos nos diferentes campos científicos acabam privilegiando a produção do sudeste e sul, deixando em segundo plano a ampla gama de pesquisas e iniciativas produzidas no Nordeste. Grupos de Pesquisa como Tirésias (UFRN) e CUS (UFBA) têm disputado espaços nos estudos queer brasileiros, por meio da publicação de revistas temáticas (Bagoas e Periódicus, respectivamente) e a organização de eventos, sendo o principal deles o Desfazendo Gênero. Uma proposta de uma “genealogia queer” brasileira com ênfase no nordeste pode ser encontrada na dissertação de Tiago Sant’Ana (2016).

ainda uma forte colonização de saberes, com a “importação” das análises já estabelecidas como cânone queer sem que, no entanto, haja uma atualização dessa bibliografia a partir da incorporação de obras publicadas após o *boom* dos anos 1990.<sup>115</sup>

Esse fenômeno pode ser percebido no campo da Comunicação Social, no qual a incorporação dos estudos queer nas pesquisas sobre gênero e sexualidade ainda está restrita principalmente às discussões identitárias, sem acompanhar o desenvolvimento dos debates feitos em outras áreas do conhecimento, bem como sem incluir produções teóricas mais recentes.

### 3.4 “AS MULHERES SÓ QUEREM SER SALVAS”<sup>116</sup>: COMUNICAÇÃO E GÊNERO NO BRASIL

A proposta de investigar a configuração de movimentos e iniciativas *antimainstream* na sociedade contemporânea, a partir de um olhar da Comunicação Social e sob uma perspectiva de gênero, esbarrou num primeiro obstáculo: a ausência de sistematizações de grande porte sobre a produção teórica que alia Estudos de Gênero e Sexualidade e Comunicação. Este tópico foi pensado como forma de suprir esta lacuna e possibilitar uma análise substancial da maneira como as confluências destes temas estão sendo analisadas nas pesquisas em nível de pós-graduação nos programas de Comunicação brasileiros. A motivação principal foi investigar se as pesquisas que abordam as questões de gênero e sexualidade no campo da Comunicação o fazem de maneira interseccional, levando em consideração as produções feministas, queer e descoloniais, conforme a proposta desta tese.

---

<sup>115</sup> Judith Butler é reconhecida em todo o mundo como a “rainha queer”, principalmente pela ampla divulgação e incorporação do conceito de performatividade de gênero proposto no livro *Gender Trouble*. A repercussão de sua vinda ao Brasil, em 2015, demonstrou que a recepção do queer no país ainda está muito atrelada à sua obra, deixando em segundo plano outras autoras e autores que têm contribuições relevantes aos estudos queer.

<sup>116</sup> Título da dissertação de Márcia Messa (2006). A escolha deste título para nomear este subitem do capítulo foi proposital, pois entende-se que nenhum discurso é neutro e que a frase “As mulheres só querem ser salvas” tem uma força de naturalizar a submissão feminina. Da mesma forma, apresenta uma visão do pós-feminismo desconectada com a produção pós-identitária proposta pelos estudos queer.

O primeiro ponto aspecto identificado foi o de que a pesquisa em gênero e sexualidade no campo da Comunicação Social realizada no Brasil segue a trajetória descrita ao longo deste capítulo, com algumas particularidades. A primeira delas está localizada na esfera temporal: a criação dos programas de pós-graduação em Comunicação, a partir da década de 1970. A segunda se encontra na esfera teórica: a predominância dos estudos culturais britânicos e latino-americanos. Ana Carolina Escosteguy (2008), importante pesquisadora das relações entre gênero e comunicação no Brasil, ressaltava as dificuldades encontradas na realização de um estado da arte sobre o tema, principalmente pelo fato da temática “gênero” não se constituir propriamente como um objeto de estudo no campo da comunicação.

Analisando artigos científicos que realizam estudos do tipo “estado da arte” sobre o tema, é possível identificar pesquisas que abordam discussões sobre gênero e sexualidade a partir do final da década de 1980, mesmo que o volume de artigos científicos, dissertações e teses não seja quantitativamente extenso. (ESCOSTEGUY et al, 2003; ESCOSTEGUY; MESSA, 2006; COLLING et al., 2012; RODRIGUES; LAZARIN, 2014). Também é possível perceber, nos últimos anos, um maior interesse pela análise do tema a partir dos estudos de recepção. (JOHN; COSTA, 2012; 2014; MONTORO; FERREIRA, 2014; SILVA; JOHN, 2016).

Para uma melhor compreensão sobre a presença e características da produção sobre gênero e sexualidade no campo da Comunicação Social, bem como as possíveis lacunas existentes, foi realizada inicialmente uma pesquisa documental nos principais portais de dados oficiais sobre a pesquisa realizada em nível de pós-graduação no Brasil. Em toda a pesquisa documental foram usadas as palavras-chave “gênero”, “sexualidade”, “identidade”, “feminismo”, “corpo” e “queer”<sup>117</sup>, sendo também incorporadas outras palavras, com a finalidade de produzir uma análise mais apurada dos dados levantados. Esses termos serviram para desenvolver a pesquisa documental que deu origem à investigação do estado da arte, sendo aplicados em todas as três etapas da pesquisa, a qual foi realizada durante o ano de 2016.

---

<sup>117</sup> A escolha dos termos foi baseada nas intersecções possíveis entre seus significados e abrangência, levando em consideração as possíveis derivações dos termos gênero (discursivo, jornalístico, etc.) e identidade (nacional, regional, profissional, etc.).

A coleta de dados teve início com a identificação da presença, ou não, da temática de gênero e sexualidade nos programas de pesquisa em Comunicação Social, na grande área de Ciências Sociais Aplicadas I<sup>118</sup>, a partir da consulta à Plataforma Sucupira da Capes (Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)<sup>119</sup>, responsável pela coleta e divulgação de informações sobre os programas e a produção da pós-graduação brasileira. A coleta de dados privilegiou os programas acadêmicos, por entender que nestes estão concentradas as pesquisas teóricas da área.

Os 46 programas selecionados para a análise totalizam 112 linhas de pesquisa, sendo que nenhuma destas aborda especificamente questões de sexualidade, feminismo ou estudos queer. Apenas uma linha de pesquisa, Políticas e Estratégias de Comunicação (USP), direcionada à temática de “comunicação organizacional, relações públicas, editoração e jornalismo”, aborda diretamente a questão de gênero, mesmo não sendo o tema principal.<sup>120</sup>

---

<sup>118</sup> A partir de março de 2017 a grande área passou a se chamar Comunicação e Informação.

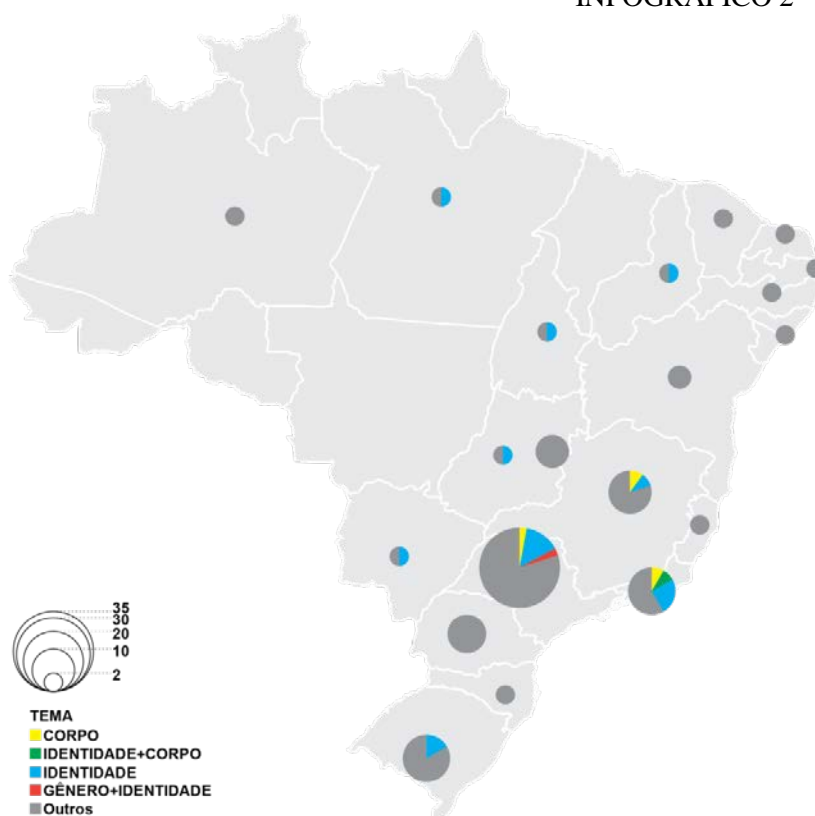
<sup>119</sup> <https://goo.gl/ihKzpj>

<sup>120</sup> Descrição da linha de pesquisa: “Estudos de paradigmas e correntes teóricas de comunicação organizacional, relações públicas, editoração e jornalismo e suas interfaces. Enfocam-se as políticas e estratégias de comunicação no setor público, privado e não-governamental, desenvolvendo a pesquisa aplicada em comunicação administrativa, interna, institucional e mercadológica, que têm por base tanto a perspectiva de uma filosofia da comunicação integrada quanto princípios da ética, responsabilidade social, de gêneros e etnias e classes sociais. Contempla as interações da comunicação com a identidade, alteridade e cultura organizacional, sustentabilidade, memória e as narrativas institucionais, bem como pesquisas relativas à comunicação pública e às políticas públicas de comunicação. Reflete sobre os novos conceitos de público, relacionamentos, redes sociais, opinião pública e suas múltiplas ressignificações no contexto da sociedade contemporânea.” (<https://goo.gl/E9We1k>).



Foram identificadas 18 linhas de pesquisa que têm algum tipo de ênfase nas questões de identidade, bem como 4 linhas que abordam questões relativas ao corpo (APÊNDICE 1). As linhas de pesquisa que se dedicam ao estudo das identidades referem-se, principalmente, às diversidades culturais, alteridade, representação, subjetividades, diferença, poder, regionalidade e memória social. As linhas que enfatizam as questões do corpo abordam aspectos como biopoderes, espaço urbano, mediações tecnológicas, e estética.

INFOGRÁFICO 2<sup>123</sup>

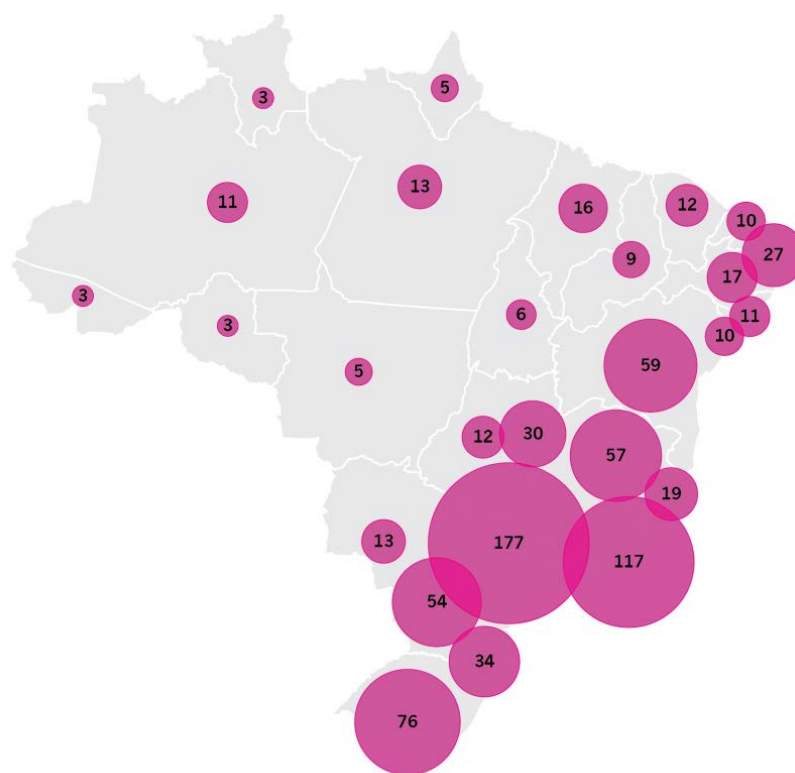


A segunda etapa compreendeu o mapeamento dos grupos de pesquisa em Comunicação, realizado a partir de buscas no Diretório de Grupos de Pesquisa da Plataforma Lattes – CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico)<sup>124</sup>, sendo identificados 809 grupos de pesquisa na grande área de Ciências Sociais Aplicadas - Comunicação. em 152 instituições de ensino, distribuídas nas cinco regiões geográficas brasileiras.

<sup>123</sup> Linhas de Pesquisa por Tema. Fonte: A autora.

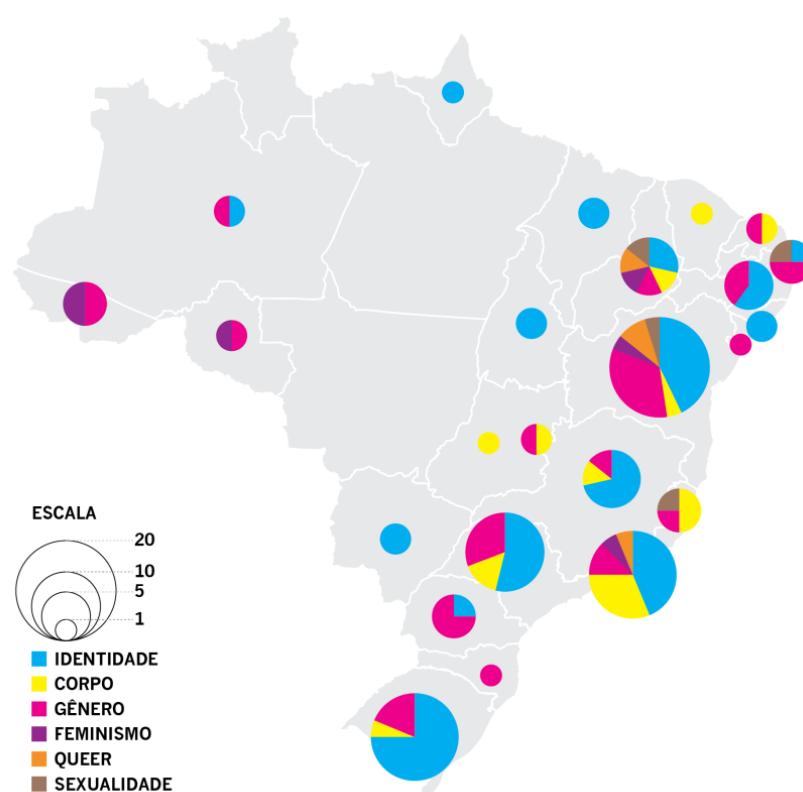
<sup>124</sup> <https://goo.gl/khbmjF>



INFOGRÁFICO 3<sup>125</sup>

A partir da busca pelas palavras-chave previamente identificadas, foram selecionados 101 grupos que abordam temáticas relativas a questões de gênero, sexualidade e identidade, sendo que destes 3 grupos discutem questões de sexualidade, 4 tratam da temática queer, 5 de questões relativas ao feminismo, 17 referem-se ao corpo, 34 ao gênero e 57 a questões de identidade. Foi identificado também que apenas 11 destes grupos trabalham com mais de uma temática, nas possíveis interseções entre gênero e sexualidade. (APÊNDICE 2).

<sup>125</sup> Grupos de Pesquisa por Região. Fonte: A Autora.

INFOGRÁFICO 4<sup>126</sup>

A análise qualitativa das linhas que integram os grupos de pesquisa selecionados permitiu compreender como esses temas são abordados nas propostas de pesquisa. Os grupos que contemplam pesquisas relacionadas a sexualidade enfocam a organização de movimentos sociais e direitos humanos, jornalismo e diversidade e representação de gays e lésbicas nos meios de comunicação. Os grupos que indicam a Teoria Queer como referencial teórico enfatizam questões de estética e gênero; feminismos e pós-feminismos; pornografia; identidade e homocultura. O feminismo é discutido em pesquisas que têm como foco a igualdade de gênero por meio da educação popular feminista e da comunicação alternativa; a relação entre a produção acadêmica das teóricas feministas e as demandas de grupos sociais; teorias de gênero e comunicação; representação simbólica das trabalhadoras em agricultura e o campo dos estudos de pornografia no Brasil.

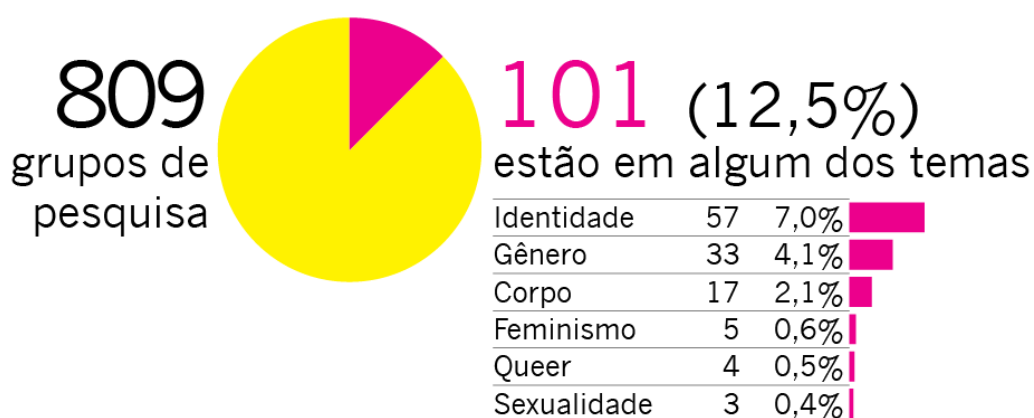
As investigações que tratam do corpo e corporeidades têm como objetivos, entre outros, estudos sobre corporeidades hegemônicas; epistemologias e políticas do

<sup>126</sup> Grupos de Pesquisa por Tema. Fonte: A Autora.

corpo; deslocamentos de sentido do corpo e da diferença; imaginários e discurso corporal; representações do corpo na literatura; corpo midiaticizado; corporeidade, sensibilidade e subjetividade; corpo relacionado à imagem, esporte, meio ambiente, cinema, estética, etnicidade, performance e subjetividade.

Com relação à temática de gênero, foram identificados estudos que trabalham a questão de gênero a partir de discussões específicas sobre a mulher, enfatizando dinâmicas econômicas; criativas; representação nos meios de comunicação e a violência contra a mulher. Também há projetos que enfatizam relações étnicas e raciais, com estudos sobre representação da mulher negra; relações entre etnia e gênero; etnia e classe; subjetividades e interseccionalidade. Outros grupos dedicam-se à análise das relações de gênero e processos comunicacionais; práticas de comunicação; cultura e discurso midiático; publicidade; jornalismo; ciberespaço e mídia alternativa. Relações entre estudos de gênero e estudos culturais; afeto; identidade corporal; participação política; processos de normatização e exclusão; cultura científica, filosofia, políticas públicas e empoderamento também estão presentes nas propostas.

INFOGRÁFICO 5<sup>127</sup>



A temática de identidade é a que está presente em um maior número de grupos, sendo a principal abordagem referente a questões de identidade cultural e representação. Outros enfoques presentes nos projetos são a identidade de gênero; memória; alteridade; pertencimento e etnia. Em menor número estão os estudos que

<sup>127</sup> Grupos de Pesquisa por Tema. Fonte: A Autora.

abordam identidades sociais e contemporâneas; relações entre identidade e cultura midiática, jornalismo, novas mídias, redes sociais e consumo. Há também a presença de grupos que abordam temas relativos à identidade e comunidade, atores sociais; cidadania; cultura popular e mudanças sociais.

A terceira e última etapa desta parte da pesquisa documental consistiu na identificação de dissertações e teses produzidas na área da Comunicação durante os anos de 2005-2015, realizada inicialmente em consulta ao Banco de Teses & Dissertações da Capes<sup>128</sup>. O número reduzido de pesquisas encontradas a partir da busca por palavras chaves demandou uma nova coleta, desta vez na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia)<sup>129</sup>. Com a finalidade de garantir a consolidação dos dados levantados, foi realizada uma última coleta nos sites dos programas de Pós-Graduação em Comunicação Social, bem como nas Bibliotecas Digitais de Teses e Dissertações das Instituições de Ensino. A principal dificuldade encontrada nesta etapa foi o fato de haver discrepâncias no acervo de pesquisas dos programas e das bibliotecas, o que demandou um cotejamento entre as informações coletadas, visando garantir uma maior fidedignidade dos dados analisados. Foram relacionadas 6006 dissertações e teses defendidas entre os anos 2005 a 2015 nos programas de Comunicação brasileiros, sendo selecionados como *corpus* de pesquisa 341 trabalhos que abordam questões de gênero e sexualidade.

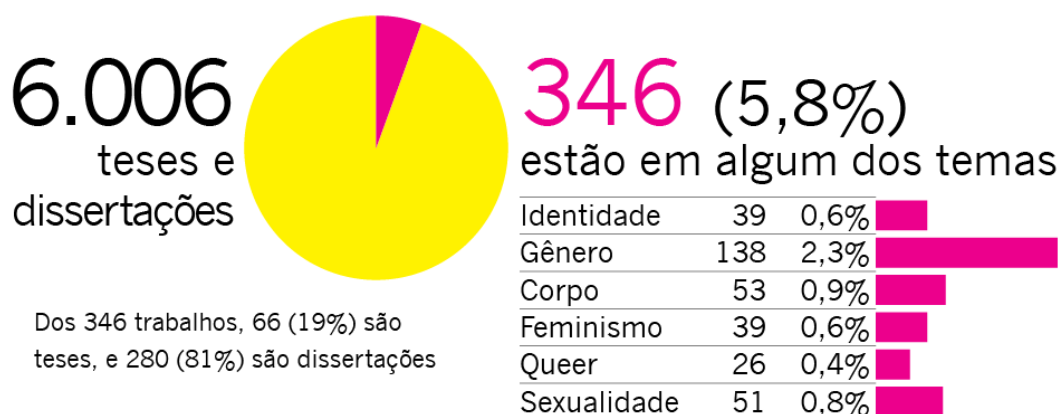
Do total de trabalhos identificados, 346 abordaram questões referentes à temática de gênero e sexualidade, sendo que em 8 programas não foi produzida nenhuma pesquisa relacionada ao tema (UEPG, UFAM, UFES, UFF – Mídia e Cotidiano, UFOP, UFPA, UFSCAR, UFT).<sup>130</sup> Os programas que possuem o maior número de pesquisas elaboradas a partir da temática investigada são PUC-SP (55), UNIP (26) e USP (24). O corpus de 346 pesquisas foi analisado quantitativamente, categorizando os trabalhos em subtemas principais: teoria queer (26), feminismo (39), identidade (39), sexualidade (51), corpo (53) e gênero (138).

<sup>128</sup> <https://goo.gl/a1FkDt>

<sup>129</sup> <https://goo.gl/iWc8XH>

<sup>130</sup> Destas, 3 instituições (UEPG, UFES e UFT) possuem programas criados nos últimos anos, portanto as dissertações de mestrado ainda estavam em fase de elaboração quando foi realizada a coleta de dados.

Cabe ressaltar aqui a ciência das limitações dessa forma de análise, visto que a temática de Gênero e Sexualidade é extremamente ampla e complexa. Neste sentido, os critérios utilizados centraram-se na abordagem predominante das análises, bem como a natureza do debate teórico presente nas pesquisas. Foram analisados os itens: título, resumo, palavras-chave, sumário e referências. Nos casos de dúvida quanto à pertinência nas categorias, foi realizada a leitura do texto, para confirmar a adequação à categoria proposta.<sup>131</sup>

INFOGRÁFICO 6<sup>132</sup>

A análise qualitativa teve como ponto de partida a investigação sobre a presença de discussões acerca dos estudos queer e suas relações com a Comunicação. O resultado do estudo revelou que, apesar da presença de referencial bibliográfico relacionado à teoria queer em diversas pesquisas analisadas, apenas 26 trabalhos abordam questões teóricas referentes ao queer, especificando a sua história e arcabouço conceitual. Estes trabalhos abordam questões de gênero, sexualidade, transexualidade e travestilidade, identidade e prostituição, sendo as análises focadas em representações identitárias de gênero e sexualidade, representação

<sup>131</sup> Os critérios para a classificação nas categorias foram: a) filiação teórica apresentada claramente na pesquisa, a partir de debate e contextualização (queer, feminismo); b) referência temática explícita (identidade, corpo, sexualidade); abordagem genérica sobre mulher, representação feminina/masculina (gênero). Cabe também ressaltar a questão da universalidade do homem como categoria analítica (presente em muitas pesquisas que não entraram na análise), bem como o fato de que nem todas as pesquisas classificadas na categoria gênero estão alinhadas com os Estudos de Gênero. Foram observados casos nos quais a pesquisa se propõe a discutir algum aspecto referente à mulher, mas sem realizar nenhum tipo de debate de gênero.

<sup>132</sup> Dissertações e Teses por Tema. Fonte: A Autora.

mediática<sup>133</sup> da população LGBT, personalidades LGBT, movimentos LGBT, comunidades online, performances artísticas, pós-pornografia, narrativas de prostitutas, e formação universitária de jornalistas.

A investigação dos referenciais teóricos adotados nas pesquisas de pós-graduação demonstrou que, dentre as autoras e autores nacionais, Guacira Lopes Louro é a mais citada<sup>134</sup>, sendo significativa também a presença de Denilson Lopes, Leandro Colling, Richard Moskolci e Larissa Pelúcio. Judith Butler é citada na maioria das pesquisas, comprovando sua situação de cânone.<sup>135</sup> As referências também incluem Paul B. Preciado, Gayle Rubin, Adrienne Rich e Eve Kosofsky Sedgwick, porém sua presença é menor do que a de Butler.

É importante apontar também a ausência de análises baseadas em referenciais teóricos que ampliem o debate queer promovendo a interseccionalidade entre gênero, sexualidade, raça, etnia e classe social, bem como que aborde a questão queer de uma perspectiva descolonial.<sup>136</sup> Há poucos trabalhos que fogem da matriz de conhecimento produzida no Norte, sendo predominante a utilização do referencial teórico dos estudos culturais (britânicos, estadunidenses e latino-americanos).<sup>137</sup>

Do total de trabalhos que discutem questões de gênero, 31 pesquisas têm como foco a análise a partir do viés do feminismo, resgatando aspectos da teoria feminista relacionados aos estudos da comunicação. Há uma grande variedade temática, que passa por questões de representação midiática do feminino (jornal, revista, telenovela, rádio, histórias em quadrinhos), construção da singularidade feminina, ativismo feminista (ONG's e movimentos autônomos), feminismo negro, representação de mulheres nordestinas, aborto, representação da sexualidade feminina, observatórios feministas de mídia.

---

<sup>133</sup> Jornalismo, publicidade, cinema, fotografia, telenovelas e ficções seriadas.

<sup>134</sup> Foram identificados 5 trabalhos que não citam as obras de Guacira Lopes Louro: Dias (2013), Molina (2015), Rodrigues (2012), Santos (2015) e Silva (2007).

<sup>135</sup> Cabe ressaltar que há 4 trabalhos que não citam diretamente a obra de Judith Butler: Alles (2015), Dias (2013), Duprat (2008) e Rodrigues (2012).

<sup>136</sup> A discussão sobre prostituição (ALLES, 2015) e travestilidade aborda a questão da imigração e da exploração, mas sob outra perspectiva teórica. A pesquisa de doutorado de Márcia Veiga da Silva (2015) é que a mais aproxima os estudos queer e descoloniais, abordando a formação de jornalistas no ensino superior, o heterossexismo e a colonização do saber.

<sup>137</sup> Autores mais citados: Stuart Hall, Douglas Kellner, Nestor Garcia Canclini e Jesús Martín-Barbero.

A principal forma de abordagem do tema se dá pela perspectiva do feminismo de ondas<sup>138</sup> e as questões de representação. Há apenas quatro pesquisas que abordam questões referentes às mulheres negras, uma sobre mulheres nordestinas e uma sobre mulheres nas zonas rurais, sendo que não há nenhuma pesquisa sobre mulheres transgênero e travestis, ou sobre mulheres lésbicas. Isto indica que o feminismo ainda é pensado em termos de uma categoria “mulher” enquanto um sujeito universal, o que remete diretamente à mulher cisgênero, branca e heterossexual. A ausência da interseccionalidade e da perspectiva descolonial é marca presente na maioria das pesquisas e reflete inclusive o desconhecimento sobre a produção teórica feminista brasileira e latinoamericana, seguindo em grande medida a produção teórica estadunidense.

A análise das pesquisas que têm como temática principal questões relacionadas à sexualidade, corpo, identidade e gênero apontou resultados semelhantes. O principal subtema é a questão da representação e, mesmo diante de uma variedade de abordagens, a maioria não trabalha as temáticas em confluência com as questões de raça e classe social. Da mesma forma, os estudos sobre cisgeneridade e transgeneridade estão praticamente excluídos das discussões teóricas e empíricas propostas nas dissertações e teses.

A pesquisa bibliométrica<sup>139</sup> realizada a partir das referências bibliográficas das dissertações e teses analisadas apresentou um resultado similar à análise temática, ou seja, a predominância dos Estudos Culturais<sup>140</sup>, a baixa frequência de referência aos Estudos Queer e Descoloniais<sup>141</sup> e a ausência de interseccionalidade nas pesquisas<sup>142</sup>.

---

<sup>138</sup> Uma das formas de classificar teoricamente as diferentes fases do feminismo é o chamado “feminismo de ondas”, que divide o movimento feminista em 4 fases: 1ª Onda: Movimento Sufragista; 2ª Onda: Anos 1960, 3ª Onda: anos 1990; 4ª Onda: Feminismo Digital. As especificidades do feminismo de ondas serão analisadas no capítulo 3.

<sup>139</sup> “[...] técnica quantitativa e estatística de medição dos índices de produção e disseminação do conhecimento científico” (ARAÚJO, 2006), realizada aqui por meio da análise de citações.

<sup>140</sup> Somando-se as categorias, Stuart Hall é o autor mais citado.

<sup>141</sup> A única exceção é o caso de Judith Butler, pois a autora é citada em várias pesquisas, independente da categoria temática, o que indica que a autora se transformou em “referência obrigatória” dos Estudos de Gênero e Sexualidade, mesmo que não haja uma discussão específica sobre o queer ou o pós-gênero. Outro ponto identificado é a predominância da citação de textos traduzidos (Problemas de Gênero e Corpos que pesam). Dada a vasta produção da autora, entende-se que este é um importante impeditivo da ampliação do entendimento de sua obra, ficando muito localizado na discussão da performatividade (que já foi retomada pela autora em obras subsequentes).

Outro ponto identificado é o fato de que a maioria das referências é de obras traduzidas e/ou escritas em português. Entendendo que o conhecimento de um ou mais idiomas estrangeiros é pré-requisito para o ingresso em programas de pós-graduação e que o acesso a obras publicadas em outros países tem sido facilitado devido à internet, fica o questionamento do motivo pelo qual a pesquisa científica, no geral, mantém-se limitada ao mercado editorial nacional.

O grafo abaixo apresenta a incidência das citações nas pesquisas analisadas, organizadas a partir das categorias de análise. Há autoras e autores que estão presentes apenas em uma única categoria, cuja representação está presente nas concentrações externas do grafo. Na área central da imagem estão concentradas as autoras e autores com o maior número de citações, encontradas em mais de uma categoria. As principais ocorrências estão destacadas e listadas na legenda da imagem.<sup>143</sup>

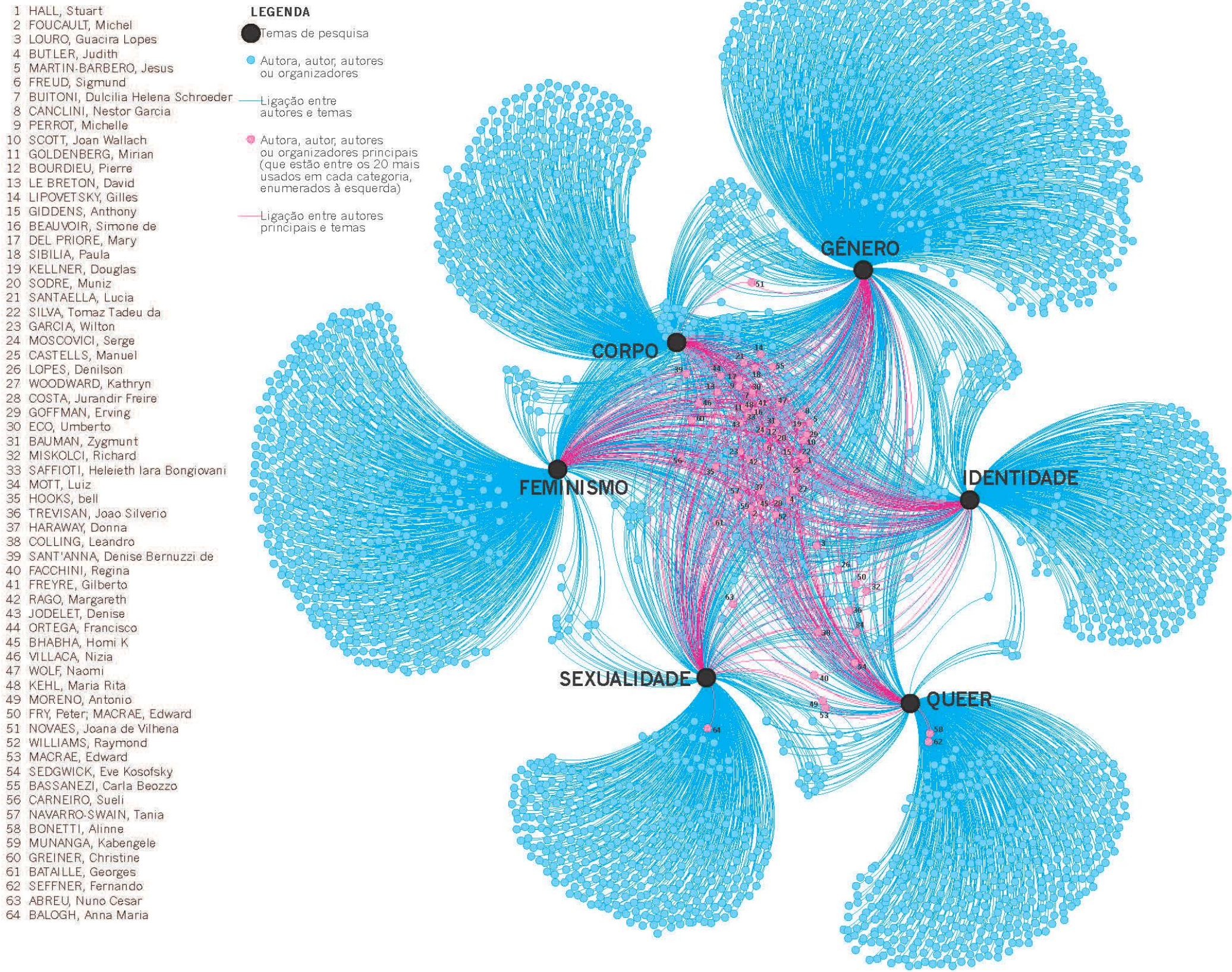
---

<sup>142</sup> A citação de autoras e autores que abordam questões raciais é predominante em pesquisas que falam sobre pessoas negras (7 pesquisas classificadas na categoria Identidade). No geral não há debate sobre raça e/ou classe social nas demais pesquisas.

<sup>143</sup> A descrição dos procedimentos para elaboração do grafo está disponível no Apêndice 5.



INFOGRÁFICO 7<sup>144</sup>





A partir da discussão apresentada neste capítulo, conclui-se que, apesar da amplificação de produções teóricas sobre gênero e sexualidade no campo da Comunicação, a maior parte destes estudos apresenta uma visão conservadora da temática, sem pensar nas imbricações possíveis e na necessária desestabilização do campo. Isto resulta em uma produção docilizada, pacificada, que perde muito do seu caráter radical ao não ameaçar os saberes canônicos vigentes e não provocar uma reflexão mais próxima da que acontece nas ruas, nas redes sociais e, inclusive, em outros campos científicos. Da mesma forma, entende-se que, ao não descolonizar os debates de gênero e sexualidade, o campo da Comunicação Social tende a continuar influenciando a reprodução de estereótipos, principalmente no mercado publicitário e jornalístico.

A análise desenvolvida neste capítulo compõe a discussão proposta na tese ao apresentar o referencial teórico que embasa as análises presentes nos outros capítulos e também ao estabelecer um diagnóstico da produção acadêmica sobre gênero e sexualidade na Comunicação Social.<sup>145</sup> As críticas apontadas pretendem propor uma reflexão sobre como o campo teórico da Comunicação contribui para a manutenção ou transformação de estereótipos e discursos. Da mesma forma, entendendo que a produção científica se faz dentro da cultura *mainstream*, a proposta desta discussão também pretende localizar e refletir sobre as tensões presentes no fazer científico.

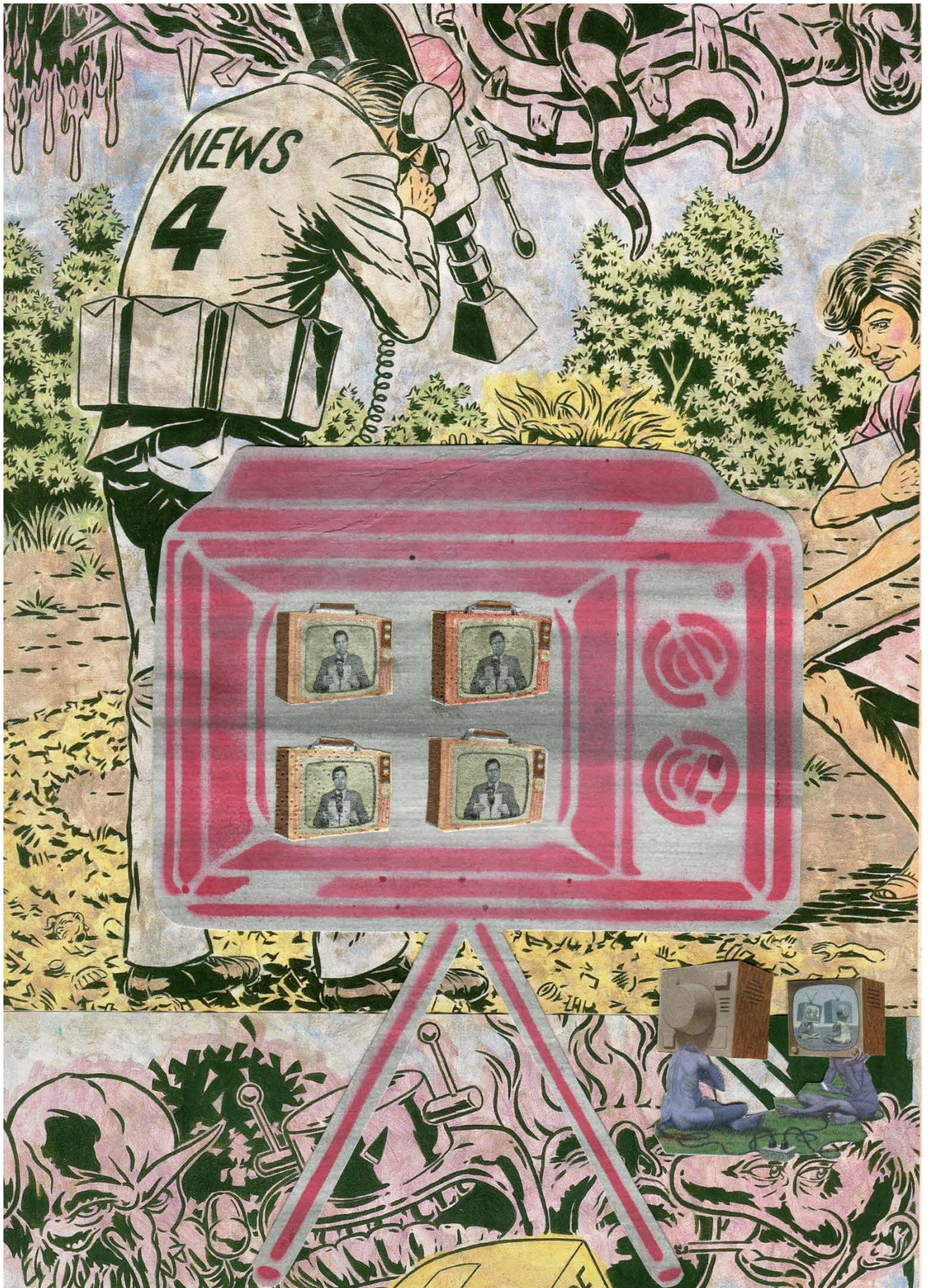
Entende-se aqui, a partir de Castro-Gomez (2005), que a produção de uma teoria crítica da sociedade deve passar, obrigatoriamente, pelo desvelamento dos mecanismos de produção de diferenças e opressões. Faz-se necessária, portanto, a superação de categorias binárias, entendendo que elas configuram formas estanques de pensar e perceber o mundo e que, no caso dos grupos subalternos, contribuem para a manutenção da sujeição e exclusão. O diagnóstico estabelecido neste capítulo pretende contribuir com iniciativas de mudança deste cenário, visando motivar a pesquisa em Comunicação Social a refletir sobre o lugar secundário que o gênero, o feminismo e as

---

<sup>145</sup> Entende-se que esse diagnóstico é um recorte localizado, pois não inclui a análise dos grandes eventos da área, nem especifica as análises referentes aos campos do Jornalismo e da Publicidade, por exemplo. Uma primeira iniciativa de discussão sobre a pesquisa de gênero e sexualidade na Publicidade pode ser encontrada em Heck e Nunes (2016; 2017a; 2017b).

subalternidades ocupam em seus quadros teórico-metodológicos, buscando abrir espaço para a contestação do *status quo* também dentro da academia.







## 2 “WINNING HEARTS AND MINDS”<sup>146</sup>: *MAINSTREAM* - UMA TEORIA DA TENDÊNCIA DOMINANTE

A sociedade contemporânea se consolidou a partir de estruturas de poder articuladas historicamente, as quais estabeleceram formas de organização dominantes no mundo ocidental: o Estado democrático de direito, a família nuclear, o Cristianismo, o sistema capitalista industrial, a urbanização, a comunicação midiática, o heteropatriarcado. A análise das instituições e formas de organização social e cultural indicam uma marcha inexorável baseada no “destino manifesto”<sup>147</sup> da humanidade a qual, natural e essencialmente, tem conduzido os seres humanos ao progresso da civilização.

Segundo esta narrativa linear, o tempo histórico é o fio condutor das ações de “grandes homens” aventureiros que, aliados às maiores mentes de cada época histórica, venceram todos os obstáculos para desbravar o desconhecido e dominar a natureza, estabelecendo uma ordem social normatizada por leis, práticas e saberes que permitiram deixar no passado os traços de barbárie, ignorância e obscurantismo. Este discurso está presente nos livros de história, nos códigos jurídicos e nos produtos midiáticos, entre outros, com a finalidade de apaziguar e domesticar outras formas possíveis de existir e estar no mundo.

O discurso hegemônico moderno colocou em curso uma forma de civilização que compreende desde aspectos culturais da vida privada até características do progresso social, com a finalidade de promover “o abrandamento dos costumes, educação dos espíritos, desenvolvimento da polidez, cultura das artes e das ciências, crescimento do comércio e da indústria, aquisição das comodidades materiais e do luxo.” (STAROBINSKY, 2001, p. 14).

Mas, acima de tudo, esse modelo de civilização “expressa a consciência que o Ocidente tem de si mesmo”, o motivo pelo qual a sociedade ocidental se considera

---

<sup>146</sup> “Conquistar corações e mentes”

<sup>147</sup> “[The American claim] is by the right of our manifest destiny to overspread and to possess the whole of the continent which Providence has given us for the development of the great experiment of liberty and federative self-government entrusted to us.” (MERK, 1995, p. 31-32). A expressão “destino manifesto” refere-se ao expansionismo e imperialismo estadunidense, mas foi utilizada aqui em referência ao *modus operandi* imperialista ocidental.

superior às sociedades mais antigas ou menos desenvolvidas, pois representa “o nível da *sua* tecnologia, a natureza de *suas* maneiras, o desenvolvimento de *sua* cultura científica ou visão de mundo e muito mais.” (ELIAS, 1994, p. 23, *grifos do autor*).

É possível perceber, nesta autovisão ocidental, a ideia docilizante que naturaliza o adestramento e a suavização das personalidades, resultando em um controle dos impulsos enquanto caminho rumo ao progresso. Há, nesta concepção de civilização, uma consequente oposição à barbárie, visto que para os intelectuais europeus modernos os bárbaros não seriam apenas os povos não-europeus, colonizados, mas também a classe trabalhadora e periférica que habitava as grandes cidades. A tarefa de civilizar tornou-se, então, a tarefa de educar essa população, pois apenas quando todas as sociedades alcançassem o desenvolvimento o mundo se tornaria plenamente civilizado.

Cabe ressaltar que a missão civilizadora se realiza por meio da violência, seja ela física, psicológica, simbólica, patrimonial ou institucional. Há um caminho a ser trilhado rumo à modernidade que inclui a obrigação moral de desenvolver “os mais primitivos, bárbaros, rudes”, sendo fundamental o papel do “herói civilizador [que] reveste a suas próprias vítimas da condição de serem holocaustos de um sacrifício salvador.” (DUSSEL, 2005, p. 13). Salvar povos e sujeitos da sua condição de atraso gera um inevitável sofrimento e, na maioria das vezes, resistências. Estas devem ser sumariamente eliminadas, pois o fim maior a ser alcançado é a emancipação civilizatória.

Para Edgardo Lander (2005, p. 12-13), a dimensão colonial e imperialista de submissão de povos e grupos sociais resultou na hegemonia do projeto liberal. A colonização, a escravidão, o trabalho nas fábricas e a ruptura com antigas formas de vida e de comunidade tornaram-se “um regime de disciplina e normatização” que gerou “uma profunda transformação dos corpos, dos indivíduos, das formas sociais.” A sociedade liberal tornou-se “a forma mais avançada e normal de existência humana”, promovendo uma

*naturalização das relações sociais*, a noção de acordo com a qual as características da sociedade chamada moderna são a expressão das tendências espontâneas e naturais do desenvolvimento histórico da

sociedade. A sociedade liberal constitui - de acordo com esta perspectiva - não apenas a ordem social desejável, mas também a única possível. Essa é a concepção segundo a qual nos encontramos numa linha de chegada, sociedade sem ideologias, modelo civilizatório único, globalizado, universal, que torna desnecessária a política, na medida em que já não há alternativas possíveis a este modo de vida. (LANDER, 2005, p. 12).

Desta forma, diante do avanço histórico, diversos grupos sociais foram sendo sujeitados e hierarquizados: povos nativos colonizados, povos africanos escravizados, classe proletária, mulheres, dissidentes sexuais e de gênero. Estes sujeitos subalternizados foram chamados, então, de “minorias”<sup>148</sup> e colocados no seu devido lugar: o de quem não tem acesso às esferas de poder. A sociedade moderna liberal passou, então, a se organizar a partir das estruturas de poder que naturalizaram as desigualdades e estabeleceram um relato mítico e ficcional do desenvolvimento humano. Este relato tornou-se hegemônico e, a partir da industrialização e do surgimento dos meios de comunicação de massa, global. Estabeleceu-se como *mainstream* e passou a organizar a vida por meio de dispositivos discursivos.

Este capítulo desenvolve o percurso histórico de organização de saberes e práticas estabelecidas por meio do conhecimento acadêmico, do discurso midiático e do sistema capitalista, com a finalidade de desenvolver uma “teoria da tendência dominante”, entendida enquanto forma de manutenção do *status quo*. A proposta apresentada aqui parte do pressuposto de que toda “teoria é uma visão de mundo”<sup>149</sup>, uma maneira de perceber a realidade e os objetos de estudo.

<sup>148</sup> Para Muniz Sodré (2005, p. 11-12), “a noção contemporânea de minoria [...] refere-se à possibilidade de terem voz ativa ou intervirem nas instâncias decisórias do Poder aqueles setores sociais ou frações de classe comprometidos com as diversas modalidades de luta assumidas pela questão social.” Para compreender a crítica ao conceito de minoria, entende-se, a partir de Koselleck (2006, p. 192-193), que um “conceito serve não apenas para indicar unidades de ação, mas também para caracterizá-las e criá-las. Não apenas indica, mas também constitui grupos políticos ou sociais.” Neste sentido, há conceitos que se estabelecem como “conceitos opostos assimétricos”, pois se constituem como “conceitos binários com pretensões universais.” O conceito de minoria, ou de grupos minoritários, se estabelece, dessa forma, em oposição ao de maioria, sendo compreendido como um grupo social inferior, excluído e marginalizado. Além disso, outra questão importante se encontra no fato de que, para o senso comum, o termo “minoria” remete a uma noção quantitativa e não a uma desigualdade em termos de acesso ao poder político, o que gera uma leitura equivocada do conceito.

<sup>149</sup> “[...] *Theorein*, a palavra grega para ‘teoria’ relaciona-se literalmente à ‘ação de contemplar’. No latim, contemplar refere-se ao ato de examinar profunda e atentamente algo. Remete também a esse entrecruzamento etimológico à possibilidade de dizermos, nos dias de hoje, que uma determinada teoria ‘contempla’ este ou aquele assunto. Os antigos gregos costumavam ainda estabelecer uma distinção entre a *theoria*, que remetia à já referida ‘contemplação’, e a *práxis*, que remetia à ‘ação’ propriamente dita [...]. Acompanhando esta divisão entre a Teoria e a Práxis, ‘teorizar’ chegou

A “teoria” [...] se desenrola a partir de um padrão discursivo, argumentativo, no qual vamos a cada novo momento encaixando uma coisa na outra ou interconectando pensamentos, ao mesmo tempo em que buscamos demonstrar esses pensamentos passo a passo – seja a partir da comprovação de informações através dos materiais e impressões que temos à disposição, seja a partir de inferências que podemos estabelecer a partir desses mesmos materiais ou de consequências dos próprios pensamentos que formulamos antes.[...]. (BARROS, 2011, p. 53).<sup>150</sup>

Assim, a defesa de uma “teoria da tendência dominante” se baseia na noção de “baixa teoria” de Jack Halberstam (2011), pensada enquanto um conhecimento teórico elaborado não com a finalidade de explicar, mas de envolver, abrindo espaço para o não planejado e o não esperado. Elaborar uma “baixa teoria” pressupõe pensar a teoria a partir das experiências, fugindo de modelos herméticos e estanques, numa recusa a confirmar as hierarquias do conhecimento da “alta teoria”.

Se “a teoria é sempre um desvio no caminho para algo mais importante” (HALL, 1997, p. 42)<sup>151</sup>, é importante pensar que há conceitos e princípios que podem ser produzidos para operar explicitamente “em níveis mais baixos”. Assim, uma teoria orientada de forma prática e ativista torna-se um ato político de escape de fórmulas e pensamentos abstratos desenvolvidos em prol de um projeto filosófico neutro.<sup>152</sup> Portanto, o que se pretende neste capítulo é promover o estranhamento da teoria, apontando como se estabelece a tendência dominante e, principalmente, indicando outros caminhos de análise possíveis que não os já estabelecidos e consolidados.

## 2. 1 “O HOMEM É A MEDIDA DE TODAS AS COISAS”<sup>153</sup>: A ORDEM DO CONHECIMENTO

---

também a significar, entre os gregos, a dedicação exclusiva ao conhecimento e à sabedoria.” (BARROS, 2011, p. 24).

<sup>150</sup> Para o autor a teoria pode ser abordada em três níveis: como um campo de estudos; como um conjunto de modelos e sistemas explicativos para a compreensão de fenômenos; e como uma forma de apreender a realidade. (BARROS, 2011).

<sup>151</sup> “[...] what I am going to do first is to return to the question of identity and try to look at some of the ways in which we are beginning to reconceptualize that within contemporary theoretical discourses. I shall then go back from that theoretical consideration to the ground of a cultural politics. Theory is always a detour on the way to something more important.”

<sup>152</sup> Halberstam (2011) formula a sua proposta de uma “baixa teoria” a partir de Stuart Hall e da sua análise sobre as críticas à produção teórica de Antonio Gramsci.

<sup>153</sup> PROTÁGORAS (*apud* MARCONDES, 2005, p. 141).



A história humana é também uma história da padronização. A uniformização exigida pela vida em sociedade é a grande marca do processo civilizador pelo qual a humanidade passou desde o seu surgimento. Este processo teve início com a fixação dos grupos humanos, durante o período Neolítico, e o surgimento das primeiras instituições sociais: a família, a religião, a propriedade privada e o Estado.

A invenção da escrita pode ser considerada como um dos mais importantes marcos dessa padronização, responsável pela definição do tempo e da ciência histórica. Outra questão a ser ressaltada é o fato de que o desenvolvimento da escrita é fruto da invenção do dinheiro.<sup>154</sup>

Chegou-se à escrita por razões essencialmente econômicas. Os produtos da terra eram postos em circulação e uma grande parte deles acabava como tributo ao deus da cidade. Portanto, eis que surge a necessidade de um sistema de controle e de contabilidade, que foi gerenciado pela poderosa casta dos sacerdotes. (GIOVANINNI, 1987, p. 29).

A escrita, assim como o dinheiro, tornou-se a marca da história, da civilização, do conhecimento. Contabilidade, aritmética, linguagem, sistemas de escrita são funções do hemisfério esquerdo do cérebro, os quais fixaram os parâmetros neurológicos do cérebro “[...] O alfabeto influencia a nossa relação com o tempo e com o espaço. Por exemplo, no espaço visual ocidental, o passado está à esquerda e o futuro é o lugar para onde corre a escrita, para a direita.”. Desta forma, o desenvolvimento do alfabeto alterou os enquadramentos de percepção do mundo e, “a longo prazo, isto conduziu à dependência tipicamente ocidental da racionalidade e da racionalização de toda a experiência, incluindo a percepção do espaço.” (KERCKHOVE, 2009, p. 39-44).

O desenvolvimento da palavra escrita e do alfabeto influenciaram a primazia dos processos racionais em detrimento de outras formas de compreender o mundo. Da mesma forma, estabeleceram uma classe letrada que logo assumiu um lugar de poder nas sociedades arcaicas em formação. O surgimento da filosofia, na Grécia antiga, está

---

<sup>154</sup> As primeiras placas dinheiro, feitas em argila e usadas para fins monetários, foram adaptadas e deram origem a um padrão de representação dos sons da língua. “Assim foi criado o primeiro silabário, um sistema conhecido por cuneiforme, que teve uma influência importante no desenvolvimento do alfabeto fenício e depois também no grego e romano.” (KERCKHOVE, 2009, p. 43).

ligado a esse processo e demonstra de que maneira a uniformização do conhecimento e de diferentes visões de mundo, estabelecida pelas hierarquias civilizacionais, resultou na supremacia do pensamento ocidental.

Sabe-se que o desenvolvimento da linguagem permitiu que os povos antigos estabelecessem explicações para os fenômenos naturais do mundo que os cercava. A principal delas foi o pensamento mítico, uma narrativa das origens do cosmo, da natureza e da realidade baseada na ação de entidades sobrenaturais. Nos mitos, as ações humanas e o desenvolvimento da história são explicados pela interferência de entidades divinas, sejam deuses ou forças da natureza. “São os deuses, os espíritos, o destino que governam a natureza, o homem, a sociedade. Os sacerdotes, os rituais religiosos, os oráculos servem como intermediários, pontes entre o mundo humano e o mundo divino.” (MARCONDES, 2005, p. 20).

Transformações na estrutura política grega resultaram em um processo de secularização da sociedade. As cidades-estado, o desenvolvimento do comércio, as viagens marítimas, a nova vida urbana, a invenção da moeda e da escrita favoreceram o surgimento do pensamento filosófico-científico grego. Para os primeiros filósofos, a chave da explicação do mundo, da realidade e das experiências não estaria fora do mundo, no sobrenatural, mas no próprio mundo. Passou-se a buscar uma explicação racional da realidade, a partir da observação dos fenômenos naturais. A aritmética, a geometria, a meteorologia e a astronomia se estabelecem como base para o pensamento filosófico grego.

A observação que o homem fez das grandes regularidades astronômicas não apenas o munuiu de um modelo para a introdução da ordem em sua vida, mas também lhe forneceu os primeiros pontos de partida para proceder desse modo. A ordem é uma espécie de compulsão a ser repetida, compulsão que, ao se estabelecer um regulamento de uma vez por todas, decide quando, onde e como uma coisa será efetuada, e isso de tal maneira que, em todas as circunstâncias semelhantes, a hesitação e a indecisão nos serão poupadas. Os benefícios da ordem são incontestáveis. (FREUD, 1974, p. 113).

O pensamento filosófico grego – e toda a cultura clássica greco-romana – mantêm-se, nos dias de hoje, como fundamento de tradição da cultura ocidental. Esta permanência pode ser percebida nas formas hegemônicas de conhecimento, de organização política e de visão de mundo que irão nortear o desenvolvimento

teleológico da civilização. A filosofia, ao privilegiar a interpretação racional do mundo estabelece, também, uma hierarquia de saberes que irá elevar o filósofo - pensador, intelectual – a um status de pleno detentor do conhecimento.

IMAGEM 6<sup>155</sup>



A alegoria da caverna de Platão é bem específica neste sentido: o filósofo é aquele que se liberta da ilusão da caverna, que ascende e contempla a verdade e o ser. Ao contemplar a realidade e atingir o saber, o filósofo encontra uma missão: a de guiar os outros rumo ao conhecimento.

Aquele que se liberta das ilusões e se eleva à visão da realidade é o que pode e o que deve governar para libertar os outros prisioneiros das sombras: é o filósofo-político, aquele que faz de sua sabedoria um instrumento de libertação de consciências e de justiça social, aquele que faz da procura da verdade uma arte de prestidigitação, um desilusionismo. (PESSANHA, 1991, p. XXI).

O papel do filósofo-político, o detentor do saber, desenvolveu-se ao longo da história ocidental de diferentes maneiras. A primeira delas diz respeito ao próprio saber filosófico-científico, com o pensamento medieval. A segunda está na crescente

<sup>155</sup> Meme da página “Filosofia Moderna”. Fonte: <https://goo.gl/vFovQk>

constituição da “República das Letras”<sup>156</sup>, que estabeleceu um lugar de segundo plano para os conhecimentos que não advêm da palavra escrita.<sup>157</sup>

Com o colapso do império romano, a Igreja Católica tornou-se a principal instituição medieval e concentrou a circulação e produção do conhecimento letrado.<sup>158</sup> A busca pela hegemonia da fé cristã resultou na perseguição a grupos pagãos, hereges, mulheres e quaisquer detentores de saberes outros que ameaçassem as estruturas de poder religiosas. O surgimento das universidades, a partir do século XII, permitiu uma nova organização dos conhecimentos e da figura do intelectual, instituindo o argumento de autoridade, “o qual utiliza atos ou juízos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas como meio de prova a favor de uma tese.” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 348). Racionalidade e fé unificam-se e, com a Escolástica, tornam-se ciência a partir da influência do pensamento grego e árabe. A sistematização do saber filosófico e teológico é incentivada pela Igreja por ser fundamental para o desenvolvimento da cultura europeia e o combate às heresias. (MARCONDES, 2005, p. 125). Neste sentido,

[...] as novas influências clássicas serviram para enriquecer e consolidar ambos os gêneros de escrita política que já haviam nascido do estudo da retórica nas primeiras décadas do século XIII, assim concorrendo para que adquirissem uma apresentação mais sofisticada, bem como um tom propagandístico mais explícito. (SKINNER, 1996, p. 60).

A cultura universitária também resultou em uma nova circulação da cultura escrita. A partir do comércio dos manuscritos, desenvolveu-se uma indústria intelectual. O estudo da retórica nas universidades baseava-se tanto no ensino das

---

<sup>156</sup> “Do século XV ao XVIII, os acadêmicos se referiam regularmente a si mesmos como cidadãos da “República das Letras” (*Respublica litteraria*), afirmação que expressava a sensação de pertencerem a uma comunidade que transcendia as fronteiras nacionais.” (BURKE, 2003, p. 26).

<sup>157</sup> Peter Burke analisa a pluralidade de conhecimentos e ressalta a importância das “práticas não verbais – construir, cozinhar, tecer, curar, caçar, cultivar a terra, etc. [...]”, bem como do know-how cultivado “por outros grupos como burocratas, artesãos, camponeses, parteiras e curandeiros.” (BURKE, 2003, p. 21).

<sup>158</sup> A queda do império romano resultou em uma fragmentação política, cultural e linguística, num cenário de instabilidade social e econômica. “Durante esse período, a Igreja foi a única instituição estável e a principal e quase exclusiva responsável pela educação e pela cultura. Foi nas bibliotecas dos mosteiros que se preservaram os textos da Antiguidade clássica greco-romana. (MARCONDES, 2005, p. 115).

regras quanto na leitura de autores clássicos e deu origem a uma forma de ideologia política que influenciou o pensamento da Renascença.

A escolástica se alimenta de textos. Trata-se de um método de autoridade, que se apoia sobre uma dupla base das civilizações precedentes: o Cristianismo e o pensamento antigo enriquecido, como se viu, pela contribuição árabe. [...] Digere o passado da civilização ocidental. A Bíblia, os Padres, Platão, Aristóteles, os árabes são os dados do saber, os materiais de construção. [...] Os escolásticos herdaram dos intelectuais do século XII o sentido agudo do progresso necessário e inelutável da história e do pensamento. (LE GOFF, 2006, p. 118).

Este sentido de progresso materializou-se durante o Renascimento<sup>159</sup> e o início dos “tempos modernos”<sup>160</sup>. A modernidade dos séculos XV e XVI se formou a partir de uma série de transformações políticas, econômicas, sociais e culturais que culminam na formação dos Estados modernos, grandes navegações, reforma protestante, imprensa e desenvolvimento do sistema capitalista. A organização do Estado absolutista permitiu a formação de “exércitos regulares, uma burocracia permanente, o sistema tributário nacional, a codificação do direito e os primórdios de um mercado unificado.” (ANDERSON, 1995, p. 17). O aparelho de dominação estatal estruturou-se a partir da coerção político-legal, baseado no direito romano, com a função de garantir a propriedade privada e o controle da população.<sup>161</sup>

Em termos do conhecimento, a ideia de modernidade alia-se à noção de progresso e à valorização do indivíduo. No Humanismo renascentista “o homem é um ser relativamente autónomo, que cria o seu próprio destino, luta com a sua sorte e se faz a si próprio.” (HELLER, 1982, p. 22). Neste sentido, o antropocentrismo

<sup>159</sup> “O conceito de “Renascimento” significa um processo social total, estendendo-se da esfera social e económica onde a estrutura básica da sociedade foi afectada até ao domínio da cultura, envolvendo a vida de todos os dias e as maneiras de pensar, as práticas morais e os ideais éticos quotidianos, as formas de consciência religiosa, a arte e a ciência.” (HELLER, 1982, p. 9).

<sup>160</sup> Para Reinhart Koselleck (2006), o conceito de modernidade qualifica um tempo como novo, sem informar seu conteúdo histórico, pois seu sentido só se dá em relação ao tempo passado, anterior. No mesmo sentido, Francisco Falcon (2000) entende que “cada época tende a assumir-se como *moderna* em relação à(s) época(s) anteriores. Desse modo, não há uma época que possa ser identificada como *moderna* por definição, ou seja, que exclua as demais do *direito* à modernidade.”

<sup>161</sup> Sistema jurídico romano: “o direito civil, que regulamentava as transações económicas entre os cidadãos, e o direito público, que regia as relações políticas entre o Estado e os seus súditos.” (ANDERSON, 1995, p. 26).

humanista não representou apenas uma reação ao teocentrismo medieval, mas a conquista da supremacia humana frente a natureza.

O reconhecimento da “conquista da natureza” é paralelo à descoberta do conceito de “humanidade”, que por sua vez é inseparável da ideia de *desenvolvimento* da humanidade. [...] o conceito de desenvolvimento da humanidade surge primeiro num contexto concreto, ligado à “conquista da natureza.” (HELLER, 1982, p 17).

O estabelecimento do homem como “medida de todas as coisas” se dá, neste momento, não apenas em relação à conquista da natureza, mas principalmente em relação à conquista do mundo. O desenvolvimento do pensamento científico, incipiente neste período, permite a realização de viagens marítimas que iniciaram o processo moderno, colonial e imperialista, de expansão dos domínios europeus. A conquista da América pode ser considerada como o primeiro passo de um grande processo de uniformização do mundo, na medida em que impôs para a totalidade do continente americano – a partir do sistema colonial - todos os códigos da civilização europeia: a escrita, a política estatal, a religião cristã e o comércio capitalista.

Dá-se início ao longo processo que culminará nos séculos XVIII e XIX e no qual, pela primeira vez, se organiza a totalidade do espaço e do tempo - todas as culturas, povos e territórios do planeta, presentes e passados - numa grande narrativa universal. Nessa narrativa, a Europa é - ou sempre foi - simultaneamente o centro geográfico e a culminação do movimento temporal. (LANDER, 2005, p. 10).

A organização colonial do mundo passou, então, a estruturar a constituição colonial dos saberes, das linguagens, da memória e do imaginário. As diferenças culturais passam a ser articuladas em hierarquias cronológicas, estabelecendo o eurocentrismo como padrão. (LANDER, 2005). Da mesma forma, uma epistemologia imperialista, racista e patriarcal, foi estabelecida como categoria de pensamento dominante, passou a regular os modos de vida e as formas de compreensão do mundo tanto na Europa quanto nas colônias.

O “eurocentrismo” da Modernidade é exatamente a confusão entre a universalidade abstrata com a mundialidade concreta hegemônica pela Europa como “centro”. O *ego cogito* moderno foi antecedido em mais de um

século pelo *ego conquiro* (eu conquisto) prático do luso-hispano que impôs sua vontade (a primeira “Vontade-de-poder” moderna) sobre o índio americano. (DUSSEL, 2005, p. 28).

Ao colocar a sua própria experiência como modelo de civilização, a modernidade europeia tornou-se um padrão de referência universal, um “metarrelato” consolidado como “dispositivo de conhecimento *colonial e imperial*” que estabelece o padrão “normal” da sociedade. “As outras formas de ser, as outras formas de organização da sociedade, as outras formas de conhecimento, são transformadas não só em diferentes, mas em carentes, arcaicas, primitivas, tradicionais, pré-modernas.” (LANDER, 2005, p. 13).

A racionalidade moderna tornou-se hegemônica a partir da chamada “Revolução Científica” do século XVII, que instaurou o método científico como forma de garantir a centralidade da razão na busca pelo conhecimento e pela verdade. Já no século XVIII o racionalismo moderno se desenvolve na filosofia política iluminista, a qual tem como prerrogativa a noção de “esclarecimento” como forma de libertação da ignorância rumo ao progresso humano. “Desde então, passam a ter realidade aceitável apenas os fenômenos que se reduzam à observação objetiva por parte de um sujeito e à racionalidade das leis de causa e efeito.” (SODRÉ, 2006, p. 33).

O projeto ilustrado possui uma função pedagógica e emancipadora e sua preocupação com a disseminação do saber deu origem à Enciclopédia. A obra

não era simplesmente um compêndio do pensamento político e social progressista, mas do progresso científico e tecnológico. Pois, de fato, o “iluminismo”, a convicção no progresso do conhecimento humano, na racionalidade, na riqueza e no controle sobre a natureza - de que estava profundamente imbuído o século XVIII - derivou sua força primordialmente do evidente progresso da produção, do comércio e da racionalidade econômica e científica que se acreditava estar associada a ambos. (HOBBSAWM, 1977, p. 36-37).

Esta função pedagógica e emancipadora da razão pode ser entendida como uma forma de “uniformização das consciências”, pois o discurso libertador do racionalismo esconde uma dimensão coercitiva que produz diferentes formas de dominação. Neste sentido,

a possibilidade de controle se vincula à capacidade que o sistema possui de eliminar as diferenças, reduzindo-as ao mesmo denominador comum, o que garantiria a previsibilidade das manifestações sociais. A crítica da racionalidade desvenda desta forma uma crítica do processo de uniformização. (ORTIZ, 2016, p. 206).

A sociedade contemporânea, herdeira da racionalidade iluminista, mantém o modelo de uniformização das consciências por meio dos saberes científicos. A ciência, fruto de construção teórica e da verificação empírica, estabelece “verdades” e protocolos de exercício de poder que, em última instância, contribuem com a manutenção da narrativa civilizacional da modernidade como forma de perpetuar uma ordem social naturalmente hierarquizada. As iniciativas de desconstrução dessa narrativa, proposta por grupos subalternos, tendem a ser pacificadas ou criminalizadas, garantindo a supremacia do pensamento científico. A universidade, local de produção da ciência, por excelência, se insere nesse processo e passa pelo mesmo processo de uniformização, por meio da construção de cânones e linhas teóricas hegemônicas, bem como do estabelecimento de “autoridades científicas”, cujos saberes especializados não podem ser contestados.

### 2.1.1 “Falta o vocabulário”<sup>162</sup>: o *mainstream* acadêmico

A racionalidade moderna europeia<sup>163</sup> deu origem à organização e estruturação das ciências, durante o século XIX, resultando na concepção de que a sociedade contemporânea, ao superar “velho regime absolutista, feudal, mercantilista”, estaria finalmente promovendo uma nova ordem social “industrial, capitalista, laica”. (ROSA, 2012, p. 15). O método científico, construído a partir de processos de verificação e comprovação, passou a ser a forma segura de garantir a veracidade das análises dos fenômenos naturais e sociais. A figura do “filósofo-político” foi substituída pela do

<sup>162</sup> Richard Miskolci (SESC EM SÃO PAULO, 2016).

<sup>163</sup> “Não se trata [...] de uma categoria que implica toda a história cognoscitiva em toda a Europa, nem na Europa Ocidental em particular. Em outras palavras, não se refere a todos os modos de conhecer de todos os europeus e em todas as épocas, mas a uma específica racionalidade ou perspectiva de conhecimento que se torna mundialmente hegemônica colonizando e sobrepondo-se a todas as demais, prévias ou diferentes, e a seus respectivos saberes concretos, tanto na Europa como no resto do mundo.” (QUIJANO, 2005, p. 115).



“cientista”, aquele que tem a missão de libertar o conhecimento do obscurantismo rumo ao progresso da humanidade.

O acesso à ciência, e a relação entre ciência e verdade em todas as disciplinas, estabelece uma diferença radical entre as sociedades modernas ocidentais e o restante do mundo. Dá-se, como aponta Bruno Latour, uma diferenciação básica entre uma sociedade que possui a verdade - o controle da natureza - e outras que não o têm. Este corpo ou conjunto de polaridades entre a sociedade moderna ocidental e as outras culturas, povos e sociedades, polaridades, hierarquizações e exclusões estabelece pressupostos e olhares específicos no conhecimento dos outros. (LANDER, 2005, p. 14).

O processo de afirmação do saber científico como hegemônico possibilitou que opiniões que existiam desde a Antiguidade se tornassem saberes cientificamente comprovados e garantidos pelo rigor metodológico. Tecnologias de gênero, dispositivos de sexualidade e teorias raciais tornaram-se poderosos instrumentos de controle e normatização, reforçando visões essencialistas e biologizantes que serviam ao propósito de manutenção das estruturas de poder. A ciência oitocentista foi prolífica no desenvolvimento de classificações e hierarquizações em termos da aparência dos corpos. A partir do padrão masculino, branco e heterossexual, estabeleceram-se uma série de normativas científicas enquanto marcas de inferioridade, anormalidade e abjeção. Os corpos passaram a ser, cientificamente, sexados e racializados.

A partir de seu olhar “autorizado”, diferenças entre sujeitos e práticas sexuais são inapelavelmente estabelecidas. Não é de se estranhar, pois, que a linguagem e a ótica empregadas em tais definições sejam marcadamente masculinas; que as mulheres sejam concebidas como portadoras de uma sexualidade ambígua, escorregadia e potencialmente perigosa; que o comportamento das classes média e alta dos grupos brancos das sociedades urbanas ocidentais tenha se constituído na referência para estabelecer as práticas moralmente apropriadas ou higienicamente sãs. (LOURO, 2004, p. 79).

A suposição da inferioridade feminina, preconizada desde a filosofia antiga<sup>164</sup>, ganha reconhecimento e comprovação com os estudos científicos. Do modelo metafísico unitário da mulher como uma versão imperfeita do homem surge, no século

<sup>164</sup> A obra *O que os filósofos pensam sobre as mulheres*, organizada por Maria Lúzia Ribeiro Ferreira (2010), reúne artigos que exploram a obra de filósofos como Platão, Aristóteles, Descartes, Rousseau e Kant, analisando de que maneira abordam a questão da mulher. É recorrente a opinião de que a inferioridade do sexo feminino justifica a subordinação da mulher ao homem.

XIX, um modelo de diferença sexual no qual o dimorfismo indica a oposição feminina frente ao masculino, sendo então a mulher não mais um homem imperfeito, mas o oposto do homem.<sup>165</sup>

A visão dominante, ainda que de forma alguma universal, desde o século dezoito tem sido a de que há dois sexos opostos, estáveis, incomensuráveis, e que a vida política, econômica e cultural dos homens e mulheres, seus papéis de gênero, são de alguma forma baseados nesses “fatos”. A biologia – o corpo sexualizado, estável e ahistórico – é aceita como a fundação epistêmica para as declarações prescritivas sobre a ordem social. (LAQUEUR, 1990, p. 6).<sup>166</sup>

Aos papéis sociais de gênero, naturalizados em um processo científico biologizante, soma-se a ciência sexual que passa a definir a sexualidade como “um domínio penetrável por processos patológicos, solicitando, portanto, intervenções terapêuticas ou de normalização.” (FOUCAULT, 1988, p. 67). A formação de discursos de verdade sobre o sexo passa a atuar como instrumento de controle populacional e de regulação social, caracterizando a sexualidade como um dispositivo histórico no qual

[...] a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder. (FOUCAULT, 1988, p. 100).

Da mesma forma, as teorias raciais se desenvolvem a partir da introdução do conceito de raça nos estudos científicos<sup>167</sup>, dentro do processo mais amplo de

---

<sup>165</sup> Thomas Laqueur (1990) explica que desde a antiguidade o corpo feminino era entendido como um corpo masculino imperfeito, visto que a mulher teria internamente o mesmo aparelho reprodutor que o do homem, sendo este externo e perfeito. A vagina seria um pênis interno, o útero seria o saco escrotal e os ovários os testículos. Essa concepção durou até o século XIX, quando, a partir do desenvolvimento da medicina e da biologia, os corpos masculino e feminino passam a ser diferenciados, explicando a natureza mais “passiva e conservadora das mulheres” e mais “ativa e enérgica” dos homens.

<sup>166</sup> “The dominant, though by no means universal, view since the eighteenth century has been that there are two stable, incommensurable, opposite sexes and that the political, economic, and cultural lives of men and women, their gender roles, are somehow based on these “facts.” Biology-the stable, ahistorical, sexed body-is understood to be the epistemic foundation for prescriptive claims about the social order.”

<sup>167</sup> Segundo Lilia Schwarcz (1993), Georges Cuvier inaugurou, no século XIX, a ideia da existência de heranças físicas permanentes entre os vários grupos humanos.

classificação e ordenação dos sujeitos. Ao longo de todo o século XIX estabeleceram-se protocolos de interpretação biológica para a análise dos comportamentos, como a frenologia, a antropometria e a antropologia criminal, desenvolvendo um modelo determinista a partir de

teorias que passavam a interpretar a capacidade humana -tomando em conta o tamanho e proporção do cérebro dos diferentes povos. Simultaneamente, uma nova *craniologia técnica*, que incluía a medição do índice cefálico [...], facilitou o desenvolvimento de estudos quantitativos sobre as variedades do cérebro humano. (SCHWARCZ, 1993, p. 47-48).

Estes saberes científicos sobre gênero, sexualidade e raça se estabeleceram a partir do monopólio da verdade e do controle da natureza, sendo este monopólio construído a partir de objetos e metodologias específicos, estabelecidos nos centros de pesquisa e nas universidades. Os procedimentos científicos que “incluem a exploração, a observação, o levantamento e a experimentação, para não citar a aquisição, a pilhagem” (BURKE, 2012, p. 22) se estruturaram como forma de coleta de dados e informações que iriam configurar as bases do conhecimento científico. Este processo, ainda nos dias de hoje, pressupõe uma escolha – política - que irá revelar o que pode ser considerado ciência ou não.

Este aspecto político não está apenas localizado no conteúdo da ciência, mas no próprio acesso aos locais de produção do saber científico. Desde o seu surgimento, as universidades têm se configurado como um espaço restrito. Ainda na Idade Média houve uma iniciativa de estabelecer “o meio universitário como uma casta” aristocrática (LE GOFF, 2006, p. 156), instaurando uma série de símbolos e ritos de distinção que, em boa medida, mantêm-se ainda nos dias de hoje. Há toda uma simbologia que compõe os rituais universitários – becas, chapéus, canudos, anéis, emblemas, bancas – enquanto marca de distinção.

Entende-se que esta simbologia alimenta não apenas as hierarquias de saber – como titulações, cargos e conhecimentos válidos – mas também as relações de poder presentes nas diferentes instâncias da organização universitária. Há um capital simbólico (BOURDIEU, 2013) que produz a primazia da ciência produzida na academia, que exclui a participação de sujeitos subalternos e os relega ao lugar de

“objeto de estudo”, mas não de “sujeito” enquanto produtores do saber para si e sobre si.

Todo conhecimento, seja ele científico ou ideológico, só pode existir a partir de condições políticas que são as condições para que se formem tanto sujeito quanto os domínios de saber. A investigação do saber não deve remeter a um sujeito do conhecimento que seria a sua origem, mas a relações de poder que lhe constituem. Não há saber neutro. Todo saber é político [...] porque todo saber tem sua gênese nas relações de poder. (MACHADO, 2004, p. XXI).

Neste sentido, percebe-se que a exclusão histórica de mulheres, pessoas negras, indígenas, dissidentes sexuais e de gênero, periféricas, com deficiência, entre outras, dos espaços de produção do saber tem condicionado a sua condição de não portadoras das prerrogativas – cognitivas, sociais e culturais - necessárias para adentrar as universidades. O debate sobre as ações afirmativas<sup>168</sup> de cotas de vagas para cursos universitários no Brasil, iniciado há algumas décadas, exemplifica como se dão os embates de poder promovidos pela classe pesquisadora.

A análise de artigos e matérias publicados na grande mídia, nos últimos anos, revela que a tônica das críticas à política de cotas se concentra na questão da ameaça à excelência da pesquisa, pois a inserção de estudantes que não possuem uma sólida formação na educação básica – e que, portanto, necessitariam de cotas – poria em risco a possibilidade de que as universidades de pesquisa, ou de “classe mundial”, cumpram a sua missão de alimentar “o desenvolvimento de uma nação através da pesquisa de ponta.” (AULER JÚNIOR, 2013). A noção de que a universidade tem uma função social que ultrapassa os limites do ensino e da pesquisa e se concentra na missão de possibilitar a inserção do país no “sistema internacional” é amplamente difundida entre docentes do ensino superior, que reforçam processos de hierarquização – de saberes e de sujeitos – com a finalidade de manter padrões de excelência. Estas pessoas defendem que

A qualidade da formação da elite de um país diz muito sobre a posição relativa do mesmo no sistema internacional. Quando bem formados, os

---

<sup>168</sup> “[...] as ações afirmativas constituem-se como medidas concretas que viabilizam o direito à igualdade, com a crença de que a igualdade se deve moldar no respeito à diferença e à diversidade.” (SANTOS, 2009, p. 54).

quadros de elite conseguem cumprir a função social que lhes cabe: apontar rumos para toda a sociedade. Quando despreparados, eles atrapalham o desenvolvimento da coletividade à qual, em tese, deveriam estar servindo. (SPEKTOR, 2016).

Fica evidente, neste trecho, a ideia de que o papel social da elite é o de liderar e “apontar os rumos da sociedade”, cumprindo a sua tarefa redentora – baseada na superioridade – de proporcionar o “desenvolvimento da coletividade”. Essa noção se inscreve em uma visão colonial que pressupõe que as carências e deficiências da produção científica brasileira têm que ser superadas com a finalidade de inscrever o Brasil em um “padrão civilizatório que é simultaneamente *superior e normal*.” Neste sentido, o modelo das sociedades ocidentais desenvolvidas constitui

a imagem de futuro para o resto do mundo, o modo de vida ao qual se chegaria naturalmente não fosse por sua composição racial inadequada, sua cultura arcaica ou tradicional, seus preconceitos mágico-religiosos ou, mais recentemente, pelo populismo e por Estados excessivamente intervencionistas, que não respondem à liberdade espontânea do mercado. (LANDER, 2005, p. 14).

Para Castro-Gomez (2005, p. 84), a colonialidade do poder e a colonialidade do saber localizam-se na mesma matriz genética, pois “o imaginário do progresso, de acordo com a qual todas as coisas progredem no tempo de acordo com leis universais inerentes à natureza ou ao espírito humano” representa um produto ideológico enquanto dispositivo de poder. Percebe-se, portanto, a força desse imaginário na concepção da universidade enquanto espaço meritocrático de excelência, que deve ser protegido dos perigos oriundos da possibilidade da presença de grupos subalternos que contaminariam e subverteriam a lógica da colonialidade do saber.

Infelizmente, o argumento da missão social da elite como liderança intelectual já faz parte do senso comum e ajuda a dificultar o processo de acesso às universidades de pessoas que não fazem parte desta elite. Outro aspecto importante a ser ressaltado é o fato de que a presença de grupos subalternos ameaça as prerrogativas de superioridade da própria classe docente. Além da preocupação com a “qualidade” do ensino e pesquisa, desestabilizada pela presença de pessoas que não “deveriam estar

ali”, pois não têm formação para tal, há também uma ameaça ao próprio lugar de poder exercido por doutoras e doutores nas universidades.

Sendo responsáveis pela manutenção da excelência acadêmica, estas pesquisadoras e pesquisadores se investem da prerrogativa de ocupar um espaço de privilégio – intelectual e simbólico – que precisa ser conservado. Durante o período de pesquisa e elaboração desta tese foi possível observar inúmeras situações nas quais os (micro)poderes presentes nas relações acadêmicas foram mais do que evidenciados, tornando-se gritantes.<sup>169</sup> Para evidenciar estas situações, foram selecionados dois exemplos que, por possuírem registro midiático, não dependem de um relato pessoal.

A primeira situação ocorreu no evento “I Seminário Queer: cultura e subversão das identidades”, realizado no ano de 2015, em São Paulo.<sup>170</sup> O evento contou com a participação de Judith Butler<sup>171</sup>, como principal conferencista, e de mesas redondas compostas por nomes importantes dos estudos queer brasileiros.<sup>172</sup> A mesa de encerramento, composta por Richard Miskolci e Larissa Pelúcio, foi dedicada à discussão sobre “Contra-hegemonias – os estudos queer entre os saberes insurgentes”<sup>173</sup>. As perguntas enviadas pela plateia ao final das falas questionaram a ausência de pessoas “das chamadas minorias” – raciais, sexuais, de gênero, etc. - num evento organizado para falar sobre essas pessoas.<sup>174</sup> Em sua resposta, Miskolci evoca a discussão de Gayatri Spivak sobre a possibilidade de fala de pessoas subalternas e afirma que “o subalterno não pode falar não porque não tem voz, você pode trazer, às vezes, pessoas e dar o microfone pra elas, **falta o vocabulário.**” (SESC EM SÃO PAULO, 2016, *grifo nosso*).

Ao afirmar que “falta o vocabulário” para que pessoas subalternas possam ocupar espaços de produção de conhecimento, o pesquisador reitera a noção de que é

<sup>169</sup> Além dos exemplos citados aqui, há um amplo registro na mídia sobre casos de racismo, sexismo e assédio (moral e sexual) praticados por docentes nas universidades brasileiras.

<sup>170</sup> Mesmo que a minha análise tenha sido fortemente influenciada pela participação no evento e pelas impressões formuladas *in loco*, optei por descrever uma situação que está presente nos vídeos das palestras e podem, portanto, ser verificadas e confrontadas. Para saber mais sobre os debates gerados pelas falas no seminário. (<https://goo.gl/ZxYCGW>).

<sup>171</sup> <https://goo.gl/q245KL>

<sup>172</sup> Com destaque para a participação de Marie-Helène/Sam Bourcier, da França, que compôs a mesa “Gênero e Sexualidade” juntamente com Berenice Bento e Marcia Tiburi.

<sup>173</sup> <https://goo.gl/VwUZRH>

<sup>174</sup> A transcrição das perguntas e da resposta de Richard Miskolci está disponível no Anexo 1.

preciso um saber específico – científico – organizado por meio de um vocabulário específico – acadêmico – para que esta presença seja viável e válida. Entende-se, então, que essas pessoas (no caso: transgênero e negras) não são qualificadas para falarem sobre suas próprias experiências e saberes, pois não comungam dos códigos discursivos exigidos para a ocupação destes espaços. Esta noção reforça a colonialidade do saber na medida em que reitera um processo de hierarquização que perpetua a exclusão, impedindo que pessoas produzam e expressem seus próprios saberes, inclusive em situações (eventos e pesquisas) que discutem questões relativas à subalternidade.

A segunda situação refere-se ao texto de uma postagem de um professor universitário, no Facebook. Ao abordar a aprovação de pessoas subalternas – negras e/ou dissidentes sexuais e de gênero – em programas de pós-graduação de universidades públicas brasileiras, o autor emite uma crítica às possíveis leituras meritocráticas, neoliberais, de que a aprovação seria o resultado de esforços individuais, e ressalta a importância de políticas públicas de inclusão social e educacional. No entanto, destaca a importância do papel de pesquisadoras e pesquisadores que, dentro da “torre de marfim” da universidade, estão atuando junto aos movimentos sociais e, portanto, possibilitando estas mudanças. Ou seja, o acesso à pós-graduação não é mérito individual das pessoas subalternas (que venceram obstáculos para chegarem lá), mas resultado de uma série de fatores que incluem o mérito individual de quem já ocupa as cadeiras de pesquisa na universidade. Outro ponto a destacar é a menção ao fato de que, no “jogo de transformações”, as pessoas subalternas têm que se “adequar aos parâmetros científicos de excelência”.

IMAGEM 7<sup>175</sup>

É possível perceber, nas duas situações, como os (micro)poderes se estabelecem no ambiente acadêmico, a partir do que Pierre Bourdieu (1993, 122-123) chama de monopólio da competência científica, “compreendida enquanto capacidade de falar e de agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade), que é socialmente outorgada a um agente determinado.” Há uma defesa contumaz da exclusividade do espaço de produção de conhecimento. Quem deseja adentrar neste local deve adequar-se e apresentar as habilidades e competências necessárias: deve possuir o vocabulário adequado e se adaptar a um mundo de excelência. Percebe-se que a manutenção desses regimes de poder se dá tanto pela permanência de estruturas históricas que reforçam a “missão” da universidade e de quem produz e detém o saber científico, descritas ao longo deste capítulo, quanto por aspectos que se referem a questões decorrentes de transformações atuais no cenário político e econômico no qual se insere a academia.

<sup>175</sup> Post do Facebook. A identidade do autor foi ocultada, seguindo os critérios metodológicos.



Neste sentido, a consolidação do chamado “capitalismo acadêmico” (SLAUGHTER, LESLIE, 2001) representa um ponto importante na manutenção da universidade como um espaço elitista e distante da realidade da maioria da população. O capitalismo acadêmico resulta da lógica neoliberal que transforma o ensino superior e a pesquisa acadêmica em *commodities*, explorando o capital humano discente e docente em busca de produtividade e excelência.

IMAGEM 8<sup>176</sup>



No caso brasileiro, “o modelo implementado pela CAPES, a partir da última década do século XX, aumentou a produção científica [...], fazendo o país ingressar nos rankings internacionais como gerador de conhecimentos.” A partir dos anos 1990, uma série de mudanças no campo do trabalho de pesquisa científica resultaram na redução do prazo para a realização de pesquisas em nível de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado), e no aumento dos índices de produtividade em termos de publicações científicas. (BIANCHETTI; MACHADO, 2007). Os rankings universitários, os processos de avaliação do rendimento docente, os critérios de excelência em pesquisa, entre outros, são aspectos deste processo de organização do capitalismo acadêmico que resultam diretamente na precarização das condições de trabalho docente.

Nas universidades, o que prevalece é o modelo da administração eficiente, capaz de gerar seus próprios recursos estabelecendo nexos cada vez mais

<sup>176</sup> Pichação “+ SEXO – LATTES”. Fonte: <https://goo.gl/7PzshQ>

profundos com o mercado e com a corrida tecnológica. A eficácia de desempenho é medida em termos de sucessos estatísticos, de capitais, produtividade e visibilidade, todos conversíveis em valores de marketing para atrair novas parcerias, dotações e investimentos. (SEVCENKO, 2000).

Percebe-se que este processo de desenvolvimento de uma capitalização da atividade docente e da pesquisa acadêmica torna-se mais um fator de exclusão dos grupos subalternos. No caso das mulheres, este processo compreende também a questão da divisão sexual do trabalho,<sup>177</sup> fator predominante na questão da “produtividade” acadêmica feminina. Angela McRobbie (2015)<sup>178</sup> analisa, sob a perspectiva feminista, o impacto que a rotina de pesquisa – suas exigências e expectativas – tem sobre mulheres no espaço acadêmico. Gerenciar as demandas da atividade docente, da pesquisa científica, do cuidado da casa e das crianças, gera uma “patologização do fracasso” e tem um impacto significativo sobre o espaço que mulheres ocupam, ou podem ocupar, no universo acadêmico.

Para pessoas subalternas, estar em um ambiente universitário (graduação e/ou pós-graduação) demanda uma constante superação. É preciso superar condições sociais desfavoráveis, desmerecimento de experiências e saberes, padrões de excelência e produtividade e a cobrança de fazer jus à oportunidade de ocupar este espaço. Este processo gera uma normose<sup>179</sup> que se revela na seguinte prerrogativa: você pode ocupar este espaço, desde que produza bem e bastante.<sup>180</sup>

<sup>177</sup> Hirata e Kergoat (2007, p. 596) definem a divisão sexual do trabalho como a “distribuição diferencial de homens e mulheres no mercado de trabalho, nos ofícios e nas profissões, e as variações no tempo e no espaço dessa distribuição; e [...] como ela se associa à divisão desigual do trabalho doméstico entre os sexos.” As autoras defendem que, mais do que uma “simples constatação de desigualdades”, é preciso compreender que “essas desigualdades são sistemáticas” e que incluem “processos mediante os quais a sociedade utiliza essa diferenciação para hierarquizar as atividades, e portanto os sexos, em suma, para criar um sistema de gênero.”

<sup>178</sup> A autora analisa os exemplos de Thomas Piketty e Jacques Derrida. Os méritos acadêmicos e a rotina de pesquisa de ambos pressupõem que alguém se encarregasse da manutenção doméstica (que inclui o pagamento de contas, o cuidado com a alimentação e as vestimentas e a criação de filhas e filhos), visto que estas atividades não eram realizadas pelos pesquisadores. Sobre outro desdobramento deste tema, em 2017 surgiu a hashtag #ThanksForTyping, que relaciona os agradecimentos presentes em obras literárias e acadêmicas. “Agradeço à minha esposa” remete à participação feminina – anônima e descreditada – na produção masculina. (<https://goo.gl/wTFMB2>).

<sup>179</sup> “A normose pode ser definida como o conjunto de normas, conceitos, valores, estereótipos, hábitos de pensar ou de agir, que são aprovados por consenso ou pela maioria em uma determinada sociedade e que provocam sofrimento, doença e morte. Em outras palavras, é algo patogênico e letal, executado sem que os seus autores e atores tenham consciência de sua natureza patológica.” (WEIL, 2003, p. 22).

<sup>180</sup> Maria do Mar Pereira (2011) analisa as possibilidades de aliar pesquisa acadêmica e ativismo (no caso: feminista e LGBT), em tempos de “academia sem paredes”, como um problema estrutural e não

O panorama descrito acima sobre o *mainstream* acadêmico também pode ser relacionado à produção científica no campo<sup>181</sup> da Comunicação, sendo este marcado, à sua própria maneira, pela disputa pelo monopólio da autoridade científica. Entende-se o campo acadêmico da comunicação<sup>182</sup> como “um conjunto de instituições de nível superior destinado ao estudo e ao ensino da comunicação e onde se produz a teoria, a pesquisa e a formação universitária das profissões de comunicação.” (LOPES, 2000-2001, p. 48). As análises acerca do campo apontam para uma série de disputas em torno do que seria a natureza comunicação – epistemologia e objeto – assim como quais as características do campo, havendo pouco consenso nas pesquisas sobre o tema. Pode-se identificar alguns pontos principais acerca dos debates: a questão da interdisciplinaridade,<sup>183</sup> a indefinição de uma teoria da comunicação<sup>184</sup> e a caracterização do objeto do conhecimento em comunicação<sup>185</sup>.

Muniz Sodré (2012, p. 15) entende que “a dificuldade de constituição do campo científico da comunicação tem a ver com a ambiguidade institucional de suas

---

como uma questão individual. Neste sentido, não importaria que tipo de pesquisa está sendo feita, desde que continue sendo feita.

<sup>181</sup> “É o campo científico, enquanto lugar de luta política pela dominação científica, que designa a cada pesquisador, em função da posição que ele ocupa, seus problemas, indissociavelmente políticos e científicos, e seus métodos, estratégias científicas que, pelo fato de se definirem expressa ou objetivamente pela referência ao sistema de posições políticas e científicas constitutivas do campo científico, são ao mesmo tempo estratégias políticas. Não há “escolha” científica - do campo da pesquisa, dos métodos empregados, do lugar de publicação; ou, ainda, escolha entre uma publicação imediata de resultados parcialmente verificados e uma publicação tardia de resultados plenamente controlados que não seja uma estratégia política de investimento objetivamente orientada para a maximização do lucro propriamente científico, isto é, a obtenção do reconhecimento dos pares-concorrentes.” (BOURDIEU, 1983, p. 126-127).

<sup>182</sup> A autora aponta a divisão do campo acadêmico da comunicação em três subcampos: “1) o científico, que implica em práticas de produção de conhecimento: a pesquisa acadêmica tem a finalidade de produzir conhecimento teórico e aplicado (ciência básica e aplicada) através da construção de objetos, metodologias e teorias; 2) o educativo, que se define por práticas de reprodução desse conhecimento, ou seja, através do ensino universitário de matérias ditas de comunicação; e 3) o profissional, caracterizado por práticas de aplicação do conhecimento e que promove vínculos variados com o mercado de trabalho.” (LOPES, 2000-2001, p. 48). Nesta tese estão sendo abordados os subcampos científico e profissional.

<sup>183</sup> Interface (BRAGA, 2011); Transdisciplinaridade (LOPES, 2000-2001).

<sup>184</sup> Muniz Sodré analisa a dificuldade em se estabelecer uma teoria da comunicação, pois não há concordância (ou discordância) entre os próprios teóricos. “Não existe um cânone de teoria geral ao qual eles todos se refiram. Não há objetivos comuns que os unam nem pontos controversos que os dividam. Na maior parte, eles simplesmente se ignoram.” (CRAIG, 1999 *apud* SODRÉ, 2012, p. 13). Luís Mauro Sá Martino (2008) reforça esse diagnóstico ao identificar que os livros brasileiros sobre teoria da comunicação quase não possuem uma base comum, apresentando, em sua maioria, escolas e teóricos de acordo com a escolha particular de cada autor.

<sup>185</sup> Mídia ou Interações (BRAGA, 2011).

condições de possibilidade”, pois a comunicação consistiria em uma experiência antropológica, um saber sobre essa experiência e uma realidade industrial fundamentada na tecnologia, o que leva ao questionamento sobre qual “a extensão do poder discursivo da mídia sobre as populações.”

José Luiz Braga (2011, p. 66), por sua vez, analisa a questão da centralidade da mídia e dos processos de mediação<sup>186</sup> e defende que o objeto da Comunicação deve ser apreendido “como um certo tipo de processos epistemicamente caracterizados por uma perspectiva comunicacional.” A interação comunicacional, por representar “processos simbólicos e práticos que, organizando trocas entre os seres humanos, viabilizam as diversas ações e objetivos em que se veem engajados (por exemplo, de área política, educacional, econômica, criativa, ou estética) [...]. Neste sentido, permite “objetivar, destacar e problematizar dimensão comunicativa dos diversos procedimentos humanos.” (BRAGA, 2011, p. 66).

Stuart Hall (2016, p. 34-35) problematiza a teoria da comunicação, sob um viés ideológico, a partir da análise da crise do paradigma dominante, em suas dimensões interna<sup>187</sup> e externa<sup>188</sup>. Em sua dimensão interna, a crise envolve uma “fraqueza epistemológica e teórica”, desenvolvida em três pontos: 1. incorre em um “naturalismo comportamentalista”, reducionista, que “traduz temas que estão relacionados com a significação, o sentido, a linguagem e a simbolização em indicadores comportamentais imperfeitos em nome de um ‘cientificismo’ espúrio” ; 2. produz um esforço para constituir a comunicação como um campo “autossuficiente”, desconectado da

---

<sup>186</sup> Para o autor, “na sociedade em mediação, a interação se manifesta mais claramente como um fluxo sempre adiante. Com a emissão de uma mensagem, seja televisual, cinematográfica ou por processos informatizados em rede social, o “receptor”, após apropriação de seu sentido (o que implica a incidência das mediações acionadas), pode sempre repor no espaço social suas interpretações. Isso ocorrerá seja em presencialidade (em conversações, justamente), seja por outras inserções mediadas – cartas, redes sociais, vídeos, novas produções empresariais, blogs, observatórios, etc. Os circuitos aí acionados – muito mais abrangentes, difusos, diferidos e complexos – é que constituem o espaço das respostas “adiante” na interação social. (BRAGA, 2011, p. 68).

<sup>187</sup> “As dimensões internas estão relacionadas com as bases epistemológicas e teóricas, assim como com as metodologias e os procedimentos do paradigma dominante, na medida em que ele é um conjunto de procedimentos intelectuais, de perguntas e respostas, de pressuposições teóricas que têm organizado o trabalho intelectual por muito tempo sobre o que gostaria de chamar de ‘relações internas, práticas e efeitos’ dos modernos sistemas de comunicação de massa.” (HALL, 2016, p. 34).

<sup>188</sup> “A dimensão externa relaciona-se com como o campo das instituições e práticas comunicativas é entendido em relação às mais amplas estruturas sociais, políticas e econômicas e aos desenvolvimentos dentro da formação social como um todo.” (HALL, 2016, p. 34).

produção teórica e prática das ciências sociais, resultando na “ilusão de uma autonomia empírica e teórica” que desconsidera as relações entre poder e conhecimento; 3. identificar processos, instituições e efeitos que podem ser atribuídos à comunicação, separando-a das estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais presentes nos modernos sistemas de comunicação.

Para Hall (2016, p. 36),

as comunicações modernas não podem ser conceituadas como externas ao campo das estruturas e práticas sociais, porque são, cada vez mais, internamente constitutivas delas. Hoje as instituições e relações comunicativas definem e constroem o social; elas ajudam a constituir o político; mediam relações econômicas produtivas; têm se tornado uma “força material” nos sistemas industriais modernos; definem o tecnológico; dominam o cultural.

Para o autor, as comunicações modernas não se situam exteriormente, como reflexo, às relações do campo social, mas as constituem. Ao se apresentar de maneira independente das teorias sociais e culturais, o paradigma dominante na comunicação se exime de participar ativamente da construção de uma teoria social ou cultural geral e, principalmente, não problematiza o modelo das democracias capitalistas ao qual pertence, operando

sem uma teoria de poder; sem conceituar as estruturas e relações sociais e econômicas do capitalismo norte-americano, que tem sido sua base; sem uma teoria das formações culturais; e sem compreensão da luta e transformação cultural. (HALL, 2016, p. 37).

Neste sentido, a crítica de Stuart Hall vai ao encontro da discussão levantada neste capítulo sobre a produção acadêmica *mainstream*, visto que o autor entende que o paradigma dominante na comunicação é sustentado pelo pluralismo liberal<sup>189</sup>, como parte do “impulso intelectual imperializante” de uma ideologia teórica. Esse impulso se desenvolve a partir da naturalização dos processos sociais e históricos liberais e

---

<sup>189</sup> “inscrito na teoria da modernização, que nada mais é que o avanço – constante ou irregular, mas inexorável e ininterrupto – de todos os lugares na direção do modelo natural, os Estados Unidos; a assimilação de toda a diferença e divergência dentro do modelo natural e o modelo natural não como uma parte de uma história diferenciada, mas como a meta, bem como o apogeu, de todo o processo histórico.” (HALL, 2016, p. 37).

considera qualquer crítica ou iniciativa de teorização a partir de outros paradigmas como “ideológicas” ou como ameaças à neutralidade e cientificidade acadêmicas.<sup>190</sup> O que se pretende, nesta discussão sobre o *mainstream* acadêmico, é analisar de que maneira os processos de produção de conhecimento, em especial o científico, estão encharcados de naturalizações que identificam saberes e práticas dissidentes e dissonantes como sendo pertencentes à seara do social, do cultural, mas não do científico, pois careceriam da “objetividade” necessária.

No caso do campo acadêmico da comunicação, estas questões são evidenciadas a partir das análises feitas no capítulo 1, bem como na análise previamente apresentada neste item. Segundo José Luiz Braga (2004, p. 221),

[...] o campo se desenvolve pelas tendências da pesquisa empírica, e não por decisões lógico-teóricas, a partir de constructos explicativos do próprio campo. Tais teorizações explicativas suporiam que o perfil do campo pertencesse à "natureza das coisas", bastando então tentar *desvendar* essa natureza. Inversamente, consideramos que as práticas da pesquisa é que darão o direcionamento para uma efetiva construção – e portanto para o seu grau de sucesso, que pode ser variável.

Para o autor, mais do que definir um objeto de pesquisa, importa buscar o que seja “comunicacional”, a partir de “problemas e questões que sejam relevantes para o campo”. Neste sentido, percebe-se que as questões abordadas pelas teorias feminista e queer não aparentam ser “relevantes” para o campo, visto que não estão incluídas nos principais debates sobre teoria, epistemologia, objeto e/ou metodologia presentes na Comunicação. Entende-se que este fato pode ser compreendido, em partes, a partir da reflexão sobre o paradigma dominante na comunicação desenvolvida por Stuart Hall, mas também percebe-se que há algumas nuances que precisam ser melhor especificadas.

Como apresentado anteriormente, nos Estados Unidos há uma produção teórica consolidada na área de gênero e sexualidade, fruto da ação de pesquisadoras e pesquisadores ativistas que, desde os anos 1970, têm demandado a criação de disciplinas, cursos e departamentos dedicados aos Estudos Feministas, Gays e

---

<sup>190</sup> Como o próprio Stuart Hall ressalta, o problema não está no modelo do pluralismo liberal, ou em outras perspectivas teóricas, mas no fato de não se apresentarem como sendo posições políticas – e ideológicas.

Lésbicos e Queer. Este processo também ocorreu na área da Comunicação, havendo inclusive, desde a década de 1990, uma divisão de estudos LGBT na Associação Nacional de Comunicação. (GEARHART, 2003). No entanto, percebe-se que essa produção não produziu reflexos no Brasil.<sup>191</sup>

Os estudos sobre a temática de gênero e sexualidade realizados na Comunicação Social revelam o quanto o campo está distante dos debates teórico-epistemológicos realizados sob o viés da teoria feminista e queer<sup>192</sup>, não havendo uma produção consolidada que leve em consideração estes debates, bem como a articulação entre academia e militância. É possível notar que o *mainstream* acadêmico da Comunicação não inclui em suas reflexões<sup>193</sup> outras concepções teóricas que fujam do paradigma dominante discutido por Stuart Hall (2016). De maneira predominante<sup>194</sup>, os estudos discutem práticas e processos comunicacionais, seja sob a perspectiva da midiaticização ou das interações, a partir da visão de “sujeito universal”, sem levar em consideração perspectivas teóricas que possibilitem construir saberes e conhecimentos interseccionais.

## 2. 2. MANUFATURAR O CONSENSO: A ORDEM DO PODER

A história da comunicação também permite compreender os processos históricos de padronização que se consolidaram como *mainstream*. A passagem da

---

<sup>191</sup> Não há Grupos de Trabalho ou Divisões Temáticas nas duas principais associações nacionais do campo da Comunicação, COMPÓS (Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação) e INTERCOM (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação).

<sup>192</sup> Eventos como o Desfazendo Gênero, atualmente em sua terceira edição, estão possibilitando a criação de reflexões teóricas e epistemológicas importantes sobre a relação entre a teoria feminista e queer, pensando suas potências e contradições. No ano de 2017 o evento conta com um Simpósio Temático dedicado a discutir Epistemologias Transfeministas. Além das pesquisas que discutem teoria e epistemologia, há inclusive uma profícua produção que aborda as muitas representações midiáticas sobre gênero e sexualidade, que não são incorporadas nas pesquisas realizadas na Comunicação Social. (<https://goo.gl/CK8fXE>).

<sup>193</sup> Esta percepção surgiu a partir da análise dos artigos teóricos que discutem as características e desafios do campo comunicacional. Nos textos referenciados neste capítulo não há nenhuma menção às questões teórico-epistemológicas levantadas pela teoria feminista e queer.

<sup>194</sup> Conforme analisado no capítulo 1, entende-se que a produção existente é fundamental para a inserção da temática no campo da Comunicação, mas está muito aquém da demanda por debates teóricos que discutam as questões de gênero e sexualidade aliando as teorias da comunicação a outras matrizes teórico-epistemológicas.

comunicação oral para a escrita, e posteriormente da imprensa para a digital, auxiliaram a fixar conhecimentos e visões de mundo que passaram a ser utilizados com fins políticos. A propaganda, enquanto fenômeno de comunicação, surgiu mesmo antes dos meios de comunicação de massa, estando relacionada à estruturação do Estado.

A propaganda, no campo da comunicação social, consiste em um processo de difusão de ideias através de múltiplos canais com a finalidade de promover no grupo a quem se destinam os objetivos do emissor, não necessariamente favorável ao receptor; implica, pois, um processo de informação e um processo de persuasão. E podemos glosá-la da seguinte forma: controle do fluxo de informações, direção da opinião pública e manipulação não necessariamente negativa de comportamentos e, sobretudo, de modelos de comportamento. (QUINTERO, 1999, p. 147).<sup>195</sup>

A propaganda é política, podendo ser civil, estatal, religiosa ou mercadológica. Desenvolveu-se através de uma multiplicidade de meios como a palavra falada (para pequenos grupos ou multidões); a imagem (pinturas, estátuas, ilustrações, fotografia); a arquitetura; os espetáculos públicos; a ação (gestos e feitos exemplares); a palavra escrita (e impressa), entre outros. A censura e a contrapropaganda, por serem formas de manipulação da opinião pública via controle do fluxo informativo e de ideias, também podem ser consideradas formas de propaganda. (QUINTERO, 2011).

Interessa, aqui, o *modus operandi* desta propaganda política, fundamental para o entendimento dos modelos democráticos, das identidades coletivas e da formação da opinião pública. Uma destas formas de operação diz respeito à construção do imaginário social a partir da modelagem de visões de mundo<sup>196</sup>, disponível a partir da Revolução Francesa. Segundo o imaginário da época, para “formar as almas” era

---

<sup>195</sup> “La propaganda, en el terreno de la comunicación social, consiste en un proceso de diseminación de ideas a través de múltiples canales con la finalidad de promover en el grupo al que se dirige los objetivos del emisor no necesariamente favorables al receptor; implica, pues, un proceso de información y un proceso de persuasión. Y podemos glosaría del siguiente modo: control del flujo de la información, dirección de la opinión pública y manipulación no necesariamente negativa de conductas y, sobre todo, de modelos de conducta.” (QUINTERO, 1990, p. 147).

<sup>196</sup> Para José Murilo de Carvalho (1990, p. 11), “a manipulação do imaginário social é particularmente importante em momentos de mudança política e social, em momentos de redefinição de identidades coletivas. Não foi por acaso que a Revolução Francesa, em suas várias fases, tornou-se um exemplo clássico de tentativa de manipular os sentimentos coletivos no esforço de criar um novo sistema político, uma nova sociedade, um homem novo. [...] Para a revolução, a educação pública significava acima de tudo isto: formar as almas.”



necessário um sistema de educação pública concebido como agente de propaganda, o qual permitisse alcançar todos os cidadãos, orientando paixões, oferecendo modelos positivos e designando inimigos a serem combatidos. A proposta visava desenvolver um meio eficaz de comunicar a toda a população francesa impressões uniformizadas, para que esta se sentisse digna da Revolução e dos esforços feitos em prol da liberdade e igualdade. (BACZKO, 1984).

A 18 de Agosto foi instituída, por pouco tempo, uma secção do ministério do Interior encarregada da propaganda, cuja designação traduz, precisamente, a assimilação do poder central ao ordenador supremo da imaginação coletiva: chamava-se, com efeito, o “*Bureau d'Esprit*”. (BACZKO, 1984, p. 54).<sup>197</sup>

Para Bronislaw Baczko (1984), a propaganda revolucionária tinha a função de assumir o controle do imaginário, mas para tanto era necessário que existisse uma “comunidade de imaginação”. Diante da não existência desta comunidade, símbolos e emblemas da Revolução, no geral, desapareceram. No entanto, permaneceu o devir revolucionário enquanto utopia fundadora, originária do mito da Revolução como algo a ainda ser concretizado.

A dominação do campo das representações, mesmo conflituosa, exigia a elaboração e adaptação de estratégias, como é o caso da propaganda. Esta foi fundamental para a formulação, principalmente entre o final do século XIX e início do XX, de uma engenharia do consenso que representava a principal forma de atuação da indústria de relações públicas.<sup>198</sup> (CHOMSKY, 2017). A retórica do momento não era mais a da “formação dos espíritos”, mas a da “classe especializada”. A missão não era mais a de educar as massas, mas permitir que a opinião pública fosse formada e conduzida por uma elite intelectual, pois a “propaganda de Estado, quando apoiada pelas classes cultas e quando nenhuma divergência é permitida, pode ter um grande efeito.” (CHOMSKY, 2003, p. 13).

<sup>197</sup> “Le 18 août 1792 fut instituée, pour peu de temps ailleurs, une section du ministère de l’intérieur chargée de la propagande, dont l’appellatoin meme traduit l’assimilation du pouvoir central à l’ordonnateur suprême de l’imagination collective. Elle se nommait, em effet, le Bureau d’Esprit.”

<sup>198</sup> “A manipulação consciente e inteligente dos organizados hábitos e opiniões das massas é um elemento importante da sociedade democrática. Aqueles que manipulam esse mecanismo oculto da sociedade constituem um governo invisível que é o verdadeiro poder governante de nosso país.” (BERNAYS *apud* CHOMSKY, 2017).

Para Armand Mattelart (1991), a comunicação serve para fazer a guerra e para promover o progresso. Desde a Antiguidade é possível identificar a utilização da propaganda política para moralizar, purificar e unificar a população no que irá se tornar, no século XX, a “propaganda científica”.<sup>199</sup> Os estudos da propaganda na I Guerra Mundial irão culminar na máxima defendida por Harold D. Lasswell (1927 *apud* QUINTERO, 2011) de que “a propaganda é um dos mais poderosos instrumentos do mundo moderno.”

Herman e Chomsky (2003) analisam as diferentes possibilidades e características da engenharia de consenso e desenvolvem a categoria “modelo propaganda”<sup>200</sup>, cujas forças interferem no desempenho da mídia de massa. Seguindo interesses do governo e das grandes corporações midiáticas, o modelo de propaganda tem como ingrediente principal um conjunto de filtros de notícias<sup>201</sup> que produz a seleção não apenas do que será veiculado, mas também do que será marginalizado, de acordo com interesses dominantes - privados ou do Estado.

A concepção de engenharia do consenso permanecerá influente durante todo o século, sendo acompanhada – a partir do pós-guerra – pela política de “conquistar corações e mentes”, enquanto estratégia de contra-insurgência e, principalmente, como uma forma não coercitiva de conquistar o apoio popular. A expressão “hearts and minds” é atribuída ao general britânico Sir Gerald Templer<sup>202</sup> e refere-se a ações que

---

<sup>199</sup> “‘Cristalizing the Public Opinion’, ‘Manufacturing the Assent’, ‘Government Management of Opinion’, a nova engenharia do consenso está, desde os anos 1920, no programa dos primeiros tratados da sociologia da mídia ou da opinião pública, tais como os de Walter Lippman ou Harold Lasswell [...]” (MATTELART, 2005, p. 42).

<sup>200</sup> “[...] uma estrutura analítica que procura explicar o desempenho da mídia dos EUA em termos de estruturas sociais básicas e os relacionamentos nos quais ela opera. [...] a mídia serve aos – bem como propagandeia em nome de – poderosos interesses sociais que a controlam e financiam. Os representantes desses interesses têm agendas e princípios importantes que desejam seguir e estão bem posicionados para formular e restringir as políticas da mídia. Isso em geral não é realizado por intervenção bruta, mas pela seleção de pessoal com pensamento similar e pela internalização das prioridades [...]” (HERMAN; CHOMSKY, 2003, p. 11).

<sup>201</sup> Os autores identificam os seguintes filtros: 1. Padrão de riqueza dos proprietários das empresas que dominam a mídia de massa; 2. Propaganda como a principal financiadora da mídia de massa; 3. Dependência de informações fornecidas pelo governo e por agentes do poder; 4. Reações negativas (*flak*) para influenciar a mídia; 5. “Anticomunismo” como mecanismo de controle.

<sup>202</sup> Segundo Paul Dixon (2009, p. 361-362), a expressão é comumente atribuída ao general britânico Sir Gerald Templer, mas tem sido utilizada em referência a diferentes momentos históricos: - John Adams (2º Presidente dos EUA – 1818 – sobre a “Revolução Americana”): “The [American] Revolution was effected before the War commenced. The Revolution was in the minds and hearts of

visam garantir, a quem representa o poder, a confiança do povo por meio da construção emocional e racional do consenso. Esta seria a principal e mais segura forma de evitar insurgências e assegurar legitimidade para governos e lideranças.

A teoria que analisa a política “corações e mentes” (FITZSIMMONS, 2008; SHAFER, 1989) reitera a necessidade de melhoria da performance política e econômica de Estados ameaçados por movimentos insurrecionais, mas também ressalta o papel fundamental ocupado pela mídia. Se o termo contra-insurgência refere-se às estratégias – militares, políticas e psicológicas – utilizadas no combate às lutas anticoloniais, guerrilhas e movimentos revolucionários durante a Guerra Fria, entende-se que estas estratégias estão ancoradas nos processos de comunicação.

Foi a partir da década de 1990, com a globalização e a internet, que estas estratégias se sofisticaram e naturalizaram. O fim da Guerra Fria e do comunismo soviético foi acompanhado da tese do “fim da história” enquanto triunfo da democracia e do capitalismo liberais.<sup>203</sup> Foi neste contexto que Joseph Nye (1990) desenvolveu o conceito de *soft power*, entendido como o poder de desenvolver ideias atrativas para uma agenda política com a finalidade de determinar a estrutura do debate público. Cabe notar, além da argumentação em defesa de outras estratégias de controle além do poderio militar, a desnecessária referência a manipulações que podem vir a ocorrer em relacionamentos afetivos, usada totalmente fora de contexto.

Enquanto o poderio militar continua sendo a maior forma de poder em um sistema em que cada um é responsável por si próprio, o uso da força se tornou mais custoso aos poderosos modernos do que havia sido em séculos anteriores. Outros instrumentos como as comunicações, habilidades

---

the people; a change in their religious sentiments of their duties and obligations. This radical change in the principles, opinions, sentiments, and affections of the people, was the real American Revolution.”

- C. E. Bruce (Oficial do Departamento Político Indiano – 1938 – em livro sobre a fronteira da Índia)

- Sir Gerald Templer (Oficial do exército britânico – 1952 – sobre a ação das tropas que lutaram na Malásia): “The answer [to the uprising] lies not in pouring more troops into the jungle, but in the hearts and minds of the people.”

- Lyndon Johnson (36º Presidente dos EUA – 1965 – sobre a guerra do Vietnã): “So we must be ready to fight in Vietnam, but the ultimate victory will depend on the hearts and minds of the people who actually live out there.”

<sup>203</sup> Perry Anderson (1992, p. 12) explica que a tese do fim da história foi desenvolvida por diferentes pensadores – de Friedrich Hegel a Francis Fukuyama – em diferentes momentos. Para o autor, “[...] o fim da história não é a cessação de toda a mudança ou conflito, mas o esgotamento de quaisquer alternativas viáveis para a civilização da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).”

organizacionais e institucionais, e a manipulação em prol da interdependência se tornaram importantes. Diferente do que prega a retórica florida, a interdependência não significa harmonia. Ao invés disso, ela costuma significar uma dependência mútua desequilibrada. Assim como em um par romântico o amante menos apaixonado pode manipular o outro, o menos vulnerável entre dois estados pode usar de ameaças sutis em seu relacionamento como uma fonte de poder. (NYE, 1900, p. 157).<sup>204</sup>

---

<sup>204</sup> “While military force remains the ultimate form of power in a self-help system, the use of force has become more costly for modern great powers than it was in earlier centuries. Other instruments such as communications, organizational and institutional skills, and manipulation of interdependence have become important. Contrary to some rhetorical flourishes, interdependence does not mean harmony. Rather, it often means unevenly balanced mutual dependence. Just as the less enamored of two lovers may manipulate the other, the less vulnerable of two states may use subtle threats to their relationship as a source of power.”

IMAGEM 9<sup>205</sup>

Para o autor, a manutenção da supremacia americana no período pós-Guerra Fria pressupõe o entendimento de que os “grandes poderes” existentes até então devem ser aliados a novas estratégias demandadas pelo avanço tecnológico e comunicacional. O poder bélico-militar não é suficiente para fazer frente aos novos atores sociais e

<sup>205</sup> Ilustração “Ser alguém na vida”. Fonte: <https://goo.gl/Yd7XpL>

políticos da virada do século, é necessário um poder “cooperativo”, no qual o poder dominante “pareça” legítimo aos olhos dos dominados. Os Estados Unidos, segundo Nye (1990), teriam um poder cooperativo maior do que o dos outros países devido a dois fatores principais: terem um maior acesso às instituições econômicas internacionais devido ao fato de defenderem os princípios liberais do livre mercado; e pelo amplo mercado cultural e midiático que permite, devido ao fato de existir toda uma estrutura de comunicação de massa, ampliar as possibilidades de emissão de mensagens e de convencimento do público.

Atualmente, com a consolidação do modelo neoliberal globalizante, o lugar ocupado pela comunicação no tecido social tornou-se central, indissociável do capitalismo financeiro. Para Muniz Sodré, (2012, p. 22-23),

Hoje, é grande o consenso de que a comunicação, em sua prática, é a ideologia mobilizadora de um novo tipo de força de trabalho, correspondente à etapa presente de produção das mercadorias por comando global. Do ponto de vista do Estado liberal burguês, ela tornou-se uma questão importante para o equilíbrio social, cultural e político da *Polis* colocada sob o império das finanças. Na verdade, muito mais importante do que se poderia supor em meados do século passado.

Neste sentido, as possibilidades de resistência ao capitalismo enfrentam uma série de desafios, principalmente com relação à onipresença comunicacional, seja nos processos sociais ou nas relações individuais. O marketing se tornou o instrumento de controle social, em uma sociedade marcada pela interpenetração de espaços e ausência de fronteiras definidas (entre o público e privado, o online e o off-line). Na sociedade de consumo (BAUDRILLARD, 2014) a padronização das relações e a modelagem da existência fizeram com que o modo de vida das elites se transformasse no modelo para as massas e bens duradouros, atividades de lazer e produtos de consumo se tornassem o “objetivo supremo das sociedades democráticas” (LIPOVETSKY, 2007). As lutas revolucionárias e transgressoras passam a competir com a sedução da satisfação do consumo e do conforto, numa sociedade que funciona por meio de padrões de sucesso e prosperidade.

#### 4.2.1 “Eu não sou da paz”<sup>206</sup>: Necropolítica capitalista

O desenvolvimento hegemônico midiático, enquanto processo de midiatização, ocorreu concomitantemente ao desenvolvimento capitalista. A partir da revolução industrial, iniciada no século XVIII, teve início um crescente progresso nos instrumentos de produção, acompanhado de uma significativa e “catastrófica desarticulação nas vidas das pessoas comuns.” Para Karl Polanyi, (2000, p. 51), essa desarticulação foi resultado das transformações no tecido social, impostas pela ordem liberal, a qual criou um “moinho satânico” que “triturou os homens transformando-os em massa”.

---

<sup>206</sup> “Eu não sou da paz.

Não sou mesmo não. Não sou. Paz é coisa de rico. Não visto camiseta nenhuma, não, senhor. Não solto pomba nenhuma, não, senhor. Não venha me pedir para eu chorar mais. Secou. A paz é uma desgraça.

Uma desgraça.

Carregar essa rosa. Boba na mão. Nada a ver. Vou não. Não vou fazer essa cara. Chapada. Não vou rezar. Eu é que não vou tomar a praça. Nessa multidão. A paz não resolve nada. A paz marcha. Para onde marcha? A paz fica bonita na televisão. Viu aquele ator?

Se quiser, vá você, diacho. Eu é que não vou. Atirar uma lágrima. A paz é muito organizada. Muito certinha, tadinha. A paz tem hora marcada. Vem governador participar. E prefeito. E senador. E até jogador. Vou não.

Não vou.

A paz é perda de tempo. E o tanto que eu tenho para fazer hoje. Arroz e feijão. Arroz e feijão. Sem contar a costura. Meu juízo não está bom. A paz me deixa doente. Sabe como é? Sem disposição. Sinto muito. Sinto. A paz não vai estragar o meu domingo.

A paz nunca vem aqui, no pedaço. Reparou? Fica lá. Está vendo? Um bando de gente. Dentro dessa fila demente. A paz é muito chata. A paz é uma bosta. Não fede nem cheira. A paz parece brincadeira. A paz é coisa de criança. Tá uma coisa que eu não gosto: esperança. A paz é muito falsa. A paz é uma senhora. Que nunca olhou na minha cara. Sabe a madame? A paz não mora no meu tanque. A paz é muito branca. A paz é pálida. A paz precisa de sangue.

Já disse. Não quero. Não vou a nenhum passeio. A nenhuma passeata. Não saio. Não movo uma palha. Nem morta. Nem que a paz venha aqui bater na minha porta. Eu não abro. Eu não deixo entrar. A paz está proibida. A paz só aparece nessas horas. Em que a guerra é transferida. Viu? Agora é que a cidade se organiza. Para salvar a pele de quem? A minha é que não é. Rezar nesse inferno eu já rezo. Amém. Eu é que não vou acompanhar andor de ninguém. Não vou. Não vou.

Sabe de uma coisa: eles que se lasquem. É. Eles que caminhem. A tarde inteira. Porque eu já cansei. Eu não tenho mais paciência. Não tenho. A paz parece que está rindo de mim. Reparou? Com todos os terços. Com todos os nervos. Dentes estridentes. Reparou? Vou fazer mais o quê, hein?

Hein?

Quem vai ressuscitar meu filho, o Joaquim? Eu é que não vou levar a foto do menino para ficar exibindo lá embaixo. Carregando na avenida a minha ferida. Marchar não vou, ao lado de polícia. Toda vez que vejo a foto do Joaquim, dá um nó. Uma saudade. Sabe? Uma dor na vista. Um cisco no peito. Sem fim. Ai que dor! Dor. Dor. Dor.

A minha vontade é sair gritando. Urrando. Soltando tiro. Juro. Meu Jesus! Matando todo mundo. É. Todo mundo. Eu matava, pode ter certeza. A paz é que é culpada. Sabe, não sabe?

A paz é que não deixa.”

(FREIRE, 2013).

Nesse período, foi ainda o progresso, na sua escala mais grandiosa, que acarretou uma devastação sem precedentes nas moradias do povo comum. Antes que o processo tivesse ido suficientemente longe, os trabalhadores já se amontoavam em novos locais de desolação, as assim chamadas cidades industriais da Inglaterra; a gente do campo se desumanizava em habitantes de favelas; a família estava no caminho da perdição e grandes áreas do país desapareciam rapidamente sob montes de escória e refugos vomitados pelos "moinhos satânicos". (POLANYI, 2000, p. 58).

Ao analisar a naturalização liberal do moinho satânico, Polanyi relaciona as questões econômicas, decorrentes do avanço industrial e das políticas liberais, às relações sociais. Não há, segundo o autor, um mero interesse em garantir a posse de bens materiais, mas principalmente, salvaguardar o patrimônio social. “Nem o processo de produção, nem o de distribuição está ligado a interesses econômicos específicos relativos à posse de bens”, pois esse processo refere-se a interesses sociais. (POLANYI, 2000, p. 68). O fenômeno descrito pelo autor mantém-se atual, na medida em que representa uma das consequências do desenvolvimento capitalista e da globalização, pois “[...] o capitalismo está essencialmente a serviço da resolução das mesmas preocupações, aflições e inquietações a que outrora as assim chamadas religiões quiseram oferecer resposta.” (BENJAMIN, 2013, p. 21).

A destruição do tecido social é um dos preços a se pagar pelo progresso e pelo desenvolvimento. Para que um determinado grupo social detenha as prerrogativas de riqueza e poder, é necessário que outro grupo se submeta à lógica do mercado. Existe um processo de dominação implícito, formado como base das estruturas de poder, que pressupõe um controle – violento – de vidas e corpos. Esse processo é promovido tanto pelo Estado quanto pelos grupos sociais dominantes e se traduz na biopolítica. O controle dos corpos da massa trabalhadora, da população escravizada, dos povos conquistados, das mulheres e dissidentes sexuais em todo o mundo produz a precarização da vida a partir do “poder de *causar* a vida ou *devolver* à morte”. (FOUCAULT, 1988, p. 130, *grifo do autor*).



IMAGEM 10<sup>207</sup>

O biopoder, enquanto forma de agenciamento dos corpos, foi fundamental para o desenvolvimento capitalista, na medida em que produziu corpos controlados e docilizados, prontos para o processo produtivo, controlados pelos aparelhos de Estado. Da mesma forma, as técnicas de poder presentes no corpo social e administradas pelas instituições sociais, como a família, a escola e a polícia, atuaram nos processos econômicos e

[...] operaram, também, como fatores de segregação e de hierarquização social, agindo sobre as forças respectivas tanto de uns como de outros, garantindo relações de dominação e efeitos de hegemonia; o ajustamento da acumulação dos homens à do capital, a articulação do crescimento dos grupos humanos à expansão das forças produtivas e a repartição diferencial do lucro [...]. (FOUCAULT, 1988, p. 133).

A vida constitui-se, então, como um elemento político a ser gerido e normalizado, gerando uma necessidade de morte que visava a sobrevivência da população. Neste sentido, “são mortos legitimamente aqueles que constituem uma espécie de perigo biológico para os outros” (FOUCAULT, 1988, p. 130), o que permite estabelecer uma relação entre sexualidade e raça como alvos do biopoder. O sexo torna-se alvo de disputa política por ser crucial para o desenvolvimento da tecnologia política da vida, pois

<sup>207</sup> Imagem: “Capitalismo”. Fonte: <https://goo.gl/c8AJSM>

de um lado, faz parte das disciplinas do corpo: adestramento, intensificação e distribuição das forças, ajustamento e economia das energias. Do outro, o sexo pertence à regulação das populações, por todos os efeitos globais que induz. Insere-se, simultaneamente, nos dois registros; dá lugar a vigilâncias infinitesimais, a controles constantes, ordenações espaciais de extrema meticulosidade, a exames médicos ou psicológicos infinitos, a todos um micropoder sobre o corpo; mas, também, dá margem a medidas maciças, a estimativas estatísticas, a intervenções que visam todo o corpo social ou grupos tomados globalmente. O sexo é acesso, ao mesmo tempo, à vida do corpo e à vida da espécie. Servimo-nos dele como matriz das disciplinas e como princípio das regulações. (FOUCAULT, 1988, p. 136).

O racismo, por sua vez, transforma-se em doutrina política estatal, em instrumento de justificativa para violência estatal, na medida em é condição para que se tire a vida de alguém numa sociedade de normalização. O imperativo de morte se constrói a partir da prerrogativa que o Estado racista tem em decidir quem irá viver e quem irá morrer, levada à máxima ideia de que para que eu viva é necessário que o outro morra. Assim, “quanto mais as espécies inferiores tenderem a desaparecer, quanto mais os indivíduos anormais forem eliminados, menos degenerados haverá em relação à espécie, mais eu - não enquanto indivíduo mas enquanto espécie - viverei [...]” (FOUCAULT, 1999, p. 305).

Para Achille Mbembe (2011), a soberania inscreve-se como base normativa do direito de matar, sendo a política uma forma de guerra, um trabalho de morte. Todo poder, e não exclusivamente o estatal, invoca a exceção, a urgência e a criação ficcional do “inimigo”, produzindo necropolítica como forma de dominação. Há um componente biológico importante na necropolítica, pois estabelece a divisão dos seres humanos em grupos, a partir do racismo, designando quem vive e quem morre. A biopolítica ocidental tem operado segundo a lógica da desumanização: a escravidão africana, a indústria da morte nazista, o colonialismo contemporâneo, a guerra ao terror, o combate ao tráfico de drogas pressupõem um controle físico, geográfico, policial e a classificação de pessoas.

Judith Butler (2011) reflete sobre esse processo de desumanização do outro e a produção de vidas precárias, analisando a crença de que a mídia produz um ciclo de humanização/desumanização na medida em que o enquadramento, a forma como apresenta ou ignora essas vidas, esse outro, pode gerar representação ou invisibilidade. No entanto, Butler entende que a “personificação às vezes opera sua própria

desumanização” e que a violência pode ocorrer precisamente por causa da representação.<sup>208</sup> Da mesma forma, a produção de imagens pode gerar uma representação do “menos de que humano”, ou até um “apagamento radical” da humanidade.

O processo de esvaziamento do humano feito pela mídia por meio da imagem deve ser entendido [...] nos termos do problema mais amplo de que esquemas normativos de inteligibilidade estabelecem aquilo que será e não será humano, o que será uma vida habitável, o que será uma morte passível de ser lamentada. Esses esquemas normativos operam não apenas produzindo ideais do humano que fazem diferença entre aqueles que são mais e os que são menos humanos. Às vezes eles produzem imagens do menos que humano, à guisa do humano, a fim de mostrar como o menos humano se disfarça e ameaça enganar aqueles de nós que poderiam pensar que conseguem reconhecer outro humano ali, naquele rosto.

IMAGEM 11<sup>209</sup>



É a partir das construções analíticas de Mbembe e Butler que se propõe, aqui, a reflexão sobre a condição de subalternidade no Brasil. A ausência de conflitos bélicos e invasões produz a falsa sensação de paz, a qual mascara a herança colonial escravista, o heterocispatriarcado e o racismo estrutural. Estes fatores têm promovido

<sup>208</sup> A autora cita a forma como alguns rostos são enquadrados na mídia: “São retratos da mídia que são geralmente manobras a serviço da guerra, como se o rosto de Bin Laden fosse o próprio rosto do terror, como se Arafat fosse o rosto do engano e como se o rosto de Saddam Hussein fosse o rosto da tirania contemporânea.” (BUTLER, 2011, p. 24).

<sup>209</sup> Projeção “Bandido bom é bandido morto”. Fonte: <https://goo.gl/268mJM>

um cenário de guerra no qual a violência institucionalizada representa a materialidade da precarização da vida para pessoas subalternas. Está em curso, há anos, um projeto biopolítico de extermínio, que tem sido frequentemente noticiado como sendo “um caso isolado”. Em casos isolados morrem, aos milhares, jovens negros, morrem mulheres, morrem dissidentes sexuais e de gênero.

As pesquisas mais recentes sobre violência<sup>210</sup> indicam que o país lidera o número de homicídios no mundo, ultrapassando os índices de países em guerra. A população negra<sup>211</sup> está sujeita a assassinatos, chacinas, atos de resistência<sup>212</sup> e encarceramento;<sup>213</sup> a população indígena perece na luta pela demarcação de terras<sup>214</sup>; as mulheres cisgênero enfrentam violência de gênero e feminicídio<sup>215</sup>; as pessoas

---

<sup>210</sup> A forma como os dados são apresentados neste parágrafo seguem as classificações identitárias presentes nas pesquisas. A dificuldade em apresentar uma análise interseccional dos dados se dá, principalmente, pela subnotificação de violência contra dissidentes sexuais e de gênero. O levantamento, feito pelo Grupo Gay da Bahia, normalmente leva em conta notícias veiculadas na mídia, pois os relatórios produzidos pelos órgãos governamentais não apresentam classificação de acordo com a orientação sexual. Da mesma forma, os dados oficiais sobre feminicídio referem-se apenas às mulheres cisgênero, sendo as mulheres transgênero incluídas na pesquisa de pessoas LGBT.

<sup>211</sup> A média de assassinatos no Brasil é de 56.000 pessoas, destas 53% são jovens e, entre estes, 77% são negros e 93% do sexo masculino. (FARIAS, 2016).

<sup>212</sup> Nome comumente atribuído ao registro de morte decorrente de confronto com a polícia. No ano de 2015 3.320 pessoas morreram como resultado de ação policial. O país apresenta uma taxa de letalidade de 1,6, superior a outros países cuja taxa de homicídios é inclusive maior que a brasileira. (LIMA; BUENO, 2016).

<sup>213</sup> A população prisional brasileira compreende 622.202 pessoas. Destas, 55,07% têm até 29 anos e 61,67% são negras. O país ocupa a 4º posição no ranking de população carcerária. (VITTO, 2014; BRASIL, 2015).

<sup>214</sup> Dados oficiais indicam que 891 indígenas foram assassinados entre os anos de 2003 e 2015. Deste total, 426 assassinatos ocorreram no estado do Mato Grosso e 275 ocorreram nos anos de 2014 e 2015. A principal causa de violência contra os povos indígenas no Brasil é a questão territorial. (CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO, 2015).

<sup>215</sup> O Brasil ocupa o 5º lugar no ranking internacional de feminicídios, sendo que no de 2013 4.762 mulheres foram assassinadas em decorrência da violência doméstica. No ano de 2014 foram atendidas 223.796 mulheres, de todas as idades, no Sistema Único de Saúde, vítimas de violência (doméstica e outras). Cabe ressaltar que mulheres negras estão sujeitas a maiores índices de violência. A taxa de assassinatos de mulheres negras aumentou 54% em dez anos, enquanto número de feminicídios de mulheres brancas diminuiu 9,8%. (WASELFISZ, 2015). Esta desigualdade se revela em outros tipos de violência: “[...] efeito, na área da saúde pública, dados divulgados pelo Governo Federal mostram que, no SUS, às mulheres negras tem sido destinado menos tempo de atendimento médico do que às mulheres brancas. As mulheres negras correspondem a 60% das vítimas da mortalidade materna no Brasil. No que se refere à gravidez e ao parto, somente 27% das negras tiveram acompanhamento pré-natal, contra 46,2% no caso das brancas. As diferenças persistem mesmo quando se trata dos procedimentos de anestesia, tempo de espera e informações pós-parto, como aleitamento materno.” (FARIAS, 2016, p. 30). No geral, os dados sobre a violência contra a mulher referem-se a mulheres cisgênero. Os dados sobre as mulheres transgênero são computados nas estatísticas de pessoas LGBT.

dissidentes sexuais e de gênero, marcadas pela abjeção e preconceito, são vítimas constantes de homolebóbifobia<sup>216</sup>.

Desta forma, entende-se que essa violência epistêmica é intrínseca ao capitalismo, que se constitui a partir da desigualdade e da exploração colonial, bem como da “dinâmica social perversa em que convivem contraditoriamente justiça e injustiça, igualdade e desigualdade, liberdade e coerção.” Há uma dimensão objetiva na violência capitalista, que se converte de regra em excesso, fazendo parte de sua dinâmica “normal”. (HILLANI, 2017, p. 15).

### 2.3 “A CORRENTE IMPETUOSA É CHAMADA DE VIOLENTA, MAS O LEITO DE RIO QUE A CONTÉM NINGUÉM CHAMA DE VIOLENTO”<sup>217</sup>: MAINSTREAM – TEORIA DA TENDÊNCIA DOMINANTE

Esta pesquisa teve como *leitmotiv*<sup>218</sup> uma inquietação com relação ao termo *mainstream*. Sua presença em diversos textos teóricos, jornalísticos e econômicos, entre outros, não é acompanhada de uma reflexão sobre os possíveis sentidos da palavra. Por ser um vocábulo da língua inglesa que ainda não possui tradução para o português, entende-se que seu uso demanda um esforço de entendimento que escapa ao público, proporcionando uma leitura rasa do termo. A partir da percepção de que a palavra não representa um conceito consolidado teoricamente, buscou-se recuperar seu sentido construído historicamente, reconstituindo seus diferentes sentidos de uso e interpretação, com a finalidade de pensar a definição de *mainstream*, como uma categoria analítica que permite compreender como se dão os processos sociais contemporâneos de padronização e uniformização.

A proposta de desenvolvimento de uma “teoria da tendência dominante” se baseia na investigação dos processos hegemônicos analisados ao longo deste capítulo, bem como na formação da cultura de mídia que se estabelece a partir do surgimento

---

<sup>216</sup> Segundo levantamento realizado pelo Grupo Gay da Bahia (2016), o Brasil é o campeão mundial de crimes contra dissidentes sexuais e de gênero. No ano de 2016 houve 343 assassinatos de pessoas LGBT, sendo 42% de pessoas trans. Entre janeiro de 2008 e junho de 2016 foram assassinadas 868 pessoas trans no Brasil. (LAGATA; BALZER; BERREDO, 2016).

<sup>217</sup> BRECHT, 1987, p. 143)

<sup>218</sup> Motivo condutor (LANGENSCHIEDT, 1978).

dos meios de comunicação de massa, pensando nas estruturas que permitiram que os dispositivos de controle – capitalistas, patriarcais, heteronormativos e racistas – se tornassem aparatos discursivos das estratégias de saber e poder.

Com a criação dos tipos móveis de Gutenberg tem-se o início do processo de formação de uma “cultura da impressão” moderna, na qual o produto das impressões e da corporação tipográfica passou a influenciar as práticas e as relações sociais. (CHARTIER, 1992). Com o desenvolvimento industrial e da economia de mercado voltada para o consumo de bens e serviços, a partir do século XIX, a indústria cultural começou a tomar forma com o romance-folhetim, resultado das demandas de informação e distração do público leitor, as quais foram amplamente estimuladas pela iniciativa burguesa de manutenção da paz social. (NUNES, 2014).

Durante o século XX, a consolidação dos meios de comunicação de massa iria aperfeiçoar o processo de produção de conteúdos que unissem as funções de informar e entreter. A partir de esforços que aliaram tecnologia e indústria, o desenvolvimento midiático possibilitou “uma ‘vitória sobre o tempo e o espaço’, o tempo (e distância) foi redefinido sob a influência, primeiro, da ferrovia e do primeiro barco a vapor; e depois, de um conjunto de novos meios de comunicação — telégrafo, rádio, fotografia e cinema.” (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 109).

A seu modo, cada um dos novos meios de comunicação, na medida em que foram desenvolvidos, comercializados e passaram a fazer parte do cotidiano da população, tenderam a promover mudanças nas formas de sociabilidade e consumo de produtos culturais, desenvolvendo diferentes práticas. O rádio, por exemplo, ao superar a barreira da alfabetização existente na mídia impressa, possibilitou que se falasse simultaneamente com milhares de pessoas, mas todas se sentindo abordadas individualmente.

Pois o rádio transformava a vida dos pobres, e sobretudo das mulheres pobres presas ao lar, corno nada fizera antes. Trazia o mundo à sua sala. Daí em diante, os mais solitários não precisavam mais ficar inteiramente sós. E toda a gama do que podia ser dito, cantado, tocado ou de outro modo expresso em som estava agora ao alcance deles. (HOBSBAWM, 1995, p. 194).<sup>219</sup>

---

<sup>219</sup> “É difícil reconhecer as inovações da cultura do rádio, pois muito daquilo que ele iniciou tornou-se parte da vida diária - o comentário esportivo, o noticiário, o programa de entrevistas com celebridades,

O cinema e a televisão, por sua vez, além de serem importantes elementos da indústria de entretenimento, constituíram-se como fortes componentes da cultura de massa, pois permitiram que a criação de imagens remetesse a modelos e estereótipos visuais que seriam fundamentais para a consolidação do que ficou conhecido como cultura de juventude. Música, moda e ícones midiáticos passaram a influenciar cada vez mais o comportamento jovem, possibilitando

o triunfo universal da sociedade de consumo de massa. Da década de 1960 em diante, as imagens que acompanhavam do nascimento até a morte os seres humanos no mundo ocidental - e cada vez mais no urbanizado Terceiro Mundo - eram as que anunciavam ou encarnavam o consumo ou as dedicadas ao entretenimento comercial de massa. (HOBBSAWM, 1995, p. 495).

Neste sentido, os meios de comunicação passaram a fornecer os modelos com os quais as identidades – de gênero, raça, classe, sexualidade, nacionalidade - são forjadas, visões de mundo acerca do sucesso e poder e, principalmente, a noção de “Eu” e de “Outro”. Considerada como a cultura dominante atualmente, a cultura da mídia transformou-se numa forma de socialização cujos códigos produzem sistemas de gosto, valor e pensamento. Nos diversos espetáculos criados pela mídia são estabelecidos padrões de poder, força, beleza, adequação, comportamentos e crenças. Esta pedagogia cultural não apenas ensina, mas também legitima o poder das forças vigentes, reforçando relações de dominação, exclusão e opressão, pois

ajuda a modelar a visão prevalecente de mundo e os valores mais profundos: define o que é considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral. As narrativas e as imagens veiculadas pela mídia fornecem os símbolos, os mitos e os recursos que ajudam a constituir uma cultura comum para a maioria dos indivíduos em muitas regiões do mundo de hoje. (KELLNER, 2001, p. 9).

A partir do conceito de cultura da mídia proposto por Kellner, entende-se que a forma como os conteúdos midiáticos operam – em seus formatos e discursos – é

---

a novela, e também todos os tipos de seriado. A mais profunda mudança que ele trouxe foi simultaneamente privatizar e estruturar a vida de acordo com um horário rigoroso, que daí em diante governou não apenas a esfera do trabalho, mas a do lazer.” (HOBBSAWM, 1995, p. 195).

fundamental para a compreensão das relações de poder presentes nas questões que envolvem gênero, sexualidade e raça. Estas relações constituem a estrutura social na qual sujeitos formam as suas identidades e práticas sociais, a partir de processos historicamente consolidados e representados nos meios de comunicação de massa. Desta forma, o dispositivo pedagógico da mídia<sup>220</sup> constrói discursos sobre diferentes identidades, produzindo padronizações que reforçam estereótipos, submissão e violência a partir de uma visão ocidental, patriarcal, heteronormativa e racista.

A globalização da indústria do *entertainment* gerou uma “guerra mundial de conteúdos”, uma batalha pelo controle da informação e pela conquista de novos mercados. A ascensão de um entretenimento *mainstream* global se dá a partir do modelo estadunidense, gerando uma diversidade “à americana”. (MATEL, 2012). É a partir desse fenômeno que se pretende pensar a história do termo *mainstream*, visando a proposição de uma teoria da tendência dominante.

A investigação da História dos Conceitos proposta aqui parte da premissa de que uma pesquisa teórica se desenvolve por meio da linguagem. “São interpretações linguisticamente formuladas que fornecem significado às sequências transitórias de eventos e ideias [...]”, no entanto, a linguagem é relativamente limitada frente à multiplicidade das experiências humanas, ou seja, “a linguagem não apenas armazena experiências como, também, delimita essas mesmas experiências.” Neste sentido, é preciso atentar para a “diversidade de significados e temporalidades que um conceito pode conter,” atentando para as relações entre o conceito e a experiência, pensando o contexto de seus usos na sociedade. (KIRSCHNER, 2007, p. 50).

Sem conceitos comuns não pode haver uma sociedade e, sobretudo, não pode haver unidade de ação política. Por outro lado, os conceitos fundamentam-se em sistemas político-sociais que são, de longe, mais

---

<sup>220</sup> “[...] aparato discursivo (já que nele se produzem saberes, discursos) e ao mesmo tempo não discursivo (uma vez que está em jogo nesse aparato uma complexa trama de práticas, de produzir, veicular e consumir TV, rádio, revistas, jornais, numa determinada sociedade e num certo cenário social e político), a partir do qual haveria uma incitação ao discurso sobre “si mesmo”, à revelação permanente de si; tais práticas vêm acompanhadas de uma produção e veiculação de saberes sobre os próprios sujeitos e seus modos confessados e aprendidos de ser e estar na cultura em que vivem. Certamente, há de se considerar ainda o simultâneo reforço de controles e igualmente de resistências, em acordo com determinadas estratégias de poder e saber, e que estão vivos, insistentemente presentes nesses processos de publicização da *vi* da privada e de pedagogização midiática.” (FISCHER, 2002, p. 155).



complexos do que faz supor sua compreensão como comunidades linguísticas organizadas sob determinados conceitos-chaves. (KOSELLECK, 2006, p. 98).

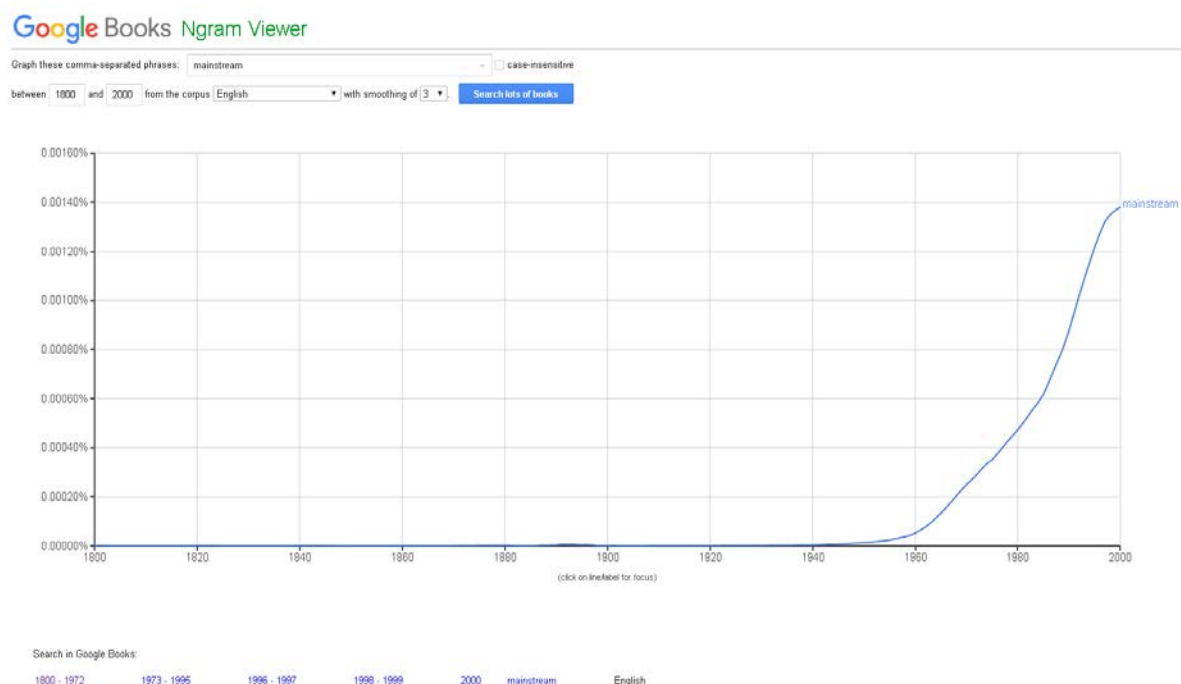
Desta forma, entende-se a História dos Conceitos como uma possibilidade de construção do conceito *mainstream*, na medida em que permite recuperar a relação entre texto e contexto, articulando redes de sentido e produção de significado para o vocábulo. Para realizar o mapeamento da construção histórica do vocábulo/conceito *mainstream*, foi empreendido um levantamento e análise dos significados presentes em dicionários de língua inglesa, disponíveis em bibliotecas curitibanas<sup>221</sup>, bem como em dicionários online.

Além das diferentes definições, foi possível observar que o termo *mainstream* foi incluído nos dicionários nas publicações da década de 1960. A identificação da palavra em dicionários de língua inglesa apontou algumas mudanças temporais no significado, bem como os usos correntes em cada década do século XX, período histórico no qual os vocábulos *main* e *stream* foram unificados em uma única palavra, em um sentido único. Em pesquisa na plataforma Google Books<sup>222</sup> foi possível perceber que a presença do vocábulo em publicações cresce a partir dos anos 60, o que possibilita comprovar as impressões e deduções da análise feita a partir dos dicionários.

---

<sup>221</sup> Biblioteca Pública do Paraná e Biblioteca da Universidade Federal do Paraná. Foi aventada a possibilidade de realizar uma consulta mais ampla, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, no entanto a coleta prévia se revelou suficiente para a análise pretendida.

<sup>222</sup> <https://goo.gl/iE2PcA>

IMAGEM 12<sup>223</sup>

A análise dos significados e usos do termo ao longo dos séculos XX e XXI permitiu estabelecer uma relação com outros conceitos como saber-poder, hegemonia, patriarcado, heteronormatividade e cultura da mídia, com a finalidade de propor uma Teoria da Tendência Dominante, como referencial que permita pensar as relações de gênero e sexualidade na sociedade pós-industrial globalizada.

O vocábulo *mainstream* entra em uso corrente na segunda metade do século XX com o significado de corrente principal ou tendência prevalente. O termo surge, usado em separado – *main stream* – e com o sentido de “principal”, na obra “Paraíso Perdido” de John Milton, publicada em 1667<sup>224</sup> e, em 1831, nos escritos de Thomas Carlyle.<sup>225</sup> Seu uso, nos Estados Unidos, é atribuído ao presidente John F. Kennedy, em discurso proferido em 1963, com o sentido de “reflexo da cultura e atitudes prevalentes da maioria”. (SAFIRE, 1993). Em análise aos significados atribuídos pelos dicionários de língua inglesa publicados entre as décadas de 1960 e 1990 é possível identificar as transformações que a acepção do termo sofreu.<sup>226</sup>

<sup>223</sup> Frequência da palavra *Mainstream* (sécs. XIX e XX). Fonte: <https://goo.gl/zsTaUd>

<sup>224</sup> <https://goo.gl/15jLoD>

<sup>225</sup> CARLYLE, 2010, p. 284.

<sup>226</sup> Não há menção ao termo *mainstream* nos dicionários publicados até os anos 1950, sendo que a primeira referência encontrada data de 1964.

Durante os anos 1960 até 1980 *mainstream* possui diferentes significados, sendo o principal deles o sentido figurativo de “principal correnteza de um rio”<sup>227</sup>, como “corrente ou tendência dominante”<sup>228</sup> ou “a principal corrente ou tendência de opinião ou atividade prevalente”<sup>229</sup>. A partir dos anos 1990, consolida-se o sentido de seu uso atual, enquanto “crenças, atitudes, etc. que são compartilhadas pela maior parte das pessoas e por isso consideradas normais ou convencionais; a TENDÊNCIA dominante de opinião, moda, etc.”<sup>230</sup> Os dicionários online apresentam definições semelhantes, como “o modo de vida ou conjunto de crenças praticados ou aceitos pela maior parte das pessoas”<sup>231</sup> ou o que é “considerado normal porque reflete o que é feito e aceito pela maior parte das pessoas”<sup>232</sup>.

Chama a atenção de que nos diferentes significados disponíveis não foi identificado nenhum que se refira às mídias *mainstream*, expressão comum na imprensa e nos estudos sobre os meios de comunicação de massa.<sup>233</sup> Outra definição interessante, mais relacionada aos usos atuais que circulam na internet, propõe que “uma pessoa *mainstream* é alguém que pula de tendência em tendência para que esta se encaixe com o resto da multidão. *Mainstream* é ser o que a sociedade acha que você deve ser e parecer.”<sup>234</sup>

A partir destes significados, propõe-se um conceito de *mainstream* enquanto tendência dominante que define um conjunto de convenções, crenças, valores e atitudes socialmente aceitos e considerados como normais em uma determinada época. Neste sentido, pensar uma teoria da tendência dominante pressupõe entender o *mainstream* como um regime de normalidade, constituído historicamente, o qual envolve visões de mundo hegemônicas construídas a partir da colonialidade do saber e

---

<sup>227</sup> FOWLER, 1964.

<sup>228</sup> WALTERS, 1966.

<sup>229</sup> WEBSTER, 1973.

<sup>230</sup> HORNBY, 1995.

<sup>231</sup> Cambridge Dictionary Online – Business.

<sup>232</sup> Oxford Advanced Learner's Dictionary.

<sup>233</sup> Uma referência à questão midiática foi encontrada apenas na Wikipédia que infere, entre outras definições, que “o *mainstream* inclui toda a cultura popular, normalmente circulada pela mídia de massa.”

<sup>234</sup> Urban Dictionary.

da heterocisnormatividade patriarcal. Um poder simbólico<sup>235</sup> que adquire sua materialidade nas relações sociais estabelecidas a partir de saberes e práticas que naturalizam desigualdades, opressões e violências.

Dentro da discussão proposta na tese, o presente capítulo foi organizado com a finalidade de pensar a formação de poderes coercitivos e/ou simbólicos que regem os processos históricos, os saberes científicos, as relações sociais, formações identitárias e os discursos de normalidade. Entende-se que estes poderes não são monolíticos e absolutos, mas que permeiam visões de mundo e estruturas políticas. Da mesma forma, acredita-se que todo poder se estabelece na relação entre sujeitos e instituições e que esta relação pode gerar opressão e violência, mas também resistência. A proposta de apresentar o *mainstream* como tendência dominante e o *antimainstream* como resistência<sup>236</sup> não deve ser pensada a partir de uma relação binária de oposição de forças, mas como instâncias que se constroem de maneira mútua e complementar, fazendo parte do mesmo processo de normalização.

---

<sup>235</sup> “[...] poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe são sujeitos ou mesmo que o exercem.” (BOURDIEU, 2004, p. 7-8).

<sup>236</sup> A discussão sobre o *antimainstream* como forma de resistência será realizada no capítulo 3.







### 3 “REMEMBER: SATAN WAS THE FIRST TO DEMAND EQUAL RIGHTS”: RESISTÊNCIAS ANTIMAINSTREAM

Belchior cantou, em 1976, que “a única forma que pode ser norma é nenhuma regra ter, é nunca fazer nada que o mestre mandar. Sempre desobedecer. Nunca reverenciar.” A canção, intitulada “Como o diabo gosta”, relaciona a ausência de regras e normas, a desobediência, à figura do diabo. Esta relação tem sido constante na história cristã, visto que a construção da figura satânica se deu, em grande medida, a partir da narrativa da insubordinação de Lúcifer, o anjo caído. Recuperar a origem desta narrativa pressupõe discutir a relação dicotômica entre o bem e mal e a maneira como se constituiu, historicamente, um discurso que atribui um caráter maligno às iniciativas de oposição e, principalmente, desobediência.

IMAGEM 13<sup>237</sup>



<sup>237</sup> Imagem “Lucifer”. Fonte: <https://goo.gl/Y8R3Ek>

Na mitologia antiga, raramente algum ente é descrito como totalmente maligno, pois os mitos se manifestam como expressões do inconsciente, uma autopercepção cuja ambivalência se dá na presença do bem e mal. As primeiras divindades míticas, bem como o Deus do Antigo Testamento<sup>238</sup>, reúnem em si aspectos benignos e malignos. A consciência dos opostos é frequentemente percebida como necessária e o postulado básico é que todas as coisas, boas e más, vêm de Deus. (RUSSEL, 1987).

Ao longo dos primeiros séculos da era cristã essa visão passou a dar lugar a uma polarização, separando o bem e o mal enquanto oposições absolutas. Esta perspectiva dualista pressupõe a existência de um mal absoluto e radical, gerando um ente claramente reconhecível como diabólico, antagonista de Cristo. A teologia cristã do Novo Testamento construiu a figura do diabo como encarnação do mal em contrapartida à figura de Cristo, estando o reino de Deus em eterna guerra com o reino do diabo.

Se a figura do diabo já estava presente na mitologia de diferentes culturas antigas, representada como mais uma das muitas divindades existentes,<sup>239</sup> foi com o cristianismo que Satã<sup>240</sup> passou a ocupar lugar de destaque. O mito de Lúcifer<sup>241</sup> como o “anjo caído” foi construído durante a antiguidade, a partir das diferentes traduções do Antigo Testamento. (KELLY, 2006). Mas é na literatura cristã medieval que o

---

<sup>238</sup> “Deus é assim, no Antigo Testamento, simultaneamente o Bem e o Mal. O Diabo não é senão o seu servidor e nunca se encontra o conflito que colora tão fortemente o Novo Testamento, onde o Diabo aparece sempre como o inimigo de Deus e o Príncipe deste mundo, em oposição ao Rei dos céus [...] a teologia do Antigo Testamento não concebe senão um pólo único no universo, e o Diabo nunca tem aí senão um papel conforme à vontade do Criador. Satanás é o Mal? Não, ele é o sofrimento pretendido pela vontade de Deus.” (MESSADIÉ, 2001 *apud* FERRAZ, 2014, p. 148).

<sup>239</sup> As formulações sobre o diabo em culturas diferentes surgem das estruturas universais do pensamento humano, bem como são produto da difusão cultural, pois muitas das sociedades que aceitam a ideia de um princípio divino consideram esse princípio ambivalente. A natureza dualista de Deus pode ser expressa teologicamente, em termos racionais, ou mitologicamente, em termos de histórias, pois Deus possui duas faces: é uma coincidência de opostos. No monoteísmo, Deus pode personificar duas tendências opostas na mesma pessoa; no politeísmo, as divindades individuais podem ter “duas almas” e, da mesma forma, alguns podem ser considerados bons e outros maus. (RUSSELL, 1987).

<sup>240</sup> A palavra hebraica *satan* tem como significado “adversário”, sendo traduzida para o grego (*diabolos*), o latim (*diabolus*), alemão (*Teufel*), e inglês (*devil*). Seu uso, no Antigo Testamento, refere-se a “um oponente” humano. (RUSSEL, 1987; KELLY, 2006).

<sup>241</sup> O nome Lúcifer refere-se à estrela da manhã, descrita em Isaías 14, como relato da queda do rei da Babilônia. Outros trechos bíblicos, textos apócrifos e textos dos pais da Igreja compõem a narrativa diabólica: a passagem da serpente no paraíso, o martírio de Jó, a tentação de Cristo no deserto. O diabo passa a representar o rebelde, o tirano, o tentador, o sedutor e, acima de tudo, o inimigo a ser aniquilado. (RUSSEL, 1984; FERRAZ, 2014).

diabo, “o divisor”, passa a encarnar “o espírito de ruptura em confronto com todas as forças – religiosas, políticas e sociais – que tentaram incessantemente produzir a unidade no Velho Continente.” (MUCHEMBLED, 2001, p. 8).<sup>242</sup>

Para Russell (1992), a arte cristã foi capaz de adentrar no personagem de Lúcifer de uma forma que nem o folclore nem a teologia puderam. Os momentos mais dramáticos da história de Lúcifer - a rebelião original, sua expulsão do paraíso, a tentação de Cristo, a descida de Cristo ao inferno e o fim do mundo – foram tratados pela arte inglesa medieval, a partir de ideias teutônicas, explorando aspectos psicológicos do anjo caído.

Deus criou os anjos antes de criar o universo material e seus habitantes, dando a eles o livre arbítrio na esperança de que fossem seus leais vassalos. Mas um dos anjos, cheio de orgulho e inveja, gabou-se de não precisar servir a Deus e, admirando seu próprio brilho e beleza, transferiu seus pensamentos de contemplação a Deus para a contemplação de si mesmo. Sendo um vassalo rebelde, ele decidiu renunciar ao seu senhor e estabelecer um reino para si no paraíso, criando uma fortaleza rebelde e convocando os outros anjos a juntarem-se à sua bandeira. Deus, cujos direitos de senhor foram violados, arremessou Lúcifer e seus seguidores no vale escuro, banindo-os e fazendo com que perdessem seus atributos angélicos. (RUSSELL, 1992).

Segundo Robert Muchembled (2001, p. 14), a construção teológica da figura do diabo tem início entre os séculos XII e XV, momento no qual a imagem satânica passa a se distanciar das visões populares existentes até então, as quais “pintavam um demônio quase semelhante ao homem e que, como este, podia ser ludibriado e vencido.” Para o autor, esta construção ultrapassa o limite religioso e se instaura como o forjar de uma cultura comum, necessária para o estabelecimento de uma concepção unificadora, um inimigo comum ao papado e aos grandes reinos em formação, como forma de controle social das populações.

A figura do diabo adquiriu, de fato, importância crescente a partir do século XIII. Mas as ideias não têm maior força se não seguem a evolução das

---

<sup>242</sup> “[...] Lúcifer é uma livre personificação de toda liberdade condenada por dogmas vigentes [...] é um arquétipo – arquétipo luciferiano – anterior à teologia ortodoxa judaico-cristã, de busca pelo saber dos deuses tal como Prometeu, Eóforo, Héspero, Hespérides da mitologia grega.” (FERRAZ, 2014, p. 153).



sociedades. Lúcifer cresce no momento mesmo em que a Europa procura maior coerência religiosa e inventa novos sistemas políticos, preludiando o movimento que vai projetá-la para fora de si, na conquista do mundo, no século XV. (MUCHEMBLED, 2001, p. 31).<sup>243</sup>

IMAGEM 14<sup>244</sup>



O diabo passa, então, a cumprir a função simbólica do mal e do pecado, sendo amplamente utilizado como motor para o desenvolvimento da “obediência religiosa, mas igualmente o reconhecimento do poder da Igreja e do estado, cimentando a ordem social com o recurso a uma moral rigorosa.” (MUCHEMBLED, 2001, p. 14). A simbologia construída em torno do demônio irá explorar uma série de representações

<sup>243</sup> “A acentuação de traços negativos e maléficos do demônio pode ser realmente assinalada a partir do século XIV, porque o fio da história assim contada não se limita mais ao estreito mundo monástico, mas se entretete cada vez mais profundamente na trama de universos laicos em que se coloca concretamente o problema do poder, da soberania, das formas de dependência. O discurso sobre Satã muda de dimensão no momento mesmo em que se esboçam teorias novas sobre a soberania política centralizada, diante das quais o universo das relações feudais e vassálicas cede lentamente.” (MUCHEMBLED, 2001, p. 34).

<sup>244</sup> Meme sobre a serpente do paraíso. Fonte: <https://goo.gl/fSXmqT>

relacionadas ao feminino, à fertilidade, à noite, à escuridão, à negritude, e até à esquerda.<sup>245</sup>

Esta construção simbólica que estabelece um pressuposto de obediência como base da ordem política e social é a mesma que constrói uma demonização recorrente dos sujeitos desviantes. O enfrentamento ao *status quo*, a luta por direitos, a tentativa de subversão da ordem vigente passam a adquirir um caráter maligno. Há um forte juízo de valor que atua em termos de manutenção da ordem vigente e que atribui aos possíveis desvios uma aura de monstruosidade.

Entre as metáforas mais comuns que usamos para nos referir ao mal estão crime, pecado e monstruosidade (ou monstro). Quando o mal é transposto para a esfera legal, atribuímos-lhe o caráter de transgressão das leis sociais; quando o mal aparece no domínio religioso, o reconhecemos como uma quebra das leis divinas, e quando ele ocorre no reino estético ou moral, damos-lhe o nome de monstro ou monstruosidade. (JEHA, 2007, p. 6-7).

O monstro é, então, aquele que transgride as leis e regras estabelecidas, que vive e opera no limite do conceito de humano. O monstro é aquele que mostra<sup>246</sup>, a manifestação de algo fora da ordem, de algo que excede. Esta manifestação se deu, historicamente, por meio do corpo, entendido como um corpo deformado, fora das normas. Do monstro mitológico da antiguidade ao monstro diabólico medieval, chega-se ao monstro científico moderno. A monstruosidade migra do corpo para a mente e, partir da classificação de normalidade proposta pela ciência oitocentista, passa a abrigar todas as pessoas que não se encaixam nos padrões de normalidade. (LEITE JUNIOR, 2016).

A classificação dos sujeitos a partir dos códigos morais dominantes passa a indicar, para os desviantes, um alarme de perigo.

---

<sup>245</sup> “Capaz de estar em toda parte ao mesmo tempo, o demônio preferia, contudo, determinados locais e determinados momentos. A noite era seu reino, em oposição à luz divina brilhando sobre a terra. Lugares desolados e frios, animais noturnos estavam por isso mesmo diretamente ligados a ele. [...] Os autores cristãos acrescentam a isso uma explicação, para eles lógica: as igrejas estão orientadas para leste, portanto, ao entrar nelas, tem-se o norte à esquerda; ora, este lado do corpo humano ou do universo criado por Deus foi dedicado ao diabo, sinistro no sentido mesmo do termo latino que designa a esquerda.” (MUCHEMBLED, 2001, p. 27).

<sup>246</sup> Etimologicamente, monstro deriva de *monstra* (mostrar, apresentar), de *monstrare* (um sinal, um caminho a seguir), de *monstrum* (aquele que revela, que adverte). (MESSIAS, 2016; LEITE JUNIOR, 2016, COHEN, 2000).

Essa recusa a fazer parte da “ordem classificatória das coisas” vale para os monstros em geral: eles são híbridos que perturbam, híbridos cujos corpos externamente incoerentes resistem a tentativas para incluí-los em qualquer estruturação sistemática. E, assim, o monstro é perigoso, uma forma — suspensa entre formas — que ameaça explodir toda e qualquer distinção. (COHEN, 2000, p. 30).

A marca do monstro está na diferença – cultural, biológica, racial, religiosa, ideológica –, pois este “combina o impossível e o proibido. (FOUCAULT, 2010, p. 47). Identidades desviantes, quais sejam, ameaçam a ordem e surgem como anormalidade, algo que precisa ser corrigido, pois o monstro revela que a diferença é arbitrária e mutável. A demonização e monstrificação de pessoas que se insurgem contra o *status quo* têm sido recorrentes em diferentes campos, como o científico, o histórico ou o midiático. Desta forma,

Operando através dessa categoria, a categoria de monstro, a violência, o sarcasmo, o nojo, o medo e a desqualificação não são simples reações ao desconhecido, ou ao receio de perder uma pressuposta estabilidade, ou uma ordem social, coletiva, individual, psicológica. Essas atitudes de violência, sarcasmo ou nojo, são atitudes culturais e historicamente legitimadas para se relacionar com quem não é compreendido como humano, ou é compreendido como quase humano. (LEITE JUNIOR, 2016).

Em sua ambiguidade, monstros são o avesso da perfeição humana. Situando-se no limite, nas margens, a monstrosidade define alguém que fracassou em sua humanidade. Este fracasso, mais do que um condicionante, pode constituir-se como um novo horizonte de potencialidades. Ao serem excluídas dos círculos sociais da normalidade, pessoas desviantes podem estabelecer diferentes formas de vida, *antimainstream*, no que Jack Halberstam (2011) chama de “uma nova gramática de possibilidades”. Assumir o fracasso, em uma sociedade marcada pela hipervalorização do sucesso, significa desenvolver táticas políticas e utopias radicais como forma de resistir às normas punitivistas da sociedade de controle.

Seguindo a proposta do autor de pensar o “fracasso queer” como uma forma de resistência, entende-se que negar o modelo de sucesso, marca do capitalismo triunfante, significa fugir do padrão de acumulação de títulos e bens e de uma “positividade” *mainstream* que se constrói em um horizonte de futuro no qual os obstáculos serão superados se houver um grande esforço. O sucesso meritocrático

indica que o fracasso é resultado de más escolhas e não de condições estruturais como gênero, raça e classe. Um caminho para ultrapassar este modelo positivo pode vir a partir do entendimento do fracasso enquanto abandono de ideais patriarcais de sucesso. Para uma pessoa subalterna, obter sucesso implica em seguir padrões *mainstream* que, em última instância, regulam corpos e desejos.

O que a narrativa demoníaca e monstruosa ensina é que há uma única estrutura linear que irá regular todo o *telos* da existência. Exista na obediência, exista na norma, exista no sucesso. Alternativas viáveis apenas no campo da possibilidade só estão disponíveis para quem ousa buscar outras potencialidades utópicas. Assim, pessoas subalternas, excluídas desse “destino” existencial, constroem para si vidas vivíveis baseadas em outras experiências: o fracasso, a negatividade, a abjeção. Abandonar o *mainstream* significa experimentar outras possibilidades: outras temporalidades, outros afetos, outros futuros.

IMAGEM 15<sup>247</sup>



Neste sentido, pretende-se recuperar o que James C. Scott (1985) nomeou de “weapons of the weak”<sup>248</sup> – estratégias pensadas enquanto formas de resistência de indivíduos e grupos que não possuem força suficiente para fazer frente ao Estado em grandes movimentos organizados e financiados – com a finalidade de

<sup>247</sup> <https://goo.gl/LJmkvT>

<sup>248</sup> “Armas do fraco”, em tradução livre. James C. Scott analisa uma vila camponesa na Malásia com a finalidade de identificar as estratégias comuns utilizadas pela resistência camponesa, em contraposição à visão de “revolução”.

identificar atitudes e projetos *antimainstream*. O estranhamento, enquanto arma, pode funcionar como recusa: a aprender as lições da história, a renunciar a práticas utópicas, ao inevitável movimento da tragédia à farsa.<sup>249</sup> (BERLANT, 1994). A recusa em se adaptar a um sistema opressor e excludente pressupõe estabelecer novas potencialidades, não como possibilidades de uma concretização futura, mas de uma forma de “não ser” que é iminente.<sup>250</sup>

A proposta de uma política do estranhamento foi elaborada a partir das reflexões de José Esteban Muñoz (2009) sobre o *queerness*<sup>251</sup>, pensado nesta tese como uma maneira de fugir do binarismo *mainstream/antimainstream*. Para o autor, o *queerness* existe enquanto utopia, como um ideal destilado do passado e usado para imaginar um futuro. Ao perceber que esse mundo não é suficiente, que algo está faltando, criar outras formas de estar no mundo, e em última instância, novos mundos. *Queerness* como formação utópica é baseado em uma economia do desejo e do desejar. Esse desejo está sempre direcionado àquilo que ainda não é, como uma antecipação e uma promessa. A ideia não é abandonar o presente, mas pensar temporalidades e espacialidades alternativas.

Neste capítulo pretende-se analisar algumas iniciativas *antimainstream*, desenvolvidas ao longo dos séculos XX e XXI, a partir do estudo dos processos históricos que as originaram. A abordagem centra-se em formas de resistência que foram compartilhadas no Facebook, principalmente em postagens de pessoas que fazem parte da rede da autora.<sup>252</sup> A característica aleatória do texto deve-se, principalmente, pelo fato de que os temas abordados aqui fazem parte de uma história

---

<sup>249</sup> A autora refere-se à passagem de Karl Marx: “Hegel observa em uma de suas obras que todos os fatos e personagens de grande importância na história do mundo ocorrem, por assim dizer, duas vezes. E esqueceu-se de acrescentar: a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa.” (MARX, 1997, p. 21).

<sup>250</sup> “[...] em sua estrutura originária, *dynamis*, potencialidade, se mantém em relação a sua própria privação, sua própria *sterēsis*, seu próprio não-Ser. Essa relação constitui a essência da potencialidade. Ser potente significa: ser a sua própria falta de, *estar em relação a sua própria incapacidade*. Os seres que existem em função de sua potencialidade *são capazes de sua própria impotencialidade*; e apenas desta forma eles se tornam potentes. Eles *podem ser* porque eles são em relação a seu próprio não-Ser. Na potencialidade, a sensação está em relação à anestesia, o conhecimento à ignorância, a visão à escuridão.” (AGAMBEN, 1999, p. 182).

<sup>251</sup> “Estado ou condição de ser estranho” (OXFORD DICTIONARIES, 2017).

<sup>252</sup> A análise da rede e das iniciativas *antimainstream* encontra-se no capítulo 4.

muito mais ampla que, infelizmente, não pôde ser analisada integralmente.<sup>253</sup> Assim, destaca-se que o texto apresenta um recorte bem específico, com a finalidade de pensar em resistências utópicas fracassadas não como uma fórmula a ser aplicada à análise, mas como uma visão, um mapa que indique caminhos possíveis de compreensão destas iniciativas que podem parecer tão irrisórias, mas que mantêm a sua potência exatamente por não se pretenderem revolucionárias<sup>254</sup>.

### 3.1. “THE SUBVERSIVE STITCH”<sup>255</sup> CRAFTIVISMO, *DIY*<sup>256</sup> E MÍDIA RADICAL

A arte tem sido, historicamente, dividida segundo uma classificação hierárquica que diferencia as “belas-artes” do trabalho manual. O movimento criado para redefinir os limites entre as formas de expressão artística, a partir dos anos 1970, intensificou-se e, atualmente, conta com a participação de homens e mulheres que utilizam bordados, costuras, crochê e tricô em suas criações. Através dos séculos, o bordado tem sido tanto uma limitação quanto uma arma de resistência, pois enquanto promoveu a submissão às normas que impunham a obediência feminina, também forneceu formas de independência financeira e psicológica. Desde o Movimento de Libertação das Mulheres, tem-se pensado sobre o emprego dos trabalhos manuais como um meio que, por representar uma herança da história das mulheres, é bastante interessante para a produção de obras feministas.<sup>257</sup> (PARKER, 2013).

<sup>253</sup> Algumas das obras citadas ao longo do texto propõem-se a descrever movimentos sociais e iniciativas de contestação. Ver: Downing (2011) e Misiroglu (2009).

<sup>254</sup> O “revolucionário” aqui é entendido a partir de Hakim Bey, no sentido de trocar uma forma de poder estatal por outra. As transformações estruturais possíveis em uma revolução (nos moldes históricos) sempre serão limitadas pela manutenção do Estado.

<sup>255</sup> “O ponto subversivo”. (PARKER, 2013).

<sup>256</sup> DIY: do it yourself. “faça você mesma”

<sup>257</sup> Esta visão se distancia da leitura de que o espaço doméstico e o trabalho manual seriam apenas instrumentos de opressão das mulheres. Sem negar que a falta de acesso ao espaço público (inclusive com relação à escolaridade e às belas-artes) têm sido, historicamente, formas de exclusão social, entende-se que foi na esfera doméstica que a mulher produziu formas de existir e resistir. Pensar uma desconstrução dos papéis de gênero exige uma boa dose de cuidado, evitando a armadilha do anacronismo e da negação histórica. “Nunca me preocupei que a associação do bordado com a feminilidade, doçura, passividade e obediência pudesse subverter a intenção feminista do meu trabalho. Feminilidade e doçura fazem parte da força feminina... Uma força silenciosa não deve ser tomada como vulnerabilidade vã.” (WALKER, 1981 *apud* PARKER, 2013).



IMAGEM 16<sup>258</sup>

O craftvismo<sup>259</sup> foi pensado por Betsy Greer (2014, p. 8) como um “ativismo silencioso”, uma maneira de agir no e sobre o mundo. “A criação de coisas pelas mãos leva a um melhor entendimento sobre a democracia, porque nos lembra de que nós temos o poder”, assim, a proposta do craftivismo está baseada numa investida de ação que estimule as pessoas a questionarem, principalmente por meio da conversação. Pequenos atos artísticos representam algo do “fazer” que se torna a base do movimento. A ação de produzir manualmente – por meio da costura, bordado, tricô, crochê, etc. – pode ser visto como uma alternativa radical à mercantilização de todos os aspectos da vida. Ao produzir coletivamente, as pessoas enfrentam o capitalismo totalitário e estabelecem relações que desafiam a destruição dos laços comunitários: fazem suas próprias roupas, doam para quem precisa, criam formas de comunicação alternativa. (ROBERTSON, 2011).

<sup>258</sup> Pichação “Ally ou knit is love”. Fonte: <https://goo.gl/m5mk39>

<sup>259</sup> *Craftivism*: craft (trabalho manual) + Activism (ativismo).

A ascensão do craftivismo e a valorização do potencial radical de uma atividade manual mais do que o produto final em si são responsáveis por uma mudança na forma de perceber o trabalho manual e a sua finalidade, trazendo reflexões sobre feminilidade e masculinidade, performatividade, conhecimento tácito, compartilhamento, *DIY*, anticapitalismo e ativismo. Desenvolvem-se novos tipos de discussão, crítica, concepção, exibição, comunicação que mantêm o processo criativo de produção aberto e dinâmico, preservando a intenção política. Os métodos de organização craftivista estabelecem espaços para a criação e divulgação de seu trabalho e ideias, fora das instituições dominantes e dos modelos corporativos: protestos e marchas, sites e blogs, fanzines, workshops e exposições em espaços alternativos. (BLACK; BURISH, 2011). Neste sentido, as relações entre o fazer e o conectar estabelecem processos comunicacionais que permitem a criação, em conjunto, de materialidades e ideias por meio de atos de criatividade proporcionando o compartilhamento e engajamento, pessoal e social. (GAUNTLETT, 2011).

O craftivismo pode ser classificado dentro do amplo espectro da mídia radical<sup>260</sup> proposto por John Downing (2004), cujo estabelecimento é fundamental no processo de manufatura de contra-hegemonias, mesmo que temporárias e fluídas, e de expressão da insatisfação popular. Trabalhos manuais, por meio do toque e do movimento, passam pelos usos do corpo,<sup>261</sup> concentrando criação e afeto.

O corpo não é um lugar onde as informações que vêm do mundo são processadas para serem depois devolvidas ao mundo. O corpo não é um meio por onde a informação simplesmente passa, pois toda informação que chega entra em negociação com as que já estão. O corpo é o resultado desses cruzamentos, e não um lugar onde as informações são apenas abrigadas. (KATZ; GREINER, 2012, p. 7).

---

<sup>260</sup> “[...] o espectro total da mídia radical nas culturas modernas inclui uma vasta gama de atividades, desde o teatro de rua e os murais até a dança e a música [...], e não apenas os usos radicais das tecnologias de rádio, vídeo, imprensa e Internet.” (DOWNING, 2004, p. 39).

<sup>261</sup> “[...] todas as habilidades, até mesmo as mais abstratas, têm início como práticas corporais, depois que o entendimento técnico se desenvolve através da força da imaginação. [...] a imaginação começa explorando a linguagem que tenta direcionar e orientar a habilidade corporal. Essa linguagem funciona melhor quando é capaz de mostrar de maneira imaginosa como fazer alguma coisa. A utilização de ferramentas imperfeitas ou incompletas leva a imaginação a desenvolver essas capacidades necessárias para reparar e improvisar.” (SENNETT, 2009, p. 20).



IMAGEM 17<sup>262</sup>

O corpo, então, torna-se “mídia de si mesmo”, um corpomídia que não é um veículo de transmissão, mas um processo de seleção de informações que constituem o corpo, pois as experiências são fruto dos corpos”, das interações com o ambiente e com outras pessoas. (KATZ; GREINER, 2012). Neste sentido, a relação entre o corpo e as materialidades do trabalho manual podem se constituir uma potente forma de comunicação e de produção de afetividades entre os sujeitos envolvidos. No caso das pessoas subalternas, observa-se essa produção a partir das performatividades e da formação de redes construídas no processo de existir e resistir.

### 3.1.1 Faça Você Mesma: Contracultura e *DIY*

Dentro da proposta de pensar o trabalho manual como forma de comunicação e de resistência, cabe também analisar a formação da contracultura e do “faça você mesma”. Perceber as possibilidades de constituição de uma mídia radical, com o intuito de pensar formas de expressão cultural contra-hegemônicas passa também por analisar processos históricos de formação de grupos culturais dissidentes.

<sup>262</sup> Bordado de Eliza Bennett intitulado “A Woman's Work Is Never Done”. Fonte: <https://goo.gl/njLAHP>

A cultura jovem, marca do século XX, já estava presente pelo menos desde os anos de 1920<sup>263</sup> e foi adquirindo diferentes características ao longo das décadas. A contracultura que surgiu na década de 1960, por sua vez, marcou tanto um estilo musical e de comportamento quanto uma forma de contestação da ordem vigente. O *rock*, o movimento hippie, o uso de drogas como forma de expansão da mente, movimento pacifista uniram-se a pautas políticas radicais de crítica ao *establishment*, formando uma cultura jovem de crítica ao *status quo*.

A contracultura representa uma reação à tecnocracia, definida como a forma social na qual a sociedade industrial atinge o auge de sua integração organizacional. Para garantir a maior eficácia dos processos, desenvolveu-se uma engenharia social capaz de transformar em objeto da regulação técnica a política, a educação, o lazer, a cultura e, inclusive, o próprio protesto contra a tecnocracia. O enfrentamento à sociedade tecnocrata só pode ser feito a partir de projeto coletivo contra-hegemônico, representado pela contracultura. (ROSZAK, 1970).

Sem excluir seu caráter político, Dick Hebdige (1988), afirma que o termo contracultura refere-se ao amálgama das culturas alternativas da classe média que surgiram ao longo da década de 1960 e tornaram-se proeminentes entre os anos de 1967-70. Para o autor, a contracultura caracteriza-se explícita oposição à cultura dominante por meio da elaboração de ação política, manifestos e filosofias independentes; pelo desenvolvimento de instituições alternativas e autônomas como a imprensa *underground*, comunidades e cooperativas, etc.; bem como seu abandono dos limites estabelecidos entre trabalho, família, estudo e lazer.

---

<sup>263</sup> Simon Frith (1981) traça um comparativo entre a cultura jovem nos anos de 1920, período de surgimento da cultura jovem nos EUA, e os anos de 1960. Segundo o autor, a cultura jovem dos anos 20 era uma cultura universitária, que girava em torno da vida no campus e não incluía quem não fosse estudante. A cultura dos anos 60 critica isso, inspirada pela geração *beat* dos anos 50. A cultura universitária da década de 1920 não representava um conflito de gerações, não possuía um recorte de inconformidade política e estava firmemente comprometida com a economia capitalista e a vida burguesa. Os valores dominantes giravam em torno do consumo, da liberdade sexual, viagens e festas. Este estilo de consumo – preocupação com a moda e as tendências de estilo como forma de identidade de grupo e senso de pertencimento – tornou-se um modelo para *todo* o tipo de consumo. Este padrão de consumo da classe média tornou-se também um modelo para a classe trabalhadora jovem. O estilo de vida da juventude universitária, conservadora, tornou-se inclusive o modelo conformista dos adolescentes da década de 1950. A cultura jovem dos anos 1960 também era uma cultura universitária, no entanto recusava os códigos do estilo “fraternidade” e os valores da classe média. Parte de sua rebeldia consistia na construção desses novos valores, adaptados do estilo de vida das classes mais baixas e baseados no conflito de gerações e na crítica ao status quo político e econômico.

Além da tecnocracia, a intolerância do marcartismo<sup>264</sup> deixou óbvio que um projeto de emancipação da autoridade deveria focar na destruição da própria personalidade autoritária. Grupos jovens que viveram a contracultura acreditavam na mudança individual e social e buscavam, no antiautoritarismo, recusar não apenas o poder do Estado ou das instituições religiosas, mas também o controle exercido por sistemas de pensamento rígidos, convenções amplamente aceitas pelo senso comum, paradigmas estéticos inflexíveis e diferentes tabus, como o da sexualidade. Estas atitudes foram muitas vezes percebidas como rebeldia ou revolta, mas a busca da geração da contracultura não era por um novo regime de poder, e sim pela transgressão dos regimes de poder por meio do empoderamento do maior número de pessoas. (GOFFMAN, 2004).

Uma das características da contracultura centrou-se na primazia do individualismo em contraponto às convenções sociais e controle governamental. A individualidade se desenvolveria por meio do livre pensamento, não apenas no sentido de liberdade de expressão, mas de outras liberdades como crença, aparência pessoal, sexualidade e outros aspectos da vida. O espírito da contracultura negava apenas expressões da individualidade que pudessem representar opressão do outro.

A geração *beat* da década de 1950 influenciou fortemente a juventude *hippie* e a cultura boêmia<sup>265</sup>. O conservadorismo do pós-guerra viu surgir, nos EUA, a cultura dos saraus, recitais de poesia, mostras de arte, apresentações de *jazz* e *folk*. Os espaços públicos como restaurantes, bares, casas noturnas e cafés funcionavam como centros comunitários, lugares onde as pessoas poderiam compartilhar ideias e expor suas opiniões sobre novos estilos e formas de vida. Mesmo com o controle conservador do poder público e policial, a boemia organizava formas de acessar os espaços públicos, formando associações de bairros e unindo-se com grupos organizados de luta por

---

<sup>264</sup> Termo que nomeia a investigação e perseguição anticomunista estabelecida nos Estados Unidos, no início da década de 1950, liderada pelo senador Joseph McCarthy (1908-1957).

<sup>265</sup> Clinton Starr (2005) afirma que os grupos contraculturais compartilhavam valores e modos de vida desviantes das normas e práticas sociais aceitas. Pessoas boêmias eram indivíduos que residiam em distritos urbanos frequentados por artistas que sentiam afinidade com as crenças e modos de vida de intelectuais de vanguarda. A boemia de Los Angeles e San Francisco estabeleceu uma política cultural centrada na rejeição do consumismo e do estilo de vida da classe média, na valorização da miscigenação racial, da homossexualidade, bem como da reconfiguração dos papéis de gênero.

direitos civis para enfrentar a discriminação nos tribunais, além de realizar protestos públicos. (STARR, 2005).

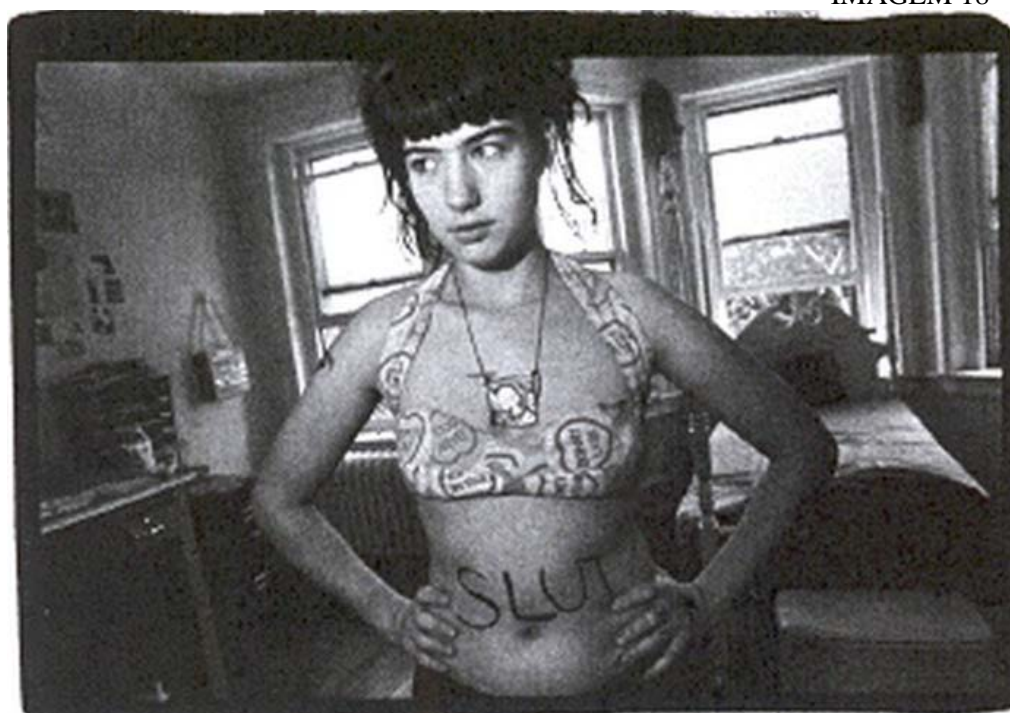
No entanto, uma parte do conteúdo mais valioso da contracultura não se manifestou por meio da literatura; mas da produção de jovens *hippies*. A segunda metade da década de 1960 representou uma radicalização nos movimentos culturais, tanto no aspecto político quanto comportamental. Se a juventude do pós-guerra possuía uma rebeldia ingênua, a partir de 1965 a crítica social, a articulação política e a busca por novas formas de existência, mais místicas, inclusive, serão a força do movimento jovem.

Cabelos compridos, abandono dos ícones do consumo burguês, vida em comunidade, novas formas de espiritualidade estavam presentes não apenas na rotina dos jovens, mas principalmente no rock. O final da década marcou também uma ruptura nos movimentos de contracultura. A assimilação pela indústria cultural que rondava a cultura jovem desde os anos 1950 tornou-se ainda mais forte com o avanço da Guerra Fria e a necessidade de ampliar as formas de controle social. A aura de paz do “verão do amor” de 1967 não resistiu aos avanços da Guerra do Vietnã e ao maio de 1968.

A cultura *Do it yourself*, desenvolvida no período, é caracterizada pela rejeição de uma cultura popular *mainstream*, sofisticada e super produzida, defendendo a ideia de que é possível criar, desenvolver e adaptar produtos culturais, executando diferentes tarefas sem precisar da ajuda de um especialista.

Esta filosofia sempre esteve presente na cultura do *rock*, mas foi o movimento *punk* que propôs com maior ênfase o rompimento com a cultura *mainstream*. O *punk* apresentava uma mensagem simples, a mesma que foi levada em diferentes gerações do rock: rejeição das regras pré-existentes e afirmação da necessidade de mudança. Retomou muitos dos elementos presentes no início do *rock*, como a celebração da rebeldia jovem, incluindo a ideia de que não deveria haver elitismo na música.

O movimento *punk* incorporou muitas táticas do *DIY* como produzir música de forma independente, gravar seus próprios discos, organizar shows e elaborar formas de divulgação e difusão autênticas e autônomas, como os fanzines. Tornou-se um estilo musical, uma forma de comportamento jovem, uma estética da moda.

IMAGEM 18<sup>266</sup>

Outro aspecto importante da cultura *punk* foi a participação feminina. Iniciada nos anos 70, com inspiração em artistas como Debbie Harry, Chrissie Hynde, Joan Jett, entre outras, a presença de garotas na cultura *DIY* eclodiu com o movimento *Riot Grrrl*, iniciado nos Estados Unidos, na década de 90. A presença feminina no cenário *rock* sempre existiu, mas majoritariamente como público consumidor. O *riot grrrl* possibilitou que as garotas participassem como artistas e também como produtoras culturais, extrapolando os limites do consumo de música para a própria articulação política e identitária. (GOTTLIEB; WOLD, 1993).

Ao rejeitar estilos e formatos *mainstream*, que representariam a adequação a um modelo comercial de feminilidade, as *riot girrrls* criaram redes de relacionamento que reforçavam a crítica ao padrão de uma cultura jovem branca e de classe média que haviam herdado. Além disso, criticavam as limitações de comportamento impostas pelo patriarcado ao seu direito de ocupação do espaço público, de uso do corpo, de fazer *rock*. O próprio termo *riot girrrl* passou a se relacionar tanto ao estilo musical, agressivo e *DIY*, quanto ao discurso político feminista, sendo resgatado nas décadas posteriores pela militância do feminismo digital.

---

<sup>266</sup> Kathleen Hanna, vocalista da banda Bikini Kill. Fonte: <https://goo.gl/N8aBxP>

### 3.2 “NÓS DIZEMOS REVOLUÇÃO”<sup>267</sup>: MULTIDÃO QUEER

Ao longo da história moderna e da consolidação da esfera pública as transformações políticas foram implementadas, em grande medida, a partir de disputas entre as elites. A mobilização popular, como base de apoio a um dos grupos em disputa, foi progressivamente conquistada com a ampliação da comunicação “boca a boca” por meio de debates públicos e da utilização de impressos - texto e imagem.

No início da Era Moderna, a impressão gráfica serviu aos ideais revolucionários – religiosos, políticos ou sociais - e converteu a Reforma de Lutero em “revolução permanente” ao disponibilizar impressões em preços razoavelmente acessíveis e permitir que suas ideias não pudessem ser silenciadas como ocorreu com os primeiros hereges, mortos nas fogueiras católicas. A cultura da impressão não substituiu a oralidade e as imagens continuaram sendo uma forma de comunicação importante, produzida para uma população majoritariamente analfabeta. (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 83).

Desta forma, a cultura política moderna, nascida no debate, ampliou suas possibilidades de expressão. Os principais processos revolucionários do período foram construídos e acompanhados pela mídia e pela população em palestras, textos, imagens e ações rituais, trazendo a política para a vida diária das populações.

A comunicação oral foi particularmente importante. A época da Revolução Francesa foi de intensos debates, discursos na assembleia Nacional e nos clubes políticos recém-formados em Paris e outras cidades. Os debates eram orientados segundo uma nova “retórica revolucionária”, apelando mais às paixões do que à razão e baseando-se na “magia” de palavras como *liberté*, *fraternité*, *nation*, *patrie*, *peuple* e *citoyen*. (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 104).

Ao longo dos séculos XIX e XX a configuração da relação entre movimentos sociais e mídia sofreu transformações, mas manteve-se presente. As multidões nas ruas, as vanguardas artísticas, as performances urbanas constituíram diferentes aspectos da relação entre mídia, rua e corpo, tornando manifestantes agentes urbanos e midiáticos.

---

<sup>267</sup> “Eles dizem crise, nós dizemos revolução”. (PRECIADO, 2013).

No período pós-guerra, principalmente a partir da década de 1960, surgiram diferentes movimentos de contestação, com variadas motivações, que passaram a desestabilizar as relações de poder e a transformar a performance política. O movimento Internacional Situacionista, por exemplo, utilizava-se da performance artística para, ao promover o choque, despertar o espontâneo. Uma das premissas do grupo situacionista era a crítica ao sistema capitalista, responsável pela submissão todas as relações à lógica do mercado. Suas ideias inspiraram muitas das ações do maio de 1968 em Paris e ficaram registradas nas pichações espalhadas nos muros das cidades: “Seja realista, demande o impossível”, “Viva sem tempo morto”, “A política está nas ruas”, “Não trabalhe jamais”.

Estes pequenos atos de arte/sabotagem visavam provocar um choque que despertasse reflexões sobre as expectativas com o cotidiano – vive-se em formas pré-concebidas, esperadas, e quebrá-las pode despertar a espontaneidade e a criatividade que os situacionistas julgavam necessárias para a vida liberta. (ASSIS, 2006, p. 18).

A estética situacionista e o seu modelo de ação têm servido como fonte de inspiração para muitos movimentos contemporâneos, criando ações lúdicas e engajadas para debater o sistema capitalista. Tanto a intervenção quanto a performance são táticas de resistência que foram desenvolvidas por movimentos ao longo do século XX, e utilizadas com grande ênfase nas últimas décadas, agora mediadas por computadores e pela internet.

Na década de 1990, o movimento *Culture Jamming* surgiu nos Estados Unidos propondo intervenções em anúncios publicitários, prática que seria realizada continuamente nas grandes cidades, criticando a onipresença de imagens e a construção de um mundo de aparências pelas mídias. Segundo Assis (2006, p. 27), a proposta dos ativistas era subverter elementos presentes no capitalismo causando uma “confusão na cultura”, e introduzir um ruído na mensagem transmitida entre emissor e receptor, proporcionando múltiplas possibilidades de interpretação. Para o autor, os *jammers* podem ser compreendidos como uma versão contemporânea da Internacional Situacionista e suas radicalizações artísticas.

Os *jammers* apropriam-se da estética do mercado (dos logotipos, da qualidade fotográfica, dos textos impactantes, do design experimental, do pop) para contestar os valores que o próprio mercado promulga. Há uma relação direta e clara com a difusão de novas tecnologias de produção digital, que deixam grandes empresas de comunicação e pequenos grupos mais próximos em relação ao desenvolvimento de peças gráficas e eletrônicas. (ASSIS, 2006, p. 29).

Outro movimento que se destacou nos anos de 1990 foi o *Ejército Zapatista de Liberación Nacional* (ENLZ), levante indígena que apresentava demandas relacionadas a questões raciais, de gênero, de autonomia, voltadas à política e globalização. A meta do grupo não era a tomada do poder, mas a possibilidade da criação de um governo mais democrático, de forma pacífica, com a participação da sociedade civil.

O enfrentamento proposto pelo movimento, a reação violenta do governo, o carisma do líder subcomandante Marcos e a utilização da internet para o ativismo político e mobilização internacional criaram uma aura mística para o movimento e contribuíram para que suas demandas fossem divulgadas e encontrassem eco em todo o mundo. A ação do EZLN pode ser considerada a gênese do movimento *antimainstream* organizado pela internet, formando uma rede de resistência que se distancia das categorias tradicionais políticas, pois não possui o interesse único de conquistar o poder, mas principalmente de denunciar os mecanismos e dispositivos de dominação.

Esta rede, iniciada nos anos 1990, ganhou notoriedade também pela formação de uma mídia ativista em reação à produção de conteúdo da mídia hegemônica.

Não se pode, porém, ignorar que a utilização de novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) pelos movimentos sociais traz algumas transformações para a ação coletiva contemporânea. [...] mais do que um meio de comunicação, a internet é também um meio de mobilização e um alvo a mirar (no caso de “tempestade” de e-mails para instituições financeiras). [...] Se não substitui formas “antigas” de mobilização, a internet agiliza os contatos e torna possível a formação de alianças as quais, sem ela, levariam mais tempo para acontecer e, talvez, as manifestações não ocorressem com tanta precisão nos dias e locais marcados, nem assumiriam esse caráter transnacional que têm. (PRUDÊNCIO, 2006, p. 9).



Assim, para mobilizar a opinião pública, ativistas dos movimentos por justiça global se valeram de estratégias de comunicação interna (produção de informação própria, divulgada nos websites) e de estratégias de comunicação externa (ocupação das ruas e visibilidade na imprensa). Estas novas redes tornaram-se *smart mobs* (RHEINGOLD, 2002), multidões formadas por atores conectados que cooperam coletivamente por meio do uso de dispositivos tecnológicos. A possibilidade do contato a distância permite que pessoas que não se conhecem pessoalmente, não têm relações pessoais familiares, de amizade ou de trabalho, unam-se em torno de pautas comuns. Diferentes formas de colaboração e produção criativa se estruturam por meio destas conexões e a ação coletiva ganha uma potência de mobilização e transformação.

### 3.2.1 “A multidão é carne viva”<sup>268</sup>

A multidão é um dos elementos constitutivos da sociedade contemporânea, desde o período pré-industrial as chamadas “massas” têm perpetrado ações sociais e políticas que resultaram na formação de um sujeito social relevante no contexto da transformação política e social. Na sociedade pós-industrial, pautada na circulação da informação e na economia de serviço, a multidão tornou-se, enquanto forma de organização política, um elemento chave no debate democrático.

Os movimentos sociais, articulados ao longo do século XX, passaram por diferentes ciclos de lutas, organizados em torno de pautas da classe trabalhadora, estudantes, feministas, grupos LGBTs, movimento negro, lutas anti-imperialistas, entre outros. Os anos de 1968, 1999 e 2011 marcam momentos importantes de articulação mundial em torno de demandas, locais e globais, que reivindicaram mudanças na ordem social, política e econômica. Estes atores não “[...] lutam meramente por bens materiais ou para aumentar sua participação no sistema. Eles lutam por projetos simbólicos e culturais, por um significado e uma orientação diferentes da ação social.” (MELUCCI, 1989, p. 59).

Os movimentos sociais passaram por importantes mudanças ao longo das últimas décadas do século XX e o início do século XXI e diferem-se das organizações

---

<sup>268</sup> (HARDT; NEGRI, 2014).

políticas tradicionais por se estabelecerem como um “movimento de movimentos”. Com a estruturação da internet e dos sites de redes sociais o ativismo digital, organizado pelas multidões online, passaram a constituir os movimentos *antimainstream*, uma rede de conexão entre diversos atores que, por meio da utilização radical de plataformas online potencializam suas ações.

Os movimentos sociais, estabelecidos como *antimainstream*, não apresentam uma proposta de tomada de poder, pois entendem que os grandes modelos teóricos não servem mais de base para guiar as multidões. A reconfiguração de táticas de resistência, que mesclam performance, ironia e denúncia, provoca estranhamento. A desconfiança com relação às autoridades políticas, a não identificação de lideranças específicas e a ocupação de espaços públicos caracterizam essas novas formas de pensar o jogo político e produzem a multidão como sujeito político. “Trata-se de política como comoção, catarse, mas também negociação e mediação.” (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 15).

IMAGEM 19<sup>269</sup>

<sup>269</sup> Saffiyah Khan, moradora da cidade de Birmingham, encara um manifestante de extrema direita.  
Fonte: <https://goo.gl/4I7WMT>

As manifestações mundiais que vêm ocorrendo desde 2011 com grande intensidade têm sido frequentemente comparadas às que tiveram lugar no ano de 1968, momento histórico que evidenciou a força de mobilização da juventude, seja de estudantes ou trabalhadores. Essas manifestações seriam, para autores como Castells (2013) ou Hobsbawm (2013), resultado de “uma revolução inédita nas comunicações pessoais” que teria reforçado a capacidade de reação e mobilização políticas. No entanto, não se deve ceder ao determinismo tecnológico no sentido de conferir aos meios de comunicação o caráter monopolizador dos discursos políticos. Os meios de comunicação podem ter uma posição privilegiada na distribuição de “mensagens”, mas não possuem o monopólio do processo de atribuição de sentido aos “significantes vazios”.

Erick Felinto (2006, p. 8) considera a chamada “inteligência coletiva” como sendo muito mais uma metáfora do que uma teoria com bases científicas para explicar o avanço tecnológico; representando o imaginário constituinte da cultura online, “no qual o paradigma digital chega para realizar um sonho imemorial da humanidade: a transcendência das limitações humanas, a manipulação da realidade convertida em padrões de informação, a conquista absoluta da natureza e das leis do cosmos.” Assim, a tecnologia representaria uma espécie de magia marcada pelo fetichismo no qual as máquinas seriam pensadas como seres dotados de vontade. Ao adquirir caráter sagrado, a cultura digital estaria voltada para a superação dos limites do ser, da dualidade entre corpo e consciência, retomando o mito da comunicação total, a transcendência como “desaparição de todo obstáculo ou materialidade no processo de comunicação, inclusive do próprio corpo.” (FELINTO, 2006, p. 9).

Mais do que uma “inteligência coletiva”, a conexão em rede pode promover uma “alquimia das multidões”, na qual não há unidade ou organicidade; pois os atores que atuam na web não são um coletivo com contornos bem definidos. São “múltiplos, diferentes, se reagrupam com graus imprecisos de participação e de implicação ao sabor de suas atividades.” (PISANI; PIOTET, 2008, p. 170).

Para Marialva Barbosa (2014) a multidão como mídia sempre existiu e sua compreensão está relacionada à formação do sistema midiático brasileiro, em três movimentos centrais:

a multidão como portadora de ruídos, vozes e gritos qualificados como brutais e bárbaros, no século XIX; o abrandamento das ações pretensamente incivilizadas das multidões ao serem domadas pelo movimento de constituição das mídias de massa, no século XX; e a ressignificação da multidão, que na sua virtualidade absoluta ganha nova dimensão política no século XXI, fazendo com que se afirme que estamos diante de uma nova mídia, que tem na expressão multidão a síntese de sua caracterização.

De acordo com a autora, a voz da multidão sempre pôde ser ouvida nas ruas, “constituindo pelo barulho, pelos ruídos, pelos sons ensurdecadores a marca de seu lugar no mundo de práticas de comunicação.” As tentativas de silenciamento dessa multidão enfrentam, no século XXI, a ação de novos suportes tecnológicos. A principal mudança, na disputa entre a mídia hegemônica e as multidões, seria a extensão do que é comunicado. “Se a circulação em função das possibilidades tecnológicas no mundo analógico era restrita, dispendiosa, pouco acessível, agora todos podem, em tese, se transformarem (sic) em produtores capazes de tornar visível em grande escala o que é dado a ver.”

O que se percebe, ao analisar o cenário das iniciativas de resistência ao *mainstream* desde o final do século XX, é a confluência de temas relacionados ao atual estágio de desenvolvimento do sistema capitalista. No Brasil e em todo o mundo diversas demandas sociais inscrevem-se no ativismo político contemporâneo, criando o “movimento de movimentos”, no qual “multidões” tomam as ruas e as redes para visibilizar suas táticas de resistência.

Nesta mistura estão incluídas discussões sobre: os organismos geneticamente modificados na agricultura (transgênicos), a concentração de poder nas mídias, a precarização e exploração no trabalho, o software livre e a revisão dos direitos de propriedade intelectual (o movimento *copyleft*), diversidade cultural, diversidade sexual, liberdade de migrações, a manutenção do caráter anárquico da Internet, ciberdemocracia e novas propostas de exercício democrático a partir de tecnologias de comunicação, o aquecimento global e o avanço potencialmente repressor da nanotecnologia, entre outras. (ASSIS, 2006, p. 37).

Ao analisar os estudos produzidos sobre as manifestações que tiveram início em 2011, percebe-se que a principal impressão é a de que “as insurreições finalmente chegaram”,<sup>270</sup> pois a revolta como forma de atuação política havia retornado em todo o

<sup>270</sup> Frase de abertura do livro “Aos nossos amigos”. (COMITÊ INVISÍVEL, 2016).

mundo. Comparações com o maio de 1968 indicavam que a juventude tomava as ruas em busca da transformação social. O uso da internet e das redes sociais, apontadas como espaços de autonomia, permitiu o compartilhamento de conhecimentos, demandas e insatisfações, promovendo a difusão rápida dessas ideias e a formação de redes de mobilização e resistência.

“Manifestantes” e “Ativistas” tornaram-se a face anônima da insurreição. A narrativa produzida sobre as “Twitter Revolutions” privilegiou uma pauta única da luta social, na maioria das vezes sem levar em consideração questões de gênero, raça e classe social. Da mesma forma, a ênfase na horizontalidade dos movimentos insurrecionais e da conexão dos atores em rede remete à segurança de um ambiente democrático, como se não houvesse contradições, disputas e violências dentro dos próprios movimentos.

Esta visão está presente em diversos estudos que analisam as revoltas do período. Para esta pesquisa, serviram de base as análises de Manuel Castells (2013) e Antonio Negri e Michael Hardt (2014), percebidos como os que mais planificam o entendimento dos movimentos aqui investigados, reproduzindo a narrativa descrita acima. Outros estudos foram acionados para confrontar essa visão triunfante do ativismo digital, com a intenção de produzir uma narrativa menos linear e, principalmente, mais dinâmica no sentido da inclusão de complexidades que são entendidas como inerentes a qualquer movimento de transformação social e simbólica.

Manuel Castells (2013), ao descrever as grandes manifestações mundiais ocorridas entre 2011 e 2013<sup>271</sup>, privilegia a conexão entre as redes sociais e a ocupação do espaço urbano, como “um híbrido espaço público de liberdade”, bem como a questão da reação violenta do Estado. Mesmo diante dos confrontos e perdas, o autor conclui que a experiência insurgente resultou em uma sociedade civil “consciente e ativa”, em vias de construir um caminho democrático. Entende-se que sua análise pode ser relacionada à proposta desta tese de pensar em utopias utópicas fracassadas, pois estas insurgências representam momentos importantes de mobilização e reflexão política, social e cultural.

---

<sup>271</sup> Primavera Árabe; revolução islandesa; Acampadas espanholas; movimento Occupy Wall Street; Jornadas de Junho brasileiras.

No entanto, da mesma forma que Hardt e Negri (2014)<sup>272</sup>, Castells deixa de pensar as “redes de solidariedade e esperança” de maneira interseccional. Sua análise enfatiza a mobilização nas redes, a atuação de atores coletivos, mas não pensa que a questão da transformação das estruturas de poder deve também levar em conta as experiências de todos os sujeitos subalternos, em sua ampla variedade. Neste sentido, partindo da proposta de estranhar inclusive as correntes teóricas e os saberes construídos sobre os movimentos sociais, entende-se que a interseccionalidade deve ser um ponto de partida e não de chegada.

Sabe-se que as formulações teóricas são desenvolvidas a partir de experiências situadas e particulares de mundo, como é a proposta desta tese. No entanto, o problema se encontra nas universalizações que impõem uma única forma de pensar as opressões, como se esta “fórmula” fosse suficiente para explicar todas as experiências, inclusive as de subalternidade. (GROSFOGUEL, 2013).

IMAGEM 20<sup>273</sup>



Neste sentido, recupera-se a análise de Halberstam (2012), entendendo que as manifestações e ocupações revelaram um novo status de luta anticorporativa e

<sup>272</sup> Ao analisarem as manifestações ocorridas nos últimos anos, os autores chegam a mencionar as “minorias”, no entanto o fazem sem apresentarem uma reflexão sobre as questões de gênero, raça e sexualidade. Ao proporem “tolerância” com relação aos temas minoritários, estabelecem uma colonização que parte do princípio de que a “maioria” representa a multidão enquanto um sujeito universal (leia-se masculino, branco e heterossexual).

<sup>273</sup> Cena do filme “Cristo Rey”. Fonte: <https://goo.gl/cGWLzc>

anticolonial que transformou a política em performance, combinando a desconfiança anarquista com a noção *queer* de uso do corpo e revolta antinormativa. Muitos movimentos tornaram-se grandes carnavais, como protestos que não almejam uma volta à vida normal, mas que veem a vida normal como uma das ficções de poder colonial e neocolonial. Há uma recusa em definir uma proposta, uma meta, exatamente porque o porvir será definido no processo do dissenso e do fracasso carnavalesco.

Falamos uma outra linguagem. Eles dizem representação. Nós dizemos experimentação. Eles dizem identidade. Nós dizemos multidão. Eles dizem controlar a periferia. Nós dizemos mestiçar a cidade. Eles dizem dívida. Nós dizemos cooperação sexual e interdependência somática. Eles dizem capital humano. Nós dizemos aliança multi-espécies. [...] Eles dizem poder. Nós dizemos potência. Eles dizem integração. Nós dizemos código aberto. Eles dizem homem-mulher, Branco-Negro, humano-animal, homossexual-heterossexual, Israel-Palestina. Nós dizemos você sabe que teu aparelho de produção de verdade já não funciona mais... [...] Eles dizem que a guerra limpa se fará com drones. Nós queremos fazer amor com os drones. Nossa insurreição é a paz, o afeto total. Eles dizem crise, nós dizemos revolução. (PRECIADO, 2013).

Exatamente por defenderem o caráter carnavalesco e anárquico da multidão, esses movimentos são criticados por se preocuparem mais com os meios do que com os fins. O impacto midiático é visto como uma fraqueza, pois gera uma dependência da opinião pública em busca da legitimidade. Da mesma forma, a crítica social realizada sem a base de um objetivo concreto é entendida como espetacularização da luta social. O que se percebe é que a estética de resistência da multidão não segue os padrões estabelecidos e, por isso, agride e choca.

### 3.3 “KEEP SLUTWALKING”<sup>274</sup>: O FEMINISMO VADIO

A análise das resistências utópicas fracassadas a partir de um olhar interseccional pressupõe recuperar algo das experiências feministas, principalmente do movimento Marcha das Vadias (*Slutwalk*). Principalmente pelo fato de que as análises que abordam os movimentos de contestação não levam em consideração, no discurso universalizante, a luta das mulheres. Entendida como uma temática secundária e

---

<sup>274</sup> “Mantenha-se vadiando”.

complementar, a luta feminista tem sido excluída da produção teórica *mainstream* e, muitas vezes, das próprias pautas dos movimentos sociais.

Neste sentido, entende-se que a desigualdade entre homens e mulheres desenvolveu-se social e historicamente a partir da subordinação da mulher ao homem, estruturada pelo patriarcado.<sup>275</sup> Além da dominação política e patrimonial, da sujeição da mulher ao espaço doméstico, um dos elementos “nucleares do *patriarcado* reside exatamente no controle da sexualidade feminina, a fim de assegurar a fidelidade da esposa a seu marido.” (SAFFIOTI, 2004, p. 49, *grifo da autora*).

Desde a Antiguidade existem registros de participação feminina na esfera pública, mas no geral as mulheres tiveram sua participação restrita ao espaço doméstico até o fim da era moderna. Mulheres como Mary Wollstonecraft, na Inglaterra, e Olympe de Gouges, na França, passaram a lutar por direitos políticos e, ao longo do século XIX, mulheres trabalhadoras juntaram-se ao movimento operário para lutar por melhores condições de trabalho, muitas inspiradas nos ideais socialistas e anarquistas. (ALVES, PITANGUY, 2003).

O movimento sufragista da virada do século XIX para o XX é conhecido como a “primeira onda” do feminismo, momento no qual as mulheres passaram a exigir direitos políticos, no caso, votar e ser votada. Além do direito ao voto, outras pautas estavam presentes, como a abolição da escravatura, igualdade salarial e direito ao estudo<sup>276</sup>, tendo havido mobilizações nos EUA, Inglaterra e no Brasil. Maria Lacerda de Moura, Nísia Floresta e Bertha Lutz são nomes importantes dessa primeira fase do feminismo brasileiro. (PINTO, 2007).

Para pensar a história do feminismo e o surgimento de suas diferentes vertentes, faz-se necessário lembrar que o feminismo é tanto um movimento social quanto uma corrente teórica. Duas obras que marcam o início das reflexões teóricas feministas no século XX são os livros “O Segundo Sexo” de Simone de Beauvoir (1949) e “A

---

<sup>275</sup> Carole Pateman (1993) entende que contrato social pressupõe o contrato sexual e que a liberdade civil pressupõe o direito patriarcal, pois assim como a cidadania, o trabalho e o casamento também são contratuais e regulamentam o poder que os homens exercem sobre as mulheres.

<sup>276</sup> “Seus objetivos mais imediatos (eventualmente acrescidos de reivindicações ligadas à organização da família, oportunidade de estudo ou acesso a determinadas profissões) estavam, sem dúvida, ligados ao interesse das mulheres brancas de classe média, e o alcance dessas metas (embora circunscrito a alguns países) foi seguido de uma certa acomodação no movimento.” (LOURO, 1997, p. 15).



Mística Feminina” (1963) de Betty Friedan. É apenas ao longo dos anos 1960 e 1970 que a mulher se torna tema de pesquisas acadêmicas das universidades do mundo todo, em áreas como História, Sociologia e Literatura.

Tornar visível aquela que fora ocultada foi o grande objetivo das estudiosas feministas desses primeiros tempos. A segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito — inclusive como sujeito da Ciência. (LOURO, 1997, p. 17).

É neste período que surge a “segunda onda” do feminismo, marcada pela luta pelos direitos reprodutivos, acesso ao mercado de trabalho, luta pelo fim das opressões. Nesta fase, já é possível reconhecer duas vertentes: o feminismo liberal, centrado na luta pela igualdade de direitos, e o feminismo radical, organizado em torno da luta contra as opressões patriarcais. No Brasil, este momento representa o surgimento do feminismo enquanto movimento organizado, a partir da luta contra o regime militar, com a criação do Movimento Feminino pela Anistia, em 1975. (PINTO, 2007).

A terceira onda do movimento feminista marca os anos 1980 e 1990 e tem como características a institucionalização dos feminismos por meio da criação de ONGs e Associações de mulheres. A pesquisa científica se consolida nas universidades e, apesar do conservadorismo do período em comparação com a efervescência das décadas anteriores, há um importante fortalecimento do Feminismo Negro enquanto vertente feminista.

Entendendo o feminismo como “a ação política das mulheres”, parte-se das discussões de gênero promovidas pelos estudos feministas. Existem muitas maneiras pelas quais as relações de poder regulamentam as hierarquias de gênero, a partir das múltiplas feminilidades e masculinidades que se expressam como identidades de gênero e, neste sentido, é importante afastar-se da ideia de papéis masculinos e femininos, pois

papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar... Através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado

adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas. (LOURO, 1997, p. 24).

Entender que os sujeitos constituem suas identidades – de gênero, sexuais, raciais – pressupõe compreender que estas fazem parte dos sujeitos, o que transcende a noção de um mero desempenho de papéis. Estas identidades são naturalizadas socialmente, a partir de hierarquizações que tornam o masculino, o branco, o heterossexual, o cisgênero como padrão de normalidade, sendo outras identidades entendidas como inferiores e/ou abjetas.

Atualmente, é possível identificar uma quarta onda do feminismo, impulsionada pelo ativismo digital. A descentralização da produção e compartilhamento de informações, a portabilidade e as facilidades de armazenamento possibilitam a mulheres que não possuem conhecimentos sofisticados em computação e programação o uso de dispositivos para fins de militância. (MCCAUGHEY, 2014). Para os movimentos de mulheres e o feminismo as inúmeras possibilidades do ativismo online têm sido fundamentais para o debate de questões de gênero, violência contra a mulher, políticas públicas, bem como para a divulgação de ações, pautas e organizações coletivas.

Uma destas ações, que acabou tornando-se um movimento mundial, foi a *Slutwalk*. Batizada no Brasil de “Marcha das Vadias” o movimento surgiu como um protesto contra a cultura do estupro e de culpabilização da mulher em casos de agressão sexual. A primeira marcha ocorreu no Canadá e rapidamente ganhou edições em diferentes cidades dos cinco continentes. O movimento, global e local, articulou-se nas redes sociais, em especial no Facebook, que tornou-se um novo *lôcus* de mobilização. O debate feminista ganhou visibilidade e possibilitou a inserção e participação de mulheres, homens, adolescentes, que até então não estavam familiarizadas com o feminismo.<sup>277</sup>

A organização das Marchas em todo o mundo e no Brasil segue o modelo horizontal e não-hierárquico analisado por Castells (2013). No entanto, percebe-se que

---

<sup>277</sup> Em levantamento realizado no Facebook constatou-se que, exceto por blogs de grande visibilidade como Escreva Lola Escreva e Blogueiras Feministas, a quase totalidade das fanpages de cunho feminista brasileiras foram criadas a partir do segundo semestre de 2011.

a articulação entre as militantes feministas é permeada por intensos debates e tensionamentos que envolvem desde a constituição de uma identidade “vadia” enquanto ressignificação do termo, bem como questões relacionadas a assimilação do movimento e a liderança e visibilidade.

A primeira marcha *Slutwalk* ocorreu em Toronto, no Canadá, em 03 de abril de 2011, levando para as ruas o debate sobre a relação entre o comportamento feminino e a violência sexual. No dia 24 de janeiro de 2011 houve uma palestra na Universidade de York, na *Osgoode Hall Law School*, na qual o policial Michael Sanguinetti afirmou que “as mulheres devem evitar se vestirem como vagabundas para não se tornarem vítimas”. (MARONESE, 2011).

A principal intenção da marcha, que contou com a participação de mais de três mil pessoas, foi levantar a discussão sobre a cultura do estupro e o fato de que todos os corpos devem ser respeitados. Ao ganhar notoriedade na mídia, uma série de debates foi feita em torno da proposta da marcha e da possibilidade de ressignificação do termo “slut”.

O protesto organizado por Heather Jarvis e Sonya Barnett teve como tema a frase “Because we’ve had enough” e convocou a participarem pessoas de qualquer identidade de gênero, qualquer idade. Solteiras, casais, pais, irmãs, irmãos, crianças, amigos. (CARR, 2013). No dia da marcha, feministas e não feministas levantaram preocupações sobre relações de poder, agressão e violência sexual e ao mesmo tempo afirmaram sua sexualidade por meio das roupas que vestiam ou das mensagens que carregavam.

A repercussão da *Slutwalk* foi imediata. Jornais do mundo inteiro noticiaram o protesto e incontáveis textos surgiram na internet apoiando ou criticando a pauta da marcha. Jovens de diferentes locais começaram a organizar suas marchas locais e, ainda no ano de 2011, ocorreram marchas em mais de 200 cidades em pelo menos 40 países como Espanha, Hungria, Finlândia, Noruega, Coreia do Sul, África do Sul, Austrália, Ucrânia, México, Brasil, Índia, Indonésia, Alemanha, Marrocos, Inglaterra e Canadá, entre outros. (CARR, 2013).

Ainda em 2011 foi organizado um grupo fechado, *Intergalactic Slutwalk Planning Squadron*<sup>278</sup>, no site de rede social Facebook, para reunir pessoas que participavam da organização das marchas em todo o mundo. Neste grupo encontravam-se listas com informações sobre as organizadoras, calendários das marchas no mundo, documentos sobre questões legais de mediação com o poder público, dicas para angariação de fundos para o movimento, textos sobre feminismo. Houve também uma série de conversas entre as organizadoras expressando inclusive questões pessoais, como relatos de abusos sexuais sofridos pelas militantes.<sup>279</sup>

No Brasil, a primeira Marcha das Vadias aconteceu em São Paulo, no dia 04 de junho de 2011. No mesmo mês ocorreram marchas nas cidades de Brasília, Belo Horizonte, Fortaleza, Florianópolis e Recife. Nos meses seguintes foram organizadas marchas em Curitiba, Salvador, Porto Alegre, Belém, Rio de Janeiro, Campinas e Natal. Em 2012 foi organizado no Facebook o grupo Marcha Nacional das Vadias!!!<sup>280</sup>, nos mesmos moldes do grupo internacional.

A estruturação dos grupos das marchas em todo o mundo foi importante não apenas para a organização do evento da marcha, mas principalmente para o estabelecimento da identidade slut/vadia, comum a todas as participantes. Este processo foi fundamental para que as pessoas que passaram a se afirmar como “vadias” pudessem, na construção coletiva, tomar consciência de si e reavaliar o compartilhamento de experiências, oportunidades e interesses.

Os debates em torno da proposta de ressignificação do termo slut/vadia foram intensos ao longo dos dois primeiros anos do movimento. Entendendo que a palavra slut/vadia representa um mecanismo disciplinar de regulação do comportamento sexual das mulheres, as ativistas se propuseram a ressignificá-la, mudando o significado de ofensa para um sentido de luta. (MORRISON, 2014). As organizadoras do movimento defendiam que a recuperação do termo, além de tática de resistência seria, inclusive, uma forma de denunciar a estrutura patriarcal e o sistema jurídico que

<sup>278</sup> O grupo original foi extinto em novembro de 2012. O grupo atual chama-se *International Community of SlutWalk Organisers*. (<https://goo.gl/etWJLF>).

<sup>279</sup> Muitas mulheres que participam do movimento são sobreviventes de estupro, assédio ou abuso sexual, como também de violência doméstica. Essas militantes encontram apoio e compreensão nos grupos e se ajudam mutuamente, buscando estabelecer uma rede de confiança.

<sup>280</sup> <https://goo.gl/qc9eCd>

desumanizam a vítima de violência sexual, condenando-a pela sua vestimenta ou pelo seu comportamento desviante.

IMAGEM 21<sup>281</sup>



As críticas, por sua vez, centraram-se na impossibilidade de ressignificação de um termo historicamente opressor; no caráter festivo e liberal da marcha. Feministas como Gail Dines e Wendy Murphy (2011) teceram críticas contundentes ao movimento e afirmaram que o termo está tão saturado do sentido de que a sexualidade feminina merece punição que não há possibilidade de redenção. Harsha Walia (2011), salientou o fato de que o movimento não atentava para questões de classe e raça, excluindo assim mulheres que vivenciam o sexismo de maneira diferente e para as quais a reapropriação do termo slut não faria sentido. Já Barber e Kretschmer (2013 *apud* MORRISON, 2014) argumentaram que a atmosfera carnavalesca e divertida da marcha representaria um risco de banalizar a mensagem do movimento e a importância do debate sobre a sexualidade feminina como um elemento importante da luta pela emancipação da mulher.

A palavra slut<sup>282</sup> foi originalmente relacionada a noções de limpeza, usada para descrever alguém de hábitos sujos, desleixados ou não cuidada ou aparência. O uso da

<sup>281</sup> Slutwalk Toronto – 2013. Fonte: <https://goo.gl/pw7WWT>

palavra como um termo pejorativo com implicações para a caracterização moral vincula a sexualidade feminina a noções de insalubridade física e moral. Esta caracterização negativa foi uma poderosa ferramenta usada para rotular as mulheres que não estejam em conformidade com noções de uma feminilidade virtuosa. Foi adotado por homens e mulheres para monitorar as ações de mulheres e desvalorizar aquelas que eram percebidas como promíscuas. (MORRISON, 2014).<sup>283</sup>

No Brasil a polêmica em torno do nome foi importante na medida em que trouxe para o debate público muitos aspectos da luta feminista que estavam restritos aos espaços acadêmicos e ao feminismo institucionalizado. Ao ganhar espaço nas redes sociais, a existência da Marcha das Vadias possibilitou que muitas mulheres que não se identificavam com o feminismo, muitas vezes por desconhecimento, se sentissem contempladas e se interessassem em participar.<sup>284</sup>

Ao discutirmos o uso da palavra “vadia” para intitular o movimento, percebemos a força de opressão que o termo carrega. Vadia é aquela que se veste como quer, que não realiza todos os desejos do homem, que tem uma personalidade forte, que exerce sua liberdade sexual. Vadia é a mulher que trabalha para sustentar a casa, que apanha do marido, que faz sexo forçado. Vadia é a mulher que não tem voz na nossa sociedade patriarcal, que existe apenas para realizar os desejos do outro, que é vítima da violência.<sup>285</sup>

O debate também centrou-se na questão do uso da palavra vadia<sup>286</sup> para nomear o movimento e apresentou uma crítica à exposição dos corpos na rua, pois muitas feministas “acreditam que essa seria uma forma de agradar o patriarcado, ou seja, por

---

<sup>282</sup> Mulher com baixo nível de asseio (limpeza) / Mulher que tem muitos parceiros sexuais casuais. (OXFORD DICTIONARIES, 2017b).

<sup>283</sup> Trishla Singh, coordenadora da SlutWalk Delhi explica que durante séculos palavras como slut foram usadas na Índia para impedir o desenvolvimento das mulheres e, atualmente, o uso pejorativo é feito também para mulheres que saem à noite ou que trabalham em call centers. (CARR, 2013).

<sup>284</sup> Uma das organizadoras da Marcha das Vadias de São Paulo, a primeira a ocorrer no Brasil, teria afirmado que “os grupos feministas acabam sendo o oposto do machismo. E na nossa marcha nós deixamos claro que não éramos feministas, e sim femininas. Não queremos exterminar da terra a raça-homem [sic]. Apoiamos toda forma de liberdade, incluindo os grupos homossexuais (fem/masc), porém sentimos que esses grupos feministas acabam chegando com muita agressividade e são formados, na sua maioria, apenas por lésbicas, o que já denuncia seus objetivos.” (<https://goo.gl/yfoux4>)

<sup>285</sup> Nós, as vadias. Texto publicado no Jornal Gazeta do Povo. (<https://goo.gl/oR5MVz>).

<sup>286</sup> Glaucia Fraccaro, organizadora da Marcha das Vadias de Campinas, fala sobre a polêmica em post publicado nas “Blogueiras Feministas”. (<https://goo.gl/uTK1MY>).

acreditarem que reforça o estereótipo que vê o corpo da mulher como mercadoria e como algo hipersexualizado.” (ATHAYDE, 2015, p. 26).

Superadas as primeiras discordâncias na organização mundial e nacional do movimento, a Marcha das Vadias pautou-se no enfretamento à violência doméstica, na pressão por políticas públicas relacionadas aos direitos das mulheres e aos recortes interseccionais de raça, classe e sexualidade. O novo “feminismo vadio” passou então a concentrar uma série de demandas históricas, utilizando-se das possibilidades oferecidas pelas redes sociais para ampliar o alcance do debate, bem como estruturar a organização horizontal e não-hierárquica.

Um ponto de partida para se pensar a configuração de um “feminismo vadio” é a sua configuração online. Mesmo ocupando as ruas e promovendo ações no espaço urbano, a organização da marcha ocorre nas redes sociais, o que faz com que não necessite de uma liderança formal. Isso não impede que haja uma ou mais lideranças carismáticas, no entanto todas as pessoas são constantemente convidadas a participar da organização do movimento nos grupos do Facebook ou nas reuniões presenciais.

O feminismo vadio representaria uma nova forma de protesto criativo contra a cultura misógina que promove códigos de vestimenta ou códigos sexuais para diferenciar “boas garotas” de “más garotas”. Para Butler (BELLA, 2011) esse tipo de marcha tem uma ligação com a história do movimento LGBT e a Slutwalk representa a aliança entre pessoas que experimentam grande vulnerabilidade e insegurança nos espaços públicos.

Sobre o caráter festivo e carnavalesco do “feminismo vadio” César e Athayde (2013) afirmam que há uma natureza combativa escandalosa que torna visível esses corpos resistentes e “faz do escândalo do corpo nu uma arma e um campo aberto de experiências, tendo em vista definir uma outra relação entre vida e política.”



IMAGEM 22<sup>287</sup>

Neste sentido, Miro Spinelli (2013), participante da Marcha de Curitiba, propõe uma forma de resistência aos modelos impostos socialmente que chama de “Ode ao real abjeto”

Meu amor vai para as mulheres todas, mas em especial às prostitutas, às mulheres com pinto, às mulheres que já se descolaram da ideia de mulher, às gordas, às magérrimas, às carecas, às velhas, às que carregam lata na cabeça, às bipolares, às lésbicas, às que tomam testosterona, às barbadas, às drags, às donas de casa que amam demais e apanham, às que gozam sozinhas no quarto, às que se sujam, se descabelam. Todo meu amor às estrias, ao sangue menstrual, aos seios tortos, caídos, duros de leite, ao clitóris – tão poderoso, às formas infinitas que o corpo pode ter. E também aos homens sem pinto, aos homens que vestem saia de vez em quando e curtem o ventinho por baixo das pernas. Aos homens que não tem medo de ser mulheres às vezes, que não se dignificam pelo estereótipo do macho, que não se apoiam no poder sobre o outro.

O “feminismo vadio” pode ser considerado como interseccional, pois busca fugir da questão identidade do sujeito “mulher” e tem como objeto a desconstrução das

<sup>287</sup> Marcha das Vadias de Curitiba – 2011. Fonte: <https://goo.gl/mcS7WL>



várias formas de privilégio e o enfrentamento aos diversos tipos de opressão. Em nota publicada no blog, as ativistas da Marcha das Vadias de Curitiba afirmam:

Defenderemos todas as mulheres que sofrem machismo, tenham elas as mesmas vivências que nós ou diferentes vivências; Mulheres negras, mulheres indígenas, mulheres estrangeiras, mulheres trans, mulheres com deficiência, mulheres gordas, mulheres magras, mulheres heterossexuais, mulheres bissexuais, mulheres pansexuais, mulheres lésbicas, mulheres assexuais, mulheres solteiras, mulheres casadas, mulheres pobres, mulheres de classe média, mulheres trabalhadoras sexuais, e todas outras mulheres não listadas aqui que sofrem cotidianamente machismo, juntamente a outras opressões.<sup>288</sup>

O acompanhamento da organização do movimento internacional Slutwalk, Marcha de Las Putas e Marcha das Vadias evidenciou o processo de empoderamento, individual e coletivo, e de estabelecimento de fortes laços de sororidade e confiança. No entanto, pôde-se observar ao longo dos anos a ocorrência de disputas e tensões entre as organizadoras.<sup>289</sup>

Um dos casos observados ocorreu no grupo fechado do Facebook “*Intergalactic Slutwalk Planning Squadron*”. No grupo estavam presentes organizadoras de todo o mundo, além da co-fundadora do movimento, Heather Jarvis. Durante os anos de 2011 e 2012 o grupo serviu de espaço para os debates sobre o nome do movimento, questões relacionadas ao feminismo, angariação de fundos para a organização das marchas, questões legais, artes e, principalmente, um lugar seguro para a troca de depoimentos sobre as muitas violências sofridas pelas organizadoras.

Durante os dois anos de existência do grupo as ativistas debateram uma série de pautas feministas e nem sempre houve consenso, mas havia um cuidado em preservar o grupo como um espaço seguro. No entanto, na segunda metade de 2012 os problemas de comunicação tiveram início. Muitas ativistas latino-americanas sugeriram que mais moderadoras fossem incluídas no grupo, principalmente que fossem falantes de outros idiomas que não o inglês (no momento as moderadoras do grupo eram estadunidenses e todas as postagens eram feitas em inglês).

<sup>288</sup> Nota de Esclarecimento publicada na fanpage da Marcha. (<https://goo.gl/J39RN3>).

<sup>289</sup> Desde o início da observação, em 2011, foram identificadas situações em que os debates evidenciaram disputas de poder, hierarquias e desentendimentos com relação às pautas do movimento.

Após uma sucessão de discussões sobre a questão da hegemonia anglo-saxã e da necessidade de descolonizar o feminismo criado no grupo, e a falta de retorno das moderadoras, uma das participantes do grupo criou um grupo paralelo, intitulado “*International Community of SlutWalk Organisers*”. Neste novo grupo as ativistas latino-americanas tiveram espaço para apresentar suas demandas e houve uma reestruturação da organização, visando recuperar informações disponíveis no grupo antigo.

Percebeu-se que à medida que as militantes se posicionavam contra as atitudes das moderadoras do grupo, eram excluídas, chegando ao extremo do grupo *Intergalact* ter sido transformado em secreto e posteriormente encerrado. As remanescentes continuam no mesmo grupo, mas todos os dados do primeiro grupo foram perdidos.

A análise desse acontecimento particular do movimento *Slutwalk* evidenciou algumas fragilidades na sua organização, não apenas com relação às disputas de liderança, mas principalmente com relação à memória do movimento. Por constituir-se em um momento online, todo o conteúdo produzido, todos os saberes e memórias estão salvos em bancos de dados e sujeitos ao desaparecimento.

### 3.4 “O GIGANTE ACORDOU”: AS JORNADAS DE JUNHO

As manifestações ocorridas em junho de 2013, em todo o Brasil, geraram surpresa e suscitaram diferentes interpretações por parte da mídia e de intelectuais. Iniciados por causas pontuais, os protestos possibilitaram a discussão sobre direitos democráticos, representação partidária, violência policial e evidenciaram a necessidade de atualização do debate político na internet, a partir da inclusão de diferentes sujeitos e atores sociais.<sup>290</sup>

As primeiras análises, produzidas ainda no calor dos eventos, apontaram para alguns aspectos fundamentais, como a inicial identificação da população com a causa

---

<sup>290</sup> Segundo pesquisa do Ibope (PORTAL TERRA, 2013) realizada em oito capitais brasileiras, 46% das pessoas que participaram das passeatas nunca tinham estado em uma manifestação de rua; 78% dos manifestantes disseram que se organizaram pelas redes sociais; 75% afirmam que usaram as redes sociais para convidar amigos para as manifestações; 52% dos que se manifestaram eram estudantes. Com relação ao posicionamento político, 89% afirmaram não se sentirem representados por qualquer partido político e 96% dos entrevistados declarou não ser filiado a nenhum partido.

do Movimento Passe Livre após a repressão policial, amplamente divulgada na mídia e nas redes sociais. A chamada “velha mídia” ou mídia tradicional não soube perceber a força do movimento e a extensão das demandas iniciais. O menosprezo inicial, demonstrado por diversos jornalistas e articulistas, logo tornou-se reconhecimento da validade do movimento; outras análises também levaram em consideração o debate democrático.

IMAGEM 23<sup>291</sup>



Segundo definição do próprio Movimento Passe Livre de São Paulo, deflagrador das manifestações nacionais:

Somos um movimento social autônomo, horizontal e apartidário, que jamais pretendeu representar o conjunto de manifestantes que tomou as ruas do país. Nossa palavra é mais uma dentre aquelas gritadas nas ruas, erguidas em cartazes, pixadas nos muros. Em São Paulo, convocamos as manifestações com uma reivindicação clara e concreta: revogar o aumento. Se antes isso parecia impossível, provamos que não era e

<sup>291</sup> Meme postado em um perfil pessoal. Fonte: <https://goo.gl/BuU9p7>

avancamos na luta por aquela que é e sempre foi a nossa bandeira, um transporte verdadeiramente público. (MOVIMENTO PASSE LIVRE, 2013).

Um dos principais aspectos visíveis no movimento foi a possível reação a um estado de alienação política de uma juventude que não acredita na democracia e é impotente frente à estrutura política corrupta no Brasil. A possibilidade de sentir-se enquanto sujeito histórico e de expressar o mal estar com relação à representação política partidária representou uma força motriz para os sujeitos e grupos que participaram das manifestações, como a possibilidade de realmente protagonizar o debate político.

IMAGEM 24<sup>292</sup>



Com relação às lideranças e ao espetáculo midiático torna-se importante ressaltar que não apenas a organização em rede tem estabelecido uma diferente forma de relação política, mas também o próprio papel dos intelectuais vem mudando ao longo do processo histórico. Um dos motivos do “declínio dos grandes intelectuais protestativos” é a despolitização dos cidadãos ocidentais, devido ao triunfo da sociedade de consumo. O trajeto histórico que seguiu-se da democracia ateniense ao espaço público do shopping center transformou e reduziu o espaço disponível para a

<sup>292</sup> Meme da *fanpage* Foucault Futucou. Fonte: <https://goo.gl/9k38j4>

grande força dos séculos XIX e XX: a crença que a ação política era uma forma de aperfeiçoar o mundo. (HOBSBAWM, 2013).

No entanto, outro elemento determinou a forma da nova era. Foi a crise de valores e perspectivas tradicionais, talvez acima de tudo, o abandono da velha crença no progresso global da razão, da ciência e da possibilidade de melhorar a condição humana. Depois das Revoluções Americana e Francesa, o vocabulário do iluminismo do século XVIII, com sua sólida confiança no futuro das ideologias com raízes naquelas grandes reviravoltas, disseminou-se entre os campeões do progresso político e social no mundo inteiro. Uma coalizão dessas ideologias e dos Estados que as patrocinavam obteve talvez seu último triunfo na vitória contra Hitler na Segunda Guerra Mundial. (HOBSBAWM, 2013, p. 231).

Este aparente desinteresse com as ideologias políticas pôde ser percebido nas manifestações, marcadas por contarem com a participação de uma massa jovem indignada e desinformada. Apesar da grande articulação política dos grupos que iniciaram os protestos, aos poucos o pensamento conservador revelou-se em um nacionalismo vazio, palavras de ordem dominadas pelo coro anticorrupção, tornando um movimento inicialmente apartidário em antipartidário.

É preciso lembrar que a taxa de apartidarismo por parte da população sempre foi alta no Brasil, uma vez que os partidos burgueses e as instituições representativas nunca vicejaram entre nós. A democracia liberal foi sempre um interregno numa persistência ditatorial. Os partidos de esquerda não puderam se estruturar dentro da legalidade senão recentemente. Isto lhes permitiu manter coerência programática e “imunidade” ante o desgaste de se atrelar a uma ordem instável. Mas hoje já se apresentam como protoestados que mimetizam organicamente o aparelho burocrático estatal. Eles chegam mesmo a manter dentro de si subpartidos (tendências) que competem entre si pelo controle da máquina partidária, assim como simulam uma disputa pela sociedade civil que é, na verdade, apenas a luta pela máquina estatal. A trajetória do PT foi a que mais evidenciou esta “evolução” do protesto social ao transformismo político. (SECCO, 2013, p. 74).

A insatisfação voltou-se contra as instituições tradicionais – partidos políticos e meios de comunicação – demonstrando o caráter geracional da ordem neoliberal, conservadora e consumista. Os jovens “querem sentir que poderão ser protagonistas de seu país e de sua vida. E enxergam a classe política e as instituições tradicionais como parte do problema.” (SAKAMOTO, 2013, p. 98).

A princípio o avanço tecnológico facilitou a mobilização das massas de excluídos e oprimidos da sociedade liberal, no entanto tem criado uma era de

irracionalidade política. Segundo Hobsbawm (2013, p. 234) “é um paradoxo do nosso tempo o fato de que a irracionalidade na política e na ideologia não tem tido dificuldade nenhuma para coexistir com, e na realidade usar, a tecnologia mais avançada.”

Infelizmente, esta irracionalidade não se traduz em pensar uma política de corpos e afetos, mas num debate vazio de conteúdo histórico e reflexão. Assim, o social se torna espaço atravessado por projetos antagônicos, vindos de diferentes grupos. A produção de cadeias de equivalência possibilita que algumas dimensões de projetos particulares coincidam com os projetos de outros grupos, realizando uma articulação provisória e instável, entre interesses distintos, conquistada pela atribuição de um significado instável a um significante vazio. (CAZELOTTO, 2010).

O entendimento destas cadeias de equivalência permite compreender as disputas entre os diferentes grupos que participaram das jornadas de junho. A indignação com a violência e a falta de perspectiva política levaram para o espaço público sujeitos descontentes, os quais se uniram aos movimentos sociais e grupos autônomos que já estavam ocupando as ruas há alguns anos. Se a expressão da revolta era a mesma, suas causas eram as mais distintas possíveis.

Outro ponto importante a salientar centra-se nas discussões sobre o papel da política e a sua capacidade, ou não de solucionar as sucessivas crises de representação. Pensar o esgotamento do Estado de direito enquanto gerador normativo e debater a visão otimista da história humana, a sociedade do espetáculo e a estética política.

Se, conforme foi sugerido, denominamos a fase extrema do capitalismo que estamos vivendo como espetáculo, na qual todas as coisas estão exibidas na sua separação de si mesmas, então espetáculo e consumo são as duas faces de uma única impossibilidade de usar. O que não pode ser usado acaba, como tal, entregue ao consumo ou à exibição espetacular. Mas isso significa que se tornou impossível profanar (ou, pelo menos, exige procedimentos especiais). Se profanar significa restituir ao uso comum o que havia sido separado na esfera do sagrado, a religião capitalista, na sua fase extrema, está voltada para a criação de algo absolutamente improfanável. (AGAMBEN, 2007, p. 71).

A crise do sistema político representativo passa pela sua incapacidade de oferecer alternativas aos jovens com relação ao jogo político; estes mobilizam-se para demandar alternativas de exercício da política. A identificação do PT como

representante da “decadência política” deve-se, entre muitos fatores, à sua impossibilidade de criar uma opção efetivamente à esquerda, devido às concessões e acordos com a elite industrial capitalista, produzindo uma reação conservadora na base trabalhista. Outro aspecto importante é a proposta de universalização da pauta política dos movimentos, que tende a deixar de fora a luta histórica de mulheres, negros, homossexuais, camponeses, entre outros. O descontentamento generalizado, desconfiança e descrédito refletem o vazio político da falta de laço histórico e perspectiva de futuro, amplificados pela sedução de “tomar a rua”.

### 3.5 ANÁLISE DOS ATIVISMOS NO FACEBOOK

A análise proposta na tese parte do entendimento de que o Facebook foi um importante instrumento na formação da rede *antimainstream*, pois possibilitou a conexão de pessoas que se articularam (em seus perfis pessoais, nas fanpages, grupos e eventos) com a finalidade de compartilhar informações e articular propostas de enfrentamento à ordem social. A circulação de informações e discursos que não são privilegiados pela grande mídia <sup>293</sup> e a formação das redes sociais <sup>294</sup> transformaram os processos de mediatização, principalmente a partir dos sites de redes sociais. <sup>295</sup>

As redes sociais são favorecidas pela cultura digital e permitem que atores sociais se tornem “agentes de informação” (WAUTIER, 2001), manifestando interesses comuns, valores éticos e visões de mundo. A ideia de sujeito, presente na concepção de ator social, permite a reconstrução de novas formas de vida que são, ao mesmo tempo, coletivas e pessoais. Da mesma forma que o sujeito infere na constituição do ator social, os movimentos sociais tornaram-se, cada vez mais, aspectos fundamentais da sua esfera de atuação.

Neste sentido, uma das possíveis abordagens para o entendimento da ação dos sujeitos como resistência se inscreve nos diferentes usos do Facebook. O sistema,

---

<sup>293</sup> André Lemos (2005) nomeia este processo de “liberação do polo emissor”. Segundo o autor, este fenômeno, junto com a conexão em rede e a reconfiguração, compõe as leis da cibercultura.

<sup>294</sup> Conjunto de Atores (pessoas envolvidas na rede) e Conexões (constituídas pelos laços sociais formados nas interações entre os atores). (RECUERO, 2011).

<sup>295</sup> Softwares sociais que permitem a construção de perfis ou páginas pessoais, a interação através de comentários, a exposição da rede social de cada ator. (RECUERO, 2011).



lançado em 2004 por Mark Zuckerberg, conta atualmente com 2 bilhões de usuários em todo o mundo, sendo 117 milhões de pessoas no Brasil.<sup>296</sup> Para compreender as possibilidades de uso do sistema para fins de articulação política e ativismo, é importante destacar as mudanças ocorridas no sistema desde a sua criação.

O *feed* de notícias, que permite visualizar as postagens de outros usuários sem necessitar visitar o perfil pessoal foi desenvolvido no ano de 2006. Em 2010 foram criadas as *fanpages*, possibilitando a divulgação de conteúdos específicos para empresas, movimentos e grupos sociais. No ano de 2011 foi criada a *timeline*, uma linha do tempo que organiza as postagens e principais acontecimentos dos perfis pessoais e permite a recuperação de informações.<sup>297</sup>

A partir de 2013 tem início uma série de mudanças nos algoritmos do Facebook, justificada pelo aumento do número de usuários, que interfere no que é disponibilizado para visualização no *feed* de notícias.<sup>298</sup> A visualização de conteúdos postados é determinada pela proximidade do usuário ou da página, bem como pelo número de curtidas e interações que um post recebe. O alcance das postagens de *fanpages* diminui, forçando a necessidade de “promover” os conteúdos<sup>299</sup>. Entre 2014 e 2015 as mudanças no *feed* de notícias passaram a organizar as informações à medida que eram postadas, usando o critério de *trend topics*. Assuntos mais comentados aparecem primeiro e vão perdendo espaço quando as interações diminuem.<sup>300</sup> Para as *fanpages*, isso gerou a necessidade de produzir conteúdos relevantes continuamente para manter o alcance das publicações.<sup>301</sup> Em 2016 houve uma nova mudança no algoritmo do sistema, visando melhorar a experiência dos usuários. O *feed* de notícias passou a priorizar a exibição de conteúdos postados por amigos e familiares.<sup>302</sup>

A partir destas informações é possível inferir que a diminuição do alcance das *fanpages* e a seleção de conteúdos feita pelos algoritmos influenciaram fortemente a experiência de uso do sistema, principalmente para fins de ativismo e articulação

---

<sup>296</sup> <https://goo.gl/wZDTv5>

<sup>297</sup> <https://goo.gl/ZqCnZf>

<sup>298</sup> <https://goo.gl/cAU6SM>

<sup>299</sup> <https://goo.gl/JP7UYa>

<sup>300</sup> <https://goo.gl/xR3dzy>

<sup>301</sup> <https://goo.gl/yoPpQS>

<sup>302</sup> <https://goo.gl/QtJc3C>







social. Se inicialmente a ferramenta possibilitava o contato com conteúdos diversos, durante o período analisado foi possível perceber o alinhamento das informações e o surgimento das chamadas “bolhas” de conteúdo.

Este processo moldou as características da conversação em rede<sup>303</sup> enquanto forma de interpretação e reconstrução cultural. Entende-se que a conversação mediada pelo computador é uma forma de apropriação de “ferramentas com potencial comunicativo” e, portanto, “criativa, dinâmica e difícil de ser capturada e enquadrada em um único foco e em uma única perspectiva.”<sup>304</sup> (RECUERO, 2012, p. 18). O alinhamento de conteúdos e informações em um único eixo, o do interesse do usuário, tende a diminuir a qualidade e a diversidade da conversação, visto que se fala sempre para as mesmas pessoas. Em termos de construção do debate político, esse fato tende a resultar na polarização de opiniões e no apagamento das contradições e complexidades inerentes às relações sociais, transformando o dissenso em conflito e a argumentação em violência.

Visando expandir a análise dos possíveis usos do Facebook e seus limites, foi aplicada uma pesquisa de opinião, elaborada por meio de um questionário, disponibilizado na plataforma Google Drive<sup>305</sup> e compartilhado na rede de contatos da autora, disponibilizado entre os dias 9 a 19 de março de 2017. (APÊNDICE 3). No total, foram 449 respostas<sup>306</sup>, sendo a maioria das pessoas respondentes identificadas como cisgênero, (97,3%), mulher (69%), com idade entre 26 a 45 anos (60, 4%).

INFOGRÁFICO 8<sup>307</sup>

Mulher	310	69,0%	
Homem	118	26,3%	
Não binária	20	4,5%	
Outras	1	0,2%	

<sup>303</sup> A conversação em rede é definida como “uma nova ‘forma’ conversacional, mais pública, mais coletiva”, pois “mais do que meras interações, essas milhares de trocas entre pessoas que se conhecem, que não se conhecem ou que conhecerão representam conversações que permeiam, estabelecem e constroem as redes sociais na Internet.” (RECUERO, 2012, p. 17).

<sup>304</sup> Salienta-se a dificuldade encontrada na realização do estudo de caso da rede curitibana presente no capítulo 4, pois além da quantidade significativa de postagens e temas, há esse dinamismo que limita as possibilidades de classificação e ordenação.








<sup>305</sup> <https://goo.gl/kODUF5>

<sup>306</sup> 450 pessoas iniciaram o questionário, no entanto uma não aceitou os termos propostos e encerrou a pesquisa, resultando em 449 respostas válidas.

<sup>307</sup> Identidade de Gênero das pessoas respondentes. Fonte: A Autora.










A maioria também declarou ser heterossexual (61,2%), solteira (43, 7%) e monogâmica (75,3%).

INFOGRÁFICO 9<sup>308</sup>

Heterossexual	275	61,2%	
Bissexual	93	20,7%	
Gay	33	7,3%	
Lésbica	24	5,3%	
Pansexual	17	3,8%	
Assexual	5	1,1%	
Outras	2	0,4%	

Das pessoas respondentes, a maioria se identificou como branca (73,3%), com ensino superior completo (72,3%)<sup>309</sup> e renda familiar acima de R\$4.300,00 (52,1%). Quanto à religiosidade, a maioria das pessoas se declarou agnóstico(a) (119) ou ateu(a) (93).

INFOGRÁFICO 10<sup>310</sup>

Branco	329	73,3%	
Mestiço	64	14,3%	
Negro	39	8,7%	
Nenhum	5	1,1%	
Oriental - Ásia	4	0,9%	
Indígena	2	0,4%	
Latino	2	0,4%	
Oriental - Oriente Médio	2	0,4%	
Pardo	2	0,4%	











Dentre as opções apresentadas com relação à ideologia política, o maior número de respostas foi socialista (36,7%), sendo que do total de respondentes 89,5% não têm filiação partidária e 59,9% não atuam em espaços de militância não partidários, como ONG's e Coletivos.

<sup>308</sup> Orientação Sexual das pessoas respondentes. Fonte: A Autora.

<sup>309</sup> Incluindo pós-graduação/MBA, mestrado, doutorado e pós-doutorado.

<sup>310</sup> Identificação Étnico-racial. Fonte: A Autora.

INFOGRÁFICO 11<sup>311</sup>

Socialista	165	36,7%	
Social-democrata	71	15,8%	
Anarquista	54	12,0%	
Liberal	42	9,4%	
Comunista	41	9,1%	
Trabalhista	23	5,1%	
Conservadora	10	2,2%	
Outros	5	1,1%	
Nacionalista	3	0,7%	
Outros	35	7,8%	

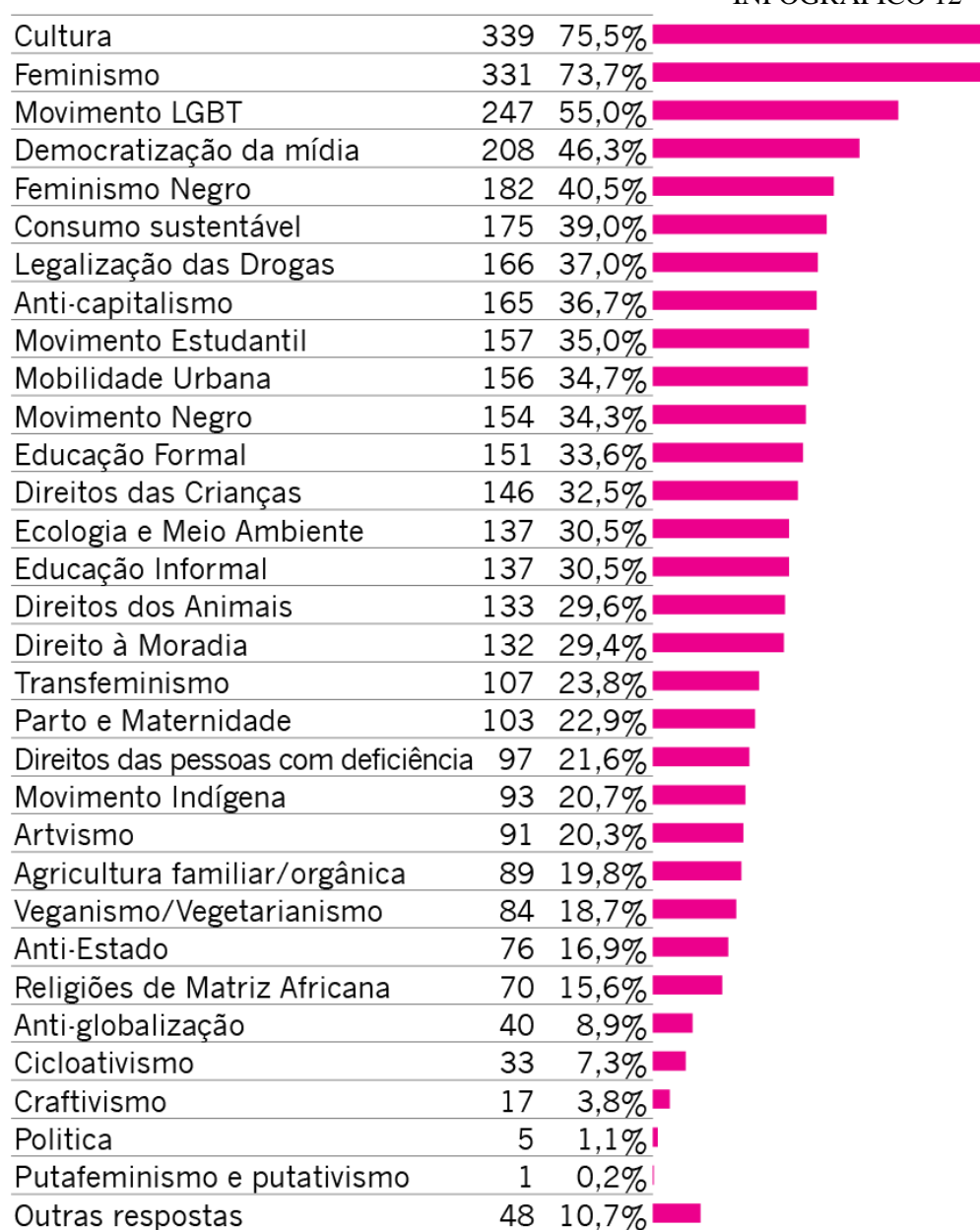
Sobre os usos da internet e do Facebook, 99,1% das pessoas afirmou que se informa sobre acontecimentos por meio da internet, principalmente no Facebook (86%), em Portais de Notícias e Jornais Online (78,4% cada). O acesso à internet é feito principalmente por smartphones (89,8%), em casa (99,1%) e no trabalho (53,9%).

Com relação aos temas de interesse no Facebook, as respostas apresentam algumas possibilidades de análise a partir da relação com o perfil das pessoas que participaram da pesquisa, principalmente com relação à interseccionalidade de pautas proposta na tese.

Considerando que os temas de maior interesse foram Cultura, Feminismo e Movimento LGBT, é possível relacionar este dado com o perfil geral das pessoas que responderam a pesquisa: mulheres, cisgênero, brancas, heterossexuais, com ensino superior completo e de classe média alta. O maior interesse na cultura não engloba uma visão mais ampla que abranja, por exemplo, educação formal e informal, ou mesmo a questão da democratização da mídia.<sup>312</sup>

<sup>311</sup> Grupo étnico-racial identificado pelas pessoas respondentes. Fonte: A Autora.

<sup>312</sup> Entende-se que o processo de democratização da mídia não está relacionado apenas ao aspecto político-econômico de concessões e grandes conglomerados, mas também ao conteúdo veiculado, a partir do debate da cultura da mídia e seus impactos culturais e educacionais.

INFOGRÁFICO 12<sup>313</sup>

Da mesma forma, apesar do grande interesse pelo feminismo, não há o mesmo interesse pelo feminismo negro ou o transfeminismo, o que reforça a urgência de pensar a luta das mulheres como uma luta de todas as mulheres. Os debates desenvolvidos no próprio Facebook evidenciam esse tensionamento entre o “feminismo” (majoritariamente acadêmico – branco e cisgênero) e as vivências de mulheres negras e transgênero.<sup>314</sup> Também não há um maior interesse pela questão dos

<sup>313</sup> Temas de interesse no Facebook: Fonte: A Autora.

<sup>314</sup> O tema “Putafeminismo e putativismo” foi indicado por uma respondente, na opção “Outros” apresentada neste item. A discussão sobre a prostituição e a regulamentação do trabalho sexual

direitos das crianças ou relativa ao parto e maternidade, mesmo sendo temas importantes para o debate feminista, pois abrangem a questão da violência contra meninas<sup>315</sup> e também da violência obstétrica<sup>316</sup>.

Também é possível perceber que, apesar do grande interesse pelo movimento LGBT, outras pautas como o movimento negro<sup>317</sup>, indígena<sup>318</sup> ou de pessoas com deficiência não despertam o mesmo interesse. Cabe ressaltar também a questão do baixo interesse pelo direito à moradia, que apresenta um forte recorte de classe social.

Outro ponto abordado no questionário foi o estabelecimento de laços de amizade e as conversações no Facebook. A maioria das pessoas (68,8%)<sup>319</sup> desenvolve laços de amizade, inclusive com pessoas com ideologias ou causas diferentes (68,6%). Apenas 39,4% costuma “bloquear” pessoas devido a comentários negativos em suas postagens e 46,6% “desfaz” a amizade devido a divergências ideológicas no Facebook.

Para as pessoas que assinalaram as opções “sempre”, “normalmente” e “às vezes” foi aberta a possibilidade de comentar algum exemplo de situação que resultou no fim de uma amizade no Facebook. Os principais motivos apontados foram: apoio ao deputado federal Jair Bolsonaro, racismo, machismo, homolesebobitansfobia, divergências geradas pelas eleições de 2014 e o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, antifeminismo, anticomunismo, fascismo, condenação do direito ao aborto,

---

também é um ponto de dissenso entre as feministas, pois há um entendimento hegemônico de que toda e qualquer atividade relativa à prostituição configura-se como exploração sexual. Esta visão, normalmente, desconsidera as reflexões e debates produzidos pelas próprias prostitutas, negando seu lugar de fala e o agenciamento de suas experiências.

<sup>315</sup> Uma pesquisa realizada em 2016 indica que o Brasil é o pior país da América do Sul para ser menina, ocupando a 102ª posição em um ranking de 144 países. Foram levados em consideração fatores como casamento infantil, gravidez na adolescência e acesso à educação básica. (<https://goo.gl/buwtvD>).

<sup>316</sup> Uma entre quatro mulheres sofre violência obstétrica no Brasil. (<https://goo.gl/ZHafPx>). Apesar de haver uma importante mobilização de mulheres no Facebook, percebe-se que essa pauta não está incluída entre os principais temas de interesse do feminismo.

<sup>317</sup> Outro ponto a ser ressaltado é a diferença no interesse pelo movimento negro e por religiões de matriz-africana. Entendendo que existe um forte componente racial na perseguição a essas religiões, seria de se esperar que houvesse um interesse similar pelos dois temas.

<sup>318</sup> Também se destaca a discrepância de interesse entre ecologia e meio ambiente, o movimento indígena e a agricultura familiar e orgânica, pois no cenário ambiente todos esses temas são perpassados pela ação do agronegócio e pela disputa de terras.

<sup>319</sup> Nestes itens as opções de respostas eram: sempre, normalmente, às vezes, raramente e nunca. As porcentagens apresentadas referem-se ao número de pessoas que assinalou as opções sempre, normalmente e às vezes.

divergências entre vertentes feministas, críticas aos direitos humanos e intolerância religiosa.

Estas respostas indicam o aumento do conservadorismo nos últimos anos, ampliado pela pressão gerada pela visibilidade das pautas dos grupos subalternos. Ao serem desestabilizados em suas concepções de mundo, sujeitos que vivem intensamente a cultura *mainstream*, excludente e preconceituosa, tendem a apelar para discursos de ódio. A polarização ideológica, fruto do cenário político brasileiro, também representa um fator importante neste cenário, pois gera uma forte condenação de tudo o que diga respeito a políticas inclusivas e direitos humanos.

Sobre denúncias e censura dos conteúdos postados no Facebook, 70,9% das pessoas costuma fazer denúncias de postagens com conteúdos ofensivos (discurso de ódio, exposição e humilhação de pessoas, violência); 84,9% nunca teve postagens denunciadas, excluídas ou censuradas e 91,3% nunca foi bloqueada pela administração do sistema devido ao conteúdo das suas postagens.

INFOGRÁFICO 13<sup>320</sup>

Não	380	84,6	
Sim, uma ou mais postagens com imagem	30	6,7	
Sim, uma ou mais postagens com texto	19	4,2	
Sim, uma ou mais postagens com imagem, texto, e/ou vídeo	20	4,5	

Perguntadas se já deixaram de participar de algum movimento/causa devido a brigas/ataques online, 24,9% das pessoas afirmou que nunca teve brigas ou disputas online; 51,2% respondeu que não deixou de participar e 23,8% afirmou que sim. Estas, quando chamadas a comentar sobre os motivos que as levaram a abandonar causas ou movimentos, apontaram como principais fatores: ataques pessoais, medo e insegurança devido a ameaças, disputas internas, desrespeito, falta de capacidade coletiva para lidar com as divergências, dificuldade de diálogo, cansaço, preconceitos, intolerância,

Ao relacionar estes motivos com a questão das relações de amizade, é possível perceber que a dificuldade em abarcar o dissenso é também um fator preponderante,

<sup>320</sup> Postagem denunciada/excluída/censurada. Fonte: A Autora.

mesmo em grupos sociais que, a princípio, defendem as mesmas causas e interesses. Os ruídos presentes nas conversações em rede estão relacionados não apenas a divergência de opiniões, mas também a fatores como laço social<sup>321</sup> e capital social<sup>322</sup>. A visibilidade e o protagonismo pessoal podem interferir nas relações em rede, pois pessoas que adquirem reconhecimento dentro da militância ampliam o seu capital social e, quando ocorre uma desestabilização nos micropoderes gerada pela discordância, é possível que haja uma disputa interna entre os sujeitos, que tendem a reforçar seu discurso, garantindo aceitação e pertencimento.

Ainda sobre a questão da conversação, 26,9% afirmaram já ter sofrido agressões ou ataques virtuais devido ao conteúdo de suas postagens. As principais situações apresentadas como motivo para os ataques foram: postagens pessoais ou comentários em postagens alheias defendendo direitos humanos, tecendo críticas a Jair Bolsonaro, relacionadas ao Partido dos Trabalhadores ou à Dilma Rousseff, em defesa das ocupações estudantis, denunciando o processo de impeachment de Dilma como golpe, comentários sobre aborto, feminismo<sup>323</sup>, racismo e homofobia.<sup>324</sup>

Sobre o uso do Facebook para fins de ativismo, 89% das pessoas costuma assinar petições online (principalmente Avaaz); 32,3% realiza doações ou participa de financiamento coletivo para pessoas ou grupos ativistas; 48,7 % usa filtros para fotografia de perfil, 48,7% acompanha a ação de ativistas de outras cidades, estados ou países; 63,8 % participa presencialmente de eventos políticos ou militantes divulgados no sistema; 56,8 % mudou de opinião sobre algum assunto depois de discuti-lo com outras pessoas e 69,9 % mudou de opinião depois de ler textos/debates postados no Facebook.

---

<sup>321</sup> “[...] um laço social representa uma conexão que é estabelecida entre dois indivíduos e do qual decorrem determinados valores e deveres sociais.” (RECUERO, 2012, p. 129).





<sup>322</sup> “[...] o capital social é pensado como construído de recursos coletivamente construídos relacionados ao pertencimento da rede, valores esses que podem ser individualmente apropriados.” (RECUERO, 2012, p. 136).

<sup>323</sup> Com relação ao feminismo foi possível identificar dois elementos: ataques às pautas feministas em si, feitas por pessoas que não são feministas, e ataques promovidos por feministas radicais (filiadas à segunda onda do feminismo e chamadas de radfem).

<sup>324</sup> Uma dificuldade encontrada na análise deste item se deu pelo fato de que muitos dos exemplos são extremamente pessoais e envolvem diversos assuntos. Outra questão identificada foi a presença de relatos de pessoas que foram atacadas por terem postado algum conteúdo considerado preconceituoso (“fui chamada de gordofóbica”, “fui acusado de fazer racismo reverso”) ou com críticas ao PT, às esquerdas,

Com relação mudanças de layout, filtros e algoritmos e sua influência nas possibilidades de ativismo no Facebook, a maioria das pessoas (46,5%) respondeu que desconhece as mudanças. As pessoas que reconheceram as mudanças comentaram aspectos positivos indicaram a visibilidade de pautas sociais e a possibilidade de gerar reflexão sobre essas pautas devido à maior organicidade dos conteúdos. Quanto aos aspectos negativos o principal item mencionado foi a limitação da circulação de conteúdos de acordo com os interesses pessoais e a consequente formação de “bolhas” ideológicas, que limitam o contato com opiniões diversas e reforçam o senso comum.<sup>325</sup>

INFOGRÁFICO 14<sup>326</sup>

Pioraram as possibilidades	84	18,7%	
Não interferiram nas possibilidades	87	19,4%	
Melhoraram as possibilidades	69	15,4%	
Desconheço as mudanças	209	46,5%	

Encerrando a pesquisa, as pessoas foram convidadas a comentar as melhores e piores características do Facebook para fins de militância. Os principais aspectos positivos apontados foram: alcance, abrangência e rapidez; a possibilidade de divulgação (de conteúdos e eventos); de promover visibilidade para pautas subalternas e também o encontro de pessoas que comungam os mesmos interesses. Já os piores pontos mencionados foram: a formação de “bolhas” de interesse; disseminação de discurso de ódio; censura e bloqueios promovidos pelos administradores do sistema; ampla circulação de notícias e informações falsas.

As respostas ao questionário permitem estabelecer algumas reflexões sobre as resistências *antimainstream* e as possibilidades de uso do Facebook para fins de ativismo e militância. Se historicamente movimentos sociais têm se apropriado dos meios de comunicação, criando a mídia radical, a internet e o Facebook estabeleceram

<sup>325</sup> Outro fator apontado foi a necessidade de *fanpages* “patrocinem” postagens para aumentar o seu alcance, o que inviabiliza a ação de movimentos sociais autônomos.

<sup>326</sup>



novas formas de apropriação técnica<sup>327</sup> que geraram uma intensa troca de informações para a organização de iniciativas de resistência.

No entanto, a partir da noção de que a conversação se dá por meio da apropriação da ferramenta, é possível perceber que os limites dessa apropriação foram estipulados pela própria ferramenta. O contato entre sujeitos e grupos subalternos, responsável pela formação de uma ampla rede ativista (nacional e internacional), foi lentamente sendo cerceado devido às mudanças do sistema. Três pontos principais foram identificados: a “curadoria” de conteúdo realizada pelo algoritmo do sistema, impedindo a ampla circulação de informação; a diminuição da abrangência do alcance de postagens pessoais e, principalmente, de *fanpages*; a política de uso da empresa, que permite a permanência de conteúdo com discurso de ódio, mas censura conteúdos considerados subversivos<sup>328</sup>.

Outro ponto importante diz respeito à própria possibilidade de estabelecer uma postura *antimainstream*, ou seja, de criar táticas de resistência à tendência dominante. Além do poder coercitivo do Estado e do capital, há também os micropoderes que alimentam as disputas, inclusive dentro dos próprios movimentos de contestação. Estranhar esses processos permite pensar na urgência da desconstrução da ficção branca, cisgênera heterossexual enquanto fator estruturante da realidade e limitador da possibilidade de transformação social. Enquanto estes poderes não forem escancarados e as hierarquias denunciadas, a interseccionalidade continuará a ser apenas mais uma utopia fracassada.

---

<sup>327</sup> “A apropriação técnica compreende o aprendizado do uso da ferramenta. A simbólica compreende a construção de sentido do uso dessa ferramenta, quase sempre de forma desviante, ou seja, com práticas que vão sair do escopo do design de uso desta.” (RECUERO, 2012, p. 35).

<sup>328</sup> Um problema recorrente no Facebook é a questão do nome. Muitas pessoas (artistas, celebridades), principalmente transgênero, tiveram suas contas bloqueadas e removidas devido à imposição de uso do nome de registro.







#### 4 “MEU CORPO É UM CAMPO DE BATALHA”<sup>329</sup>: AUTOETNOGRAFIA DE UMA UTOPIA FRACASSADA

IMAGEM 25<sup>330</sup>



A presente tese é resultado direto do uso do Facebook para fins de militância e teve como ponto de partida experiências pessoais. A participação na organização da

---

<sup>329</sup> “meu corpo é um campo de batalha.  
 meu peito, minha arma;  
 minha carne, uma couraça;  
 meu sangue, combustível.  
 meu corpo é um campo de batalha.  
 fiz do coração minha morada;  
 de minha pele, uma muralha.  
 nas mãos, revolução.  
 fiz de mim metáfora.  
 para que as palavras dissessem menos  
 e os olhos gritassem mais.  
 meu corpo é um campo de batalha.  
 minha respiração, transgressão.  
 de minha existência fiz moinho,  
 pulsei sem permissão.  
 de mim mesmo fiz destino.  
 para todos, rejeição.  
 do querer fiz passarinho,  
 os que não me querem passarão.  
 meu corpo é um campo de batalha.  
 minha carne, insistência.  
 de minha pele fiz cicatriz.  
 de minha alma, resistência.”  
 (CAETANO, 2013.)

<sup>330</sup> <https://goo.gl/eXqK2r>

Marcha das Vadias de Curitiba, durante os anos de 2011 a 2013, e o interesse por outros movimentos de contestação – LGBT, negro, indígena, anticapitalista, craftivista – resultou no desejo de transformação dos saberes adquiridos pela prática ativista em saberes sistematizados teoricamente. Constituiu-se, então, um desafio: como organizar um conjunto de impressões, afetos e conclusões desenvolvidos no calor do momento sob a força das ruas e dos intensos debates na rede, tornando-os compreensíveis e passíveis de serem investigados teórica e metodologicamente? É possível que vivências pessoais sejam objeto de pesquisa?

Tendo esta inquietação em mente, buscou-se constituir uma autoetnografia, pensada enquanto um gênero de escrita e pesquisa que, por ser autobiográfico, apresenta múltiplos níveis de consciência e possibilita a conexão entre o pessoal e o cultural. Nestes textos, ação, emoção, corporeidade, e autoconsciência são entrelaçadas e afetadas pela história, pelas estruturas sociais e pela cultura, revelando-se por meio de ações, sentimentos, pensamento e linguagem. (ELLIS; BOCHNER, 2000).

A intenção de elaborar uma pesquisa autoetnográfica partiu da noção de que a narrativa da vivência de um processo histórico, construída de partir de um ponto de vista pessoal, permite a superação da dicotomia sujeito-objeto, bem como de procedimentos canônicos que pretendem manter um suposto distanciamento e objetividade. Da mesma forma, entende-se que ao classificar, etiquetar e padronizar diferentes visões de mundo, perde-se aspectos fundamentais das experiências pessoais de raça, gênero, sexualidade, classe, entre outros. Percebe-se também que as perspectivas construídas na pesquisa científica não são neutras, pois partem de um olhar masculino, branco, heterossexual, de classe média/alta, cristão e sem deficiência. E a suposta neutralidade deste ponto de vista acaba por desconsiderar, desqualificar ou invalidar outras experiências. (ELLIS, ADAMS, BOCHNER, 2011).

A autoetnografia não possibilita apenas a narrativa de experiências pessoais, mas a articulação e análise dessas experiências a partir de pressupostos teóricos.

Desta forma, a autoetnógrafa não apenas busca dar sentido à experiência pessoal e tornar a experiência cultural envolvente, mas também, ao produzir textos acessíveis, ela ou ele pode ser capaz de alcançar um público mais abrangente e diverso que a pesquisa tradicional geralmente ignora, o que

pode tornar a mudança pessoal e social possível para mais pessoas. (ELLIS, ADAMS, BOCHNER, 2011).<sup>331</sup>

A elaboração do relato autobiográfico presente na tese teve início no Facebook<sup>332</sup>, a partir de postagens pessoais e de comentários em postagens de pessoas que participam da rede de militância constituída a partir de 2011. O compartilhamento de informações, notícias, textos teóricos, vídeos e imagens ao longo destes 6 anos consolidou, enquanto práxis, um conhecimento prévio – acadêmico, teórico e desconectado da realidade concreta –, transformando-o em experiência e vivência.

Neste sentido, o Facebook tornou-se objeto, local e instrumento de pesquisa,<sup>333</sup> possibilitando a construção de um *corpus* que reúne o *clipping*<sup>334</sup> de posts (autorais ou não) compartilhados no *feed* de notícias e a elaboração de um “diário de campo” produzido a partir de publicações de postagens com considerações sobre os temas que estavam sendo discutidos no dia (ou na semana).<sup>335</sup> Esta adaptação do modelo de diário de campo foi pensada como forma de manter o registro das impressões, sensações e ideias “no calor do momento”, usando as próprias ferramentas da plataforma e possibilitando o estabelecimento do debate com outras pessoas da rede.

---

<sup>331</sup> “Thus, the autoethnographer not only tries to make personal experience meaningful and cultural experience engaging, but also, by producing accessible texts, she or he may be able to reach wider and more diverse mass audiences that traditional research usually disregards, a move that can make personal and social change possible for more people.”

<sup>332</sup> Devido ao fato da pesquisa ter sido desenvolvida no Facebook, entende-se que a mesma constitui-se como uma autonetnografia, “compreendida como uma ferramenta reflexiva que possibilita discutir os múltiplos papéis do pesquisador e de suas proximidades, subjetividades e sensibilidades na medida em que se constitui como fator de interferência nos resultados e no próprio objeto pesquisado. (AMARAL, 2009, p. 15). Durante os anos de 2011 a 2013 foi realizada também uma articulação no Twitter, no entanto as impressões desenvolvidas no uso desta rede não foram sistematizadas, entrarão nesta análise apenas como informação complementar.

<sup>333</sup> Os estudos sobre a pesquisa empírica relacionada às novas tecnologias entendem que a internet “pode ser tanto *objeto* de pesquisa (aquilo que se estuda), quanto *local* de pesquisa (ambiente onde a pesquisa é realizada) e, ainda, *instrumento* de pesquisa (por exemplo, ferramenta para coleta de dados sobre um dado tema ou assunto). ” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2013, p. 17). Esta mesma concepção é incorporada nesta tese, pensada com relação à pesquisa empírica no site de rede social Facebook.

<sup>334</sup> Clipagem ou taxação (KOPLIN; FERRARETO, 2009). Nesta pesquisa foi utilizado como forma de seleção de notícias e artigos veiculados na grande mídia ou na mídia alternativa, de postagens produzidas e/ou compartilhadas por fanpages ou por perfis pessoais, como uma forma de curadoria de conteúdos visando a sua preservação e compreensão.

<sup>335</sup> A apresentação dos dados não segue, no entanto, um método quantitativo. Foram privilegiadas amostras dos conteúdos e debates produzidos na rede, que serão apresentadas em um formato narrativo.

Como desdobramento da pesquisa autoetnográfica foi desenvolvido um estudo de redes sociais, visando analisar as estruturas decorrentes das ações e interações entre grupos e pessoas e a possível constituição de um “movimento de movimentos” na cidade de Curitiba, para poder compreender as características dos grupos e sujeitos estudados. Compreendendo que uma rede social possui uma estrutura formada por nós (atores e suas representações) e arestas (conexões e interações entre os atores) (FRAGOSO; RECUERO, AMARAL, 2013), foram selecionadas pessoas que atuam (formalmente ou não) em espaços de militância e que participaram de marchas, atos e passeatas na cidade de Curitiba durante o período analisado (2011-2016). A escolha destas pessoas se fez por meio de critérios objetivos<sup>336</sup> e subjetivos<sup>337</sup>, sendo que todas foram consultadas e concordaram em participar da pesquisa. (APÊNDICE 4).

A coleta de dados referentes às amizades no Facebook possibilitou gerar uma configuração da rede composta pelas pessoas que participaram da pesquisa e seus contatos em comum.<sup>338</sup> O resultado final pode ser visto no grafo abaixo.<sup>339</sup>

---

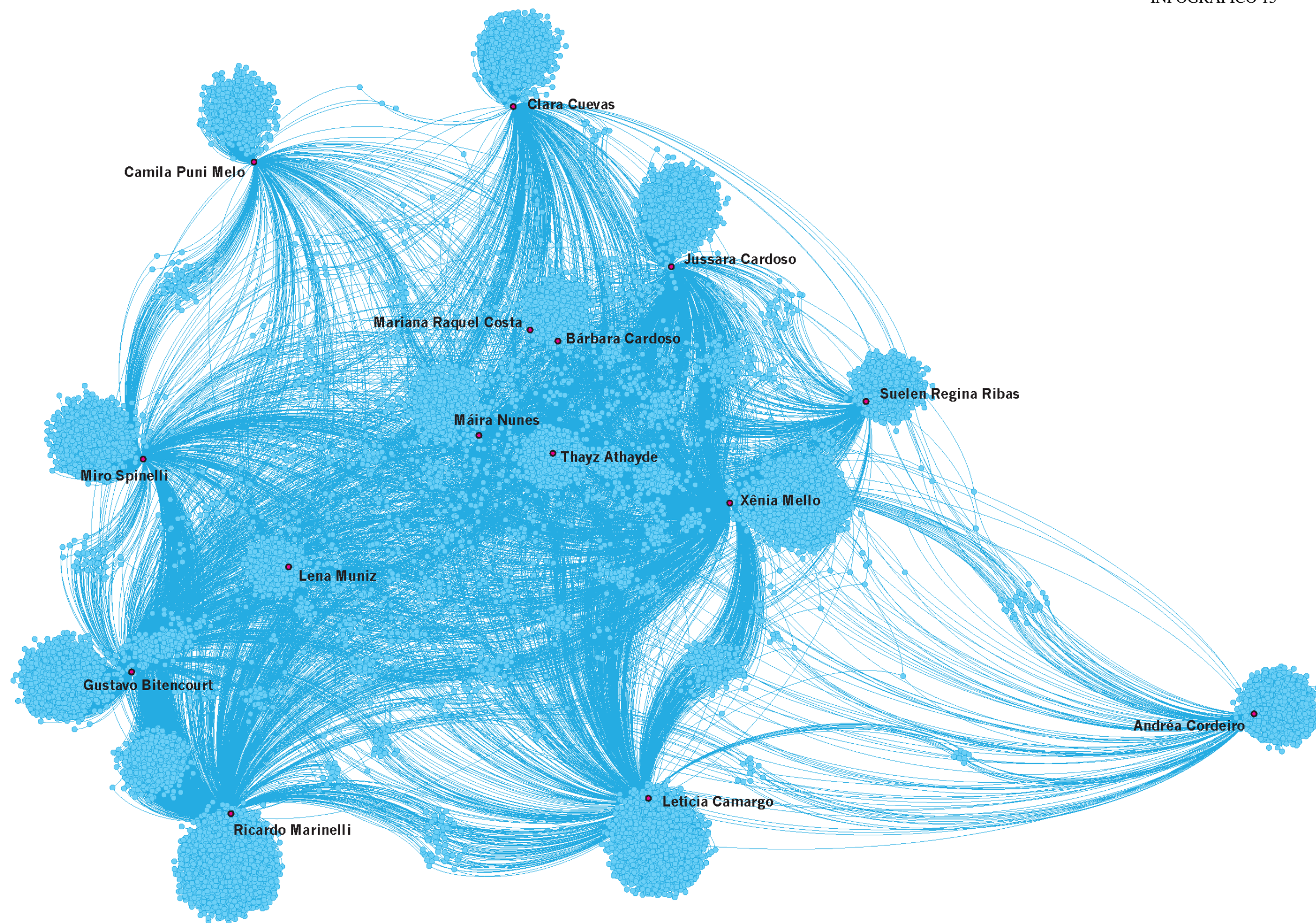
<sup>336</sup> Todas as pessoas selecionadas para a análise de redes fazem parte da rede pessoal da autora, com a qual mantêm relação de proximidade em maior ou menor grau. Da mesma forma, todas participaram da Marcha das Vadias de Curitiba nos primeiros anos do movimento, algumas como organizadoras e outras como apoiadoras.

<sup>337</sup> A autora observou, desde que começou a participar da rede ativista em Curitiba, como os discursos e práticas militantes se construíam e como os conflitos se desenvolviam. Identificando que muitas pessoas que participavam da rede reproduziam opressões e violências e não se preocupavam em estabelecer pautas interseccionais, a autora se dedicou a observar de que maneira ativistas buscavam superar as complexidades e tensionamentos presentes na rede. As pessoas que participam desta pesquisa são ativistas que têm consciência das contradições e potências da militância e que buscam atuar de maneira não-violenta e interseccional.

<sup>338</sup> O perfil das pessoas está disponível no Apêndice 5.

<sup>339</sup> A descrição dos procedimentos para elaboração do grafo está disponível no Apêndice 6.





<sup>340</sup> Grafo de Rede de Amizades no Facebook. Fonte: A Autora.

A análise desenvolvida a seguir foi elaborada em primeira pessoa, com a finalidade de marcar as impressões, dúvidas e contradições geradas nas interações online. Segue também a proposta de uma política do estranhamento no sentido de “queerizar” a pesquisa acadêmica a partir de uma micro-história do tempo presente. A finalidade desta narrativa é descrever a (possível) construção de um ativismo *antimainstream*, a partir de um recorte localizado temporalmente, no sentido de evidenciar tanto os processos de construção coletiva realizados no Facebook quanto os que têm a rede como ponto de partida, ganhando outros contornos na ocupação dos espaços públicos de articulação política.

Neste sentido, somo a minha experiência pessoal às de outras pessoas, costurando o desenho desta micro-rede de afetos e ativismos. Devo esclarecer que não pretendo assumir nenhuma centralidade de minhas ações ou, usando a terminologia corrente, um pretense “protagonismo”. A escolha desta forma de relato seguiu os parâmetros metodológicos propostos anteriormente, com a finalidade de apresentar um recorte de uma série de fatos e relações que formaram a rede ativista atuante em Curitiba nos últimos anos. Ressalto também que há inúmeros outros sujeitos e fatos que não estão presentes nesta narrativa devido à delimitação do escopo da tese, bem como a questões de ordem prática – limites de possibilidade de coleta de dados no Facebook, feita “manualmente” – e a impossibilidade de contatar todas as pessoas envolvidas.

#### 4.1 2011: O ANO EM QUE NÃO MUDAMOS O MUNDO

O ano de 2011 começa sem muito alarde. Retomando as postagens dos primeiros meses do ano foi possível identificar um padrão de uso: fatos cotidianos, tarefas domésticas, relatos sobre trabalho, fotografias pessoais, correntes, músicas, e recados de outras pessoas. Andréa<sup>341</sup>, Camila<sup>342</sup>, Clara<sup>343</sup>, Lena<sup>344</sup> e Thayz<sup>345</sup> postam links para os textos publicados em seus blogs.

---

<sup>341</sup> <https://goo.gl/9gFP3Z>

<sup>342</sup> <https://goo.gl/2DPcEV>

<sup>343</sup> <https://goo.gl/ieFp8a>

<sup>344</sup> <https://goo.gl/NNRKQX>



Camila posta sobre sua participação no Festival Vulva la Vida, em Salvador.<sup>346</sup>



**Camila Puni**

18 de janeiro de 2011 · 🌐

Go Riot! Riot GRRRL entrou por minha janela há 12 anos. Está em mim, sou eu. Let's GRRRL! Salvador ai vou eu!



Curtir



Comentar



Compartilhar

Os posts são curtos:



**Thayz Athayde**

22 de janeiro de 2011 · 👤

um dia o feminismo será algo natural, um dia eu vou ver homens que querem lutar pelo feminismo e não achar que o machismo não existe mais. um dia.



Curtir



Comentar

E as análises mais longas – o chamado “textão” – são postadas como Notas:



**Clara Cuevas** publicou uma nota.

4 de janeiro de 2011 · 👤

**Porque nós protetoras somos neuróticas com bombas e fogos de artifício...**

CHEGA!

Na manhã do dia 1º de janeiro o cão de 6 anos de idade, porte grande, de nome Tigrão deu entrada na Sociedade Protetora dos Animais de

...

[Ver mais](#)



Curtir



Comentar



Compartilhar

<sup>345</sup> <https://goo.gl/JpCTXC>. Além do blog pessoal, Thayz também publica textos nas Blogueiras Feministas: <https://goo.gl/6TtfGc>.

<sup>346</sup> <https://goo.gl/jEQQCt>

Esporadicamente há alguma postagem sobre questões políticas, ambientais ou relacionadas a gênero e sexualidade, normalmente com a publicação de informações e notícias de jornais, sites e blogs.



Foram encontradas poucas postagens com conteúdos comuns. Andréa, Thayz, Xênia e Ricardo postaram uma petição condenando o estupro corretivo praticado contra lésbicas na África do Sul.<sup>347</sup>

<sup>347</sup> “Thembi (nome alterado) foi puxada de um taxi perto de sua casa, espancada e estuprada por um homem que alegava que estava “curando” ela do lesbianismo (sic). A Thembi não é a única -- este crime horrendo é comum na África do Sul, onde lésbicas vivem aterrorizadas com os ataques. Porém, ninguém nunca foi condenado por “estupro corretivo”. De forma surpreendente, a partir de um pequeno esconderijo na Cidade do Cabo algumas ativistas corajosas estão arriscando as suas vidas para garantir que esta prática hedionda acabe. A sua campanha massiva teve resultado, forçando o governo a responder. Se nós chamarmos a atenção para este horror, de todos os cantos do mundo, nós poderemos aumentar a pressão e ajudar a trazer resultados e ações concretas nas negociações com o governo. Vamos pedir para o Presidente Zuma e o Ministro da Justiça condenar publicamente o “estupro corretivo”, criminalizando crimes de preconceito, e garantindo a implementação imediata a lei, educação da sociedade e proteção para as vítimas. Assine a petição agora e compartilhe com todos -- quando alcançarmos 1 milhão de assinaturas, elas serão entregues para o governo da África do Sul com ações bem visíveis e ousadas.” <https://goo.gl/kdBN6z>

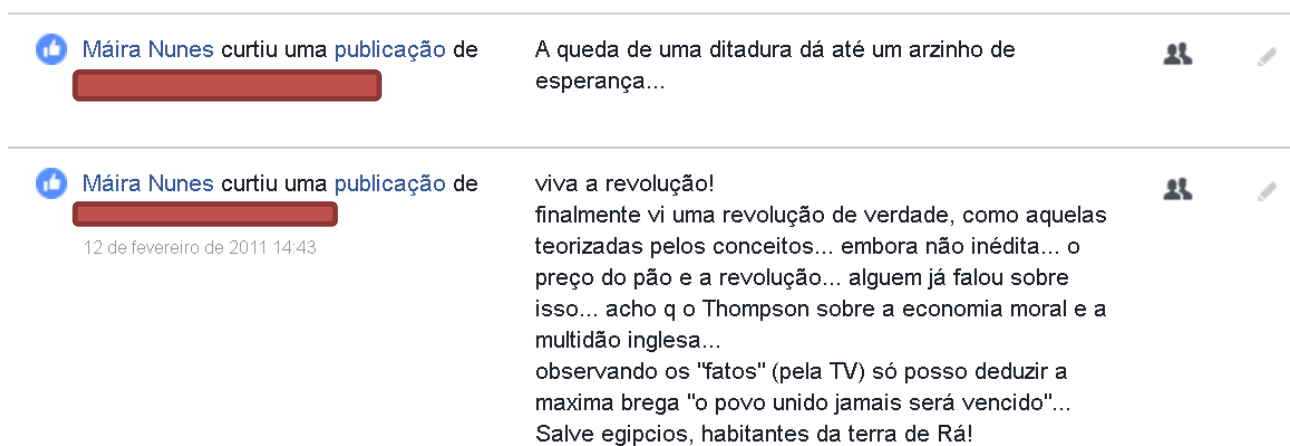


Gustavo e Letícia compartilharam uma petição contra a construção da usina de Belo Monte, no Pará.<sup>348</sup>

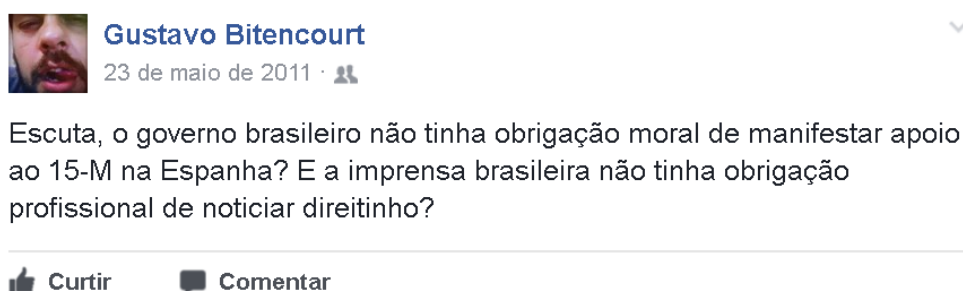


A revolução egípcia foi mencionada por Clara, Xênia, Gustavo e Ricardo. No meu mural, apenas a curtida em comentários a respeito dos protestos.

<sup>348</sup> “Belo Monte seria maior que o Canal do Panamá, inundando pelo menos 400.000 hectares de floresta, expulsando 40.000 indígenas e populações locais e destruindo o habitat precioso de inúmeras espécies -- tudo isto para criar energia que poderia ser facilmente gerada com maiores investimentos em eficiência energética. A pressão sobre a Presidente Dilma está aumentando: o Presidente do IBAMA acabou de renunciar, se recusando a emitir a licença ambiental de Belo Monte e expondo a pressão política para levar este projeto devastador adiante. Especialistas, lideranças indígenas e a sociedade civil concordam que Belo Monte é um desastre ambiental no coração da Amazônia. As obras poderão começar logo. Vamos aumentar a pressão para Dilma parar Belo Monte! Assine a petição, antes que as escavadeiras comecem a trabalhar -- ela será entregue em Brasília.” <https://goo.gl/JfRqpZ>



Durante os meses de março, abril e maio as postagens vão adquirindo um maior caráter político: referências ao reconhecimento da união estável de pessoas homoafetivas pelo STF<sup>349</sup>, à votação do Código Florestal<sup>350</sup>, à proibição da Marcha da Maconha<sup>351</sup> e aos movimentos que estavam ocorrendo em todo o mundo:



É importante lembrar que a programação, o layout e as funcionalidades do Facebook no ano de 2011 eram bem diferentes das atuais, sendo restrita a perfis pessoais, grupos e aplicativos. As publicações eram dispostas no mural, pois as configurações ainda não apresentavam a divisão em *timeline* e o *feed* de notícias.<sup>352</sup> Esta característica explica a limitação no compartilhamento de informações, pois a circulação de assuntos era mais difusa e descentralizada. As chamadas “bolhas” não estavam configuradas e as informações não circulavam de maneira concentrada, mesmo entre pessoas que compartilhavam interesses similares.

<sup>349</sup> <https://goo.gl/qn3QVQ>

<sup>350</sup> <https://goo.gl/NKmnse>

<sup>351</sup> <https://goo.gl/AHSise>

<sup>352</sup> Estas mudanças foram descritas no capítulo 3.

No meu caso, as coisas começaram a mudar numa tediosa tarde do mês de março, em conversa com colegas de trabalho. Falamos sobre cultura hacker, Primavera Árabe, Anonymous, Redtube, WikiLeaks, Chatroulette e Facebook.<sup>353</sup> Tudo era novidade e descobrir que a internet poderia ser usada como ferramenta de mobilização fez com que eu mudasse minha forma de usar as redes sociais<sup>354</sup>, agora buscando informações sobre o ativismo digital.

Com um filho pequeno, meu maior interesse eram postagens e grupos sobre parto e amamentação. E foi com essa temática que iniciei meus caminhos pelo ativismo digital, também chamado na época de “ativismo de sofá”. Minha primeira ação foi a participação no Mamaço Virtual, proposto pela jornalista Kalu Brum após ter sua foto amamentando censurada no Facebook<sup>355</sup>. O protesto consistia em mudar a foto do perfil para uma de amamentação.<sup>356</sup> Nem sei como cheguei ali, mas quando percebi já estava envolvida no grupo<sup>357</sup>, postando fotos e me oferecendo para ajudar na organização. Empolgada, porque a ação coletiva, mesmo que simbólica, gera esse efeito de euforia e pertencimento.



Máira Nunes atualizou o próprio status.

10 de maio de 2011 23:08

Amigos e amigas, o facebook tirou algumas fotos de mulheres amamentando do ar alegando que "O Facebook não permite a publicação de fotos que ofendam um indivíduo ou grupo, ou que possuam nudez, drogas, violência ou outras violações". A amamentação não se encaixa em nenhuma das considerações acima e por isso estamos trocando nossa imagem de perfil - façam o mesmo!



<sup>353</sup> Desta conversa surgiu o projeto de iniciação científica “Movimentos Antimainstream: mobilização e resistência na sociedade contemporânea”, desenvolvido interdisciplinarmente com os cursos de Comunicação Social, Direito e Ciência Política, do Centro Universitário Internacional Uninter. Foi a partir deste projeto que cheguei ao tema de pesquisa da tese.

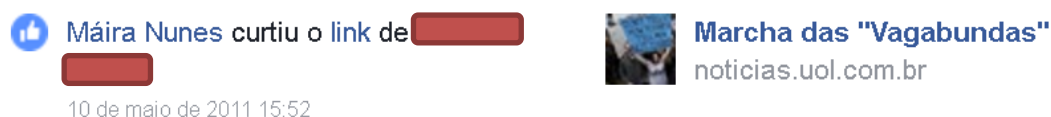
<sup>354</sup> Durante os anos de 2011 a 2013 eu utilizava o Twitter para informação e o Facebook para contatos pessoais. Mesmo com o uso dos grupos do Facebook para fins de ativismo, sempre achei o Twitter mais dinâmico e interessante, principalmente com relação aos movimentos internacionais. Foi apenas em 2013, com o início do doutoramento, que restringi minhas atividades ao Facebook.

<sup>355</sup> O primeiro mamaço ocorreu em 12/05/2011, no Itaú Cultural de São Paulo, organizado após a antropóloga Marina Barão ser impedida de amamentar no local. A partir da divulgação do ato e de Kalu Brum ter sua foto censurada, foi criado o grupo Mamaço Virtual. <https://goo.gl/vVKwVT>

<sup>356</sup> A maioria postou fotos pessoais, mas algumas colocaram imagens de quadros com santas amamentando.

<sup>357</sup> <https://goo.gl/gMLbn4>

Um detalhe para o timing: enquanto eu postava sobre o Mamaço apareceu no meu *feed* a primeira notícia sobre a Slutwalk.<sup>358</sup>



Enfim, a mobilização virtual se transformou em um movimento nacional, com a organização de Mamaços em todo o Brasil, marcados para o dia 05/06/2011.<sup>359</sup> As discussões ocorriam no grupo Mamaço Virtual e a construção coletiva era feita por meio da troca de informações sobre melhores locais, autorizações necessárias, textos informativos, releases, identidade visual e artes para divulgação. Enquanto ocorriam os debates no grupo nacional, foram criados grupos locais para a organização nas cidades participantes. Em Curitiba, as discussões sobre a organização do ato se concentraram no grupo Mamaço Curitiba<sup>360</sup>. Algumas dificuldades foram encontradas: a escolha do local<sup>361</sup>, o desconhecimento sobre os trâmites oficiais para utilização do espaço público<sup>362</sup>, divulgação<sup>363</sup>, mobilização da imprensa e a inexperiência das organizadoras. No entanto, a construção coletiva se mostrou eficaz, pois os problemas foram resolvidos na conversação e compartilhamento de informações.<sup>364</sup>

Após a divulgação na imprensa, surgiram as primeiras reações. Muitas favoráveis, mas algumas esboçavam críticas a um possível “exibicionismo” das

<sup>358</sup> <https://goo.gl/2fjEGC>

<sup>359</sup> <https://goo.gl/H4Emoy>

<sup>360</sup> Criado em 13/05/2011. <https://goo.gl/6RB1Vs>

<sup>361</sup> A proposta inicial era realizar o ato em espaço aberto, como o gramado do Museu Oscar Niemayer, o parque Barigui ou as Ruínas de São Francisco, mas a conhecida instabilidade climática da cidade e a exigência de acesso a banheiros e trocadores para as crianças gerou a necessidade de realizar o ato em um local fechado.

<sup>362</sup> O artigo 5º da Constituição Federal preconiza que “todos podem reunir-se pacificamente, sem armas, em locais abertos ao público, independentemente de autorização, desde que não frustrem outra reunião anteriormente convocada para o mesmo local, sendo apenas exigido prévio aviso à autoridade competente.” Na cidade de Curitiba, é necessário protocolar um pedido de Autorização para o uso de Parques e Bosques (Secretaria Municipal do Meio Ambiente) e/ou Autorização para Eventos em Via Pública (Secretaria Municipal da Defesa Social).

<sup>363</sup> <https://goo.gl/BLjsvL>

<sup>364</sup> Uma possível explicação para a ausência de disputas é o consenso em torno das pautas do movimento, centralizadas na maternidade ativa e no aleitamento. A unidade pode ser entendida como um reflexo da “causa única”, presente nos primeiros anos de atuação do grupo. Em 2013, a partir da articulação do grupo do mamaço, surgiu o Movimento pelo Bem Nascer, com o foco de exigir políticas públicas relativas ao parto humanizado e ao fim da violência obstétrica.

manifestantes.<sup>365</sup> O debate no grupo centrou-se na questão do aleitamento ser um ato de nutrição e não de exposição sexualizada do corpo. Houve uma certa crítica à banalização da objetificação do corpo feminino, algo comum no país, pois a sexualização dos seios acabaria resultando em uma reação de repulsa e censura. No entanto, os debates não avançaram para uma discussão feminista sobre as causas da objetificação, o fato de que um corpo feminino à mostra é aceito e incentivado quando tem a finalidade de proporcionar prazer ao homem ou o discurso que condena a sexualidade feminina.

No mesmo final de semana do Mamaço ocorreu a Marcha das Vadias de São Paulo<sup>366</sup>, a primeira realizada no país. Com a divulgação do evento também em outras cidades, foi criado o grupo Marcha das Vadias Curitiba<sup>367</sup>. Os primeiros dias foram de mobilização e de explicação sobre o movimento<sup>368</sup>. A necessidade de elaboração de um manifesto<sup>369</sup>, do contato com outros movimentos sociais e da definição se a marcha seria ou não um movimento feminista<sup>370</sup> demandaram intensos debates entre as organizadoras.

Muitas das dificuldades enfrentadas foram similares às da organização do Mamaço, principalmente a liberação do local de concentração e do percurso a ser realizado<sup>371</sup>, no entanto, o contato com a organização de outros grupos, como a

---

<sup>365</sup> O colunista João Pereira Coutinho, da Folha de São Paulo, entendendo a amamentação como um ato “íntimo”, chegou a compará-la à masturbação, ao sexo e ao uso do banheiro. <https://goo.gl/Mzy7Mt>

<sup>366</sup> <https://goo.gl/K93Ndx>

<sup>367</sup> <https://goo.gl/RwLE5R>

<sup>368</sup> Assim que o grupo foi criado, em 14/06/2011, as administradoras começaram a adicionar seus contatos pessoais, mas muitas pessoas desconheciam o movimento. O preconceito com o nome e a falta de informação exigiu das administradoras e demais participantes uma atualização constante nas postagens. Foram postadas notícias sobre as outras marchas, textos sobre violência doméstica e de gênero, comentários na mídia, entre outros materiais, que geraram interação e engajamento intensos. No dia da realização da Marcha, 16/07, havia 598 pessoas no grupo. Destas, 308 foram adicionadas durante os 33 dias de organização e outras 290 solicitaram a participação no grupo.

<sup>369</sup> <https://goo.gl/uCDufs>

<sup>370</sup> Esta demanda surgiu após a repercussão da fala de uma das organizadoras da Marcha de São Paulo, que se afirmou “Vadia, sim. Feminista, não” e foi a partir dessa discussão que iniciei minhas leituras teóricas sobre feminismo. O primeiro contato com os estudos queer veio na mesma época. (<https://goo.gl/N4Fj1g>).

<sup>371</sup> As autorizações para a concentração no Passeio Público e para o percurso até a Boca Maldita (local de encerramento) só foram liberadas após contato direto com as secretarias envolvidas (Meio Ambiente e Urbanismo). Como o requerimento foi protocolado em meu nome, recebi um telefonema da pessoa responsável, na semana da realização da Marcha, exigindo explicações sobre a natureza da manifestação. O choque com o nome e com a possibilidade de haver milhares de vadias nas ruas da



Marcha da Liberdade<sup>372</sup>, do movimento LGBT, do movimento feminista institucionalizado e do movimento de prostitutas resultou em uma ampliação das pessoas envolvidas e também em uma interessante troca de informações.



A partir da criação do blog da Marcha<sup>374</sup> e do evento<sup>375</sup> e da fanpage<sup>376</sup> no Facebook foram iniciadas diferentes ações de divulgação: ações de intervenção urbana, pic-nic, debate, contato com órgãos públicos municipais estaduais. Na semana

---

cidade demandaram uma “domesticação” da causa (havia mais de 10 mil pessoas confirmadas no evento do Facebook). Precisei explicar que era uma passeata de enfrentamento à violência doméstica, enviar o manifesto, as notícias sobre a origem no Canadá e, mesmo assim, só consegui a assinatura (e consequente apoio da secretaria de trânsito e da guarda municipal) quando fui pessoalmente conversar com o encarregado. Seu alívio em me ver – uma pessoa branca com ares de respeitabilidade – ficou evidente pelo fato dele me chamar o tempo todo de “professora”.

<sup>372</sup> <https://goo.gl/KE8Mq2>

<sup>373</sup> Captura de tela do evento da Marcha de 2011. Infelizmente o link para o evento não está mais disponível.

<sup>374</sup> <https://goo.gl/rSaLjD>

<sup>375</sup> Não foi possível recuperar o link do evento, apenas a captura de tela feita em setembro de 2011.

<sup>376</sup> <https://goo.gl/Xp3HAp>

que antecedeu a marcha<sup>377</sup> houve um mutirão de produção de faixas, cartazes, estandartes e também um esforço coletivo de mediação no evento do Facebook.<sup>378</sup>

IMAGEM 27<sup>379</sup>



Neste primeiro momento, até a realização da marcha, o movimento seguiu um padrão de horizontalidade e descentralização. Apesar de existirem “organizadoras”, todas as pessoas que participavam do grupo tiveram acesso a todo o conteúdo produzido, bem como tomaram iniciativa de produção e organização. Desde a elaboração de artes e textos de divulgação e o compartilhamento de notícias até a produção de reflexões nos comentários, as pessoas se mobilizaram para entender as causas da violência de gênero, discutindo machismo, misoginia, patriarcado, o papel

<sup>377</sup> Optei por usar “marcha” quando me refiro ao ato (que ocorreu anualmente no período de 2011 a 2016) e “Marcha” quando abordo o movimento em si.

<sup>378</sup> A administração do evento foi problemática desde o início, pois foi criado antes de haver qualquer conteúdo explicativo, o que gerou uma enxurrada de comentários negativos. Enquanto o movimento ganhava visibilidade, aumentava o número de comentários e debates, muitas vezes violentos. O evento chegou a mobilizar quase 30 mil pessoas e nos dias que antecederam a marcha houve a necessidade de intensificar a presença nos posts, fazendo o monitoramento do conteúdo e dos discursos postados.

<sup>379</sup> Intervenção realizada na estátua da mulher nua, localizada na praça dezenove de dezembro. As participantes da Marcha nomearam a estátua de “Maria” e todos os anos realizam ações de intervenção. Além de maquiagem e acessórios, também já foram feitas ações de conscientização. Em 2014 as militantes escreveram na estátua os nomes das mulheres assassinadas no ano anterior. Mesmo tendo usado apenas materiais laváveis, foram acusadas de “vandalizar” o patrimônio público. (<https://goo.gl/E3Ct9r>).

da mídia e do Estado e as principais pautas feministas. Mesmo no dia do ato, o microfone ficou aberto e diferentes pessoas discursaram e cantaram.

É interessante observar que a maioria das participantes não era feminista, por mero desconhecimento. Até aquele momento o feminismo ainda era percebido, no senso comum, como algo ultrapassado e desnecessário ou como um movimento anti-homens. O processo de superação dessa visão se deu individual e coletivamente. As conversas estabelecidas nas postagens, os relatos pessoais e a identificação de que a desigualdade e a violência de gênero são estruturais possibilitaram que muitas das pessoas presentes no grupo passassem a se afirmar feministas. Da mesma forma, a constante divulgação de dados sobre a violência contra a mulher e a falta de políticas públicas de enfrentamento a esse quadro gerou a percepção da necessidade do feminismo como ação política.

Mas acredito que esta construção não seria tão frutífera se não fosse a força do encontro promovido pelo ato. Desde a concentração fui reconhecendo estudantes, colegas de trabalho, amigas que não via há tempos. Pessoas que estavam ali para manifestar o seu cansaço e a sua indignação frente à violência. Pensando agora, me parece uma grande ingenuidade, piegas até. Eu já havia participado de diversas passeatas e atos públicos, mas era a primeira vez que participava de uma marcha feminista. A sensação de euforia quando começamos a caminhar e a cantar é indescritível. Para quem carrega o fracasso como marca, para quem a vida toda foi chamada de vadia, foi um momento de grande potência. Nos anos seguintes, falávamos sobre como o dia da marcha se tornou o único momento em podíamos ocupar a rua sem medo. Em uma cidade conservadora e provinciana como Curitiba, isso é muito importante.<sup>380</sup>

---

<sup>380</sup> Todos os anos tivemos que lidar com questões de segurança, pois desde 2011 recebemos diversas ameaças. Com o aumento da visibilidade do movimento, foi preciso redobrar a atenção durante a caminhada, pois houve infiltração de nazifascistas. O movimento Antifascista da cidade sempre participou da segurança, feita pelas próprias militantes. Na única vez em que tentei acionar a Guarda Municipal que nos acompanhava, o policial afirmou que não poderia fazer nada, pois era de se esperar que fôssemos assediadas, principalmente pela forma como estávamos vestidas (eu estava de saia e sutiã).

Como no poema de Marta Baião,<sup>381</sup> dançamos, gritamos e extravasamos toda a violência, todos os anos de silêncio e opressão. A força coletiva e a sensação de poder ocupar a rua foram libertadoras, principalmente porque o ato virou uma grande festa.<sup>382</sup> Esta característica também gerou muitas críticas, afinal uma ação de pessoas seminuas celebrando seus corpos e sua liberdade não condiz com o que se espera de um movimento social. Principalmente quando gritam “sexo anal pra derrubar o capital”.

Nos meses seguintes à marcha foram realizadas várias reuniões para organizar as principais demandas e estratégias e muitas pessoas que até então estavam conectadas apenas no grupo do Facebook se mobilizaram para participar das ações presenciais. Sem que houvesse uma divisão de tarefas específicas, as pessoas envolvidas foram assumindo “funções” de acordo com a sua disponibilidade e interesses. Eu me prontifiquei em entrar em contato com as organizadoras das marchas em outras cidades e em outros países. A partir da primeira reunião pós-marcha, em 03/09/2011, foram estabelecidas diversas frentes de ação, como o contato com os movimentos sociais da cidade e com o poder público municipal e estadual (principalmente as secretarias de saúde e a delegacia da mulher). Um dos primeiros pontos abordados foi a necessidade de ocupação do espaço da Boca Maldita, tradicional local de encontro para debate político na cidade.<sup>383</sup>

---

<sup>381</sup> “Fale mulher

Fale mesmo sem precisar

Fale muito

Fale pelos cotovelos

despeje sem dó tudo que calou

Fale sem medo

Vingue o ócio involuntário da tua língua

Fale mais mulher

Coloque pra fora todos os sapos que teve que engolir

Fale! Abra as gavetas, destrave as portas, escancare as janelas, decrete o fim da tua dor

Fale! Gargalhe! Berre teu nome pra apavorar quem te pensa burra, perigosa, submissa, traidora, futil, falsa...

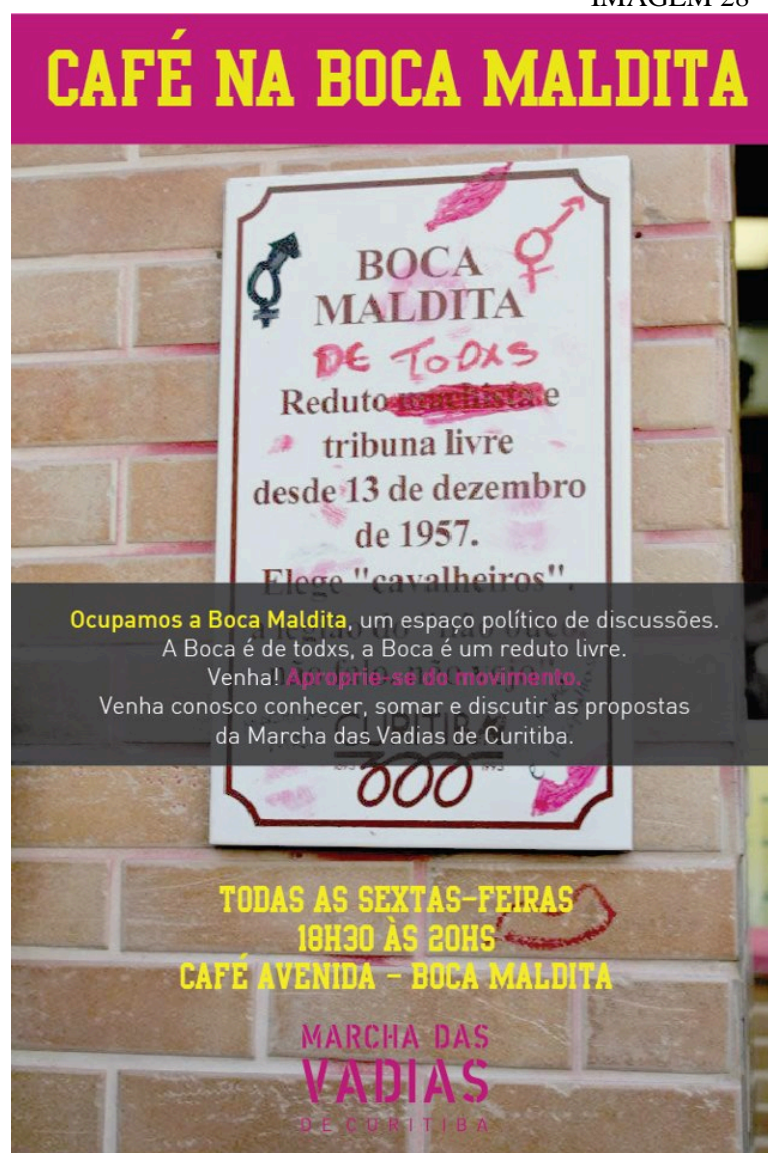
Fale mais, pra enfurecer quem te submeteu a condição desumana de coisa.”

<https://goo.gl/c6Mu41>

<sup>382</sup> <https://goo.gl/Lc2HQ7>

<sup>383</sup> Durante a realização da marcha, algumas mulheres viram a placa comemorativa dos 300 anos da cidade na qual constava uma referência à Boca Maldita ser o “reduto machista” da cidade. As manifestantes cobriram a frase com batom e foram ameaçadas por um segurança do comércio local. Esta ação gerou um debate sobre a necessidade de ocupação do espaço, que teve início em setembro de 2011. <https://goo.gl/uf4AWd>

A ocupação da Boca Maldita foi um importante momento de articulação política e de encontro em 2011. Pessoas que participavam do grupo da Marcha no Facebook podiam se reunir e debater presencialmente os temas discutidos e as ações que seriam realizadas pelo movimento. Também foi interessante notar o incômodo causado pelos corpos dissidentes, intrusos naquele espaço.<sup>384</sup> Olhares constrangidos e incomodados eram frequentes, pois as vadias estavam invadindo um espaço masculino exclusivo.<sup>385</sup>

IMAGEM 28<sup>386</sup>

<sup>384</sup> Ressalto aqui a importância de Gilda, travesti que circulava na Boca Maldita na década de 1970, famosa por beijar os transeuntes do centro da cidade. (SIERRA, 2013). <https://goo.gl/FRSNpb>

<sup>385</sup> As mulheres curitibanas chegaram a participar da Boca Maldita, nos anos 1980-90. Em referência aos “cavalheiros” da Boca, apresentavam-se como “damas” da Boca Rouge, chegando a receber também uma placa da cidade. <https://goo.gl/1cXWUr> e <https://goo.gl/gDZMaQ>

<sup>386</sup> Divulgação do Café na Boca Maldita. Fonte: <https://goo.gl/dMGG6y>

Durante os últimos meses do ano os encontros presenciais continuaram, enquanto os debates se expandiam no Facebook.<sup>387</sup> As postagens mantiveram o padrão do início do ano, com referência a questões de impacto nacional, como o Código Florestal, a construção da usina de Belo Monte, a luta pela legalização do aborto e a autorização do casamento homoafetivo pelo STF. Outro assunto recorrente nas postagens foi o movimento *Occupy Wall Street* e o início das Ocupas nacionais.<sup>388</sup>



Neste período a Marcha vivenciou um momento importante de decisão coletiva, fruto da ampliação das frentes de ação do movimento. A informalidade e autonomia estabelecidas desde o início confrontavam com o protagonismo pessoal<sup>389</sup> e com a necessidade de institucionalização. Uma assembleia geral foi convocada e foi decidido que a o movimento continuaria em seu formato autônomo e horizontal. Algumas pessoas optaram por criar um coletivo paralelo, com a finalidade de representar institucionalmente as pautas da Marcha.<sup>390</sup>

<sup>387</sup> Este é o período de implantação da *timeline* e do *feed* de notícias do Facebook. No entanto, não foram percebidas mudanças no perfil engajamento e compartilhamento nas postagens analisadas.

<sup>388</sup> <https://goo.gl/uwhGYc>

<sup>389</sup> Após a realização da marcha, as organizadoras criaram um novo grupo, restrito, para facilitar a comunicação e organização de informações e ações referentes à Marcha. Esta prática se tornou comum nos anos seguintes, com a abertura de novos grupos, pois o aumento do número de participantes no grupo “oficial” (na época já com mais de 1000 integrantes) inviabilizava a tomada de decisão coletiva. A discordância em relação ao papel assumido por cada uma na condução do movimento e à questão da institucionalização resultou no rompimento da organização e na dissolução do grupo.

<sup>390</sup> A mediação com as instituições do poder público, como forma de ação política, esbarrava na informalidade do movimento. O Coletivo Dente de Leão foi criado para propor ações e pressionar o Estado e a sociedade civil frente às questões de cidadania e direitos humanos. <https://goo.gl/rC57je>



Com o fim do primeiro ciclo foi possível perceber o amadurecimento decorrente do desenrolar dos fatos ao longo do ano. Para a maioria das pessoas envolvidas, adentrar o feminismo e o ativismo demandou tempo e esforço, num aprendizado constante, resultante da mediação do conflito e do dissenso. Se coletivamente não alcançamos ganhos concretos, individualmente houve uma transformação substancial. Perceber-se como sujeito político com voz resultou, para as pessoas envolvidas, em um comprometimento com a ação e um esforço interno de construção, a partir de diferentes subjetividades, do coletivo.

Nas palavras de Gustavo Bitencourt<sup>391</sup>

É muito mais uma democracia de sujeitos, de pessoas, que se recusam a deixar de ser pessoas pra fazer parte de uma coletividade. Pessoalmente, me entender dentro desse grupo foi muito importante também pra eu ir aprendendo a organizar internamente de um jeito mais democrático: dar voz a todo mundo que me habita.

#### 4.2 2012: “O QUE QUEREMOS, DE FATO, É QUE AS IDEIAS VOLTEM A SER PERIGOSAS”<sup>392</sup>

No início de 2012 já é possível perceber uma maior convergência de pautas no ativismo curitibano. Debates sobre a violência policial e chamadas para a participação na Marcha Xingu Vivo<sup>393</sup> circularam no início do mês de janeiro. A primeira mobilização foi realizada após a denúncia de transmissão ao vivo de um estupro ocorrido no programa Big Brother Brasil<sup>394</sup>. As ações incluíram a realização de uma manifestação em frente à RPCTV<sup>395</sup> e a elaboração de uma carta aos patrocinadores do BBB<sup>396</sup>.

---

<sup>391</sup> Gustavo Bitencourt elaborou uma nota, publicada no Facebook em dezembro de 2011, falando sobre o encerramento das atividades do Coletivo artístico Couve-Flor. Mesmo tratando de algo que não está relacionado à Marcha, o texto sinaliza o sentimento das pessoas que estavam trabalhando em prol da construção coletiva e representa como eu me senti em todos os momentos de mudança ocorridos na Marcha. A nota completa está disponível no Anexo 2.

<sup>392</sup> Slogan da Internacional Situacionista.

<sup>393</sup> <https://goo.gl/Xu2aUt>

<sup>394</sup> <https://goo.gl/TkC4Pt>

<sup>395</sup> <https://goo.gl/oRk1Rc>

<sup>396</sup> <https://goo.gl/2MTJa9>



No dia 22 de janeiro ocorreu a reintegração de posse do Pinheirinho, comunidade localizada em São José dos Campos<sup>397</sup>. A arbitrariedade e a violência da ação policial geraram forte repercussão nacional e a convocação de atos em solidariedade à ocupação em diversas cidades.<sup>398</sup> Os relatos de abuso, de que as moradias foram destruídas sem que as pessoas pudessem retirar seus pertences, e que os animais de estimação foram mortos pela polícia aumentaram a indignação de quem acompanhou as notícias e postagens divulgadas ao longo do dia.

Andréa Cordeiro<sup>399</sup> iniciou um mutirão para confecção de bonecas de pano para doar às vítimas da reintegração. Em poucos dias mobilizou artesãs de todo o país, organizou uma fanpage<sup>400</sup> para divulgar a iniciativa, realizando a entrega no dia 26/02.

---

<sup>397</sup> <https://goo.gl/SvwJk6>

<sup>398</sup> <https://goo.gl/DcfGMv>

<sup>399</sup> <https://goo.gl/G6hRGY>

<sup>400</sup> “Donald W. Winnicott, trabalhando como pediatra em hospitais, percebeu algo ao receber crianças e bebês órfãos da Primeira Guerra Mundial na Inglaterra: a importância de ursinhos, cobertores e todo tipo de objeto que as crianças seguravam com força e vontade e as acompanhava em momentos difíceis e de solidão, ou apenas as fazia dormir. Pensemos no Linus, personagem das tirinhas do Charlie Brown, que ilustra perfeitamente o que tanto interessou Winnicott e que baseou grande parte da sua obra e contribuição à psicanálise: o cobertor azul, que ele encosta à sua cabeça com uma mão, e o chupar do polegar da outra mão que, juntos, permite-o a fechar os olhos e a sentir uma sensação que eu nomearia «de paz». Acreditando que é possível recriar a si mesmo, mesmo em horas difíceis nas quais a violência vem bater às portas, nos reunimos e reunimos nossa arte para transformar tecidos em boneco(a)s que serão doados às crianças do Pinheirinho que, como suas famílias, vivem atualmente uma situação de “desapego violento ao próprio solo” (possível metáfora para “reapropriação de terra”) o mesmo de um estado de guerra. Utilizando-se da arte (“a técnica social do sentimento”, como dizia Vygotsky) fazemos nossa parte ao permitir que estas crianças reencontrem o conforto e o apego por meio de lindos bonecos e de lindas bonecas, que trazem simbolicamente consigo o apoio de outros brasileiros que dividem, entre panos e agulhas, toda a sua empatia e respeito.” <https://goo.gl/31Tfj8>



**Andréa Cordeiro** com [redacted] e outras 19 pessoas.

24 de janeiro de 2012 · 2

Isso é muito legal. Sarah é designer de bonecas e criou o Dolly Donations, projeto que convida crafters de toda parte a costurarem bonecas e bonecos para crianças que estão vivendo momentos difíceis em campos de refúgio, orfanatos, abrigos. Pode parecer bobagem pensar em brinquedos quando comida e remédio são mais urgentes, no entanto quem tem ou foi criança (!) sabe que fica mais fácil enfrentar o escuro segurando seu bichinho, boneca ou cobertor que conforta. As bonecas da foto são parte das milhares que foram enviadas este ano ao Haiti.



👍 Curtir

💬 Comentar

As ações decorrentes da repercussão do Pinheirinho sinalizam um processo de mobilização em torno de outras causas que não estavam restritas às questões de gênero e sexualidade. A compreensão da urgência da transformação social ampliou as pautas e unificou movimentos e pessoas que, conectadas em rede, passaram a gerar maior visibilidade aos problemas sociais.

Um texto publicado nas Blogueiras Feministas analisa as muitas manifestações que ocorreram no início de 2012.<sup>401</sup> A autora, Camilla de Magalhães Gomes (2012), discute o tema sob a perspectiva dos direitos humanos e retoma análises de Norberto Bobbio e Joaquín Herrera Flores para pensar a questão da universalidade (leia-se europeia, ocidental e capitalista) da noção de dignidade humana. Entender que os direitos humanos já estão estabelecidos e precisam apenas ser concretizados impede que se pensem coletivamente questões de gênero, sexualidade, moradia e desigualdade social.

Por tudo isso, aqui, não escolhemos e nem podemos escolher indignações. Acreditamos no debate amplo e livre. Acreditamos e sabemos que o feminismo alheio ao racismo é cego, que o feminismo alheio à exclusão social é vazio. Defendemos Pinheirinhos, nos insurgimos contra a ação na cracolândia, discutimos BBB etc e tal, porque estamos inseridas nesse contexto de base que é comum: a defesa dos direitos humanos. [...] E se assim é, não podemos escolher indignações.

Aqui é possível perceber também outra característica do ativismo promovido nas redes sociais: a elaboração de análises e críticas sociais a partir de referenciais teóricos. Pessoas das mais diversas áreas acadêmicas elaboram textos (publicados em blogs ou no próprio Facebook) que buscam compreender os processos de forma mais ampla, aliando suas visões e experiências sociais a um repertório teórico. Acredito que essa prática possibilitou um processo de construção e debate coletivo mais dinâmico e consistente, a partir de uma perspectiva interseccional.

Neste processo de construção coletiva, a marcha do dia internacional da mulher, realizada em 08/03, uniu representantes das centrais sindicais, da Marcha Mundial de Mulheres, do MST e da Marcha das Vadias, entre outros movimentos de mulheres. O mote principal foi a denúncia das opressões e violências sofridas pelas mulheres do campo e da cidade. Nas postagens, Mariana e Thayz falam sobre a comercialização da data, criada como um dia de luta e transformada em um momento de “homenagens”.

---

<sup>401</sup> “MP 557, BBB, ocupação do Pinheirinho, cracolândia, a ocupação de uma universidade, estudantes que protestam nas ruas, um projeto de lei norteamericano sobre a internet. Pode ser que esses assuntos pareçam aleatórios e que entre eles não exista nenhuma conexão. Pode parecer também, para muitos, que aqueles que se engajam em tantos temas ou tantas causas diferentes, queiram apenas mais uma causa para chamar de sua. Pode ser. Mas não é.” (GOMES, 2012).

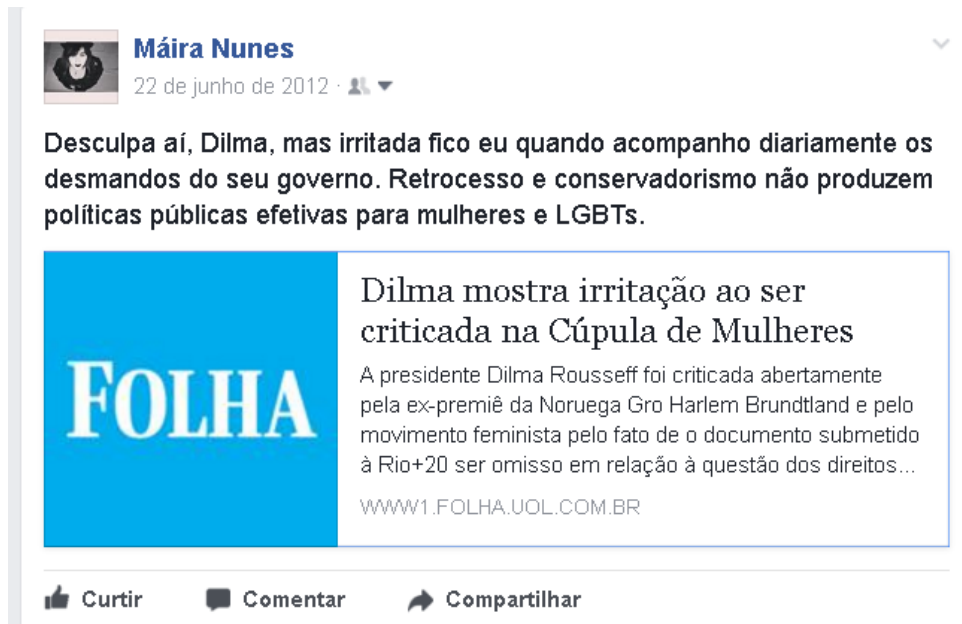


Nestes primeiros meses do ano é perceptível a difusão temática das postagens, escritas e compartilhadas de acordo com os interesses pessoais. As principais similaridades são encontradas entre Gustavo, Ricardo, Lena e Miro (cena artística curitibana), e Thayz e Xênia (Blogueiras Feministas).<sup>402</sup> A maioria das postagens é feita com compartilhamento de links externos (jornais, revistas e blogs), refletindo sobre fatos noticiados diariamente. No geral, as postagens abordam a sensação de impotência frente à violência e a perda de direitos das pessoas subalternas em todo o mundo.

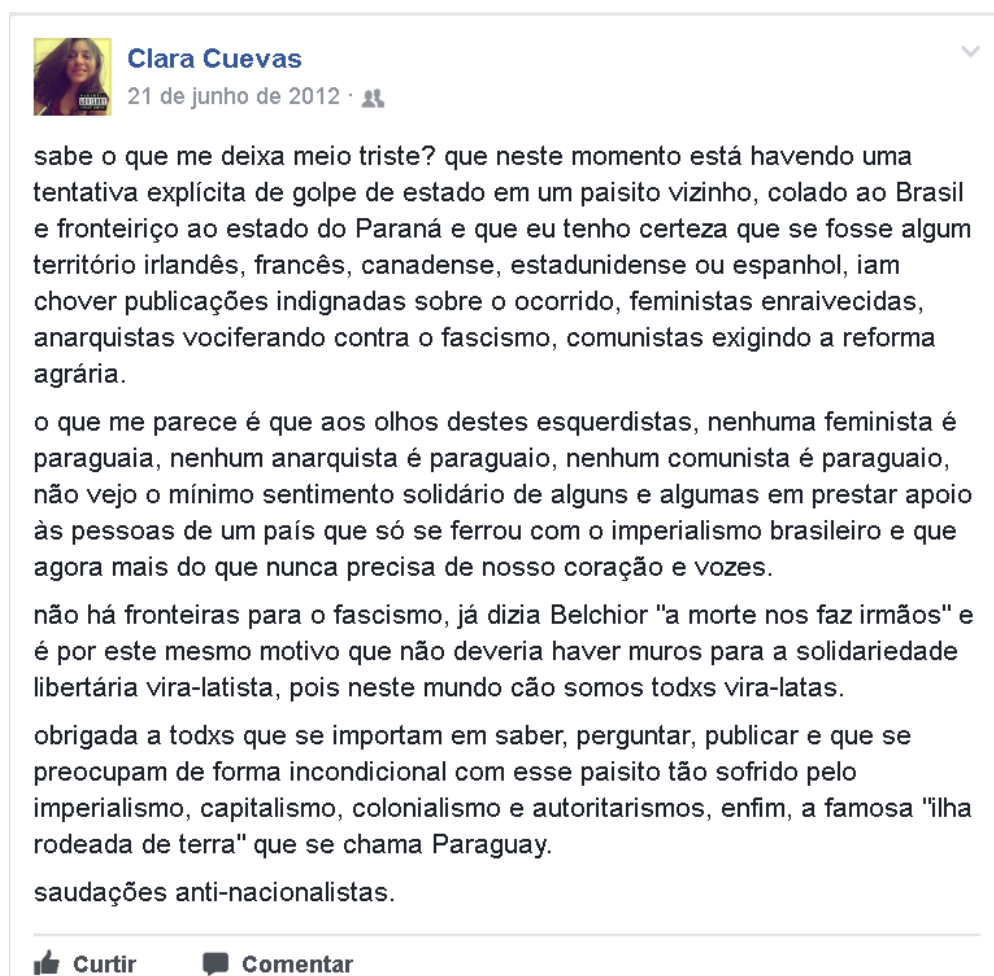
<sup>402</sup> Ainda há um número considerável de postagens sobre a votação do Código Florestal no Congresso, aprovado em abril de 2012. Nos meses seguintes, o conteúdo das postagens refere-se ao movimento “Veta Dilma”, pressionando a presidenta a vetar os pontos mais polêmicos, como a questão da anistia para quem promove o desmatamento (<https://goo.gl/xyFWgm>). Outro tema debatido no período foi a votação do STF sobre a descriminalização do aborto de fetos anencéfalos (<https://goo.gl/9h1C9L>).



Apresentam críticas aos governos, inclusive o brasileiro, pois as mobilizações e pressão social não resultam em mudanças efetivas.



Há também postagens que analisam e criticam a própria ação dos movimentos subalternos e a falta de interseccionalidade entre eles.



Esta crítica será recorrente nos anos seguintes e é possível perceber que a falta de interseccionalidade se tornou um dos principais entraves na formação de um “movimento de movimentos” que se consolide como uma luta unificada. Mesmo havendo uma ampliação das pautas, promovida principalmente pelos interesses dos sujeitos envolvidos, algumas acabaram ganhando mais visibilidade do que outras. Na organização da Marcha das Vadias essa questão também é relevante, pois representa uma limitação na possibilidade de superação das contradições internas dos movimentos sociais identitários.

Entre os meses de abril e julho as principais postagens abordavam a organização da segunda edição da marcha em Curitiba e da proposta da Marcha Nacional das Vadias.<sup>403</sup> A realização de reuniões presenciais possibilitou a inserção de

<sup>403</sup> Foi criado o grupo “Marcha Nacional das Vadias”, com a finalidade de unificar o movimento e estabelecer uma data para a realização das marchas em todo o país (<https://goo.gl/ZGsWhF>). Como o



um maior número de pessoas na “coordenação” da Marcha, com a finalidade de debater as pautas do movimento e de produzir materiais de divulgação.<sup>404</sup>

IMAGEM 29<sup>405</sup>



No primeiro ano da Marcha as organizadoras eram todas mulheres cisgênero, brancas e heterossexuais. Com a ampliação do grupo de organização houve uma maior pluralidade de sujeitos e, conseqüentemente de visões sobre como o movimento deveria ser conduzido. A interseccionalidade passou a ser ponto de debate, construída a partir dos próprios sujeitos e superando a proposta inicial de “dar voz” a todas as mulheres. A partir de 2012, mulheres negras, mestiças, lésbicas, bissexuais, travestis,

---

número de participantes inviabilizava as discussões, foi criado um segundo grupo, com representantes das cidades (<https://goo.gl/ChnZGp>).

<sup>404</sup> Durante todo o primeiro semestre foram realizadas muitas ações para arrecadação de fundos e divulgação. Um dos organizadores emprestou uma sala comercial desocupada, que serviu como “sede” temporária. Diversas pessoas se revezavam na utilização do espaço. Foi possível produzir camisetas e ecobags serigrafadas, bem como a faixa da Marcha, costurada em estilo *patchwork*, em uma máquina de pedal. <https://goo.gl/eD2SuY>

<sup>405</sup> Confecção da faixa da Marcha das Vadias de Curitiba. Fonte: Imagem cedida por Antonio Marcos Quinupa.



transexuais e transgênero passaram a produzir seus próprios discursos dentro da Marcha.<sup>406</sup>

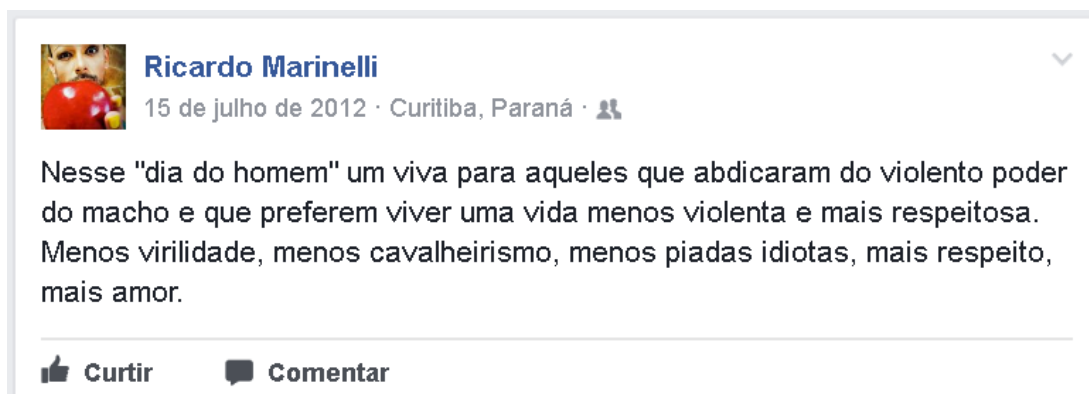
IMAGEM 30<sup>407</sup>



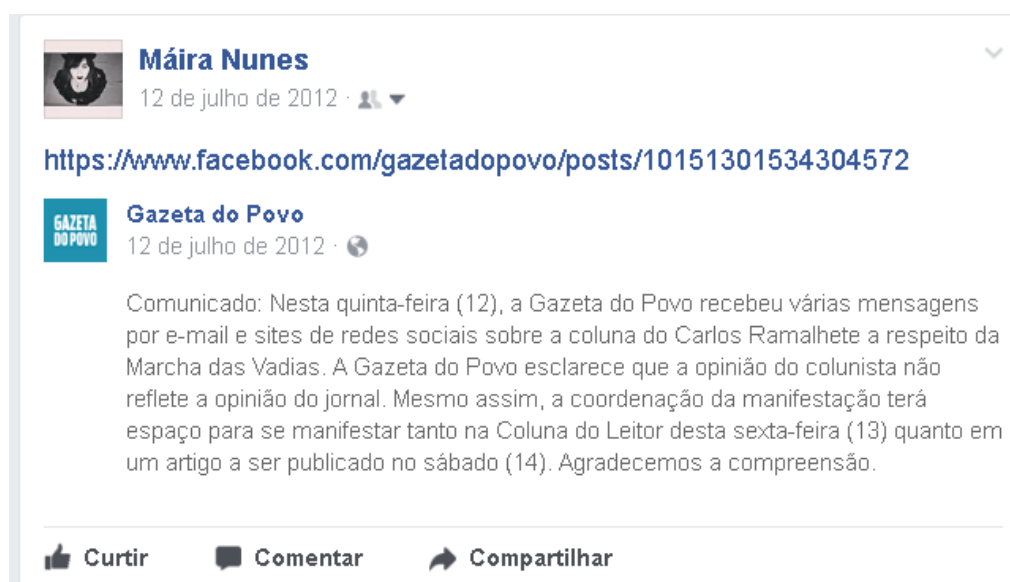
A discussão sobre o papel social do exercido pelo homem enquanto agente da violência de gênero, sobre masculinidades tóxicas, e a necessidade da desconstrução dos padrões hegemônicos do masculino também passou a fazer parte, efetivamente, dos discursos das pessoas envolvidas na Marcha.

<sup>406</sup> Apesar da discussão étnico-racial estar presente nos debates e pautas do movimento, não houve a participação de mulheres indígenas ou islâmicas na organização da Marcha em Curitiba.

<sup>407</sup> Bárbara em material de divulgação da Marcha. Fonte: perfil pessoal.



A segunda edição da marcha ocorreu em 14 julho de 2012<sup>408</sup>, em meio a um forte debate midiático. A publicação da coluna de Carlos Ramallete, intitulada “Gambás e Alcatras”<sup>409</sup>, gerou indignação devido ao seu conteúdo misógino. No texto, o autor critica o movimento feminista e a Marcha das Vadias, apresentando uma argumentação sem sentido na qual compara mulheres a peças de carne expostas num açougue. Neste sentido, a Marcha representaria “uma passeata de carcaças de gambá”, uma ameaça à dignidade feminina, “com direito a senhoras seminuas, com frases de efeito rabiscadas pelo corpo, berrando como almas penadas e assustando as crianças, os cachorros e mesmo algum gambá ou urubu perdido na cidade. ”



<sup>408</sup> A maioria das cidades brasileiras realizou suas marchas no dia 26/05. Curitiba optou por manter a data de julho, realizando um ato em apoio ao movimento nacional no dia. A repercussão gerada pelo movimento nacional aumentou a visibilidade do evento, bem como as reações contrárias às vadias.

<sup>409</sup> <https://goo.gl/pk9ajP>

Mais do que a acrobacia argumentativa e a falta de qualidade textual do reacionário colunista<sup>410</sup>, o que chama a atenção no texto é a desqualificação dos corpos livres expostos na marcha. A impossibilidade de controlar estes corpos e limitá-los ao seu único espaço possível – a vitrine machista – gera repulsa e ojeriza e a única simbologia possível para retratar esse horror causado por mulheres insubmissas é a da “carcaça de gambá”. Fiz questão de retomar esse texto, tão desnecessário, porque a (péssima) escolha de palavras é a materialização do conflito enfrentado por todas as pessoas que usam seus corpos como forma de expressão dissidente e subversiva. Escapar das narrativas hegemônicas que constroem um único corpo possível, o domesticado, gerou uma série de reações como essa ao longo dos últimos anos.

A própria política do Facebook resultou na constante censura dos corpos femininos à mostra. Em todos os anos as fotos da marcha foram censuradas, o que revela não apenas as limitações da plataforma com relação à nudez feminina como também o uso político da ferramenta, pois a exclusão de imagens e bloqueio de perfil é feita apenas após denúncia.<sup>411</sup>



**Xênia Mello**

12 de julho de 2012 · 🌐

Voltei meu povo!!! Ontem em virtude de haver postado o Santinho Vadio da nossa campanha feminista do Psol, cuja imagem eu aparecia com a foto realizada pela [REDACTED], fui bloqueada pela política de gestão do Facebook. A foto foi tirada no momento em que fiz uma fala sobre a apropriação do corpo e a importância de que nós mulheres ocupemos os espaços partidários na Marcha das Vadias do ano passado. Naquele momento mostrei o meu corpo nú como símbolo de reivindicação política... A liberdade sobre o próprio corpo é política e libertária, não pode ser utilizada sob argumentação de veiculação de pornografia. Sábado ocuparemos às ruas de Curitiba, por uma sociedade livre de censura e preconceito, e, saibam que MARCHAREMOS ATÉ QUE TODAS AS MULHERES SEJAM LIVRES E RESPEITADAS, viu senhor Zuckerberg e machistas denunciadores de plantão!



Curtir



Comentar



Compartilhar

<sup>410</sup> Em agosto de 2012, o colunista publicou o texto “Perversão da Adoção” condenando a adoção de crianças por casais homossexuais. A indignação com a homofobia do autor gerou a organização de um grupo no Facebook para discutir a organização de um ato de repúdio, além de ser enviada uma carta ao departamento de marketing do jornal. (<https://goo.gl/8j3AG>).

<sup>411</sup> As fotos censuradas, no geral, apresentam seios nus. Xênia teve suas fotos censuradas em diferentes ocasiões. Jussara sofreu censura tantas vezes que acabou criando dois novos perfis pessoais para conseguir manter o uso da rede. O que foi possível perceber é que a questão da censura passa obrigatoriamente pela denúncia, o que indica o seu uso político. Mesmo sem ter nenhuma foto em que mostrasse os seios, eu também tive fotos censuradas.

Durante o segundo semestre de 2012 novas discordâncias internas geram a dissolução do grupo que participou da organização da Marcha ao longo do ano. Esta situação foi recorrente em todos os anos, devido às dificuldades e limitações da conversação em rede, às disputas internas de poder, bem como a divergências com relação às pautas feministas e à interseccionalidade (conforme discutido no capítulo 3).<sup>412</sup>

Em agosto, a divulgação do filme publicitário “Homem Invisível”, da marca de cerveja Nova Schin, teve grande repercussão nacional. Acusada de incitar a violência sexual, a campanha foi denunciada ao CONAR<sup>413</sup> e gerou a organização do movimento Marcha contra a Mídia Machista<sup>414</sup>. Diversos atos ocorreram em todo o país e houve uma maior atenção aos conteúdos veiculados na mídia, cujo discurso, em diversos produtos, reproduzia estereótipos negativos e a objetificação da mulher.<sup>415</sup>

No mês de outubro alguns fatos concentraram as atenções da rede. O primeiro foi a denúncia de ameaças de morte feitas a lideranças do movimento LGBT da cidade, levada à Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República e à Secretaria de Justiça, Cidadania e Direitos Humanos do Paraná (Seju).<sup>416</sup> A sensação de insegurança e de aumento do ódio às pessoas subalternas foi crescente em todos os anos.

---

<sup>412</sup> Estes mesmos motivos geraram meu afastamento da organização da Marcha, após a realização do evento de 2013.

<sup>413</sup> <https://goo.gl/ZDRqr7>

<sup>414</sup> <https://goo.gl/6t5CWw>

<sup>415</sup> O debate sobre a “cultura do estupro” tornou-se frequente na rede, pois a naturalização da violência sexual contra meninas e mulheres e a culpabilização da vítima são temas frequentes nas abordagens midiáticas sobre gênero.

<sup>416</sup> Xênia estava entre as pessoas ameaçadas. (<https://goo.gl/cxAvsp>)




Outra denúncia ocorrida no mesmo mês trouxe à tona um assunto até então pouco discutido na rede: o genocídio dos povos indígenas. A publicação de uma carta anunciando a intenção de suicídio coletivo, publicada pela etnia Guarani Caiová, gerou forte comoção e fez com que o tema fosse discutido em âmbito nacional.<sup>417</sup> Muitas pessoas mudaram seus sobrenomes no registro do Facebook, adicionando o Guarani-Kaiowá, como forma de gerar visibilidade para a questão.<sup>418</sup>

Outro tema recorrente no período foi a eleição municipal. A divulgação de conteúdos referentes à disputa gerou debate político entre as candidaturas e uma maior visibilidade para os problemas da cidade. Diversos grupos ativistas se mobilizaram organizando cartas de intenção e compromisso e procurando as candidaturas para assinatura de termos de compromisso com as pautas. As ativistas pelo parto humanizado e maternidade criaram o Movimento Pelo Bem Nascer em Curitiba, mas não foram recebidas pelos candidatos.<sup>419</sup>

<sup>417</sup> <https://goo.gl/7yNGy>

<sup>418</sup> Passada a comoção foi possível perceber que a situação indígena caiu no esquecimento, tornando-se apenas mais um dos muitos *top trends* que geraram intensa mobilização por um curtíssimo período de tempo e perderam o interesse com a chegada de um novo tópico de discussão.

<sup>419</sup> <https://goo.gl/mQKjQp>



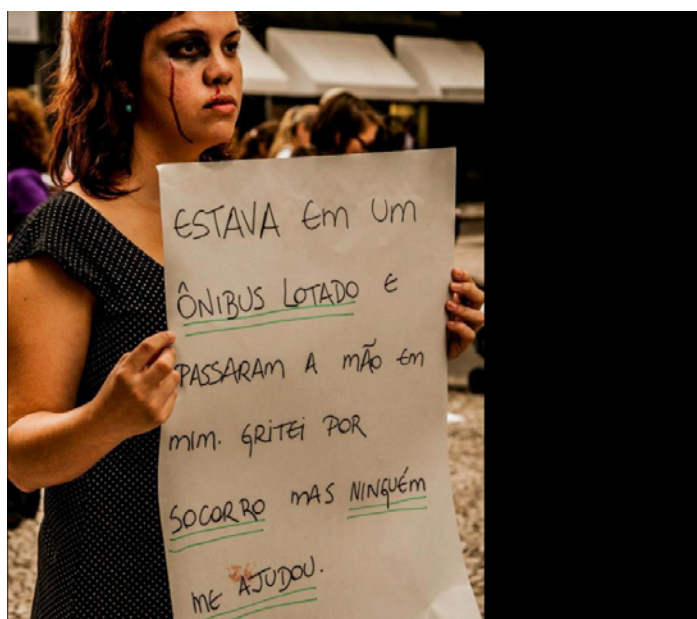

**Ricardo Marinelli**  
7 de outubro de 2012 · Curitiba · 🧑

"Dance bizarramente a noite inteira em caixas eletrônicos de bancos. Espalhe peças de argila que sugerem estranhos artefatos alienígenas espalhados em parques estaduais. Arrombe apartamentos, mas, em vez de roubar, deixe objetos Poético-terroristas. Sequestre alguém e o faça feliz. Escolha alguém ao acaso e o convença de que é herdeiro de uma enorme, inútil e impressionante fortuna - digamos, cinco mil quilômetros quadrados na Antártica, um velho elefante de circo, um orfanato em Bombaim ou uma coleção de manuscritos de alguém. Mais tarde essa pessoa perceberá que por alguns momentos acreditou em algo extraordinário e talvez se sinta motivada a procurar um modo mais interessante de existência. Coloque placas de bronze comemorativas nos lugares (públicos ou privados) onde você teve uma revelação ou viveu uma experiência sexual particularmente inesquecível. Fique nu para simbolizar algo. Organize uma greve na escola ou trabalho em protesto por eles não satisfazerem a sua necessidade de indolência e beleza espiritual. Fantasie-se. Deixe um nome falso. Seja lendário."

Isso não fui eu quem disse, foi o Hakim Bay. Mas em dias como hoje, em que nos vemos obrigados a escolher entre o ruim e o menos pior para nos representar, em que a vida da gente parece ficar meio sem sentido e a gente se sente impotente diante de tanta falta de perspectiva, é o tipo de coisa que vale a pena lembrar. E vou dizer: eu já fiz diversas coisas da lista, e diversas outras de natureza parecida. É minha forma de falar o que penso dessa democracia que a gente vive. Vamo aê!

👍 Curtir    💬 Comentar

O último ato do ano, para a Marcha, foi a realização de uma manifestação silenciosa na Boca Maldita no dia 25 de novembro, dia mundial da não-violência contra a mulher. Elaboramos cartazes com relatos de diferentes formas de violência de gênero (física, sexual, psicológica), usamos maquiagem simulando as agressões e nos posicionamos no calçadão da rua XV de Novembro.

**Thayz Athayde**  
25 de novembro de 2012 · 🧑

Fazer um ato silencioso não é fácil, mas é muito significativo. Muitas pessoas que estavam passeando por ali felizes pelas suas compras, mudavam completamente quando viam nossos rostos, com a expressão séria, uma maquiagem que dizia que havíamos apanhado e cartazes que contavam histórias de violência contra a mulher. As pessoas tiveram reações diferentes, umas bateram palmas, outras falavam que iam pegar o cara que fizeram isso com a gente, outras se assustavam, crianças perguntavam se estávamos bem, outras não entendiam... Mas, o melhor era o incômodo que elas sentiam de nos ver ali, no meio de um lugar feliz e no sábado de manhã. Sem dúvida fizemos com que as pessoas parassem e pensassem e isso sempre foi nosso objetivo. Foi um dos melhores atos que já fiz, sugiro esse ato para todas as cidades, porque sei que consegui falar sobre violência contra a mulher com várias pessoas sem dizer uma palavra.

Já estávamos acostumadas com aquele espaço e com as dinâmicas de ocupação. Já havíamos marchado e panfletado muito por ali. Mas nossos corpos “agredidos” geraram muito incômodo. Além de “atrapalhar” o passeio da família, o contato silencioso com a violência é algo que a maioria das pessoas não está acostumada. Se não há sensacionalismo, se não é só mais um corpo, gera estranhamento. Algumas pessoas riram, outras ofereceram ajuda. A maioria não acreditou no relato. Poucas se afetaram com a violência. Ninguém me olhou nos olhos.<sup>420</sup>

#### 4.3 2013: O MOVIMENTO É SEXY

Retomando as postagens do início de 2013 percebo a boa vontade existente, por parte da maioria das pessoas com as quais eu convivía, em mediar e construir um diálogo sobre a violência de gênero. A prática do feminismo pedagógico, como chamávamos, era constante e demandava tempo e paciência. Ao longo do ano essa postura foi se transformando, pois os dois anos de militância diária no Facebook exigiram um grande esforço e estávamos todas cansadas. Uma entonação mais ácida e mais impaciente formou-se aos poucos, enquanto debates mais profundos foram sendo estabelecidos a partir da crítica de práticas e discursos, inclusive da própria militância.

A impressão é que a vivência feminista e a escuta de diferentes mulheres consolidaram uma visão subalterna que serviu de base para a formação de outras formas de perceber os ativismos e a luta social. O compartilhamento de textos de Paul Preciado, Suzy Shock e Judith Butler e maturidade das postagens indica também que passou a haver um maior interesse em estudar, se informar e se instrumentalizar para a luta. O compartilhamento de postagens e a circulação de conteúdos ampliou muito o acesso a traduções e arquivos de obras que não fazem parte da cultura escolar e/ou universitária.

---

<sup>420</sup> A maioria das pessoas que participou do ato publicou relatos espontâneos no Facebook, porque a ação foi muito potente. Alguns estão disponíveis no blog da Marcha. (<https://goo.gl/FQ9oiD>).





Já no início do ano, a divulgação de uma ato da linha conservadora “Tradição, Família e Propriedade” mobilizou uma ação relâmpago no centro da cidade, que acabou envolvendo pessoas que estavam no local por acaso. Por não ter sido organizada por nenhum grupo “oficial”, representando apenas o encontro de pessoas subalternas indignadas, este talvez tenha sido o ato que mais se aproximou da proposta de uma Zona Autônoma Temporária de Hakim Bey. Mesmo que as pessoas estivessem ali em um contra-movimento, representando uma forma de resistência, foi um momento de potência utópica.<sup>421</sup>

<sup>421</sup> <https://goo.gl/3GkbYA>

**Clara Cuevas**

15 de janeiro de 2013 · Curitiba, Paraná ·

gente, ontem muita gente reclamou que eu não avisei sobre a nossa ação, vejam, eu deixei aqui no face duas mensagens dizendo que estávamos indo pra lá, dando informações precisas sobre onde estavam e tudo, pedindo para que quem pudesse ir, que aparecesse.

foi tudo muito rápido, um amigo que mora perto me avisou, eu avisei no face, inclusive no grupo da marcha das vadias, dois amigos entraram em contato comigo e foi assim que nos organizamos, rapidamente e em cima da hora (pois a gente trabalha, estuda, faz essas coisas de gente que tem que pagar conta).

no fim formamos um grupo de nem 20 pessoas, pois a grande maioria foi de curiosos que se aproximaram sem participar mas umas pessoas lindas que passaram se uniram a nós, velinhos surtavam citando ações antigas da TFP, casais gays andavam de mãos dadas e se beijavam, inclusive preciso ressaltar aqui que as lésbicas (sempre em segundo plano nos movimentos LGBTs) tiveram papel FUNDAMENTAL na ação, enquanto os adeptos do Heil Plínio chamavam o nosso grupo de AGRESSORES!, foram elas que entoaram o grito de ASSASSINOS! freneticamente, arrepiando quem passasse por ali. elas eram quatro moças. que nenhum de nós conhecíamos.

foram essas pessoas que não se conheciam e que se articularam ali na praça, no improviso, aquelas que fugiram do trabalho, que puderam dar um miguê nos compromissos, que gritaram sem parar e deram de dedo na cara desses 45 fascis que proclamavam ódio com banda marcial e cânticos que fariam Mussolini suspirar.

o ponto que quero ressaltar foi que não houve pré-organização nenhuma, por incrível que pareça, ontem a maioria dos participantes do contra-protesto foi justamente pessoas desarticuladas, fora de coletivos e ongs em geral. anti-fascistas e libertários individuais que se uniram para expulsar a TFP de Curitiba. não houve uma bandeira LGBT, nem uma araucária feminista, nem nada (o que acho muito bom), mas negros, bichas, mulheres e anarquistas loucos para gritar na cara do fascismo: SAI DAQUI, SEU MERDA! e foi isso que fizemos, sem deixar eles respirarem. parecíamos centenas e hoje olhando os vídeos, vejo que não formamos nem 20. foi a nossa paixão que nos uniu e nos multiplicou sem proclamar regras, nem estatutos, que nos fez vociferar coletivamente sem nenhum aviso prévio.

foi o nosso cansaço anti-fascista que levou a nossa fúria ao extremo e fez os defensores da Tradição, Família e Propriedade se amuarem no tubo da praça, pagarem passagem e ficarem lá esperando a polícia os defenderem. estávamos enfurecidos, alegres, unidos e fortes.

foi tudo muito muito rápido mesmo, por isso não deu pra ligar pra todo o mundo. mas fico pensando, se nossa ação tivesse sido um fracasso, será que tantas pessoas viriam me cobrar que não foram avisadas?

um beijão em todas e todos!

Curtir

Comentar

A notícia do início de obras no bairro do Batel para a colocação de calçada de granito gerou revolta e foi pauta de discussão durante todo o primeiro semestre. Sendo Curitiba uma cidade com alto índice de desigualdade social,<sup>422</sup> o investimento público

<sup>422</sup> Em 2012 Curitiba foi apontada pela ONU como a quinta cidade mais desigual da América Latina. (<https://goo.gl/hT9QNr>).

num bairro nobre, em detrimento das regiões periféricas que possuem questões urgentes de saneamento e urbanização,<sup>423</sup> é sinal de uma visão de poder público que continua privilegiando as elites.



O assunto mobilizou a organização de uma “Farofada” ao final das obras e, por ser um tema de cunho social e não-identitário, manteve um forte grau de interação e engajamento nas postagens do evento, grupo e *fanpage*.<sup>424</sup> A primeira edição do evento ocorreu em maio e a segunda no mês seguinte, coincidindo com as passeatas das Jornadas de Junho.

Com a repercussão da violência policial às manifestações contra o aumento da passagem, em São Paulo, pessoas que até então pouco se importavam com passeatas e movimentos começaram a debater sobre política e direitos na rede. As pessoas que estavam desde 2011 nas ruas, estabelecendo o “movimento de movimentos” e a rede de militância, perceberam que era um importante momento de articulação e de conscientização. O #vemprarua trouxe, finalmente, visibilidade para a crítica ao sistema excludente brasileiro, motivada pelo repúdio à violência policial.<sup>425</sup>

<sup>423</sup> <https://goo.gl/unK4aH>

<sup>424</sup> <https://goo.gl/MFxJbt>

<sup>425</sup> Foi interessante perceber também o descrédito existente com relação aos movimentos “esvaziados” - ou seja, todas essas ocupações, passeatas, atos e marchas que organizamos durante estes anos – por parte não apenas da mídia, mas também de autoridades acadêmicas. Na véspera da eclosão das Jornadas em São Paulo, participei de uma mesa redonda no curso de Ciência Política da UFPR. Sendo eu a única mulher, a única não-doutora e, ainda por cima, representante da Marcha, vivi a situação mais machista e constrangedora da minha vida acadêmica, pois um dos integrantes da mesa simplesmente não me dirigiu a palavra, em nenhum momento, chegando quase a me dar as costas



**Thayz Athayde** compartilhou a foto de [World Riots](#).

12 de junho de 2013 ·

"Caro reacionário, não se esqueça que todas estas balas, bombas e efetivos desperdiçados em cima destes manifestantes são dinheirinhos desperdiçados dos seus bolsinhos. Há algumas quadras dali, homens, mulheres e crianças continuam sendo assaltadxs, estupradxs e mortxs. Então da próxima vez que for reclamar da violência na sua cidade, não reclame da polícia, ela pode estar ocupada fazendo algo mais importante do que cuidar da sua segurança: agredir manifestantes e desperdiçar muito, muito dinheiro."

Via [Clara Cuevas](#).



**World Riots**

11 de junho de 2013 ·

NOW. São Paulo, Brasil. Third demonstration against the rise of bus fare.

Curtir

Comentar

Compartilhar

A multidão ocupando as ruas gerou euforia, pois acreditávamos realmente que a revolução estava começando. “O poder das redes” era a marca dessa transformação. Circularam muitas postagens e textos sobre como a ação de ocupação das ruas por movimentos descentralizados e horizontalizados como o MPL e a Marcha das Vadias

durante as falas. O conteúdo exposto pelos dois doutores abordou a irrelevância de movimentos que não conseguem mobilizar multidões nas ruas e também a defesa de que a sensação de crise representativa era ilusória, pois (a partir de muitos dados apresentados), a democracia não estava em risco.

representava uma nova política, a qual iria construir, coletivamente, um outro modelo para pensar e viver a política que não o Estatal e partidário.

 **Xênia Mello** compartilhou a foto de  12 de junho de 2013 · 

Ocupar a cidade é uma das formas mais revolucionárias de mudar nossas vidas. Acredito que na nossa sociedade grande parte de nossos sofrimentos, ainda que vivenciemos de forma individual, e, eles nos atravessem de forma diferente para cada um, é resultado de uma crise coletiva, o mal estar com a mobilidade, a relação com o tempo que a mobilidade nos suga, o medo, a falsa pretensão de segurança nos carros, a manutenção do status e privilégios oriundo de uma má política de mobilidade. Ocupar a cidade é sobretudo um ato de libertação, de reivindicação de uma liberdade que cotidianamente nos é retirada, seja pela desigualdade social, pelas grades e muros, câmeras, medo. Ocupar a cidade é trazer vida ao cimento, pluralidade de cores ao cinza. E essa massa que ocupa não é mais nada do que a flor de Drummond! "É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio."



 11 de junho de 2013 · 

Defesa da intervenção violenta da polícia contra manifestações, aumento das tarifas, aumento do limite de lotação dos ônibus, reintegração de posse super violen...

[Ver mais](#)

 Curtir  Comentar  Compartilhar

No entanto, a continuidade das manifestações produziu uma série de efeitos imprevistos. Com a intensa cobertura midiática, mais pessoas passaram a se manifestar

sobre o “movimento” com a intenção de se sentir pertencente a algo maior.<sup>426</sup> Enquanto pessoas se manifestavam “contra tudo”, pautas importantes em processo de votação no Congresso - como a “Cura Gay”<sup>427</sup>, o Estatuto do Nascituro<sup>428</sup> e o Ato médico<sup>429</sup> - e a denúncia da violência policial enquanto prática institucional eram debatidas no Facebook, marcando a percepção do fortalecimento de dispositivos biopolíticos de controle dos corpos.

---

<sup>426</sup> Este sentimento pode ser entendido como um sintoma do “fear of missing out”, ou FOMO, a ansiedade gerada pela atualização constante das plataformas digitais e da quantidade imensa de informações. Também há uma forte necessidade de “fazer parte”, principalmente com a intenção de compartilhamento nas redes.

<sup>427</sup> <https://goo.gl/DBJXZB>

<sup>428</sup> <https://goo.gl/tMwKtU>

<sup>429</sup> <https://goo.gl/KJyEJH>



**Máira Nunes** compartilhou a foto de **Mães de Maio**.

30 de junho de 2013 · 2



**Mães de Maio**

28 de junho de 2013 · 6

AÍ VOCÊ QUE ACORDOU AGORA: TEM UM GIGANTE RACISTA MATANDO O BRASIL HÁ MAIS DE 500 ANOS!

... Chacina de Acari (1990); de Matupá (1991); Massacre do Carandiru (1992); Candelária e Vigário Geral (1993); Alto da Bondade (1994); Corumbiara (1995); Eldorado dos Carajás (1996); São Gonçalo e da Favela Naval (1997); Alhandra e Maracanã (1998); Cavalaria e Vila Prudente (1999); Jacareí (2000); Caraguatatuba (2001); Castelinho, Jd. Presidente Dutra e Urso Branco (2002); Amarelinho, Via Show e Borel (2003); Unai, Caju, Praça da Sé e Felisburgo (2004); Baixada Fluminense (2005); Crimes de Maio (2006); Complexo do Alemão (2007); Morro da Providência (2008); Canabrava (2009); Vitória da Conquista e os Crimes de Abril na Baixada Santista (2010); Praia Grande e Favela do Moinho (2011); Massacre do Pinheirinho, Chacina do ABC, de Saramandaia, da Aldeia Teles Pires, da Penha, Favela da Chatuba, Várzea Paulista, os Crimes de Junho, Julho, Agosto, Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro em SP (2012), a Chacina do Jd. Rosana, Repressão à Revolta da Catraca, VILA FUNERÁRIA, CHACINA DA MARÉ e ITACARÉ (2013) ...

A Marcha Fúnebre Prossegue...

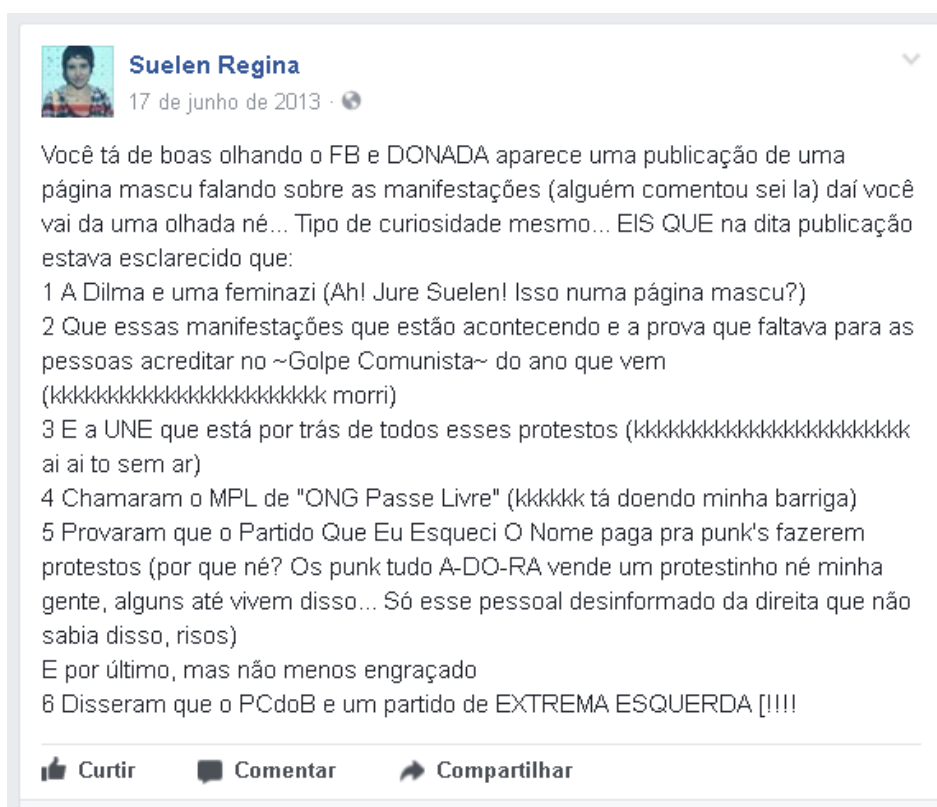
[#ContraOGenocídio](#)  
[#NósNãoEsqueceremos](#)  
[#DesmilitarizaçãoDasPolícias](#)  
[#PeriferiaContraEstadoRacistaFascista](#)

Curtir   Comentar   Compartilhar

Porém essa discussão não apareceu nas manifestações, sendo as pautas dos grupos subalternos inclusive rechaçadas pela maioria. Aos poucos as pautas presentes nas ruas e na rede passaram a se centrar no antipetismo e no rechaço ao “vandalismo” praticado nas manifestações. A mídia imprimiu um tom alarmista, desmerecendo a validade da insurgência devido a ação de “baderneiros”, criando um mito sobre os



“black blocs”.<sup>430</sup> Apesar do termo black Bloch se referir a uma tática de manifestação que inclui portar-se como “linha de frente” para proteger grupos insurgentes da violência policial, bem como cobrir o rosto para minimizar os efeitos do gás lacrimogênio e impedir a identificação, tornou-se sinônimo de vandalismo. Na busca por construir uma imagem de criminalidade, grupos antifascistas e punks<sup>431</sup> foram incluídos na lista de potenciais “manifestantes marginais” e até o porte de vinagre<sup>432</sup> passou a ser criminalizado.



Teorias da conspiração passaram a ganhar força durante as manifestações. Enquanto grupos conservadores e de extrema-direita denunciavam a ação nas ruas como uma forma de preparação para um golpe de estado “comunista”, ativistas de esquerda e dos grupos subalternos entenderam que o avanço das pautas conservadoras no Congresso, o antipartidarismo violento nas passeatas, e a criminalização das manifestações apontavam para um cenário perigoso. No Facebook, dois grupos

<sup>430</sup> <https://goo.gl/eTHBst>

<sup>431</sup> <https://goo.gl/ybGEs7>

<sup>432</sup> Vinagre é usado para diminuir os efeitos do gás lacrimogêneo. Muitas pessoas passaram a levar uma garrafa na mochila, durante as manifestações, como forma de proteção. <https://goo.gl/TRhqka>

principais mobilizavam as discussões: o grupo que defendia as políticas petistas e acreditava que as mudanças necessárias ocorreriam a partir de ações políticas do PT e o grupo que entendia que, apesar de alguns avanços sociais – por meio de medidas assistencialistas – o projeto de conciliação de classes e o abandono de pautas sociais urgentes, como a demarcação de terras, inviabilizavam a possibilidade de avanços sociais durante o governo Dilma.



**Gustavo Bitencourt**

18 de junho de 2013 · 🌐

Gente, todo mundo sabe o quanto eu critico o governo Dilma, em vários vários aspectos. Não vou com a fuça, acho obtusa, desenvolvimentista, fordista, homofóbica, transfóbica, etc. etc. Mas Impeachment NÃO, PELAMORDEDEUS! A não ser que seja impeachment generalizado, aí eu topo. Impeachment do Alckmin, de todos os prefeitos, de todo o legislativo, judiciário, pra começar tudo do zero, aí eu topo. Senão não. Se não é coisa de gente que já tá querendo eleger Aécio, ou "Bolsonaro Presidente". NÃOOOOOOO!!!!

👍 Curtir

💬 Comentar

➦ Compartilhar

O que ficou claro, durante as jornadas de junho, foi o fato de que a polarização entre grupos de direita e de esquerda estava posta em cena, com atores – governo, Congresso, polícia, mídia – se posicionando de acordo com interesses próprios que não expressavam a vontade coletiva, as prerrogativas do “Estado Democrático” e, principalmente, os interesses de grupos subalternos. Analisando as postagens e publicações foi possível perceber que já estavam presentes os principais indícios do processo político e social que culminou no impeachment da presidenta Dilma, em 2016.

Enquanto participávamos dos atos iniciamos a organização do evento da marcha. A força da mobilização gerada pela potência das ruas, mesmo com toda a sua complexidade e contradição, mobilizou novos esforços para o debate sobre a urgência da emancipação feminina, agora sob ameaça mais forte da ação do Estado. O evento ocorreu no dia 13 de julho e a principal preocupação era com a segurança das participantes, pois a violência policial contava com a chancela do governo e da mídia.

IMAGEM 31<sup>433</sup>

Logo após a realização da marcha de Curitiba ocorreu a do Rio de Janeiro, durante a realização das Jornadas Mundiais da Juventude (JMJ).<sup>434</sup> O evento religioso da Igreja Católica marcou a primeira visita do Papa Francisco ao país e acabou gerando uma série de polêmicas. A primeira foi o local de participação, pois a marcha estava previamente agendada para ocorrer na praia de Copacabana, no dia 27 de julho, e uma mudança na programação da JMJ – que deveria acontecer em Guaratiba – resultou no encontro dos dois eventos na orla de Copacabana, o que foi percebido como uma “provocação”.<sup>435</sup>

Mas o que gerou maior polêmica foi a realização de uma performance, durante o ato, que contou com a quebra de imagens sacras. Além da forte condenação midiática<sup>436</sup>, a publicação de imagens da performance gerou repúdio de pessoas e grupos militantes. As próprias organizadoras da Marcha do Rio publicaram uma nota de esclarecimento afirmando que a performance, como outras ocorridas durante a

<sup>433</sup> <https://goo.gl/9aamcu>

<sup>434</sup> <https://goo.gl/U611NJ>

<sup>435</sup> <https://goo.gl/Kv2diX>

<sup>436</sup> A ação foi inclusive mencionada no Jornal Nacional. (<https://goo.gl/CrxoAz>).

marcha, foi espontânea e que contou apenas com a proteção das participantes, mas não com o seu endosso.<sup>437</sup>

IMAGEM 32<sup>438</sup>



Seguir · 28 de julho de 2013 ·

Em um futuro ideal, um monumento a esta imagem estaria em uma praça por aí, e uma criança passaria com a sua mãe, (ou as suas mães, ou quem quisesse criar uma criança) e ao perguntar o que representava teria como resposta que foram pessoas que ajudaram a acabar com a opressão milenar de uma instituição hipócrita, que isso aconteceu em uma vez quando seus representantes maiores vieram ao Brasil, jogar dinheiro pro ar e cagar regras ridículas pra vida dos outros, que essas pessoas tiveram coragem de chocar, mas depois as pessoas puderam entender que chocante e nojento mesmo não eram suas bundas a mostra, nojento era que ainda existisse gente que desse atenção àquela moral absurda, principalmente contra as mulheres. E a criança diria: "Que horror deve ter sido essa época! Essa gente dizia até quem podia ou não se casar, né?! Ainda bem que acabou!" E depois a criança, que era uma menina, e a sua mãe tiram suas camisetas, porque o calor está de matar, e sentam no banco da praça perto do monumento e tomam um sorvete.

👍 Curtir    💬 Comentar    ➦ Compartilhar


Algumas organizadoras da Marcha de Curitiba condenaram o ato, alegando que a repercussão negativa estaria, ao ferir a crença católica, tirando a credibilidade do movimento. O ato foi chamado de “imbecil” e “idiota”, pois causou repulsa e fez com que “entendessem errado o movimento”. A conversa, realizada no grupo geral da Marcha, envolveu diferentes pessoas e os argumentos utilizados apontavam principalmente a questão do reconhecimento.<sup>439</sup> A presença da mídia para a cobertura da JMJ deveria ter sido aproveitada pelas feministas e usada em causa própria. A

<sup>437</sup> <https://goo.gl/HTmAoA>

<sup>438</sup> <https://goo.gl/Fe6V9s>

<sup>439</sup> Um dos argumentos utilizados no debate foi o de que a violência do ato afastaria as mulheres pobres, pois há uma forte presença do catolicismo na periferia. Durante a minha participação nos primeiros anos da Marcha percebi a presença desse discurso sobre as “mulheres de periferia” em muitas discussões, pois algumas organizadoras acreditavam na necessidade de “levar” o feminismo para essas mulheres. Sendo o movimento majoritariamente formado por mulheres escolarizadas de classe média, acredito haver um caráter colonizador nessa preocupação, pois partia de uma visão salvadora do feminismo, e não de construção de autonomia e emancipação, ao acreditar que a iria “esclarecer” mulheres oprimidas. Isso não diminui a importância da inclusão das múltiplas formas de religiosidade nos debates feministas, que partem de uma visão laica do mundo.


repercussão negativa atingiria inclusive a Marcha de Curitiba, apontada como mais séria, responsável e capaz de gerar um discurso de inclusão e não de violência.



**Bárbara Rodrigues** E não podemos negar que o ato aciona um aparato simbólico fortíssimo (afinal, a santa que eu enfio no cu e quebro depois não é muito diferente do dogma cristão que o Estado pseudolaico enfia no meu corpo, e que eu tenho o DIREITO de rejeitar). O gesso deles não é mais danificado do que meu útero num aborto clandestino. Do que a cara dxs my amigxs LGBT espancadxs e mortxs. Do que as DÉCADAS de terreiros que sofreram o mesmo tipo de dano COM APOIO DO ESTADO. Tem muita política envolvida no ato sim!

29 de julho às 19:05 · Curtir · 17

Em contraposição a essa opinião, algumas pessoas argumentaram que a defesa do “opressor” – a Igreja Católica – era uma forma de invisibilizar a luta dos grupos subalternos. E, principalmente, que acusar de violentos os atos provocados por “marginais” tem sido uma prática recorrente dos grupos dominantes.



**Máira Nunes** 28 de julho de 2013 · 1

Meus dois pitacos sobre a Marcha das Vadias do Rio.

- A Marcha das Vadias não é um movimento de consenso ou de marketing positivo. A começar pelo nome, que ofende as pessoas que se dão ao respeito e querem lutar pelo fim da violência contra a mulher, mas sem ofender ninguém. Estas pessoas querem um mundo mais justo, mas não querem discutir gênero e sexualidade sob a ótica do patriarcado. Aí, nada muda né?
- No estado do Rio 17 mulheres são estupradas POR DIA. Nos QUATRO primeiros meses de 2013, 1822 MIL OITOCENTOS E VINTE E DUAS mulheres foram estupradas no Rio.
- Na JMJ foram distribuídas imagens de FETOS ABORTADOS e terços com imagens de FETOS, produzidos pelos organizadores.

Em todo o país mulheres são agredidas, estupradas e assassinadas. O Brasil é o SÉTIMO país do mundo que mais mata mulheres.

Não é por acaso que temos Mulheres nuas marchando e clamando por justiça e autonomia, criticando e denunciando as instituições que são responsáveis por esta violência, realizando performances ofensivas.

A minha pergunta é: porque as pessoas que se ofendem com a Marcha não se ofendem e se indignam com o EXTERMÍNIO de mulheres?

👍 Curtir    💬 Comentar    ➦ Compartilhar



Esse fato tornou evidente o quanto posturas *antimainstream* são condenadas, inclusive dentro dos movimentos sociais ditos “libertários”. As estruturas do poder dominante revelam-se nos discursos e práticas da militância, que tende a “jogar o jogo”, estabelecendo estratégias docilizantes em busca do reconhecimento. A negação da “violência do oprimido”, de ações de “vândalos” e “baderneiros”, serve ao propósito de propor mudanças que sirvam como forma de mediar conflitos, desde que não representem ameaças à ordem da normalidade. “Desmontar a casa do mestre” pressupõe também perceber os mecanismos que determinam os regimes de normalização, pois a violência – vinda de pessoas subalternas – será sempre “anormal”.

A questão da violência continuou sendo um assunto recorrente nos meses seguintes, seja pela constante criminalização dos atos de manifestantes<sup>440</sup> ou pela banalização da violência policial. Casos de desaparecimentos<sup>441</sup> e tiros acidentais aumentaram consideravelmente em todo o período analisado. A política do combate ao tráfico de drogas tornou-se justificativa para o extermínio da juventude negra moradora das periferias, principalmente no Rio de Janeiro, enquanto a elite traficante manteve-se protegida pela justiça e pela imprensa.<sup>442</sup>

Alguns fatos chamaram a atenção por apresentarem indícios do que estava por vir. No mês de agosto o Centro de Difusão do Comunismo, programa de extensão da Universidade Federal de Ouro Preto, foi suspenso por decisão judicial, sob alegação de atentar contra o “princípio da moralidade” ao “favorecer a militância política anticapitalista.” Em outubro o governo federal acionou a força nacional para garantir a segurança do leilão do campo de Libra, no pré-sal da Bacia de Santos.<sup>443</sup> Em

---

<sup>440</sup> Atualmente, Rafael Braga Vieira é a única pessoa presa em decorrência das Jornadas de Junho. Negro e pobre, Rafael foi preso durante uma manifestação, enquanto carregava produtos de limpeza. Acusado de portar “artefatos explosivos”, foi condenado. Após sua libertação em condicional, foi preso novamente acusado de tráfico de drogas. Atualmente cumpre pena de 11 anos em regime fechado. (<https://goo.gl/rKbjnp>).

<sup>441</sup> Amarildo Dias de Souza desapareceu no dia 14 de julho de 2013, após ser levado para “averiguação” por policiais da UPP da Rocinha. Após mobilização da família e de grupos de direitos humanos, o caso passou a ser investigado e comprovou-se o assassinato. (<https://goo.gl/RtQUh3>).

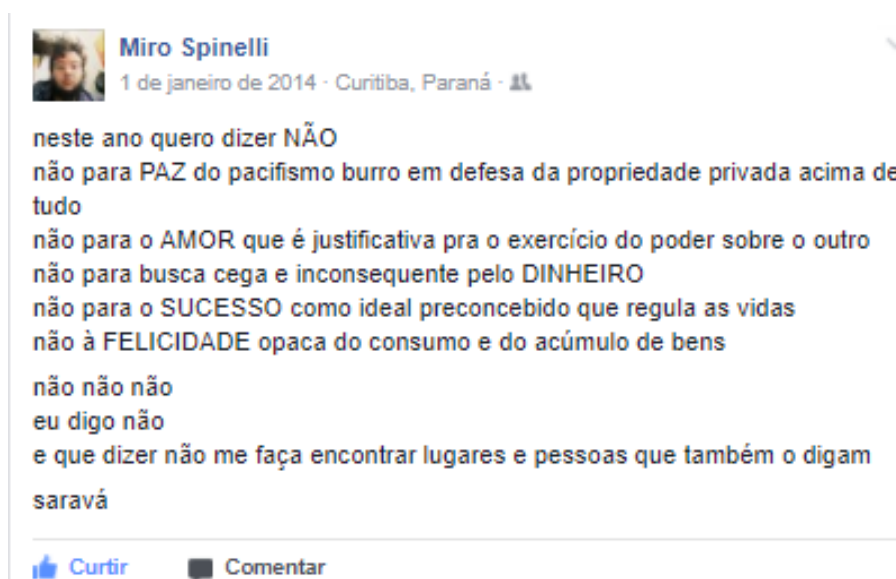
<sup>442</sup> Em novembro de 2013 um helicóptero, pertencente ao deputado estadual (MG) Gustavo Perrella foi apreendido com mais de 445 quilos de cocaína. Após culpar o piloto e desconhecer que sua aeronave foi usada para o transporte da droga, o deputado não foi citado na denúncia. (<https://goo.gl/d2YHDe>).

<sup>443</sup> <https://goo.gl/5s4GB8>

novembro começou a tramitar no congresso o projeto de lei que tipifica o crime de terrorismo.<sup>444</sup>

O ano de 2013 deixou a sensação de que a revolução veio e foi embora. Viver os intensos dias de junho fez com que percebêssemos que as engrenagens que movem as estruturas do poder se reorganizam quando desestabilizadas. Assim como a tendência dominante – *mainstream* – estende seus tentáculos em todas as esferas de nossas vidas, o devir revolucionário deve incluir a libertação de todas as pessoas. No entanto, não foi o que ocorreu. O que se viu foi que “revolução” não vale para a puta, para a bicha, para o preto. Não vale para pobres, para pessoas trans, para quem mora na favela, para quem apanha da polícia. Não vale para feministas ou para quem deseja que as pessoas não morram mais de fome. E essa leitura refere-se tanto aos movimentos sociais quanto ao governo “dos trabalhadores”.

## 2014-2016: FRACASSAMOS



Se os três primeiros anos analisados representaram a potência *antimainstream*, na contrução de uma utopia queer, os três anos seguintes mostraram a força da tendência dominante. A luta pela possibilidade de existir, enquanto sujeito pleno e livre, foi substituída pela urgência em sobreviver, como fosse possível. Resistir deixou

<sup>444</sup> <https://goo.gl/YDuCL4>



de ser estratégia política e se tornou, cada vez mais, a única opção de vida. Não apenas pela força da necropolítica, mas também pelo adoecimento causado pela violência. Neste sentido, o Facebook passou a ser não apenas um local de encontro e troca de informações, mas um espaço para difusão de discursos de ódio, inclusive produzidos por ativistas.

Cada novo post ou comentário vinha acompanhado de racismo, machismo, elitismo, transfobia, ataques pessoais, preconceito e ódio. Se a mídia reproduzia o senso comum do discurso dominante, as pessoas também o faziam no Facebook. A condenação dos corpos e a delimitação de espaços muito bem definidos que podem ser ocupados por pessoas subalternas têm sido táticas acionadas com frequência. A criminalização dos movimentos sociais, a perseguição aos sujeitos subalternos, o recrudescimento da violência estatal, o descaso com as vidas que nada importam tornaram-se os resultados mais visíveis da política reacionária imposta pelo governo. Na impossibilidade de exemplificar todo esse processo, gostaria de sinalizar alguns fatos importantes para a compreensão da conjuntura que se formou pós-2013.

A realização de grandes eventos esportivos<sup>445</sup> resultou na remoção de comunidades e na ampliação das políticas de “pacificação” e gentrificação. O processo higienista afetou diretamente grupos subalternos devido às constantes violações dos direitos humanos e reforçou a limitação do papel do Estado em encontrar soluções que atendam aos interesses da população.<sup>446</sup> A eleição de 2014 resultou na legislatura mais conservadora desde 1964, devido ao aumento do número de parlamentares militares, religiosos, ruralistas.<sup>447</sup> A implantação de uma política neoliberal totalitária, o retrocesso nas políticas públicas para grupos subalternos e a corrupção ampla e irrestrita tornaram-se a principal consequência do antipartidarismo das Jornadas de Junho. O discurso reacionário passa a dominar as ruas e a mídia nos anos de 2015 e 2016, resultando no impeachment da presidenta Dilma Rousseff.<sup>448</sup>

---

<sup>445</sup> Copa das Confederações (2013), Copa do Mundo (2014), Olimpíadas (2015).


<sup>446</sup> <https://goo.gl/i91okG>

<sup>447</sup> <https://goo.gl/Yq7NcG>

<sup>448</sup> <https://goo.gl/5yFx3o>

Todos estes fatos, somados à polarização das conversações em rede, alimentaram a formação do fenômeno conhecido como pós-verdade.<sup>449</sup> A circulação de informações falsas, a produção de conteúdos tendenciosos, o alinhamento midiático com um projeto de poder que afronta os direitos democráticos tornaram-se a realidade na rede. Para os grupos subalternos essa conjuntura representa o fracasso das utopias coletivas. Se o inimigo está em toda parte, inclusive em quem deveria lutar na mesma frente, resta apenas continuar lutando.

Percebo, em todas as postagens do final do ano de 2016, um cansaço extremo. Estar na rede e nas ruas, diariamente, é se expor a todo o tipo de julgamento. Falamos muito sobre isso: sobre a militância certa. De repente tinha um só jeito de ser ativista, quase como uma cartilha, um feminismo "messiânico", moralista em sua nobre missão de salvar as mulheres. Mas, se o feminismo é ação política e não igreja, essa "salvação" deve ser encarada de outra forma


**Jussara Cardoso III** atualizou o status dele.

23 de dezembro de 2016 ·

E começa o lance de perdão.  
 "Você precisa perdoar", "perdoar é necessário", "te faz bem perdoar quem te machucou", "vamos perdoar"...




Perdão, tá aí uma coisa que dei a mim mesma por ter sentido/carregado uma culpa que não era minha por tanto tempo. E aprendi a me perdoar desde então, se me sinto de novo, culpada por algo que fui vítima.

Somos ensinadas a perdoar sempre e perdoar tudo. E sabe de uma coisa? Não somos obrigadas a fazer o que não queremos. Não quer perdoar, não perdoe e não se sinta mal por isso.

Perdoar pra mim ganhou limite, o limite de não compactuar com violências. Acredito hoje, que não dar perdão em algumas situações é um ato de quebrar com ciclos de violências. Faz parte de quebrar ciclos de violência pra mim, me perdoar e não perdoar quem me machucou.

Podem chamar de vingança, magoá ou o que for, eu chamo de devolver a culpa mesmo.

É lindo o discurso do perdão, só que não sempre.

 Curtir
  Comentar
  Compartilhar

<sup>449</sup> Pós-verdade (*Post-truth*) foi escolhida como a palavra do ano de 2016 pelo dicionário Oxford. O significado da palavra remete ao fato de que a veracidade das informações importa menos do que as crenças pessoais.

“Eu posso salvar a mim mesma” e “Juntas somos mais fortes”... De repente essas frases tornaram-se a principal referência para mim. Pois o conceito de multidão tem uma importante força política de mobilização, mas as ações acabam sempre partindo de impulsos individuais. E a força de luta precisa vir acompanhada da força do cuidado. Muitas pessoas adoeceram nestes anos. Não apenas pelo medo da violência física, sempre presente para quem é dissidente, mas também pela constante violência simbólica na rede. Mas, juntas, nos salvamos. E se há algo que conquistamos em 2016, foi a insistência em sobreviver.


**Xênia Mello** compartilhou a publicação 
31 de dezembro de 2016 · 

Eu quero me despedir desse que foi o ano mais difícil da minha vida com essa música maravilhosa, cujos artistas são pessoas que conheço, amo e admiro demais. Cara, como vocês são fudas,  ). Dentre os muitos aprendizados compreendi que há uma potência de vida, de amor e de resistência onde você vê crise, dor e sofrimento. Nunca fui tão amada e cuidada quando a vida dilacerou e se tornou insustentável. Desejo um 2017 gentil, cuidadoso e amoroso, em todas as línguas! É uma das resoluções é voltar a estudar Libras! Que assim seja, Feliz Ano Novo!



27 de dezembro de 2016 · 

 Curtir Página

Música nova - 2016 - com a participação da minha querida Ana Cláudia Decker na cantoria e Francisco Terceiro nas libras! Sobre este ano dureza que nós atravessa...

[Ver mais](#)



**CLIQUE "2016" - Alexandre Gil França, Ana Decker e Francisco Terceiro** 

Arranjo e produção musical: Davi Sartori Direção de vídeo: Alexandre Gil França Edição: Chico Paes Intérpretes: Alexandre Gil França e Ana Decker...  
YOUTUBE.COM



 Curtir
 Comentar
 Compartilhar

Resistir não é apenas ocupar as ruas, assinar petições e enfrentar a política. Resistir, para as pessoas subalternas, é fazer do seu desempoderamento um lugar de luta. É persistir em não se deixar levar pela força da tendência dominante, em não vergar, em não quebrar. É saber que por trás do discurso de ódio há todo um sistema de poder estabelecido. É abandonar o desejo de “fazer parte”, de aceitação e inclusão. É criar outros laços. Outras utopias.



**Lena de Helena** compartilhou a foto de [Lena Muniz](#).

19 de dezembro de 2016 · Curitiba · 🌐

Quando ouvi a fala da Madonna e chorei...primeiro pq a gente acha que é feminista desde criança mas um dia a ficha cai e vc vê como as coisas são assimétricas, como homens podem tudo e mulheres não podem nada. Segundo pq quando a ficha cai...e isso dói, vc lembra dos abusos que sofreu na vida e isso ganha uma dimensão gigantesca: como não percebi, como não me alertaram? Terceiro pq eu concordo com ela quando ela diz: cerque-se de mulheres fortes. Cerque-se de mulheres que vão olhar, cuidar e te proteger. Que em 2017 as mulheres possam sentir a ficha cair. É doloroso mas depois a gente percebe que não está mais sozinha . #madonnabbbb



**Lena Muniz**

19 de dezembro de 2016 · 🌐

Quando ouvi a fala da Madonna e chorei...primeiro pq a gente acha que é feminista desde criança mas um dia a ficha cai e vc vê como as coisas são assimétricas, ...

[Ver mais](#)



Curtir



Comentar



Compartilhar

Sabíamos o que estava por vir. Não porque tivéssemos perdido alguma coisa concreta com o Impeachment, mas porque aquele projeto que o PT representava - utópico e não concretizado – chegou ao fim dando lugar ao próprio moinho satânico. Perdemos. E a vitória do capitalismo totalitário<sup>450</sup> representou a concretização de uma distopia na qual somos todas dispensáveis. Não que já não tivéssemos passado por isso. Silenciadas, , invisíveis ou expostas como objetos exóticos/abjetos, nunca tivemos lugar. Mas aos poucos nos encontramos, nos juntamos e nos fortalecemos.



<sup>450</sup> <https://goo.gl/dr3LHr>



Seja pela potência de nossos corpos.



**Miro Spinelli** compartilhou a foto de Miúda.

2 de dezembro de 2016 · 🌐

Fazer performance tem sido, cada vez mais, impressionar-me com a dimensão da materialização dos delírios. Começa numa fagulha, um desejo pequeno que de repente, pela força da iniciativa (e dos esforços), está na vida, no meio do mundo, acontecendo com sua pulsão de mistério, de acontecimento que contem em si mais saber do que poderia supor alguém que inicia o ato.

Amanhã estarei eu e uma cama grande, em meio a uma galeria/pista de dança à espera do inesperado. Nos vemos lá.



**Miúda** ▶ Esforços #4 - mostra de performances

26 de novembro de 2016 · 🌐

MIRO SPINELLI - "Cucharita" (2016)

Na língua espanhola, "cucharita" se traduz, literalmente, para colherinha. Na língua inglesa, "spoon" se traduz para colher. ...

Ver mais



Ou de nossos desejos.



**Andréa Cordeiro**

23 de dezembro de 2016 · 🌐

Sim, não é um livro "cabeça", mas e daí? Eu estou amando esse "Toda luz que não podemos ver" e fechar meu ano lendo o capítulo "Clube de resistência das velhas senhoras" era exatamente o que eu precisava para reavivar minha fé nas pequenas resistências Certeauianas. FELIZ ano novo!



👍 Curtir

💬 Comentar

Utopicamente, fracassamos resistindo.









## O PESSOAL É POLÍTICO: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jamais fomos queer.<sup>451</sup> O queer constitui-se como um devir, como a possibilidade de pensar um outro horizonte que não seja pautado pela matriz *mainstream*. Pensar o queer como uma política do estranhamento pressupõe um abandono; a intenção de abandonar a necropolítica que produz uma única forma de poder na qual sujeitos e corpos são classificados, padronizados e descartados de acordo com a sua função social. Manufaturar possibilidades de existência e resistência a partir de outros espectros permite abandonar discursos de tolerância, de inclusão e de pertencimento e assumir uma atitude radical frente ao mundo.

É pela política do estranhamento que sujeitos subalternos têm, historicamente, estabelecido táticas de sobrevivência. A história dos vencidos ensina que, para além do moinho satânico, há possibilidades de saberes, vivências e afetos outros que não os ofertados pelo *mainstream*. Ao pensar a sociedade contemporânea por um viés *antimainstream*, esta tese propôs recuperar algo das experiências de pessoas que fazem dos seus corpos seu campo de batalha.

Neste sentido, entende-se que, se a vida é um campo aberto, a realidade concreta é um limitador potente. E é dentro desta limitação que é possível perceber que o *antimainstream* faz parte das estruturas de dominação. A questão fundamental não se encontra apenas na possibilidade do subalterno falar, retomando Spivak (2010), mas na determinação de que só é possível falar se for usado o vocabulário prévio já conhecido. Não é permitida a desconstrução dos discursos, nem a criação de novas falas. A violência dos dispositivos normativos de controle submete e invalida sujeitos subalternos, seus corpos e afetos.

A partir da análise da formação de redes de militância no Facebook, foi possível perceber que a possibilidade de resistência pressupõe o desmascaramento da tendência dominante e, neste desvelar, o compromisso pessoal em criar novas ferramentas que não as do mestre. Neste compromisso há uma constante luta de forças, pois o abandono dos discursos dominantes implica em reconhecer que, dentro das dinâmicas

---

<sup>451</sup> Tradução livre da frase “*We have never been queer*” (MUÑOZ, 2009, p. 1).

de poder, as utopias queer são, de antemão, fracassadas. No entanto, acredita-se que este fracasso não representa um destino, mas outra forma de existir e resistir.

Para Judith Butler (2000c), o poder não é estável ou estático, mas é reconstruído de diferentes maneiras nas junções na vida cotidiana, constituindo a base do senso comum e a forma predominante de episteme e cultura. Portanto, a análise do poder hegemônico proposta aqui, por meio da investigação de discursos e práticas, pressupõe recuperar o argumento da autora de que a possibilidade da transformação social ocorre precisamente através das vias nas quais as relações sociais são rearticuladas, sendo possível que novos horizontes conceituais sejam criados por novas práticas.

A análise de sujeitos e movimentos *antimainstream* conectados no Facebook permitiu reconhecer os limites da plataforma, pois a apropriação das ferramentas técnicas do sistema para fins “revolucionários” se dá em meio à disputa de forças. Neste sentido, entende-se que mesmo que a ferramenta permita a conexão de pessoas e a circulação de saberes *antimainstream*, as possibilidades de resistência ao *status quo* esbarraram também nos micropoderes que constituem todas as relações humanas.

Assim, entende-se que mais do que “redes de indignação e esperança”, as conexões entre pessoas subalternas – e suas ações concretas em busca de transformação social – formaram-se como “zonas autônomas temporárias”. A desestabilização das estruturas de poder resultaram em uma reorganização das forças conservadoras, demandando novas estratégias de enfrentamento e de sobrevivência. A efervescência dos anos de 2011 a 2013 representou um importante momento histórico de articulação de resistências, mas as utopias fracassadas precisam estabelecer outras estratégias e outras ferramentas.

Não há nenhuma novidade aqui, pois esta tem sido a história dos corpos dissidentes. Viver nas margens e nas brechas, tensionar saberes e práticas, enfrentar as estruturas de poder fazendo de suas próprias existências o ponto de partida da luta. Ressignificar discursos que padronizam, criminalizam e patologizam suas vidas e seus afetos. Carnavalizar os ritos, ignorar as ficções normativas, fugir dos destinos e sonhar novas utopias. Como afirma viviane v. (2015, p. 231), “seguimos abaixo, e às esquerdas. Em corpos, identidades de gênero, sexualidades, raças-etnias, culturas,

ancestralidades diversas: em inflexões decoloniais contra sistemas de normatização, violência, regulação e exploração.”

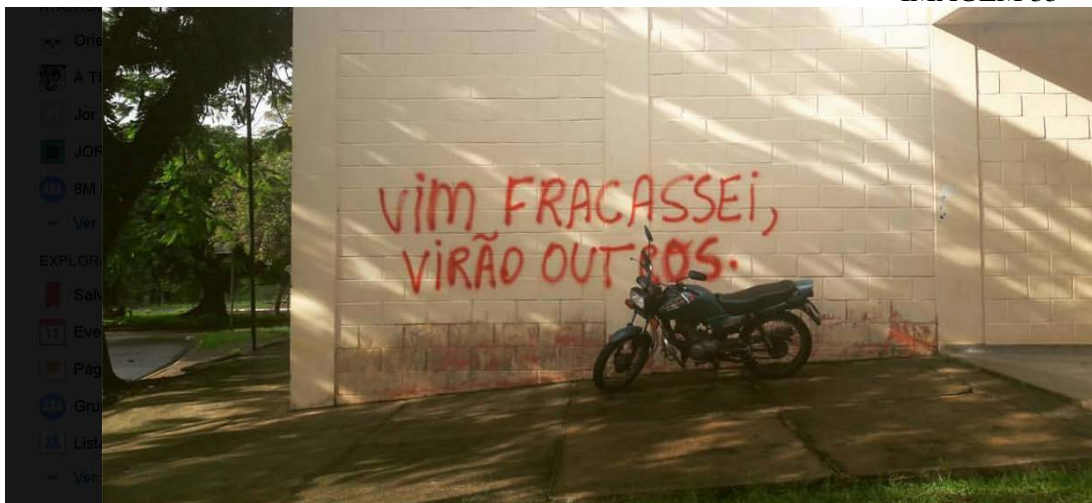
Como indicado na Introdução, a pesquisa realizada nessa tese não pressupõe a realização de uma análise desinteressada. Todo o processo investigativo foi estabelecido a partir de questionamentos que foram surgindo ao longo das experiências da autora. O ativismo feminista gerou a necessidade de abordar as questões de gênero e sexualidade por um viés político. O entendimento de que as práticas e saberes de sujeitos subalternos constituíam-se como temas “menores”, secundarizados na academia e nos movimentos sociais, resultou na urgência em abordar esses temas de maneira ampliada, relacionados às estruturas de poder.

Neste sentido, a própria organização da tese foi proposta como forma de estranhar processos hegemônicos. Toda a discussão presente na pesquisa foi gerada a partir das conversações em rede. Reflexões construídas coletivamente, entre pessoas conhecidas e desconhecidas que usam o Facebook como forma de conectar saberes e afetos. A partir da análise de rede que embasou o estudo de caso, realizado no capítulo 4, foi possível perceber que a instantaneidade do Facebook resulta em limites para a pesquisa qualitativa, pois as conversações se perdem no âmbito do sistema. Em termos de pesquisa em Comunicação, o principal desafio talvez seja desenvolver melhores instrumentos de coleta de dados, para toda essa vivência gerada da reflexão conjunta não se perca.

Retomando o percurso analítico proposto inicialmente, foi possível perceber que as estruturas *mainstream* conformam teorias e metodologias no campo da Comunicação Social, havendo uma forte relação entre os saberes acadêmicos e a cultura das mídias. Estranhar a teoria permitiu inferir que há um caminho a ser trilhado no sentido de ampliar os estudos de gênero e sexualidade produzidos no campo, principalmente a partir de uma visão queer e descolonial. Disputar espaços, para as pessoas subalternas, pressupõe também ocupar os lugares hegemônicos de produção de saber, estranhando discursos dominantes.

É possível afirmar, da mesma forma, que é urgente a necessidade de se afastar de fórmulas prontas, pois a subalternidade não é estática nem estável. Não pode ser abarcada em modelos previamente estabelecidos, principalmente porque há sempre

algo que escapa às classificações e padrões analíticos, ainda mais se esses padrões forem os dominantes. Assim, entende-se que os fracassos decorrentes do enfrentamento às estruturas hegemônicas representam, em última instância, uma potente forma de recomeçar e manter a roda-viva girando.

IMAGEM 33<sup>452</sup>

<sup>452</sup> Pichação “Vim fracassei, virão outros”. Fonte: <https://goo.gl/7CYuiZ>



Porque, inevitavelmente, “a gente vai destruir tudo que você ama.”<sup>453</sup>

---

<sup>453</sup> “cuíer A. P. (ou “oriki de shiva”)

a gente vai destruir tudo que você ama  
 y tudo o que c chama “amor”  
 a gente vai destruir porque c chama de “amor à pátria”  
 o que é racismo e xenofobia  
 c chama de “amor a deus”  
 o que é fundamentalismo  
 c chama de “amor à família”  
 o que é sexismo y homofobia  
 y transfobia c chama de “amor à natureza”  
 (o que vc sabe da natureza?  
 pra você a natureza é só alguém pra ser dominada)  
 o que c chama de “amor à segurança”  
 é militarismo  
 y o capitalismo c chama de “amor pelo trabalho”  
**MENTIRA**  
**É PURA ADORAÇÃO PELO DINHEIRO!**  
 c chama de “amor pela democracia”  
 o que é GOLPE  
 y especismo  
 c chama de “amor à espécie humana”  
 o que c chama de “amor às escrituras sagradas”  
 é um caso clássico de tradução errada  
 que conveniente pra você chamar deus de “ele” né?  
 mas eu vi deus y ela é preta!  
 então se liga  
 a gente é o seu apocalipse cuíer  
 y vai destruir tudo o que vc ama  
 o que cê chama de “liberdade”,  
 seu “amor pela civilização”,  
 pela “cultura erudita” a gente vai tacá fogo porque é genocídio y epistemicídio,  
 é colonização  
 quer matar tudo que ama,  
 tudo que dança,  
 tudo que goza,  
 tudo que ri,  
 tudo que luta,  
 quer matar a gente.  
 quer matar tudo que sente mas a gente  
 que nem semente daninha  
 sobrevive,  
 invade,  
 y destrói  
 a gente,  
 que você amaldiçoa em nome do seu amor normativo, segregador,  
 doentio,  
 a gente é que é amante  
 a gente é que vive y espalha  
 amor”  
 (NASCIMENTO, 2016).

## REFERÊNCIAS

- ABELOVE, Henry; BARALE, Michèle Aina; HALPERIN, David M. Introduction. In: \_\_\_\_\_. (edits.). *The lesbian and gay studies reader*. New York: Routledge, 1993.
- ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson; HASSEN, Maria de Nazareth Agra. Caderno de campo digital: antropologia em novas mídias. *Horizontes Antropológicos*, v. 10, n. 21, Porto Alegre, Jun. 2004 . p. 273-289. Disponível em: <<https://goo.gl/WRgI4V>>. Acesso em 15/03/2014.
- ADELMAN, Mirian. Feminismo, pós-colonialismo e novas narrativas sociológicas. *XXVIII Encontro Anual da ANPOCS*. MG: Caxambu, 2004. Disponível em: <<https://goo.gl/54qBcn>> . Acesso em: 10/06/2016.
- AGAMBEN, Giorgio. *Potentialities: collected essays in philosophy*. Stanford: Stanford University Press, 1999.
- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- AMARAL, Adriana. Autonetnografia e inserção online: o papel do pesquisador-insider nas práticas comunicacionais das subculturas da Web. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*. 11(1): 14-24, janeiro/abril 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/6RSo4G>>. Acesso em: 14/05/2013.
- \_\_\_\_\_. *et alli*. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. *Revista Sessões do Imaginário*, Porto Alegre, v. 2, n. 20, dez./2008. p.34-40. Disponível em: <<https://goo.gl/i5tMwp>>. Acesso em: 20/06/2015.
- ANDERSON, Perry. *O fim da história: de Hegel a Fukuyama*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Edit., 1992.
- \_\_\_\_\_. *Linhagens do Estado absolutista*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995.
- ARNOLD, David. Gramsci and peasant subalternity in India. In: CHATURVEDI, Vinayak. (edit.). *Mapping Subaltern Studies and the Postcolonial*. London: Verso, 2012.
- ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. *Key concepts in post-colonial studies*. New York: Routledge, 1998. (e- book).
- \_\_\_\_\_. *The Postcolonial Studies Reader*. New York, Routledge, 2003.

ASSIS, Érico Gonçalves de. *Táticas lúdico-midiáticas no ativismo político contemporâneo*. 2006. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, UNISINOS, São Leopoldo, 2006.

ATHAYDE, Thayz Conceição Cunha de. *A marcha da vadias e a escola. Feminismo, corpo e (bio)política*. 2015. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2015.

AULER JÚNIOR, José Otávio Costa. O impacto das cotas na qualidade do ensino. *Folha de São Paulo*, Opinião, 18/02/2013. Disponível em: <<https://goo.gl/73gCbX>>. Acesso em: 02/10/2014.

BACZKO, Bronislaw. *Les imaginaires sociaux: memoires et espoirs collectifs*. Paris: Payot, 1984.

BAHL, Vinay. Relevance (or irrelevance) of Subaltern Studies. In: LUDDEN, David. (edit.). *Reading Subaltern Studies: critical history, contested meaning and the globalization of South Africa*. London: Anthem Press, 2002.

BAHRI, Deepika. Feminismo e/no pós-colonialismo. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 21(2): 336, maio-agosto/2013. Disponível em: <<https://goo.gl/obpY3I>>. Acesso em: 10/02/2016.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº 11. Brasília, maio- agosto de 2013. p. 89-117. Disponível em: <<https://goo.gl/rVQ07E>>. Acesso em: 15/02/2016.

BALSAMO, Anne. Feminism and Cultural Studies. *The Journal of the Midwest Modern Language Association*. vol. 24, nº. 1, Cultural Studies and New Historicism (Spring, 1991), p. 50-73. Disponível em: <<https://goo.gl/oDnXIt>>. Acesso em: 10/11/2015.

BANNERJI, Himani. Projects of Hegemony: Towards a Critique of Subaltern Studies' 'Resolution of the Women's Question'. *Economic and Political Weekly*, vol. 35, nº. 11 (Mar. 11-17), 2000. p. 902-920. Disponível em: <<https://goo.gl/i5KKi0>>. Acesso em: 17/01/2016.

BARBOSA, Marialva. *Sistema midiático brasileiro: multidão e expressão de uma arena política*. 2014. Conferência proferida na Aula Inaugural do PPGCOM – UTP. (texto fornecido pela autora). 2014.

BARROS, José D'Assunção. *Teoria da História*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2011.

BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Ed. 70, 2014.

BELCHIOR. Como o diabo gosta. In: BELCHIOR. *Alucinação*. São Paulo: PolyGram, 1976. Disponível em: <<https://goo.gl/4Wmnn2>>. Acesso em: 10/06/2017.

BELLA, Kyle. Bodies in Alliance: Gender Theorist Judith Butler on the Occupy and SlutWalk Movements. *Truthout*, 15/12/2011. Disponível em: <<https://goo.gl/39myyO>>. Acesso em: 13/05/2013.

BENJAMIN, Walter. *O capitalismo como religião*. São Paulo: Boitempo, 2013.

BENTO, Berenice. Queer o quê? Ativismo e estudos transviados. *Revista Cult*. Dossiê Queer. n. 193, ano 17, agosto 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/HyZVSQ>>. Acesso em: 20/06/2016.

BERLANT, Lauren. 68, or Something. *Critical Inquiry*, 21, no. 1, Autumn, 1994. p. 124-155. Disponível em: <<https://goo.gl/yD25NB>>. Acesso em: 30/10/2016.

BEY, Hakim. *TAZ: Zona Autônoma Temporária*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2011.

BHABHA, Homi K. The Beginnings of Their Own Enunciations: Stuart Hall and the Work of Culture. *Critical Inquiry*. Volume 42, Issue 1, Autumn 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/slGblZ>>. Acesso em 09/01/2016.

BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto. “Reféns da produtividade” sobre produção do conhecimento, saúde dos pesquisadores e intensificação do trabalho na pós-graduação. 2007. *XXX Reunião Anual da ANPEd*, 2007. Disponível em: <<https://goo.gl/LrdkF9>>. Acesso em: 10/01/2017.

BLACK, Anthea; BURISCH, Nicole. Craft hard die free: radical curatorial strategies for craftivism. In: BUSZEK, Maria Helena. (edit.). *Extra/Ordinary: craft and contemporary art*. Durham: Duke University Press: 2011.

BONIN, Jiani Adriana. Nos bastidores da pesquisa: a instância metodológica experienciada nos fazeres e nas processualidades de construção de um projeto. In: MALDONADO, Alberto Efendy. *Metodologias da Pesquisa em Comunicação: olhares, trilhas e processos*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (org.). *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

\_\_\_\_\_. Capital simbólico e classes sociais. *Novos Estudos - CEBRAP*, São Paulo, n. 96, Julho 2013. p. 105-115. Disponível em: <<https://goo.gl/jqn7UN>>. Acesso em: 14/12/2016.

\_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Russel, 2004.

\_\_\_\_\_. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

BRAGA, José Luiz. Constituição do Campo da Comunicação. *Verso e Reverso*, São Leopoldo, XXV(58), janeiro-abril 2011. p. 62-77. Disponível em: <<https://goo.gl/Uu8BfY>>. Acesso em: 10/12/2016.

\_\_\_\_\_. Os estudos de interface como espaço de construção do Campo da Comunicação. *Revista Contracampo*, Niterói, n.10/11, 2004. p. 219-236. Disponível em: <<https://goo.gl/57HrF4>>. Acesso em: 12/12/2016.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Geral. *Mapa do encarceramento: os jovens do Brasil*. Brasília: Presidência da República, 2015.

BRECHT, Bertold. *Poemas 1913-1956*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2006.

BRUNSDOM, Charlotte. A thief in the night: stories of feminism in the 70s at CCCs. In: MORLEY, David; CHEN, Kuan-Hsing. (edits). *Stuart Hall: Critical dialogues in cultural studies*. New York: Routledge, 2005. (e-book).

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

\_\_\_\_\_. *Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. *Uma história social do conhecimento - II: da Enciclopédia à Wikipédia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BUTLER, Judith. Against proper objects. *Differences: a journal of feminist cultural studies*. (6, 2-3). 1994. Disponível em: <<https://goo.gl/R0tkEr>>. Acesso em: 20/12/2015.

\_\_\_\_\_. Competing universalities. In: \_\_\_\_\_; LACLAU, Ernesto; ŽIŽEK, Slavoj. *Contingency, Hegemony, Universality: Contemporary dialogues on the Left*. London: Verso, 2000a.

\_\_\_\_\_. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000b. (e-book).

\_\_\_\_\_. *Deshacer el género*. Barcelona: Paidós, 2006.

\_\_\_\_\_. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

\_\_\_\_\_. Restaging the Universal: Hegemony and the Limits of Formalism. In: \_\_\_\_\_; LACLAU, Ernesto; ŽIŽEK, Slavoj. *Contingency, Hegemony, Universality: Contemporary dialogues on the Left*. London: Verso, 2000c.

\_\_\_\_\_. Vida precária. *Contemporânea*, São Carlos, v.1, n.1, 2011. p. 13-34. Disponível em: <<https://goo.gl/Ve5Xis>>. Acesso em: 10/01/2017.

BYRD Rudolph P.; COLE, Johnnetta Betsch; GUY-SHEFTALL, Beverly. *I am your sister: collected and unpublished writings of Audre Lorde*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

CAETANO, Marcelo. Meu corpo é um campo de batalha. *Marcelo Caetano*. 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/VoAwo2>>. Acesso em: 12/04/2017.

CAMPOS, Ricardo. Imagem e tecnologias visuais em pesquisa social: tendências e desafios. *Análise Social*, Vol. 46, No. 199, Lisboa, 2011. p. 237-259. Disponível em: <<https://goo.gl/q85VVW>> . Acesso em: 22/04/2013.

CARLYLE, Thomas. *Critical and Miscelaneous Essays*. New York: Cambridge University Press, 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/Ybvqda>>. Acesso em: 15/01/2014.

CARR, Joetta L. The SlutWalk Movement: A Study in Transnational Feminist Activism. *Journal of Feminist Scholarship*, 4, Spring 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/vkvuMg>>. Acesso em: 02/02/2015.

CARVALHO, José Murilo. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; MENDIETA, Eduardo (eds.). *Teorías sin disciplina: latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización en debate*. México: Miguel Ángel Porrúa, 1998. (e-book).

CAZELOTO, Edilson. Por um conceito de hegemonia na cibercultura. *Comunicação & Sociedade*, Ano 32, n. 54, p. 149-171, jul./dez. 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/J4e9ir>>. Acesso em 10/07/2013

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1 As artes de fazer. Petrópoli, RJ: Ed. Vozes, 2013.

CÉSAR, Maria Rita de Assis; ATHAYDE, Thayz Conceição Cunha. Por um feminismo ‘vadio’ e outras considerações contemporâneas. *Labryz – estudos feministas*, v. 24, 2013.

CHAKRABARTY, Dipesh. *Habitations of Modernity: essays in the wake of Subaltern Studies*. Chicago: The University of Chicago Press, 2002.

\_\_\_\_\_. La historia subalterna como pensamiento político. In: MEZZADRA, Sandro (edit.). *Estudios post-coloniales: ensayos fundamentales*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2008. (e-book).

\_\_\_\_\_. Subaltern Studies and Postcolonial Historiography. *Nepantla: Views from the South*, 1(1), 2000. 9-32. Disponível em: <<https://goo.gl/GqGb89>>. Acesso em: 10/12/2016.

CHARTIER, Roger. Textos, impressões e leituras. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CHATTERJEE, Partha. After Subaltern Studies. *Economic & Political Weekly*, vol XLVII, nº 35, september 1, 2012.

CHEN, Kuan-Hsing. The formation of a diasporic intellectual: an interview with Stuart Hall. In: MORLEY, David; CHEN, Kuan-Hsing. (eds). *Stuart Hall: Critical dialogues in cultural studies*. New York: Routledge, 2005. (e-book).

CHOMSKY, Noam. *Controle da mídia: os espetaculares efeitos da propaganda*. Rio de Janeiro: Graphia, 2003.

\_\_\_\_\_. *Requiem for the American Dream: the principles of concentrated wealth and power*. New York: Seven Stories Press, 2017.

CIOTTA NEVES, Rita. A perspectiva pós-colonial de Antonio Gramsci: os subalternos. *Babilônia. Revista Lusófona de Línguas, Culturas e Tradução*, núm. 8-9, 2010. p. 59-64. Disponível em: <<https://goo.gl/mmiRVT>>. Acesso em: 10/12/2016.

COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. (e-book).

COLLING, Leandro et al. Um panorama dos estudos sobre mídia, sexualidade e gêneros não normativos no Brasil. *Gênero*, Niterói, v. 12, n. 2, 1 sem 2012. p. 77-108. Disponível em: <<https://goo.gl/caYk5M>>. Acesso em: 14/06/2016.

COMITÊ INVISÍVEL. *Aos nossos amigos: crise e insurreição*. São Paulo: n-1 edições, 2016.

CONSELHO MISSIONÁRIO INDIGENISTA. *Relatório - Violência contra os Povos Indígenas no Brasil – Dados de 2015*. 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/Qd5rLN>>. Acesso em: 10/03/2017.



CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, Jan. 2002. p. 171-188. Disponível em: <<https://goo.gl/JWtmLa>>. Acesso em: 06/01/2016.

DAVIES, Helen. *Understanding Stuart Hall*. London: SAGE, 2004.

DE LAURETIS, Teresa de. Queer theory: lesbian and gay studies - an introduction. *Differences: a journal of feminist cultural studies*. (3, 2). 1991. Disponível em: <<https://goo.gl/JbgSf7>>. Acesso em 10/10/2015.

DELLA PORTA, Donatella. L'altermondialisme et la recherche sur les mouvements sociaux. Quelques réflexions. *Cultures & Conflits*, 70 (été), 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/480RDv>>. Acesso em: 02/07/2015.

DINES, G., & MURPHY, W. J. "SlutWalk" Is Not Sexual Liberation. *The Guardian*. 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/61O3xP>>. Acesso em 01/04/2015.

DIXON, Paul. 'Hearts and Minds'? British Counter-Insurgency from Malaya to Iraq. *Journal of Strategic Studies*, 32: 3, 2009. p. 353-381.

DOWNING, John D. H. (edit.). *Encyclopedia of social movement media*. Los Angeles: SAGE, 2011.

\_\_\_\_\_. *Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2004.

DURING, Simon. *Cultural Studies: a critical introduction*. New York: Routledge, 2005.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. (e-book).

DWORKIN, Dennis. *Cultural marxism in postwar britain: history, the New Left and the origins of Cultural Studies*. Durham: Duke University Press, 1997.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. Vol. 1.

ELLIS, Carolyn; BOCHNER, Arthur P. Autoethnography, personal narrative, reflexivity: Researcher as subject. In: DENZIN NORMAN; LINCOLN, Y. (Ed.). *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks, CA: Sage, 2000. p. 733 – 768.

\_\_\_\_\_.; ADAMS, Tony E.; BOCHNER, Arthur P. Autoethnography: An Overview. *Forum: Qualitative Social Research*, Volume 12, No. 1, Berlin, 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/Tiugii>>. Acesso em: 09/02/2016.

ENGEL, Magali. História e sexualidade. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

ESCOBAR, Arturo. Mundos y conocimientos de otro modo: el programa de investigación de modernidad/colonialidad latinoamericano. *Tabula Rasa*. Bogotá - Colombia, No.1: 51-86, enero-diciembre de 2003. Disponível em: <<https://goo.gl/BUBYgm>>. Acesso em: 05/06/2016.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Comunicação e gênero: notas de um diário da docência e pesquisa. In: \_\_\_\_\_. (org). *Comunicação e gênero: a aventura da pesquisa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

\_\_\_\_\_. Os Estudos Culturais. In: HOHFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. (orgs.). *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_ et al. A temática das relações de gênero nos estudos de comunicação. *Logos*, ano 10, nº 19, 2º sem 2003. p. 162-185. Disponível em: <<https://goo.gl/Ew1Uvt>>. Acesso em: 20/10/2015.

\_\_\_\_\_; MESSA, Márcia Rejane. Os estudos de gênero na pesquisa em comunicação no Brasil. *Contemporânea*, vol. 4, nº 2, dez 2006. p. 65-82. Disponível em: <<https://goo.gl/s0Ajm9>>. Acesso em: 20/10/2015.

FALCON, Francisco José Calazans. Tempos modernos: a cultura humanista. In: RODRIGUES, Antonio Edmilson M. *Tempos modernos: ensaios sobre história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

FARIAS, Lindberg. *Relatório Final: CPI Assassinato de jovens*. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/Qfmecl>>. Acesso em: 10/02/2017.

FELINTO, Erick. Cibercultura: ascensão e declínio de uma palavra quase mágica. *E-Compós* – Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Brasília, v.14, n.1, jan./abr. 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/X1wqro>>. Acesso em: 30/05/2017.

\_\_\_\_\_. Os computadores também sonham? Para uma Teoria da Cibercultura como Imaginário. *Intexto*, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 15, p. 1-15, julho/dezembro 2006. Disponível em <<https://goo.gl/O0gYGD>>. Acesso em 10/12/2013.

FERRAZ, Salma. Os marginais na bíblia: Lúcifer e Madalena. Revista *Estação Literária*. Londrina, Volume 12, p. 143-164, jan. 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/jCcW3k>>. Acesso em: 10/05/2017.

FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro (org.). *O que os filósofos pensam sobre as mulheres*. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2010.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas "estado da arte". *Educação & Sociedade*. São Paulo: vol. 23, n. 79, p. 257-272, agosto de 2002. Disponível em: <<https://goo.gl/ekX3wL>>. Acesso em: 04/05/2016.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV*. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.28, n.1, jan./jun. 2002. p. 151-162. Disponível em: <<https://goo.gl/qL24eU>>. Acesso em: 02/03/2017.

FISKE, John. Opening the Hallway: some remarks on the fertility of Stuart Hall's contribution to critical theory. In: MORLEY, David; CHEN, Kuan-Hsing. (edits). *Stuart Hall: Critical dialogues in cultural studies*. New York: Routledge, 2005. (e-book).

FITZSIMMONS, Michael. Hard Hearts and Open Minds? Governance, Identity and the Intellectual Foundations of Counterinsurgency Strategy. *Journal of Strategic Studies*, 31:3, 2008. p. 337-365.

FOUCAULT, Michel. *Os anormais*: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. *Em defesa da sociedade*: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *A história da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. *A palavra e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

FREIRE, Marcelino. *Eu não sou da paz*. 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/xiaC2Y>>. Acesso em: 02/03/2015.

FRIEDEN, Jeffry A. *Capitalismo global: história econômica e política do século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. (e-book).

FRITH, Simon. *Sound effects: youth, leisure, and the politics of rock'n roll*. New York: Pantheon Books, 1981.

GARCIA, David Córdoba. Teoría queer: reflexiones sobre sexo, sexualidad e identidad. Hacia una politización de la sexualidad. In: CÓRDOBA, David; SAEZ, Javier; VIDARTE, Paco (eds.). *Teoría Queer: políticas bolleras, maricas, trans, mestizas*. Madrid: Egales, 2005.

GAUNTLETT, David. *Making is connecting: the social meaning of creativity, form DIY and knitting to youtube and web 2.0*. Cambridge: Polity Press, 2011.

GEARHART, Sally Miller. Foreword: my trip to queer. In: YEP, Gust A.; LOVAAS, Karen E.; ELIA, John P. (eds.). *Queer Theory and Communication: from disciplining queers to queering the discipline(s)*. New York: Harrington Park Press, 2003.

GIFFNEY, Norren. Introduction: the "q" world". In: \_\_\_\_\_; O'ROURKE, Michael. *The Ashgate research companion to queer theory*. New York: Routledge, 2009.

GIOVANNINI, Barbara. Assim o homem inventou a comunicação. In: GIOVANNINI, Giovanni. *Evolução na comunicação: do sílex ao silício*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

GÓES, Camila Massaro de. De Antonio Gramsci aos Subaltern Studies: notas sobre a noção de subalternidade. *III Seminário Discente da Pós-Graduação em Ciência Política da USP*, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/NCxUTB>>. Acesso em: 13/01/2016.

GOFFMAN, Ken [a.k.a. R.U. Sirius]; JOY, Dan. *Counterculture through the ages: from Abraham to acid house*. New York: Village Books, 2004.

GOMES, Camilla de Magalhães. É preciso escolher? *Blogueiras Feministas*, 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/MAUgYx>>. Acesso em: 12/04/2017.

GOTTLIEB, Joanne; WOLD, Gayle. Smells like Teen Spirit - Riot Grrrls, Revolution and Women in Independent Rock. *Critical Matrix*. 7, n. 2, 1993, p. 11-44. Disponível em: <<https://goo.gl/zSjbD9>>. Acesso em: 10/03/2015.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Vol. 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GREER, Betsy (edit.). *Craftivism: the art of craft and activism*. Vancouver: Arsenal Pulp Press, 2014.

GROSGOUEL, Ramón. ¿Cómo luchar decolonialmente?. *Periódico Diagonal*. 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/MeVFpn>>. Acesso em: 12/07/2017.

\_\_\_\_\_. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80, Março, 2008. p. 115-147. Disponível em: <<https://goo.gl/Uz7jXk>>. Acesso em: 10/02/2014.

GRUPO GAY DA BAHIA. *Relatório - Assassinatos de LGBT no Brasil*. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/YlBnc1>>. Acesso em: 10/03/2017.

GUHA, Ranajit. Preface. In: \_\_\_\_\_; SPIVAK, Gayatri Chakravorty. (eds.). *Selected Subaltern Studies*. New York: Oxford University Press, 1988.

HALBERSTAM, J. Jack. *Gaga feminism: sex, gender and the end of normal*. Boston: Beacon, 2012.

\_\_\_\_\_. *The queer art of failure*. Durham: Duke University Press, 2011.

HALL, Donald E.; JAGOSE, AnnaMarie. Introduction. In: HALL, Donald E.; JAGOSE, AnnaMarie. (eds.) *The queer studies reader*. New York: Routledge, 2013.

HALL, Stuart. Cultural Studies and its theoretical legacies. In: MORLEY, David; CHEN, Kuan-Hsing. (eds.). *Stuart Hall: Critical dialogues in cultural studies*. New York: Routledge, 2005a. (e-book).

\_\_\_\_\_. The Emergence of Cultural Studies and the Crisis of the Humanities. *October*, vol. 53, The Humanities as Social Technology, Summer, 1990, p. 11-23. Disponível em: <<https://goo.gl/VGNefX>>. Acesso em 01/11/2015.

\_\_\_\_\_. A ideologia e a teoria da comunicação. *Matrizes*. São Paulo, vol.10, n. 3, set-dez. 2016. p. 33-46. Disponível em: <<https://goo.gl/GgGZ6N>> . Acesso em 10/10/2017.

\_\_\_\_\_. The meaning of New Times. In: MORLEY, David; CHEN, Kuan-Hsing. (eds.). *Stuart Hall: Critical dialogues in cultural studies*. New York: Routledge, 2005b. (e-book).

\_\_\_\_\_. Old and New Identities, Old and New Ethnicities. In: KING, Anthony D. (edit.). *Culture, Globalization And The World-System: Contemporary Conditions For The Representation Of Identity*. Minneapolis: University Of Minnesota Press, 1997.

HALPERIN, David M. The Normalization of Queer Theory. In: YEP, Gust A.; LOVAAS, Karen E.; ELIA, John P. (eds.). *Queer Theory and Communication: from disciplining queers to queering the discipline(s)*. New York: Harrington Park Press, 2003.

HAMMER, Rhonda; KELLNER, Douglas. From communications and media studies through cultural studies. In: \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. (edits.). *Media/Cultural Studies: critical approaches*. New York: Peter Lang, 2009.

HANISCH, Carol. The personal is political: the Women's Liberation Movement classic with a new explanatory introduction. 2006. Disponível em: <<https://goo.gl/wGm9gF>>. Acesso em: 20/05/2017.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Declaração - isto não é um manifesto*. São Paulo: n-1 edições, 2014.

\_\_\_\_\_. *Multidão: guerra e democracia na era do Império*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

HEBIDGE, Dick. *Subculture: the meaning of style*. New York: Routledge, 1988.

HECK, Ana Paula; NUNES, Máira de Souza. Corpus e Corpos: um estado da arte das pesquisas brasileiras sobre Gênero, Sexualidade e Publicidade entre 2005 e 2015. *Anais do 13º Mundos de Mulheres & Fazendo Gênero 11*, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017a. (no prelo).

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. O estado da arte dos estudos sobre publicidade e gênero feminino nos programas de pós-graduação em Ciências Sociais Aplicadas I entre 2005 e 2015. *Anais do VIII ENPECOM - Encontro de Pesquisa em Comunicação*, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/fMzbAE>>. Acesso em: 31/08/2017.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. As relações entre Publicidade e Gênero Feminino nas pesquisas dos Congressos da Região Sul do Brasil realizados pela Intercom entre 2007 e 2016. *Anais do XVIII Intercom Sul - Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul*, Caxias do Sul, 2017b. Disponível em: <<https://goo.gl/jb9pCD>>. Acesso em: 31/08/2017.

HELLER, Agnes. *O homem do Renascimento*. Lisboa: Editorial Presença, 1982.

HERMAN, Edward S.; CHOMSKY, Noam. *A manipulação do público: política e poder econômico no uso da mídia*. São Paulo: Futura, 2003.

HILLANI, Allan Mohamad. *Na urgência da catástrofe: violência e capitalismo*. 2017. 134f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Direito, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 132, dez 2007. p. 595-609. Disponível em: <<https://goo.gl/Dkw94j>>. Acesso em: 14/12/2016

HJARVARD, Stig. Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. *Matrizes*, São Paulo, ano 5 – nº2, jan./jun, 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/IIGAhN>>. Acesso em: 10/09/2016.

HOBSBAWM, Eric. *A era das revoluções*: Europa 1789-1848. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

\_\_\_\_\_. *A era dos extremos*: o breve século XX 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. *Tempos fraturados*: cultura e sociedade no século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

JAGOSE, AnnaMarie. *Queer Theory*: an introduction. New York: New York University Press, 1996.

JEHA, Julio. Monstros como metáforas do mal. In: \_\_\_\_\_. (org.). *Monstros e monstruosidades na literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. Disponível em: <<https://goo.gl/ttid8d>>. Acesso em: 10/20/2017.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Orientações sobre Identidade de Gênero: Conceitos e Termos. *Sertão*. Dezembro, 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/LprjL3>>. Acesso em: 17 Ago 2015.

JOHN, Valquiria Michaela; COSTA, Felipe da. Estudos de Recepção Sob a Ótica das Masculinidades: Uma Lacuna nas Pesquisas de Comunicação Brasileiras. *Revista Novos Olhares*, vol. 3. n. 1, 2014. p. 61-71. Disponível em: <<https://goo.gl/jIQmkP>>. Acesso em: 14/06/2016.

\_\_\_\_\_. Relações de Gênero e Estudos de Recepção: análise dos trabalhos apresentados no Congresso Anual da Intercom ao longo da última década. *XI Congreso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación - ALAIC*. Uruguay, 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/tV4VBM>>. Acesso em: 10/06/2016.

JOTA MOMBAÇA. Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência!. *Oficina de Imaginação Política*. 32ª Bienal de São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/PhsKgz>>. Acesso em: 22/02/2017.

KATZ, Helena; GREINER, Christine. Por uma teoria do corpomídia. In: GREINER, Christine. *O corpo*: pistas para Estudos Indisciplinares. São Paulo: Annablume, 2012.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia – estudos culturais*: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001.

KELLY, Henry Ansgar. *Satan*: a biography. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.



KERCKHOVE, Derrick de. *A pele da cultura*. São Paulo: Annablume, 2009.

KIRSCHNER, Tereza Cristina. A reflexão conceitual na prática historiográfica. *Textos de História*, v. 15, n. 1/2, Brasília, 2007. Disponível em: <<https://goo.gl/EQNFwm>>. Acesso em: 07/02/2013.

KOPPLIN, Elisa; FERRARETO, Luiz Artur. *Assessoria de Imprensa: teoria e prática*. Porto Alegre: Sagra-DC Luzzato editores, 2009.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto / Ed. PUC-Rio, 2006.

\_\_\_\_\_. *Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos*. Revista Estudos Históricos, v. 5, n. 10, Rio de Janeiro, 1992. Disponível em: <<https://goo.gl/Hakc4u>>. Acesso em: 07/02/2013.

KUMAR, Nita. *Women as subjects: South Asian histories*. Charlottesville: University Press of Virginia, 1994.

LAGATA, Carla; BALZER, Carsten; BERREDO, Lukas. 2.190 asesinatos son sólo la punta del iceberg – Una introducción al proyecto Observatorio de Personas Trans Asesinadas. Informe anual del TMM. *Transgender Europe*, Serie de Publicaciones TvT, vol. 15, oct. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/Vo2AnI>>. Acesso em: 10/03/2017.

LANDER, Edgardo. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêtricos In: \_\_\_\_\_. (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. (e-book).

LANGENSCHIEDT. *Langenscheidts universal-wörterbuch - Portugiesisch*. Berlin: Langenscheidt, 1978.

LAQUEUR, Thomas. *Making Sex: body and gender from the greeks to Freud*. Cambridge: Harvard University Press, 1990.

LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

LEITE JUNIOR, Jorge. Participação na mesa: Educação e saúde: aprendizados. In: SESC EM SÃO PAULO. *I Seminário Queer*. YOUTUBE, 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/4iCxKG>>. Acesso em: 30/10/2016.

LEMONS, André. Ciber-cultura remix. Trabalho apresentado Seminário Sentidos e Processos - Mostra Cinético Digital. Centro Itaú Cultural. São Paulo, Itaú Cultural, agosto de 2005. Disponível em: <<https://goo.gl/UW7eMR>>. Acesso em: 03/04/2013.

LIMA, Renato Sérgio de; BUENO, Samira. (coords). *Anuário brasileiro de segurança pública - 2016*. São Paulo: Forum Brasileiro de Segurança Pública, 2016.

LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. O campo da comunicação: reflexões sobre o seu estatuto disciplinar. *Revista USP*, São Paulo, n.48, dezembro/fevereiro 2000-2001. p. 46-57. Disponível em:<<https://goo.gl/6mYKYS>> . Acesso em: 10/12/2016.

LORDE, Audre. *Sister outsider*. Berkeley: Crossing Press, 1984.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LUDDEN, David. Introduction: a brief history of subalternity. In: \_\_\_\_\_. (edit.). *Reading Subaltern Studies: critical history, contested meaning and the globalization of South Africa*. London: Anthem Press, 2002.

LUDMER, Josefina. Las tretas del débil. In: GONZÁLES, Patricia Elena; ORTENA, Eliana (edits.). *La sartén por el mango*. Rio Piedras: Ediciones EB Huracan, 1985.

LUNA, Sarah Borges. *O rock e a contracultura: invenções turísticas em um passeio mágico misterioso*. Monografia (Especialização). Pós-Graduação lato sensu em Arte e Cultura. Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro, 2012.

MACHADO, Roberto. Introdução: Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, [1979], 2004.

MALDONADO, A. Efendy. Procesos comunicacionales, recepción, educación y transmetodología. In: \_\_\_\_\_; BONIN, Jiani Adriana, ROSÁRIO, Nísia Martins do. (orgs). *Metodologías de investigación en comunicación: perspectivas transformadoras en la práctica investigativa*. Quito: CIESPAL, 2013. (e-book)

\_\_\_\_\_. Produtos midiáticos, estratégias, recepção. A perspectiva transmetodológica. *Ciberlegenda*, Rio de Janeiro, nº 9, 2002. p. 1-23. Disponível em:<<https://goo.gl/r3df2I>>. Acesso em: 10/03/2014.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. *A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MARCONDES, Danilo. *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 2005.

MARISTANY, José Javier. Una teoría queer latinoamericana?: postestructuralismo y políticas de la identidad en Lemebel. *Revista Lectures du Genre*, nº4, 2008, p. 17-25.

MARONESE, Nicholas. Cop's 'slut' comment draws backlash from guerilla activists. *Excalibur* - York University's Community Newspaper, Toronto, 02 mar. 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/NkFPwp>>. Acesso em: 02/02/2015.

MARTEL, Frédérick. *Mainstream: a guerra global das mídias e das culturas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

MARTINO, Luís Mauro Sá. A ilusão teórica no campo da comunicação. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, nº 36, ago 2008. p. 11-117. Disponível em: <<https://goo.gl/404iug>>. Acesso em: 10/12/2016.

MARX, Karl. *O 18 brumário e Cartas a Kugelmann*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MATTELART, Armand. *Diversidade cultural e mundialização*. São Paulo: Parábola, 2005.

\_\_\_\_\_; MATTELART, Michèle. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Ed. Loyola, 2012.

\_\_\_\_\_; NEVEU, Érik. *Introdução aos Estudos Culturais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Madrid: Melusina, 2011.

MCCAUGHEY, Martha. Cyberactivism 2.0: Studying cyberactivism a decade into the participatory web. In: MCCAUGHEY, Martha. *Cyberactivism on the participatory web*. New York: Routledge, 2014.

MCROBBIE, Angela. Looking back at New Times and its critics. In: MORLEY, David; CHEN, Kuan-Hsing. (eds). *Stuart Hall: Critical dialogues in cultural studies*. New York: Routledge, 2005. (e-book).

\_\_\_\_\_. Settling accounts with subcultures: a feminist critique. In: FRITH, Simon; GOODWIN, Andrew (eds.). *On record: rock, pop, and the written word*. New York: Routledge, 1990. (e-book).

\_\_\_\_\_. Women's working lives in the "new" university. *openDemocracy*. 10/08/2015. Disponível em: <<https://goo.gl/rpr6Zf>> . Acesso em: 14/12/2016.

MELUCCI, Alberto. Um objetivo para os movimentos sociais?. *Lua Nova*, São Paulo, n. 17, p. 49-66, Junho 1989. Disponível em: <<https://goo.gl/wEwXjs>>. Acesso em 10/07/2015.

MERK, Frederick. *Manifest Destiny and mission in american history: a reinterpretation*. Cambridge: Harvard University Press, 1995.

MESSIAS, Adriano. Todos os monstros da Terra: bestiários do cinema e da literatura. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/gfg9qW>>. Acesso em: 20/05/2017.

MEZZADRA, Sandro. Introducción. In: \_\_\_\_\_. (edit.). *Estudios post-coloniales: ensayos fundamentales*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2008. (e-book).

MIANI, Rozinaldo Antonio et al. O “estado da arte” da produção científico-acadêmica editorial em comunicação social no Brasil – 1995-2005. XXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2006, Brasília. *Anais...* Disponível em: <<https://goo.gl/OCwqH9>>. Acesso em 20/11/ 2014.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, A. M. Por uma razão decolonial: desafios ético políticoepistemológicos à cosmovisão moderna. *Civitas – Revista de Ciências Sociais*. v. 14, n. 1, 2014, p. 66-80. Disponível em: <<https://goo.gl/oCLPy5>>. Acesso em: 12/12/2015.

MIGNOLO, Walter. Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF – dossiê: Literatura, língua e identidade*, nº 34, p. 287-324, 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/KckOzl>>. Acesso em: 27/02/2013

MILLS, C. Wright. Do artesanato intelectual. In: *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

MISIROGLU, Gina. (edit.). *American Conuntercultures: na encyclopedia of nonconformists, alternative lifestyles, and radical ideas in U.S. history*. Armonk, New York: Sharpe Reference, 2009.

MISKOLCI, Richard. Participação na mesa: Contra-hegemonias - os Estudos Queer entre os saberes insurgentes. In: SESC EM SÃO PAULO. *I Seminário Queer*. YOUTUBE, 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/WmeFyg>>. Acesso em: 30/10/2016.

MOHANTY, Chandra Talpade. *Feminism without borders: decolonizing theory, practicing solidarity*. Durham: Duke University Press, 2003.

MONTORO, Tania; FERREIRA, Ceíça. Gênero e raça: um mergulho nos estudos de comunicação e recepção. *Animus*, v. 13, n. 25, 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/BaxKHe>>. Acesso em: 10/06/2016.

MORLEY, David; CHEN, Kuan-Hsing. Introduction. In: MORLEY, David; CHEN, Kuan-Hsing. (edits). *Stuart Hall: Critical dialogues in cultural studies*. New York: Routledge, 2005. (e-book).

MORRIS, Meaghan. *The Pirate's Fiancée: feminism, reading, postmodernism*. London: Verso, 1988.

MORRIS, Rosalind. Introduction. In: \_\_\_\_\_. *Can the subaltern speak?: reflections on the history of an idea*. New York: Columbia University Press, 2010.

MORRISON, T. G., et al. You Know Who the Sluts Are: A Qualitative Analysis of the "SlutWalk". *Advances in Applied Sociology*, 4, 2014, p. 180-189. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.4236/aasoci.2014.47022>>. Acesso em: 20/03/2015.

MUCHEMBLED, Robert. *Uma história do diabo: séculos XII-XX*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.

MUÑOZ, Alfonso Ceballos. Teoría Rarita. In: GARCIA, David Córdoba. Teoría queer: reflexiones sobre sexo, sexualidad e identidad. Hacia una politización de la sexualidad. In: CÓRDOBA, David; SAEZ, Javier; VIDARTE, Paco (edits.). *Teoría Queer: políticas bolleras, maricas, trans, mestizas*. Madrid: Egales, 2005.

MUÑOZ, José Esteban. *Cruising utopia: the then and there of queer futurity*. New York: New York University Press, 2009.

\_\_\_\_\_. *Disidentifications: queers of color and the performance of politics*. Mineapolis: University of Minnesota Press, 1999.

NASCIMENTO, Tatiana. Apocalipse Cuíer. *Palavra, Preta!* 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/SWeQty>>. Acesso em: 10/07/2017.

NEVEU, Érik. Généalogie des Cultural Studies. In: *Colloque Cultural Studies: genèse, objets, traductions*. Paris: Éditions de la Bibliothèque Centre Pompidou, 2010.

NUNES, Máira de Souza. Modernidade e civilização na imprensa francesa oitocentista: o romance-folhetim. *Tuiuti: Ciência e Cultura*, n. 48, Curitiba, 2014. p. 33-49. Disponível em: <<https://goo.gl/wN16rs>>. Acesso em: 29/03/2016.

NYE Jr., Joseph S. Soft Power. *Foreign Policy*, No. 80, Twentieth Anniversary, Autumn, 1990. p. 153-171. Disponível em: <https://goo.gl/CxIeS4>. Acesso em: 20/02/2017.

O'HANLON, Rosalind. Recovering the subject Subaltern Studies and histories of resistance in colonial South Asia. *Modern Asian Studies*, 22, I, 1988. pp. 189-224. Disponível em: <<https://goo.gl/qbvY1b>>. Acesso em: 27/01/2016.

ORTIZ, Renato. A Escola de Frankfurt e a Questão da Cultura. *Revista Sociologia em Rede*, vol. 6 num. 6, 2016. p. 203-242. Disponível em: <<https://goo.gl/BmhV85>>. Acesso em: 10/02/2017.

OXFORD DICTIONARIES. *Queerness*. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/sjVwQw>>. Acesso em: 12/06/2017.

\_\_\_\_\_. *Slut*. 2017b. Disponível em: <<https://goo.gl/F8c95E>>. Acesso em: 12/06/2017.

PADILHA, Felipe; FACIOLI, Lara. É o queer tem pra hoje? Conversando sobre as potencialidades e aproximações da teoria queer ao sul do equador – entrevista com Berenice Bento. *Asceses*, v. 2, n. 1, 2015. p. 143-155. Disponível em: <<https://goo.gl/hKkBRd>>. Acesso em: 23/10/2016.

PARKER, Rozsika. *The subversive stitch: embroidery and the making of the feminine*. New York: I. B. Tauris, 2013.

PATEMAN, Carole. *O contrato sexual*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PELÚCIO, Larissa. Breve história afetiva de uma teoria torcida. *Revista Florestan Fernandes*. Dossiê Queer. v. 2, 2014a, p. 26-45. Disponível em: <<https://goo.gl/qUWQH4>>. Acesso em: 23/10/2016.

\_\_\_\_\_. Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos queer. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, v. 2, n. 2, jul-dez 2012, pp. 395-418. Disponível em: <<https://goo.gl/LjOD3X>>. Acesso em: 10/02/2014.

\_\_\_\_\_. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil? *Periódicus*, v.01, 2014b. p. 68-91. Disponível em: <<https://goo.gl/AiQraa>>. Acesso em: 23/10/2016.

PEREIRA, Maria do Mar. Ativismo na "academia sem paredes": (im)possibilidades de intervenção política em tempos de performatividade e precariedade. *LES: Journal of Lesbian Issues*, vol. 3, n. 1, 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/XD2ltL>>. Acesso em: 12/12/2016.

PERELMAN, Chalm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PESSANHA, José Américo da Motta. *Platão (Os Pensadores)*. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Perseu Abramo, 2007.

PISANI, Francis e PIOTET, Dominique. *Como a web transforma o mundo: a alquimia das multidões*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2010.

POLANYI, Karl. *A grande transformação: as origens da nossa época*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2000.

PORTAL TERRA. Ibope: 46% dos manifestantes nunca tinham participado de protesto de rua. Disponível em: <<https://goo.gl/SnINMk>>. Acesso em 10/07/2013.

PRECIADO, Paul (Beatriz). *Manifesto contrassexual*. São Paulo: n-1 edições, 2014.

\_\_\_\_\_. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 19(1): 312, janeiro-abril/2011. Disponível em <<https://goo.gl/ENysg4>>. Acesso em 10/12/2013.

\_\_\_\_\_. Nós dizemos revolução. *Rede Universidade Nômade*. 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/SQ9gqx>>. Acesso em 20/02/2014.

PRIMO, Alex. Interações mediadas e remediadas: controvérsias entre as utopias da cibercultura e a grande indústria midiática. In: \_\_\_\_\_. (org.). *Interações em rede*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

PRUDÊNCIO, Kelly Cristina. *Mídia Ativista: a comunicação dos movimentos por justiça global na internet*. Florianópolis: UFSC, 2006. 207 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Sociologia Política, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

QUIJANO, Anibal. El regreso del futuro y las cuestiones del conocimiento. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 61, 2001. Disponível em <<https://goo.gl/tPrdZs>>. Acesso em 01/09/2012.

QUINTERO, Alejandro Pizarroso. *História da propaganda política: notas para um estudo da propaganda política e de guerra*. Lisboa: Planeta Editora, 2011.

\_\_\_\_\_. La historia de la propaganda: una aproximación metodológica. *Historia y Comunicación Social*, número 4, 1999. p. 145-171. Disponível em: <<https://goo.gl/kbPTxQ>>. Acesso em: 12/12/2016.

RECUERO, Raquel. *A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais da internet*. Porto Alegre, Sulina, 2012.

\_\_\_\_\_. *Redes Sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

RAHEJA, Gloria Goodwin; GOLD, Ann Grodzins. *Listen to the Heron's Words: Reimagining Gender and Kinship in North India*. Berkeley: University of California Press, 1994. (e-book).



RANCIÈRE, J. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: EXOExperimental.org./Ed. 34, 2005.

RHEINGOLD, Howard. *Smart mobs: the power of the mobile many*. 2002. Disponível em: <<https://goo.gl/EF1KEL>>. Acesso em: 02/04/2015.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas*, v. 4, n.5, jan./jun. 2010, p. 17-44. Disponível em: <<https://goo.gl/5mSz1k>>. Acesso em: 27/01/2016.

RIVAS, Felipe. Diga “queer” con la lengua afuera: Sobre las confusiones del debate latinoamericano. In: CUDS. *Por un feminismo sin mujeres: fragmentos del segundo circuito dissidencia sexual*. Santiago: Territorios Sexuales Ediciones, 2011. (e-book).

ROBERTSON, Kirsy. Rebellious doilies and subversive stiches: writing a craftivist history. In: BUSZEK, Maria Helena. (edit.). *Extra/Ordinary: craft and contemporary art*. Durham: Duke University Press: 2011.

RODRIGUES, André Iribure; LAZARIN, Lucas Roecker. Um levantamento dos estudos das homossexualidades nos programas de pós-graduação em Comunicação Social de 1992 a 2008. *Conexão - Comunicação e Cultura*, v. 13, . 26, jul-dez 2014. p. 207-226. Disponível em: <<https://goo.gl/lbtD9v>>. Acesso em: 20/08/2016.

ROSA, Carlos Augusto de Proença. *História da Ciência*. Vol III. Brasília: FUNAG, 2012.

ROSZAK, Theodore. *El nacimiento de una contracultura: reflexiones sobre la sociedad tecnocrática y su oposición juvenil*. Barcelona: Editorial Kairós, 1970.

RUDÉ, Georges. *A multidão na história: estudos dos movimentos populares na França e Inglaterra 1730-1848*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

RUSSELL, Jeffrey Burton. *The Devil: perceptions of evil from antiquity to primitive christianity*. Ithaca: Cornell University Press. 1987.

\_\_\_\_\_. *Lucifer: the devil in the middle ages*. Ithaca: Cornell University Press. 1984.

\_\_\_\_\_. *The prince of darkness: radical evil and the power of good in history*. Ithaca: Cornell University Press. 1992.

SAEZ, Javier. El contexto sociopolítico de surgimiento de la teoría queer. De la crisis del SIDA a Foucault. In: CÓRDOBA, David; SAEZ, Javier; VIDARTE, Paco (eds.). *Teoría Queer: políticas bolleras, maricas, trans, mestizas*. Madrid: Egales, 2005.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

SAFIRE, William. *Quote of the Maven*. New York: Random House, 1993. Disponível em: <<https://goo.gl/dn0S34>>. Acesso em: 15/01/2014.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAKAMOTO, Leonardo. Em São Paulo, O Facebook e o Twitter foram às ruas. In: MARICATO, Ermínia et al. *Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2013.

SANT'ANA, Tiago. Outras cenas do queer à brasileira: o grito gongadeiro de Jomard Muniz de Britto no cinema da Recinfernália. 2016. 124f. Dissertação (Mestrado) - Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

SANTOS, Dyane Brito Reis. *Para além das cotas: a permanência de estudantes negros no ensino superior como política de ação afirmativa*. 2009. 214fl. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 2009.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCOTT, James C. *Weapons of the weak: everyday forms of peasant resistance*. New Haven: Yale University Press, 1985. Disponível em: <<https://goo.gl/Q32zqZ>>. Acesso em: 30/10/2016.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v.20, n.2, 1995, p. 71 – 100. Disponível em: <<https://goo.gl/S9Vf94>>. Acesso em: 20/08/2016.

\_\_\_\_\_. História das mulheres. In: BURKE, Peter.(org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

SECCO, Lincoln. As Jornadas de Junho. In: MARICATO, Ermínia et al. *Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2013.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Touching Feeling: affect, pedagogy, performativity*. Durham: Duke University Press, 2003.

SEIGWORTH, Gregory J.; GREGG, Melissa. An inventory of shimmers. In: GREGG, Melissa; SEIGWORTH, Gregory J. *The Affect Theory Reader*. Durham: Duke University Press, 2010.

SENNETT, Richard. *O artífice*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SEVCENKO, Nicolau. O professor como corretor. *Folha de São Paulo*, Caderno Mais, 04/06/2000. Disponível em: <<https://goo.gl/rRfIJP>>. Acesso em: 10/01/2017.

SHAFFER, D. Michael. *Deadly Paradigms: the failure of U.S. counterinsurgency policy*. New Jersey: Princeton University Press, 1989.

SIERRA, Jamil Cabral. *Marcos da vida viável, marcas da vida vivível: o governo da diversidade sexual e do desafio de uma ética/estética pós-identitária para teorização político-educacional LGBT*. 2013. 228f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

SILVA, Lourdes Ana Pereira; JOHN, Valquiria Michaela. Identidades de gênero nos estudos de recepção de telenovela: um olhar sobre a produção stricto sensu da última década. *Revista Famecos*, vol. 23, n. 2, 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/ZV1Q5G>>. Acesso em: 14/09/2016.

SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SLAUGHTER, Sheila; LESLIE, Larry L. Expanding and Elaborating the Concept of Academic Capitalism. *Organization*, 8 (2), Londres, 2001. p. 154-161

SOARES, Vera. Muitas faces do feminismo no Brasil. In: BORBA, Ângela; FARIA, Nalu; GODINHO, Tatau (orgs.). *Mulher e política: gênero e feminismo no Partido dos Trabalhadores*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998. Disponível em: <<https://goo.gl/P5Eqk1>>. Acesso em: 10/04/2013.

SODRÉ, Muniz. Comunicação: um campo em apuros teóricos. *Matrizes*, São Paulo, ano 5, nº 2, jan-jun 2012. p. 11-27. Disponível em: <<https://goo.gl/6Ves2H>>. Acesso em: 10/12/2016.

\_\_\_\_\_. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 2006.

\_\_\_\_\_. Por um conceito de minoria. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (orgs.). *Comunicação e cultura das minorias*. São Paulo: Paulus, 2005.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (orgs.) *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

SOUZA, Fabio Feltrin de; BENETTI, Fernando José. Historiografando a abjeção: uma arqueografia dos estudos queer no Brasil (1990-2000). *Contemporâneos - Revista de Artes e Humanidades*, nº12, nov-abril, 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/tzWqyE>>. Acesso em: 03/02/2016.

SOUZA, Humberto da Cunha Alves de. Memes(?) do Facebook: reflexões sobre esse fenômeno de comunicação da cultura ciber. *Temática*. Ano X, n. 07 – Julho/2014. p. 156-173. Disponível em: <<https://goo.gl/wYqk9b>>. Acesso em: 12/06/2017.

SPARGO, Tamsin. *Foucault and queer theory*. Cambridge: Icon Books, 1999. (e-book).

SPEKTOR, Matias. A formação da elite brasileira patina e condena o país ao atraso. *Folha de São Paulo, Colunistas*, 22/12/2016. Disponível em: <<https://goo.gl/4SSz6W>>. Acesso em: 30/12/2016.

SPINELLI, Miro (Tamiris). Ode ao real abjeto. *Blogueiras Feministas*. 06 mar 2013. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2013/03/ode-ao-real-abjeto/>>. Acesso em: 20/02/2014.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Estudios de la Subalternidad. Deconstruyendo la Historiografía. In: MEZZADRA, Sandro (edit.). *Estudios post-coloniales: ensayos fundamentales*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2008. (e-book).

\_\_\_\_\_. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STABILE, Carol A. The nightmare voice of feminism: feminism and cultural studies. In: SMITH, Paul. *The renewal of cultural studies*. Philadelphia: Temple University Press, 2011.

STAROBINSKI, Jean. *As máscaras da civilização: ensaios*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

STARR, Clinton. *Bohemian Resonance: the beat generation and urban countercultures in the united states during the late 1950s and early 1960s*. Dissertation (Doctoral Degree). Faculty of the Graduate School of the University of Texas. Austin, 2005.

TÜRCKE, Christoph. *A sociedade excitada: filosofia da sensação*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2010.

TURNER, William B. *A genealogy of queer theory*. Philadelphia: Temple University Press, 2000.

VEIGA, Ana Lygia Vieira Schil. Caderno de Artífice: *Fiar a escrita - a arte manual do escrever em uma oficina de fiação artesanal*. São Paulo: Círculo das Artes, 2017.

VIDAL-ORTIZ, Salvador; VITERI, María Amelia; SERRANO AMAYA, José Fernando. Resignificaciones, prácticas y políticas queer en América Latina: otra agenda de cambio social. *Nómadas*, Bogotá, n. 41, julho 2014 . p. 185-201, Disponível em: <<https://goo.gl/NJgw1H>>. Acesso em: 25/06/ 2016.

VITTO, Renato Campos Pinto de. (coord.). *Levantamento nacional de informações penitenciárias* - INFOPEN. Brasília: Departamento Penitenciário Nacional, 2014.

VIVIANE V. (SIMAKAWA, Viviane, Vergueiro). *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. 2015. 244f. Dissertação (Mestrado) - Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

WASELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres*. Brasília: Flacso, 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/QBEzVY>>. Acesso em: 10/03/2017.

WALIA, Harsha. Slutwalk: To march or not to march. *Rabble.ca*, 2011. Disponível em: <http://rabble.ca/news/2011/05/slutwalk-march-or-not-march>. Acesso em: 01/04/2015.

WARNER, Michael (edit.). *Fear of a queer planet: queer politics and social theory*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.

WAUTIER, Anne Marie. Do ator ao sujeito: ainda existe um lugar para uma ação coletiva pelo trabalho? *Contexto e Educação* - Editora UNIJUÍ - Ano 16 - nº 63 - Jul./Set. 2001. p. 35 – 56. Disponível em: ,<https://goo.gl/rcDYvB>>. Acesso em: 13/03/2013.

WEIL, Pierre. Introdução ao tema da normose. In: \_\_\_\_\_; LELOUP, Jean-Yves; CREMA, Roberto. *Normose: a patologia o da normalidade*. Campinas: Verus, 2003.

WILLIAMS, Raymond. *Keywords: a vocabulary of culture and society*. New York: Oxford University Press, 1983.

WOMEN'S STUDIES GROUP. *Women take issue: aspects of women's subordination*. New York: Routledge, 2007.

YOUNG, Robert J. C. *Postcolonialism: a very short introduction*. New York: Oxford University Press, 2003.

## FONTES – DISSERTAÇÕES E TESES

AGUSTONI, Marina. *O corpo ciborgue na publicidade de moda: o papel do jeans*. 2011. 118f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

ALENCAR, Sílvia Sampaio de. *Prostitutas reconfiguradas: artimanhas da marca Daspu na visibilidade dos meios impresso e digital*. 2012. 190f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

ALENCASTRO, Lucilia de Sá. *Revista “Para Todos...”: um estudo da imagem da mulher nas ilustrações de J. Carlos*. 2013. 157f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2013.

ALLES, Natália Ledur. *Dos estigmas a uma autonomia possível: enquadramentos comunicacionais e narrativas pessoais sobre as experiências de ser prostituta*. 2015. 305f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015.

ALMEIDA, Adilson Rogério de. *Do virtual ao real: comunicação, sexo e internet*. 2014. 226f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Comunicação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2014.

ALMEIDA, Bibiana Stohler Sabença de. *Produção de sentido em programas de tevê: representações femininas e modelos de consumo*. 2011. 178f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

ALMEIDA, José Renato Fonseca de. *Relações entre Corpo e Poder: estratégias de comunicação e performatividade*. 2007. 164f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

ALMEIDA, Mariane Tojeira Cara. *A imagem das adolescentes na web: a busca pela corporeidade espetacular*. 2013. 249f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

ALVES, Nara Tsujimoto Teixeira. *A conversação cívica sobre a questão do aborto em redes sociais na internet*. 2011. 118f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2011.

AMARAL, Muriel Emídio Pessoa do. *Representação do Corpo Masculino: relações de imagem, identidade e cultura sobre o corpo masculino no jornal Lampião da*

Esquina e na revista Junior. 2013. 193f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2013.

AMARANTE, Maria Inês. *Guerrilheiras da palavra: rádio, oralidade e mulheres em resistência no Timor-Leste*. 2010. 278f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

ANKERKRONE, Marcela Bezelga Francfort. *Consumo de moda e representações nas telenovelas: A construção da identidade da mulher plus size*. 2015. 171f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo, Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2015.

ANTONIO, Celso Agostinho. *Revistas femininas e a plasticidade do corpo: a progressiva modelagem comunicativa*. 2009. 124f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2009.

ANTUNES, Bianca. *Espelhos deformantes: mulheres, representações e identidade no discurso de Marie Claire e Malu*. 2008. 250f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

AQUINO, Denise Marciano de. *As mulheres da capa: uma análise semiótica de traços, cores e performances ilustrados na revista feminina Grande Hotel em finais da década de 40*. 2011. 90f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

ARAÚJO, Marcella Grecco de. *Representações do feminino no cinema brasileiro de ficção: Mar de rosas, Um céu de estrelas e Trabalhar cansa*. 2015. 91f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

ASSOLINI, Rita De Cássia Schultheis Trevisan. *Adolescência e sexualidade: uma análise do discurso da mídia segmentada*. 2009. 140f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Comunicação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2009.

ASSUNÇÃO, Diego Paleólogo. *A Máquina de fabricar vampiros: tecnologias da morte, do sangue e do sexo*. 2015. 223f. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

AVEIRO, Giovanna Lícia Rocha Triñanes. *Mulheres na revista TPM: análise discursiva da construção da singularidade feminina*. 2015. 206f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.



AZEVEDO, Marina de Fátima Senra. *Análise de seis cartazes oficiais sobre a vida das mulheres em relação ao HIV e à Aids*. 2013. 100f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

BAGGIO, Adriana Tulio. *Mulheres de saia na publicidade: regimes de interação e de sentido na construção e valoração de papéis sociais femininos*. 2014. 217f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

BALDESSAR, Regina Amábile. *A “nova” mulher: jornalismo, identidade feminina e cultura do narcisismo*. 2008. 165f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2008.

BALDUZZI, Roberto. *Representações do gênero masculino na propaganda de moda voltada à mulher: revista ‘Vogue’*. 2014. 119f. Dissertação - (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, 2014.

BALTHAZAR, Ana Carolina Barreto. *Tanto eu quanto o outro: um estudo sobre o consumo de jovens mulheres de classe alta da zona sul do Rio de Janeiro*. 2011. 123f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

BANDEIRA, Ana Paula Bornhausen da Silva. *Jornalismo feminino em Santa Catarina: uma análise do suplemento Donna, DC, do Diário Catarinense*. 2012. 139f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

BARBOSA, Sandra Couto. *Desvendando imagens, revirando páginas: a construção do feminino nas revistas da década de 1960 (Brasil e Inglaterra, a circularidade da cultura)*. 2014. 141f. Dissertação - (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, 2014.

BARRERAS, Sandra Eliane Oliveira Bittencourt de. *O agendamento do aborto na campanha presidencial brasileira em 2010: reverberação e silenciamento estratégicos entre imprensa, mídias sociais e candidatos*. 2013. 367f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

BARRETO, Nayara Matos Coelho. *Performances do feminino: o lugar da beleza nas vitrines midiáticas*. 2014. 152f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

BARROSO, Fernando Luiz Alves. *Jornal do Nuances: a prática midiática de uma ONG de Porto Alegre - RS para o confronto político entre o "gay classe média" e a "bicha bafona"*. 2007. 310f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em

Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007.

BATISTA, Beatriz Beraldo. *Por saias e causas justas: feminismo, comunicação e consumo na Marcha das Vadias*. 2014. 168f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo,. Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2014.

BATISTA, Nadezhda Bezerra. *Mulheres de verdade e discursos verossímeis: novas práticas discursivas na publicidade de cosméticos*. 2007. 121f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

BAUCHWITZ, Nahara Verônica. *O popular e o não-popular na imprensa feminina: aproximações e dispersões no estilo e no discursodas revistas AnaMaria e Claudia*. 2009. 143f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

BECKER, Gisele. *A construção da imagem da prostituição e da moralidade em Porto Alegre pelo jornal Gazetinha: Uma análise dos códigos sociais segundo a Hipótese de Agendamento (1895-1897)*. 2007. 207f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

BENITES, Tatiana Pacheco. *Orquestras sensoriais: processo de comunicação no varejo de moda íntima*. 2010. 152f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2010.

BENÍTEZ, José Ramón Díaz. *Pornografia bizarra no Brasil*. 2015. 126f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

BERNARDES, Márcia. *Jovens e internet: usos sociais e sociabilidades juvenis femininas em uma instituição de acolhimento*. 2012. 151f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012.

BERNARDES, Saimon. *Mulheres digitais: uma tendência na comunicação visual pós-moderna*. 2007. 248f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

BITTELBRUN, Gabrielle Vivian. *O jornalismo de Claudia: tecnologias de normatização e cuidado de si da mulher*. 2011. 144f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

BOAVENTURA, Gustavo Freire. *Corpos perfumados: os homens em anúncios da revista Men's Health*. 2013. 128f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

BOFF, Ediliane de Oliveira. *De Maria a Madalena: representações femininas nas histórias em quadrinhos*. 2014. 309f. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

BOHN, Edgard. *A Revista Capricho: imaginário, ficção ou realidade*. 2007. 211f. Dissertação - (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, 2008.

BORATO, Roberta de Souza. *Mediação das identidades e representações étnicas pela telenovela Insensato Coração: estudo de recepção dos militantes negros*. 2012. 116f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

BORGES, Carlise Nascimento. *Mídia e Envelhecimento Feminino: transformações no corpo e implicações subjetivas*. 2012. 105f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

BRAGA, Adriana Andrade. *Feminilidade Mediada por Computador: interação social no circuito blog..* 2006. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2006.

BRASILIANSE, Maria Bernadete. *Fotografias do corpo feminino: Um espaço onde as representações corporais da mulher madura são construídas e reveladas*. 2007. 237f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

BRAUN, Helen Garcez. *As múltiplas prisões femininas: um estudo sobre os textos e contextos midiáticos no ambiente prisional*. 2013. 176f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

BRONSTEIN, Michelle Muniz. *Consumo e adolescência: Um estudo sobre as revistas femininas brasileiras*. 2008. 112f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

BUENO, Mausi Paulina Bocchino. *Representações femininas na revista Claudia dos anos 1980: sentido do texto e o texto sentido*. 2009. 150f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2009.

BUENO, Murilo Gabriel Berardo. *Cinema e arquétipos femininos: Representação das relações de gênero na filmografia de Tata Amaral*. 2012. 169f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

BUENO, Noemi Correa. *Jornalismo impresso e relações de gênero: enquadramentos da Folha de São Paulo e d'O Estado de S.Paulo do caso de hostilização a uma estudante*. 2010. 201f. Dissertação - (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, 2010.

CAMARGO, Andréa Barbosa. *O mito feminino em rótulos de cachaca: uso da sedução como estratégia publicitária*. 2007. 101f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

CAMPOS, Danieli Aparecida. *Pra que rimar amor e dor? Análise das representações da violência de gênero na revista "Marie Claire" (2002-2011)*. 2013. 187f. Dissertação - (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, 2013.

CAMPOS, Rubens Aparecido. *A representação da mulher negra na revista Cláudia*. 2014. 103f. Dissertação - (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, 2014.

CARDIM, Fernanda Nardelli de Carvalho. *Coisa de gente grande: representações dos adultos nas histórias da Turma da Mônica*. 2010. 238f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

CARDOSO, Solange Baladelli. *Manifestação da cultura organizacional: estudo com a aparência da mulher em empresas metalúrgicas multinacionais de Sorocaba e região*. 2011. 168f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2011.

CARRIJO, Gilson Goulart. *(Re)apresentações do outro : travestilidades e estética fotográfica*. 2012. 3015f. Tese (Doutorado) - Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

CARVALHO, Antonio Pires. *A representação da secretária no cinema*. 2008. 168f. Dissertação - (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Anhembi-Morumbi, São Paulo, 2008.

CARVALHO, Carlos Alberto de. *Atores em disputa de sentido: jornalismo e homofobia nas narrativas da Folha de São Paulo e O Globo*. 2010. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

CARVALHO, Cristiane Portela de. *A construção da identidade feminina em Veja*. 2006. 135f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

CARVALHO, Larissa Akabochi de. *As mulheres na sociedade da informação: acesso, uso e apropriação da leitura*. 2014. 239f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

CARVALHO, Vanderli Duarte de. *A resignificação da linguagem na relação multiprofissional da saúde: relatos pessoais de mulheres com câncer de mama*. 2011. 194f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Comunicação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2011.

CASALI, Caroline. *Revistas: configuração do relacionamento entre homem e mulher como estratégia de segmentação do público*. 2006. 238f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2006.

CHACON, Juliana Porto. *Estética Cinematográfica do "Estranho" Feminino em Carrie, a Estranha*. 2007. 188f. Dissertação - (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, 2007.

CIMINO, Vânia Regina Alvarez. *O elemento feminino veiculado pela TV e os distúrbios em adolescentes do sexo feminino*. 2006. Dissertação - (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, 2006.

CLEMENTE, Ana Priscila Silva. *Os blogs de mulheres e a construção de uma cibercultura feminina*. 2010. 114f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

COELHO, Patrícia Margarida Farias. *O fetichismo na publicidade: análise semiótica da campanha Demoníaca da lingerie da marca Duloren*. 2010. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

COLETTI, Luiz Henrique. *O movimento LGBT e a mídia: tensões, interações e estratégias no Brasil e nos Estados Unidos*. 2013. 278f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

CONTRERAS, Carolina Andrea Díaz. *Personagens femininas na filmografia de Sofia Coppola: representações e identidade no cinema contemporâneo*. 2009. 129f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

CORREA, Laura Guimarães. *Mães cuidam, pais brincam: normas, valores e papéis na publicidade de homenagem*. 2011. 254f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

COSTA, Adriana Modesto. *O masculino na publicidade da Playboy: a construção da figura do homem nos anúncios da revista*. 2013. 107f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

COSTA, Daiane dos Santos. *A midiaticização dos comportamentos femininos: uma análise dos blogs de revistas e da busca pelo aconselhamento nas redes*. 2014. 106f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014.

COSTA, Deyvisson Pereira da. *Corporeidades em tempos de biopoder: o discurso midiático sobre o cuidado com o corpo*. 2009. 97f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

COSTA, Fábio Soares da. *Recepção midiática e representações simbólicas da mulher entre jovens consumidores do forró eletrônico*. 2015. 201f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2015.

COSTA, Fernanda Miranda Alves. *Performances do feminino: a pin-upização de celebridades brasileiras*. 2014. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

COSTA, Larissa Ortiz Tavares. *Comunicação e valores do masculino: a construção da identidade na relação entre corpo e moda*. 2007. 92f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

COSTA, Patricia Martins. *Sexo na propaganda: da sedução ao desejo de consumo*. 2006. 147f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

COSTA, Stéphanie Lyanie de Melo e. *Comunicação, campanhas e bioidentidades: discursos sobre o HIV entre governos, OSCS e soropositivos*. 2014. 204f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

COSTA, Vera Teresa Spcht da. *As representações da homossexualidade feminina na esfera pública virtual*. 2008. 179f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

COUTINHO, Lúcia Loner. *Antônia sou eu, Antônia é você*: identidade de mulheres negras na televisão brasileira. 2010. 186f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

COUTO, Paloma Rodrigues Destro. *Um jogo de Rainhas*: as mulheres de Game of Thrones. 2015. 124f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

CRETAZ, Lívia. *Vilania e homossexualidade*: o personagem Félix Khoury da telenovela Amor à vida nas leituras da comunidade LGBT na cidade de SP. 2015. 172f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo,. Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2015.

CRUZ, Carole Ferreira da. *Ativismo anti-homofobia*: embates político-midiáticos da rede LGBT na internet. 2014. 180f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.

CRUZ, Joliane Olschowsky da. *Mulher na Ciência*: representação ou ficção. 2007. 241f. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CUNHA, Maria Aparecida Ladeira da. *Nas ruas e nas redes*: ativismo e ecologia da comunicação na Marcha Mundial das Mulheres. 2015. 104f. Dissertação - (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, 2015.

D'ABREU, Patrícia Cardoso D'Abreu. *Autografia*: A escritura do feminino no universo das imagens técnicas. 2014. 213f. Tese (Doutorado) - Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

DALA SENTA, Clarissa Raquel Motter. *Envelhecimentos e velhices*: novos olhares sobre a representação do feminino em filmes brasileiros contemporâneos. 2012. 177f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

DALMOLIN, Aline Roes. *O discurso sobre aborto em revistas católicas brasileiras Rainha e Família cristã (1980-1990)*. 2012. 221f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012.

DANTAS, Daiany Ferreira. *Sexo, mentiras e HQ*: representação e autorepresentação das mulheres nas Histórias em Quadrinhos. 2006. 122f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.



DANTAS, Sílvia Góis. *Comunicação, Consumo e Trabalho Feminino: Narrativas de consultoras no Projeto Memória das Comunidades Natura*. 2012. 232f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo, Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2012.

DARDE, Vicente William da Silva. *As representações sobre cidadania de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais no discurso jornalístico da Folha e do Estadão*. 2012. 230f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

DAU, Erick. *A pornografia hoje: as estratégias do capitalismo através do sexo. Ideologia e opressão da mulher*. 2014. 134f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

DE CARLI, Ana Mery Sehbe de. *O corpo no cinema: variações do feminino*. 2007. 231f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

DELGADO, Flávia Daniela Pereira. *Do livro à TV: personagens femininas em Os Maias, de Eça de Queirós*. 2005. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Comunicação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2005.

DIAS NETO, Fernando Souto. *Linhas sobre o dispositivo Cinema Argentino: a emergência de uma abordagem audiovisual de gênero na juventude*. 2013. 86f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2013.

DIAS, Rafael Batista. *O cinema de Gus Van Sant e a temporalidade do afeto*. 2013. 129f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

DIAS, Sonia Maria Barbosa Dias. *O papel da internet para as redes de organizações não-governamentais: o caso da Articulação de Mulheres Negras Brasileiras (AMNB)*. 2009. 110f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

DIAS, Fábio Barbosa. *Loira gelada, loira gostosa: um estudo de representações imagéticas femininas em peças publicitárias de cerveja*. 2011. 98f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.

D'OLIVEIRA, Gêisa Fernandes. *Saberes enquadrados: histórias em quadrinhos e (re)construções identitárias*. 2009. 199f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

DORNELES, Ana Paula Cardoso. *As relações de gênero presentes nos anúncios publicitários do sabão em pó Omo*. 2014. 204f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014.

DOURADO, Wilson Pereira. *O corpo como sintoma: o mal-estar do masculino contemporâneo em mídia impressa*. 2015. 291f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

DUMARESQ, Ana Carolina Landin. *Mandrake: gênero, corpo e sexualidade na narrativa televisiva*. 2010. 135f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

DUPRAT, Nathalia. *Luminosamente Claustrofóbicas: ambiguidades cinematográficas em Caio F. Abreu*. 2008. 119f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

DUQUE-ESTRADA, Ana Cristina Puglia. *Consumo e publicidade: corpo, vestuário e atitude na construção do imaginário de marcas de moda feminina*. 2010. 119f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo, Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2010.

ESCOVAR, Maira Regina Garcia. *O tema sexo na revista Todateen: um estudo freudiano*. 2005. 198f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2005.

FABRICIO, Laura Elise de Oliveira. *Representações do Feminino na Campanha Eleitoral de 2006: Yeda Crusius em Fotografias Jornalísticas de Zero Hora*. 2009. 110f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.

FARIA, Carla Soares. *Para os castos tudo é casto: A erotização dos corpos e a experiência da pornografia amadora nas esferas Telemáticas*. 2010. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

FELDMANN, Anna Flávia. *Análise das campanhas de comunicação sobre câncer de mama: um estudo comparativo entre as iniciativas do INCA e do IBCC*. 2008. 182f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

FELIX, Viviane Ribeiro. *Comunicação midiática e o consumo do corpo modificado*. 2011. 140f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo, Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2011.

FELIZARDO, Cristina Kessler. *Entre o prazer e o pudor: representações do sexo e da sexualidade no cinema produzido no Rio Grande do Sul*. 2011. 202f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

FERNANDES, Ariane Carla Pereira. *Ser mãe é... A produção de subjetividades nos discursos da revista Pais & Filhos (1968-2008)*. 2014. 205f. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

FERNANDES, Danubia de Andrade. *Mulher, Mulata e Migrante: modalidades representativas de uma tripla alteridade em jornais da Europa*. 2015. 530f. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Programa de Doutorado em Ciências da Informação e da Comunicação, Universidade Stendhal Grenoble 3, Grenoble, 2015.

FERNANDES, Guilherme Moreira . *A representação das identidades homossexuais nas telenovelas da Rede Globo: uma leitura dos personagens protagonistas no período da censura militar à televisão*. 2012. 362f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

FERNANDES, Isis Cleide da Cunha. *Representação da violência de gênero contra a mulher nos jornais de Cabo Verde: uma análise de conteúdo de A Semana, A Nação e Expresso das Ilhas*. 2012. 198f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

FERRAZ, Luís Henrique Mendonça. *O craque, o sex symbol e o homem de sucesso: a construção da imagem de Neymar no mercado brasileiro de revistas (2010/2011/2012)*. 2014. 129f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2014.

FERREIRA, Liciane Rossetto. *A comunicação e o turismo sexual as garotas do Brasil – um olhar hermenêutico*. 2007. 252f. Doutorado (Tese) - Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

FIRMINO, Carolina Bortoleto. *“Sou atleta, sou mulher”*: a representação feminina sob análise das modalidades mais noticiadas nas olimpíadas de Londres 2012. 2014. 106f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2014.

FLOR, Gisele. *O corpo como objeto de consumo na revista Boa Forma*. 2012. 121f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Comunicação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2012.

FONSECA, Livia Len. *GamerGirls: as mulheres nos jogos digitais sob a visão feminina*. 2013. 112f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2013.

FONTANELLA, Fernando Israel. *A estética do Brega : cultura de consumo e o corpo nas periferias do Recife*. 2005. 112f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

FRANÇA, Janaíra D.S. *Twitter rosa: Um estudo sobre as comunicadoras brasileiras*. 2012. 201f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2012.

FREIRE, Libny Silva. *Forró eletrônico: uma análise sobre a representação da figura feminina*. 2012. 113f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

FREIRE, Otávio Bandeira de Lamônica. *Revista A Violeta: um estudo de mídia impressa e gênero*. 2007. 122f. Dissertação - (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, 2007.

FREITAS, Viviane Gonçalves. *Dilma Lá: a construção da imagem de mulher como estratégia político-eleitoral no segundo turno da campanha para presidente de 2010*. 2012. 126f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

FURTADO, Juliana de Assis. *Porque eu sou é homem: a representação do masculino na publicidade brasileira na década de 1970 e nos anos 2000*. 2008. 142f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo,. Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2008.

GALLO, Denise de Alcântara Mirabelli. *Receitas de mulher: construção das figuras femininas na publicidade impressa*. 2008. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

GARCIA, Claudia Regina. *Estudo semiótico das lingerie na construção dos regimes de visibilidade da mulher brasileira*. Conceituação do formante matérico. 2005. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

GARCIA, Julio Fernando Núne. *La publicidad; agente de mudanza socio-cultural orientada al consumo femenino*. 2005. 133f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

GARRINI, Selma Peleias Felerico. *Do corpo desmedido ao corpo ultramedido: a revisão do corpo na Revista Veja de 1968 a 2010*. 2010. 247f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

GELLACIC, Gisele Bischoff. *Bonecas da moda: um estudo sobre o corpo através da moda e da beleza Revista Feminina 1915 - 1936*. 2008. 122f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

GENTIL, Gisele Mello. *Padrões de beleza na publicidade das revistas femininas (dos anos 1960 aos dias atuais)*. 2009. 87f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

GIL, Patrícia Guimarães. *Vendedoras de sentidos: entre trajetórias de trabalhadoras e a comunicação institucional*. 2006. 320f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

GODOY, Rodrigo de. *Família vende tudo: a representação da família na publicidade brasileira*. 2010. 111f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

GOMES, Alessandra Soares Muniz. *Meios de comunicação e representação das mulheres na política: narrativas jornalísticas e autopercepção identitária das deputadas federais*. 2014. 174f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

GOMES, Elcha Britto Oliveira. *Subjetividades Submissas: discursos a cerca da sexualidade da mulher idosa*. 2015. 116f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

GOMES, Marco Aurélio Paiva. *Uma visão sobre as transgressões da heteronormatividade no cinema contemporâneo*. 2015. 113f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

GOMIDE, Silvia del Valle. *Representações das Identidades Lésbicas na Telenovela Senhora do Destino*. 2006. 210f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

GONÇALVES, Aline de Oliveira. *Da internet às ruas: a marcha do parto em casa*. 2014. 190f. Dissertação (Mestrado) - Setor de Ciências Humanas, Artes, Comunicação e Design, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

GONÇALVES, William César. *A Condessa de Monte Cristo: A representação da identidade da mulher presa na telenovela Insensato Coração*. 2015. 178f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

GONZAGA, Márcia Féldreman Nunes. *Publicidade e marca: heterorreferência na comunicação a partir da campanha publicitária câncer de mama/Avon*. 2013. 68f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2013.

GORITO, Andréia de Vasconcellos. *Jornalismo esportivo e audiência feminina: a recepção do programa Globo Esporte e os sentidos produzidos por universitárias do município de Cabo Frio*. 2009. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

GOULART, Isabella Regina Oliveira. *A ilusão da imagem: o sonho do estrelismo brasileiro em Hollywood*. 2013. 142f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

GOUVEIA, Maria Alice Lucena de. *A Construção do Protagonismo Feminino no Cinema Pernambucano na Contemporaneidade: uma análise sobre o Édipo, a perversão e a prostituição na construção do imaginário sobre a mulher pernambucana*. 2009. 123f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

GUIMARÃES, Maria Paula Piotto da Silveira. *Nova: 30 anos da mulher de 30*. 2006. 122f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

GULKA, Carla Lilian. *A construção do erotismo em Crime Delicado*. 2009. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2009.

HEEREN, José Augusto de Castro. *O armário invertido: comunicação e discurso sob a luz de Lampião*. 2011. 238f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2011.

HOLLENBACH, Gabriela Boemler. *Sexualidade em revista: as posições de sujeito em Nova e TPM*. 2005. 89f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

IRIBURE, André. *As representações das homossexualidades na publicidade e propaganda veiculadas na televisão brasileira*. 2008. 308f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

JAKUBASZKO, Daniela. *A construção dos sentidos da masculinidade na telenovela A Favorita: um diálogo entre as representações da masculinidade na telenovela e as representações das manifestações discursivas do ambiente social brasileiro*. 2010. 347f. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

JARA, Daniela Andrade. *A beleza do rosto feminino construído pela moda: em cena a coleção "The horn of plenty" de Alexander McQueen*. 2015. 119f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2015.

JARDIM, Marília Hernandes. *O corset na moda ocidental: um estudo sociossemiótico sobre a constrição do torso feminino do século XVIII ao XXI*. 2014. 226f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

JOHN, Valquíria Michela. *Mundos possíveis e telenovela : memórias e narrativas melodramáticas de mulheres encarceradas*. 2014. 200f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

JORDÃO, Alexandre de Medeiros. *Cinema e o culto ao corpo: Rambo e Capitão América como personal trainers*. 2013. 85f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2013.

KRAMBECK, Rafael Soares. *Cyberqueer: performances de gênero e mobilização de traços identitários na construção da narrativa da personagem Katylene no blog e no twitter*. 2013. 111f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2013.

LACHTERMACHER, Isabela. *Pelo buraco da fechadura: o espetáculo obscuro do corpo pornográfico*. 2013. 144f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

LAGO, Ana Rosa Lattanzi de Melo. *Agentes de comunicação e cultura comunitária: Meninas e Mulheres do Morro*. 2007. 115f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

LAMAS, Caio Túlio Padula. *Boca do lixo: erotismo, pornografia e poder no cinema paulista durante a ditadura militar (1964-1985)*. 2013. 256f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.



LARA, Andréa de Almeida. *Representação de mulher nos comerciais de automóveis: garota é apenas equipamento opcional*. 2007. 130f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

LEAL, Tatiane. *A mulher poderosa: construções da vida bem-sucedida feminina no jornalismo brasileiro*. 2015. 139f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

LEITE, Francisco Vanildo. *Experiências de interação de mulheres brasileiras com publicidade contraintuitiva: Um estudo em Grounded Theory*. 2015. 319f. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

LEME, João Carlos de Campos. *Madame Bovary: os "des-caminhos" da educação sentimental feminina em Flaubert, Renoir, Minnelli e Chabrol*. 2007. 115f. Dissertação - (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, 2007.

LEMOS, Lis Carolinne. *Não é pela vida das mulheres: o aborto nas eleições de 2010*. 2014. 128f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

LEMOS, Marina Gazire. *Ciberfeminismo: Novos discursos do feminino em redes eletrônicas*. 2009. 129f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

LIMA, Cecília Almeida Rodrigues. *Da Bond girl à comédia romântica: identidades femininas no cinema de Hollywood*. 2010. 128f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

LIMA, Fernanda Ribeiro de. *Apanhando duas vezes: aspectos relacionados à cidadania das mulheres vítimas de violência nos telejornais locais*. 2014. 119f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

LIMA, Luísa Guimarães. *Quem é Você Mulher: construção e representação do feminino em revista*. 2005. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

LIMA, Renato Candido de. *Menina mulher da pele preta - projeto de série televisiva que discute questões de gênero e raça ligados a mulher negra*. 2011. 291f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

LIMA, Talíta Maria Carvalho de. *Envelhecimento Feminino: produção das subjetividades do sujeito mulher pela estética do corpo*. 2015. 139f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

LINO, Thatiana de Souza. *Vida e morte de um projeto editorial: um estudo da representação do masculino na Revista Alfa*. 2015. 83f. Dissertação - (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, 2015.

LOBATO, Mayara Luma Assmar Correia Maia. *Revistas femininas e espetáculo: Nova e Vogue*. 2012. 242f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2012.

LÔBO, Carolina Cerqueira. *Lugar de mulher: uma cartografia da construção discursiva da liberdade nas revistas femininas*. 2014. 159f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

LOPES, Jenara Miranda. *Moda de novela: os conteúdos de Salve Jorge divulgados em revistas femininas e as estrelas como padrões-modelo de estilo e beleza*. 2014. 183f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

LUCIO, Izabella Gamaliel de Souza. *Detentas mineiras e as representações midiáticas do TV Cela (2013)*. 2013. 117f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

LUZ, Suelyn Cristina Carneiro da. *A participação das mulheres nos movimentos agroecológico e feminista e a contribuição do jornal Brasil de Fato*. 2014. 109f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2014.

MACEDO, Ana Carolina Bernardo. *Propaganda e humor: suavizando as relações de gêneros*. 2010. 171f. Dissertação - (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, 2010.

MACEDO, Tonia Marta Barbosa. *O Discurso da Diversidade: entre a legitimação dominante e a apropriação pelos sujeitos no trabalho*. 2009. 105f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

MACHADO, Anna Carolina Cabral de Andrade da M. *Os Sentidos de Mothern na Tela da Televisão*. 2010. 185f. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

MACHADO, Gaya Cristina de Campos. *Programas femininos da televisão aberta brasileira: a hipótese do infotainment*. 2014. 118f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2014.

MACHADO, Juliana Regina. *Identidade e suas costuras: Processos midiáticos de representação da mulher em Páginas de vestuário no Facebook*. 2015. 125f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2015.

MADUREIRA, Viviane Gonsales Pimenta. *O uso do celular pela mulher contemporânea vinculação e capilaridades na comunicação e na cultura*. 2012. 106f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2012.

MAGNOLI, Mirella Martinelli. *A representação da subjetividade no longa-metragem Joana*. 2011. 143f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MAJEROWICZ, Fábio Grotz. *O segredinho que não é mistério: corpo e transexualidade no discurso jornalístico popular*. 2014. 120f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

MANSANO, Priscila Estaves. *O Corpo Feminino como Registro Histórico: representações da mulher no altar e o discurso da imprensa*. 2011. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

MARTINS, Vera. *Desperta mulher: cartografia sobre comunicação e engajamento no jornal do Movimento de Mulheres Camponesas do RS*. 2010. 120f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010.

MARTINS, Viviane Lima. *O corpo transformado em Extreme Makeover e Tabu América Latina: entre o mesmo e o outsider*. 2014. 251f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

MATHIAS, José Ronaldo Alonso. *Diferença e identidade - sentidos em construção*. 2006. 191f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MATOS, Carolina Leite Franklin de. *Mulheres jornalistas no telejornalismo: a cidadania das que constroem cidadania*. 2006. 91f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MAZER, Dulce Helena. *Impressões do corpo feminino: representações da mulher e do corpo-imagem na imprensa brasileira*. 2013. 218f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

MAZZILLI, Paula. *A maternidade consumada: subjetividade, consumo e capital na cena midiática contemporânea*. 2011. 137f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo,. Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2011.

MEDEIROS, Camila Maria Torres. *Jovens e Divas: construção do feminino na mídia contemporânea*. 2015. 164f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

MELLO, Lérida Gherardini Malagueta Marcondes De. *A Mulher na Revista Seleções do Reader's Digest (1942-1945)*. 2015. 119f. Dissertação - (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, 2015.

MELLO, Vanessa Scalei de. *Daiane dos Santos, a gauchinha de ouro : articulações entre jornalismo esportivo e identidade gaúcha*. 2007. 131f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

MELO, Ana Claudia da Cruz. *Dos mercados às redes de comunicação: o fórum de discussão segundo o dispositivo, o espaço e a sexualidade: um estudo a partir do GP Guia.net*. 2007. 194f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007.

MELO, Camila Olivia de. *Do Palco ao Asfalto, dos Meios aos Corpos: observando os tentáculos da performance-polvo como estratégias comunica-educativa*. 2014. 130f. Dissertação (Mestrado) - Setor de Ciências Humanas, Artes, Comunicação e Design, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

MEMÓRIA, Paula Roberta Fernandes. *A imagem da mulher na moda: uma análise das representações dos corpos femeninos nas fotografias publicitárias da marca Dolce & Gabbana*. 2012. 154f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

MENDES, Patrícia Monteiro Cruz. *Dos contornos do corpo às formas do Eu: a construção de subjetividades femininas na revista "Sou Mais Eu"*. 2010. 146f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

MENDONÇA, Carla Maria Camargos. *Um olhar sobre as mulheres de papel: tirania e prazer nas revistas Vogue*. 2010. 167f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-

Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

MENDONÇA, Maria Collier de. *A maternidade na publicidade: uma análise qualitativa e semiótica em São Paulo e Toronto*. 2014. 338f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

MENDONÇA, Maria Collier de. *Grávidas, mães e a comunicação publicitária: uma análise semiótica das representações da gravidez e maternidade na publicidade contemporânea de mídia impressa*. 2010. 122f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

MENEGAZZI, Douglas Luiz. *Imagens e corpos sujeitos: a sexualidade na campanha publicitária Be Stupid*. 2012. 150f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

MESQUITA, Jennyffer Pereira de. *Mulheres eleitas: a produção de sentidos no espaço político local pelos jornais impressos de Teresina*. 2013. 150f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2013.

MESSA, Márcia Rejane Postiglioni. *As mulheres só querem ser salvas: Sex and the City e o pós-feminismo*. 2006. 138f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MILETTO, Angélica Cordova Machado. *Marcha das Margaridas : imaginário e representações sociais no discurso do Correio Braziliense*. 2011. 160f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2011.

MIRAS, Elisangela. *Representações do feminino no cinema: uma análise semiológico-psicanalítica de filmes De Lars Von Trier*. 2013. 114f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

MIZUMURA, Cristina Miyuki Sato. *Mulheres no jornalismo nipo-brasileiro. Discursos, identidade e trajetórias de vida de jornalistas*. 2011. 242f. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MODESTO, Cláudia Figueiredo. *A identidade feminina na mídia neopentecostal do Reino de Deus: narrativas eletrônicas de conversão*. 2012. 155f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

MOLINA, Anelise Wesolowski. *A androginia na fotografia de moda: corpo, gênero e indefinições*. 2015. 230f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

MONTEIRO, Bianca Alighieri Luz. *AnaMaria e Malu, sujeitos de vários discursos: leituras para compreender seus contratos de leitura no espaço-tempo da midiatização*. 2012. 139f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012.

MORAES, Erika de. *Os eventos como estratégia de comunicação em movimentos sociais: um estudo de caso sobre a parada da diversidade de Bauru*. 2013. 215f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2013.

MORAES, Marcelo Santos de. *Hipertrofia da Visão - Inflação do Imaginário: um estudo empírico sobre a produção e recepção de sentidos pelo corpo da mulher cega numa sociedade escopofílica*. 2008. 175f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

MOURA, Clarissa Viana Matos de. *Um emissor e dois enunciadoreis: a violência contra a mulher nas páginas de Massa! e A Tarde*. 2014. 233f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

MOURA, Iara Gomes de. *Mulheres com classe: Mídia e classe social num Brasil em ascensão*. 2015. 149f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

MUNGIOLI, Maria Cristina Palma. *Minissérie Grande Sertão: Veredas: gêneros e temas*. Construindo um sentido identitário de Nação. 2006. 289f. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MUNIZ FILHO, José Luiz. *A articulação das ações de propaganda, relações públicas e assessoria de imprensa para uma comunicação mercadológica integrada: análise da integração das ações de relações públicas, assessoria de imprensa e propaganda nos lançamentos de produtos dirigidos às mulheres*. 2008. 100f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Comunicação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2008.

MUZY, Luana Silveira. *Chicas del Montón: A Representação de Gênero no Cinema de Pedro Almodóvar*. 2012. 129f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

NECHAR, Patrícia Assuf. *Culturas e comunicações do universo plus size: uma cartografia das imagens de corpo nos discursos nas redes sociais*. 2015. 177f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

NIGRO, Carmen. *O assédio sexual como fenômeno cultural contemporâneo: análise comparativa das representações de homem e mulher em filmes, cartilhas e códigos de conduta empresariais*. 2008. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

NISHIDA, Neusa Fumie. *A ética contemporânea no discurso da publicidade para a mulher*. 2007. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Comunicação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2007.

NÓBREGA, Livia de Pádua. *Rainhas de Batom e Avental: o feminino nas páginas conselheiras de Clarice Lispector colunista*. 2012. 264f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

NOGUEIRA, Joaquim Luiz. *A construção do corpo feminino na revista O Cruzeiro*. 2008. 141f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

NORMANDO, Jullena Santos de Alencar. *Programas femininos na TV cidadania e consumo*. 2010. 110f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

NORONHA, Mateus Silva. *Mercado em revista: a estratégia da editora Abril para segmentação do público masculino*. 2014. 149f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.

NUNES, Rafaela de Andrade. *Propaganda Televisiva de Prevenção à AIDS: possibilidades e desafios*. 2006. Dissertação - (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, André. *O zumbi como personagem midiático: desdobramentos políticos*. 2012. 112f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

OLIVEIRA, Christiane Maria da Boa Viagem. *A construção discursiva da mulher brasileira em Retrato falado, quadro humorístico do programa de televisão Fantástico da Rede Globo*. 2009. 198f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.



OLIVEIRA, Janaina Cruz de. *O trabalho em revistas femininas: um estudo empírico com mulheres bem sucedidas profissionalmente*. 2012. 274f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

OLIVEIRA, José Aparecido de. *A construção discursiva e a recepção da homoafetividade na teledramaturgia brasileira: consumo, representação e identidade homossexual*. 2014. 201f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Comunicação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2014.

OLIVEIRA, Josenildes Santos de. *Os programas das mulheres e as mulheres dos programas: análise da condição da mulher nos programas Mais Você e Note e Anote*. 2005. 165f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

OLIVEIRA, Rodrigo Oliveira de. *Garotas que jogam videogame: expressões de identidade e interações sobre cultura gamer no Facebook*. 2014. 132f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014.

PAIVA, Carla Conceição da Silva. *Mulheres nordestinas, sujeitos ou objetos? : análise da representação feminina em quatro filmes brasileiros da década de oitenta*. 2014. 316f. Tese (Doutorado) - Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

PARANHOS, Fabiana do Nascimento. *Documentário e videoativismo : análise fílmica de narrativas sobre aborto*. 2011. 173f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

PARIS, Gisele Santanna. *Parada do Orgulho LGBT do Rio de Janeiro: um desfile-mobilização e suas estratégias comunicativas*. 2015. 155f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

PAULA, Aldenora Moraes de Oliveira. *Discurso, Mídia, Representação: a abordagem do Correio Braziliense sobre o abuso sexual de crianças e adolescentes*. 2012. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2012.

PEDRO, Quelen Cristina Torres. *Uma odisséia pelo corpo feminino na Revista Claudia: de 1961 a 2001*. 2005. Dissertação - (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, 2005.

PEIXE, Viviane Rodrigues. *La petite mort: três momentos no cinema*. 2015. 210f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2015.

PEREIRA, Caroline Suellen Cardoso. *Narrativas da sexualidade e suas prescrições revistas*. 2010. 215f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

PEREIRA, Dieison Marconi. *Documentário Queer no sul Do Brasil (2000 a 2014): Narrativas contrassexuais e contradisciplinares nas representações das personagens LGBT*. 2015. 231f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

PERET, Luiz Eduardo. *Do armário à tela global: a representação social da homossexualidade na telenovela brasileira*. 2005. 278f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

PETTERLE, Andiará Pedroso. *Mulher, sedução e consumo: representações do feminino nos anúncios publicitários*. 2005. 150p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

PIEDRAS, Elisa Reinhardt. *Publicidade, imaginário e consumo: anúncios no cotidiano feminino*. 2007. 227f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

POLIDORO, Henrique José. *O Cruzeiro nas (Trans)Formações Sociais: análise dos discursos sobre a mulher (1943 a 1955)*. 2008. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

PONTES, Débora Fajardo. *Como as revistas femininas brasileiras identificam as representações da sexualidade feminina: um estudo de caso sobre as revistas Lola, Nova e Marie Claire*. 2015. 276f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

PORTARI, Rodrigo Daniel Levoti. *O trágico, o futebol e o erotismo: a presença de uma tríade temática nas capas dos jornais populares do Brasil e Portugal*. 2013. 266f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

PORTILHO, Raquel de Souza Moreira. *A mulher e/em seu tempo: um estudo de Cláudia na década de 1960 (1961-1969)*. 2010. 217f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

POSTINGUEL, Danilo. *Homem-homem, homem com H e homem-imagem: Masculinidades midiáticas nas culturas do consumo*. 2015. 150f. Dissertação

(Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo, Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2015.

PRADO, Patricia Stenico. *Corpo passado e presente: construção do corpo contemporâneo na revista Vogue*. 2015. 92f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

QUEIROZ, Mário Antônio Pinto de. *Homem e/ou mulher: as representações do masculino e feminino em imagens de moda*. 2013. 144f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

QUEIROZ, Mário Antônio Pinto de. *O herói desmascarado: a imagem do masculino nos editoriais da revista inglesa "Arena Homme Plus" entre 1995 e 2007*. 2008. 117f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

QUEIROZ, Marta Maria Azevedo. *Eu não quero ser a mulher saliente! Eu prefiro ser a Isabella Swan! Apropriações das identidades femininas por crianças na recepção midiática*. 2013. 213f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2013.

RAMOS, Krishna Figueiredo de Almeida. *Sedução e desejo: representações da mulher nos anúncios de perfumes femininos*. 2006. 145f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

RESENDE, Adriana Agostini de. *The L Word - eLas por eLas: e o universo lésbico se apresenta na TV*. 2010. 200f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

RIBEIRO, Irineu Ramos. *Identidade Capturada. A Parada do Orgulho Gay de São Paulo em 2007 nos Telejornais*. 2008. 99f. Dissertação - (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, 2008.

RIBEIRO, Juliana Costa Ribeiro. *O corpo anorético: dos abusos midiáticos às experiências de novos processos comunicativos*. 2009. 94f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

RIBEIRO, Marislei da Silveira. *Beleza feminina e publicidade: um estudo sobre as campanhas da marca Dove*. 2011. 258f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

RIBEIRO, Neusa Maria Bongiovanni. *A mediação das mulheres na constituição das redes informais de comunicação*. 2007. 301f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007.

RIBEIRO, Patrícia Moraes. *Sexo n@ Rede: um baile de máscaras* vol. I. 2005. Dissertação - (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, 2005.

RIBEIRO, Vanessa de Moraes Ribeiro. *Corpo, propaganda de brasilidade: Gisele Bündchen na publicidade*. 2013. 148f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

RIZZOTTO, Carla Candida. *Quinto poder? Características, objetivos e estratégias discursivas dos observatórios feministas de mídia*. 2013. 288f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2013.

ROBLEDO, Daniel dos Santos. *O corpo na comunicação publicitária: uma análise das representações do corpo feminino na publicidade de mídia impressa*. 2013. 107f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

RODRIGUES, Bruna Mariano Rodrigues. *Sem maneiras de conquistar seu homem: apropriações do discurso sobre a mulher na revista Tpm*. 2013. 130f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

RODRIGUES, Gabriel de Oliveira. *Corpos em evidência: uma perspectiva sobre os ensaios fotográficos de "G magazine"*. 2007. 177f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

RODRIGUES, Leila Dutra. *Cadê Você, Maria? Dos operários anarquistas às mulheres operárias: suas representações a partir dos jornais operários anarquistas de São Paulo do começo do século XX*. 2013. 199f. Dissertação - (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, 2013.

RODRIGUES, Lilian Werneck. *The L word em movimento: Convergências de uma série lésbica*. 2012. 152f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

RODRIGUES, Marcelo Carmo. *Miss Brasil Gay, polêmica na passarela: eventos como instrumento de comunicação alternativa*. 2008. 148f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

ROSSI, Jéssica de Cássia. *As representações da mulher brasileira na mídia portuguesa*: jornal Expresso. 2011. 255f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2011.

SAMARÃO, Lilianny Alves. *A mulher como embalagem do sistema*: representações do corpo feminino pela publicidade. 2008. 140f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SANCHEZ, Marcelo Hailer. *A construção da heteronormatividade em personagens gays na telenovela*. 2013. 100f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

SANTOS, Andréa Pereira dos. *Comunidades gays do ORKUT*: encontros, confrontos e (re)construção de identidades. 2009. 156f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

SANTOS, Daniela Menezes da Silva dos. *Quando bem-estar nem sempre é estar bem*: a revista “Marie Claire” e as estratégias discursivas (2008 a 2011). 2013. 102f. Dissertação - (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, 2013.

SANTOS, Edilma Rodrigues dos. *Estudo de recepção em comunicação*: as representações do feminino no mundo do trabalho das teleoperadoras. 2011. 281f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

SANTOS, Érica Ramos Sarmet dos. *“Sin porno no hay posporno”*: Corpo, excesso e ambivalência na América Latina. 2015. 133f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

SANTOS, Filipe Bordinhão dos. *Masculinidade em anúncio(s)*: recepção publicitária e identidade de gênero. 2012. 250f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

SANTOS, Pollyana Dourado dos. *Mulheres inexatas*: diálogos entre prostituição e jornalismo no Acre. 2014. 205f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

SANTOS, Priscila Tatiane. *Gêneros e figurinos no cinema de Hitchcock*. 2010. 78p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

SARAIVA, Adriana Gonçalves. *Notícias sobre Minorias no Censo 2010*: comunicação de estatísticas públicas para o fortalecimento da cidadania. 2015. 117f.

Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

SAUCEDO, Éldi Marisol. *As divas do cotidiano: lembranças de mulheres sobre anúncios publicitários da década de 1970*. 2011. 119f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, 2011.

SCHIMITZ, Daniela Maria. *Vivendo um projeto em família: consumo midiático, beleza feminina e o sonho juvenil de ser modelo profissional*. 2013. 306f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

SCHMITZ, Daniela Maria. *Mulher na Moda: recepção e identidade feminina nos editoriais de moda da revista Elle*. 2007. 360f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007.

SCHNEIDERS, Sonia. *Rainhas de Bateria no jornal O Dia: um estudo sobre as representações do personagem na mídia popular carioca*. 2011. 161f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SCOZ, Murilo. *Explícitos engodos: desejo e erotismo na ausência do corpo*. 2006. 106f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

SEBASTIÃO, Ana Angélica. *Memória, imaginário e poder: práticas comunicativas e de resignificação de organizações de mulheres negras*. 2007. 190f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

SENNA, Nádia da Cruz. *Donas da beleza: a imagem feminina na cultura ocidental pelas artistas plásticas do século XX*. 2007. 195f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

SENRA, Isabela Zumba Mascarenhas. *Canções vadias: mulheres, identidades e música brasileira de grande circulação no rádio*. 2014. 160f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

SETYON, Clarisse. *Sexo, mercadoria e hábitos de consumo em HQ: comunicação, empreendedorismo e gestão de si como produto*. 2011. 114f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo, Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2011.

SIFUENTES, Lírian. *"Todo mundo fala mal, mas todo mundo vê": estudo comparativo do consumo de telenovela por mulheres de diferentes classes*. 2014. 299f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SIFUENTES, Lírian. *Telenovela e a identidade feminina de jovens de classe popular*. 2010. 238f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

SILVA, Ana Lucia Assunção da. *Processos participativos na produção audiovisual: o caso do vídeo Mulheres Mangabeiras, de Sergipe*. 2014. 148f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.

SILVA, Carolina Rodrigues Freitas e. *Como estes e não outros em seu lugar? Um olhar parcial sobre as condições de existência de discursos jornalísticos acerca do aborto*. 2014. 151f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

SILVA, Celia Regina. *Estratégias de comunicação e ativismo feminino na esfera pública midiática: estudo sobre a participação de jovens negras no hip-hop, a construção de identidades e sua presença na internet*. 2011. 180f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Comunicação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2014.

SILVA, Denise Teresinha da. *Fotografias que revelam imagem da imigração: pertencimento e gênero como faces identitárias*. 2008. 202f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008.

SILVA, Ellis Regina Araújo da. *Representações sociais e imagens em fotografias do corpo masculino em revistas gays*. 2007. 144f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

SILVA, Fernanda Nascimento da. *Bicha (nem tão) má: representações da homossexualidade na telenovela Amor à Vida*. 2015. 225f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

SILVA, Lourdes Ana Pereira. *Páginas da vida, a família brasileira sob a ótica da recepção da telenovela*. 2008. 172f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008.

SILVA, Luís Carlos Gomes da. *Feminilidade, fetichismo e consumo na visibilidade mediática: um estudo sobre a significação de mulheres famosas em anúncios on-line*



de cerveja. 2013. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

SILVA, Márcia Veiga da. *Masculino, o gênero do jornalismo*: um estudo sobre os modos de produção das notícias. 2010. 249f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SILVA, Márcia Veiga da. *Saberes para a profissão, sujeitos possíveis*: um olhar sobre a formação universitária dos jornalistas e as implicações dos regimes de poder-saber nas possibilidades de encontro com a alteridade. 2015. 276f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

SILVA, Monica da. *Construindo o Gênero*: feminilidade através do discurso dos depoimentos na revista Nova. 2007. Dissertação - (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, 2007.

SILVA, Regina Cardoso da. *Violência contra a mulher, políticas públicas e telenovela*: intersecções possíveis: o caso Fina Estampa. 2013. 93f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2013.

SILVA, Renata Córdova da. *Feminino velado*: a recepção da telenovela por mães e filhas das classes populares. 2011. 145f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

SILVA, Ricardo Mastrorocco da. *A identidade LGBTT no cinema* a análise de cinco curtas metragens de 2008 a 2011. 2013. 121f. Dissertação - (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Anhembi-Morumbi, São Paulo, 2013.

SILVA, Sabrina Tenório Lunda da. *Transgressões na obra de John Waters*: uma análise de Pink Flamingos e Problemas Femininos. 2009. 131f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

SILVEIRA, William Spinola. *Representações de gênero*: A Transição da Cena Muda no Cinema Brasileiro. 2010. 148f. Dissertação - (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Anhembi-Morumbi, São Paulo, 2010.

SOARES, Maria Goretti Pedroso. *A mulher na sociedade da comunicação ciberdigital*. 2010. 360f. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SOBRAL, Jacqueline. *Você gosta de alguém?* Representações de amor, erotismo e sexo construídas por crianças em contextos populares a partir da cultura midiática.

2014. 165f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo,. Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2014.

SOKOLOSKI, Maria Elisa. *Um olhar sobre o filme a Mulher Invisível: questões de gênero e estereótipos*. 2011. 105f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2011.

SOUSA, Cássia Tamyris. *A construção de gêneros nas tiras de humor do blog Um Sábado Qualquer*. 2013. 90f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2013.

SOUSA, Emerson da Cunha de. *Das Performatividades: eu, Antônio e as pornografias*. 2014. 103f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

SOUSA, Julio Cesar Alcântara dos Santos Sanches de. *Genealogia do grotesco: a modernidade como fábrica de corpos monstruosos*. 2015. 134f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

SOUSA, Marcelo Suárez de. *Simulacros de consumidor na comunicação de marca voltada ao público feminino: análise de marcas*. 2012. 141f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

SOUZA JÚNIOR, Edilson Brasil de. *Diante dos olhos deles: Reflexões sobre o corpo e contemporaneidade no Reality show, America's Next Top Model*. 2010. 170f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

SOUZA, Edivaldo Reis de. *A gestualidade na construção do estereótipo do personagem homossexual no cinema*. 2007. 97f. Dissertação - (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, 2007.

SOUZA, Edney Clemente de. *Playboy: a estética do inatingível*. 2009. 115f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SOUZA, Joseleide Terto de. *Contextos contemporâneos: homossexuais, cultura e mídia*. 2009. 106f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SOUZA, Lisani Albertini de. *Uma análise das imagens estereotipadas da mulher brasileira na mídia*. 2010. 93f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação

em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

SOUZA, Ronaldo Ferreira de Souza. *Um estudo sobre o universo feminino nas obras de Nan Goldin e Cindy Sheran*. 2013. 185f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

SOUZA, Virgínia Laís de Souza. *O corpo monstruoso: da espetacularização midiática às práticas de resistência*. 2013. 89f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

STAWSKI, Flávia Renata. *Apresentadoras de telejornal: a efígie da figura feminina no telejornalismo brasileiro contemporâneo, representada por Renata Vasconcellos, Raquel Sheherazade e Paloma Tocci*. 2015. 156f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

SUGANO, Thiago Minor Medeiros. *A abordagem da Gastronomia e Culinária na Televisão Brasileira*. 2015. 82f. Dissertação - (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, 2015.

SUGUITA, Stefannia Domingues Pires B. *Cultura midiática: malhação e erotismo: o diálogo entre o jovem e a linguagem erótica da TV*. 2007. 160f. Dissertação - (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, 2007.

TAFNER, Roberta Scorcio Maia. *Novas práticas de comunicação e consumo: os processos transmidiáticos da Capricho no plano da recepção e interatividade das adolescentes*. 2012. 125f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo, Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2012.

TAGUTI, Maria Da Graça Lehmkuhl Trindade. *Êxtases Digitais: Novas Sexualidades, Sensorialidades e a Pele das Tecnologias Comunicacionais*. 2009. 102f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

TEDESCO, Marina Cavalcanti. *O fotógrafo, a atriz: marcas de gênero presentes nos manuais de fotografia cinematográfica e os encaixes e desencaixes do cinema mexicano industrial*. 2013. 273f. Tese (Doutorado) - Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

TOMAZETTI, Tainan Pauli. *Movimentos sociais em rede e a construção de identidades*. 2015. 246f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

TONON, Joseana Burguez. *Recepção de Telenovelas - identidade e representação à homossexualidade: um estudo de caso da novela "Mulheres Apaixonadas"*. 2005. 179f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2005.

TÖPKE, Denise Rugani. *Miss Anos Dourados: as representações da mulher nos anúncios de Seleções do Reader's Digest*. 2007. 115f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

TORRECILHA, Júlia Céli. *A mídia e as mensagens de gênero: uma abordagem da feminilidade na sociedade de consumo*. 2014. 75f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2014.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. *A Formação da Imagem da Mulher Negra na Mídia*. 2005. 282f. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

TRINDADE, Welton Danner. *Os efeitos de personagens LGBTs de telenovelas na formação de opinião dos telespectadores sobre a homossexualidade*. 2010. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

UCHÔA, Fabio Raddi. *Perambulação, silêncio e erotismo nos filmes de Ozualdo Candeias (1967-83)*. 2013. 165f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

VALLE, Leonardo Dalla. *Daspu e a redefinição da representação social da prostituta nos meios de comunicação de massa do Brasil*. 2010. 159f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2010.

VASCO, Edgar Augusto. *(In) Visibilidade em The Women, de George Cukor*. 2015. 107f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2015.

VAZ, Geraldo. *O que é que a Dilma tem? Os enquadramentos da presidenta e da mulher Dilma Rousseff na mídia*. 2013. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

VECCHI, Cristine Gleria. *Tribuna Metalúrgica: o gênero feminino na cobertura jornalística das eleições presidenciais*. 2012. 172f. Dissertação - (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, 2012.

VELOSO, Ana Maria da Conceição. *Gênero, Poder e Resistência: as mulheres nas indústrias culturais em 11 países*. 2013. 341f. Tese (Doutorado) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

VELOSO, Ana Maria da Conceição. *O fenômeno rádio mulher : comunicação e gênero nas ondas de rádio*. 2005. 160f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

VIANA, Fabio Caim. *Singularidades contemporâneas do masculino na publicidade impressa*. 2008. 213f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

VIEIRA, Vera de Fatima. *Comunicação e feminismo: as possibilidades da era digital*. 2012. 234f. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

VINIC, Richard. *O Estímulo Audiovisual na Comunicação Publicitária da Marca Havaianas: um Estudo da Recepção a partir da Diferenciação dos Gêneros*. 2008. 168f. Dissertação - (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, 2008.

VOLLMER, Lara Cristina. *Narrativas de consumo e cotidianidade: O discurso verde presente em embalagens e suas apropriações por mulheres de diferentes gerações*. 2013. 149f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo,. Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2013.

WERNECK, Jurema Pinto. *O Samba Segundo as Ialodês: mulheres negras e cultura midiática*. 2007. 297f. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

WOTTRICH, Aura Hastenpflug. *Envelhecer com a telenovela: um estudo de recepção com mulheres idosas*. 2011. 236f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

ZAMBONI, Milton José. *Os Forais Medievais como Sistema Comunicacionais Gerenciadores das Relações de Gêneros entre o Século XII e XV*. 2005. 242f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

ZANINI, Gustavo Moreira. *Publicidade e o politicamente correto: interdiscursividades na construção social do sentido*. 2015. 125f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Comunicação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2015.

ZOMIGNANI, Rosana Fulvia. *As Mulheres do Filme “As Horas”*: Tessituras do Âmbito Feminino no Processo de Recepção. 2008. 232f. Dissertação - (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, 2008.

## FONTES – DICIONÁRIOS

ALLEN, R. E. *The pocket oxford dictionary of current english*. Oxford: Clarendon, 1984.

CAMBRIDGE DICTIONARY ONLINE (American). *Mainstream*. Disponível em: <<https://goo.gl/Uyx26X>>. Acesso em: 22/07/2015.

CAMBRIDGE DICTIONARY ONLINE (British). *Mainstream*. Disponível em: <<https://goo.gl/BpE7MS>>. Acesso em: 22/07/2015.

CAMBRIDGE DICTIONARY ONLINE (Business). *Mainstream*. Disponível em: <<https://goo.gl/whgL9n>>. Acesso em: 22/07/2015.

CAMBRIDGE DICTIONARY ONLINE (English). *Mainstream*. Disponível em: <<https://goo.gl/sE7dms>>. Acesso em: 22/07/2015.

COLLINS COBUILD English Dictionary. Great Britain: Harper Collins, 1995.

DAVIES, Peter (edit.). *The America Heritage Dictionary of the english language*. New York: Dell Publishg Co. 1969, 1970, 1973.

DICTIONARY.COM. *Mainsteam*. Disponível em: < <https://goo.gl/rfxkR7>>. Acesso em 20/07/2015.

FOWLER, Henry Watson (edit.). *The concise Oxford Dictionary of current english*. Oxford : Clarendon Press, 1964.

HAWKINS, Joyce M. *The Oxford Senior Dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 1982.

\_\_\_\_\_. *The Oxford Universal Dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 1981.

HORNBY, Albert Sidney (edit.). *Oxford advanced learner's dictionary of current english*. Oxford : Oxford University Press, 1974.

\_\_\_\_\_. *Oxford advanced learner's dictionary of current english*. Oxford : Oxford University Press, 1995.

INFOPLEASE. *Mainsteam*. Disponível em: < <https://goo.gl/htLnEc>>. Acesso em: 22/07/2015.

LONGMAN DICTIONARY OF CONTEMPORARY ENGLISH. *Mainsteam*. Disponível em: <<https://goo.gl/fkwHbo>>. Acesso em: 22/07/2015.

MCARTHUR, Tom. *The Oxford Companion to the English Language*. Oxford : Oxford University Press, 1992.

MERRIAM-WEBSTER. *Mainstream*. Disponível em: <<https://goo.gl/ymnyhX>>. Acesso em: 22/07/2015.

MORRIS, Wilhian. *The American Heritage Dictionary*. Boston : American Heritage Publishing : Houghton Mifflin, 1976.

ONLINE ETYMOLOGY DICTIONARY. *Mainstream*. Disponível em: <<https://goo.gl/iLvKZ7>>. Acesso em: 20/07/2015.

OXFORD DICTIONARIES. (British & World English). *Mainstream*. Disponível em: <<https://goo.gl/iLASGX>>. Acesso em: 22/07/2015.

OXFORD DICTIONARIES. (Oxford Advanced Learner's Dictionary). *Mainstream*. Disponível em: <<https://goo.gl/EszGs4>>. Acesso em: 22/07/2015.

PEARSALL, Judy. *The concise Oxford Dictionary*. Oxford : Oxford University Press, 1999.

SAFIRE, William. On Language; Of Mainstreams and Movements. *The New York Times (Magazine)*. March 17 , 1996. Disponível em: <<https://goo.gl/1m9XUE>>. Acesso em: 22/07/2015.

THESAURUS.COM. *Mainstream*. Disponível em: < <https://goo.gl/FgwLBe>>. Acesso em: 22/07/2015.

URBAN DICTIONARY. *Mainstream*. Disponível em: < <https://goo.gl/eGRCrc>>. Acesso em: 22/07/2015.

WALTERS, Morgan L. (edit.). *The Holt Intermediate Dictionary of American English*. New York: Holt, Rinehart & Winston Inc., 1966.

WEBSTER, Noah. *The brazilian living Webster encyclopedic, dictionary of the english language* : including portuguese-english, english-portuguese vocabularie. Chicago : The English-Language Institute of America, 1973.

\_\_\_\_\_. *Webster third new: international dictionary of the english language*. Chicago: Encyclopaedia Britannica, 1971.

WIKIPEDIA (English). *Mainstream*. Disponível em: < <https://goo.gl/ZCp4Am>>. Acesso em: 22/07/2015.

WIKIPEDIA (Português). *Mainstream*. Disponível em: <<https://goo.gl/pYSZeQ>>. Acesso em: 22/07/2015.



**APÊNDICE 1: LINHAS DE PESQUISA DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO (IDENTIDADE/CORPO)**

<b>IES</b>	<b>PROGRAMA</b>	<b>LINHA DE PESQUISA</b>	<b>TEMA</b>
ESPM	Comunicação e Práticas de Consumo	Lógicas da produção e estratégias midiáticas articuladas ao consumo	Identidad e
FCL	Comunicação	Processos Midiáticos: Tecnologia e Mercado	Identidad e
FUFMS	Comunicação	Mídia, Identidade e Regionalidade	Identidad e
FUFPI	Comunicação	Mídia e Produção de Subjetividades	Identidad e
UFT	Comunicação e Sociedade	Comunicação, Poder e Identidade	Identidad e
PUC/SP	Comunicação e Semiótica	Regimes de sentido nos processos comunicacionais	Identidad e
		Dimensões políticas na comunicação	Corpo
PUC-RIO	Comunicação	Comunicação e Representação	Identidad e
UERJ	Comunicação	Cultura de Massa, Cidade e Representação Social	Corpo
UFF	Comunicação	Estéticas e tecnologias da comunicação	Corpo
		Mídia, Cultura e Produção de Sentido	Identidad e
UFF	Mídia e Cotidiano	Linguagens, representações e produção de sentidos	Identidad e
UFG	Comunicação	Mídia e Cultura	Identidad e
UFJF	Comunicação	Cultura, Narrativas e Produção de Sentido	Identidad e
		Estética, Redes e Linguagens	Corpo
UFPA	Comunicação, Cultura e Amazônia	Mídia e Cultura na Amazônia	Identidad e
UFRGS	Comunicação e Informação	Mediações e Representações Culturais e Políticas	Identidad e
UFSM	Comunicação	Mídia e Identidades Contemporâneas	Identidad e
UMESP	Comunicação Social	Comunicação comunitária, territórios de cidadania e desenvolvimento social	Identidad e
UNISINOS	Ciências da Comunicação	Cultura, Cidadania e Tecnologias da Comunicação	Identidad e
USP	Ciências da Comunicação	Linguagens e Estéticas da Comunicação	Identidad e
		Políticas e Estratégias de Comunicação	Identidad e

**APÊNDICE 2: GRUPOS DE PESQUISA (QUEER – FEMINISMO – CORPO - SEXUALIDADE – IDENTIDADE - GÊNERO)**

<b>IES</b>	<b>GRUPO DE PESQUISA</b>	<b>TEMA</b>
ESPM	Comunicação, Consumo e Identidades Sócio-Culturais - CICO	Identidade
	Comunicação, Discursos e Biopolíticas do Consumo	Corpo
	Ética, Comunicação e Consumo	Identidade
FAMMA	Gênero, Publicidade e Cultura: um olhar sobre produções na web	Gênero
FEEVALE	Comunicação, Imagem e Identidade	Identidade
PUC-RJ	Corpo, Publicidade e Consumo	Corpo
PUC-RS	Mídia e Identidades	Identidade
PUC-SP	Centro de Estudos Orientais	Corpo
UCSAL	Núcleo de Estudos em Comunicação - NEC	Gênero
UEPG	Grupo de Pesquisa Jornalismo e Gênero	Gênero
	Grupos de Estudos e Pesquisas em Mídias digitais	Gênero
UERJ	Corps: Corpo, Representação e Espaço Urbano	Corpo
UESB	Núcleo de Estudos em Comunicação, Culturas e Sociedades/NECCSOS	Gênero
UESC	Gênero, Discurso e Representação Social: Parâmetros de interpretação sobre Gênero	Gênero
	Grupo de Estudos e Pesquisa Observatório da Comunicação e Culturas Contemporâneas	Identidade
	Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Comunicação, Cultura e Mídia	Identidade
UESPI	ComGênero - Comunicação, Gênero, Corpo e Sexualidade	Queer, Feminismo, Sexualidade , Corpo, Gênero
UFAC	Amajor - Meio Ambiente, Direitos Humanos e Jornalismo na Amazônia	Feminismo, Gênero
UFAL	Comunicação e Cidadania	Identidade
	Mídia, Fotografia e Estudos Culturais	Identidade
UFAM	Comunicação, Cultura e Amazônia	Gênero
	Grupo de Estudos sobre Cibercultura, Identidade e Consumo	Identidade
UFAP	CUCAS - Cultura, Comunicação, Arte e Sociedade	Identidade
UFBA	Corpoética	Corpo
UFBA	Etnomidia - Grupo de Estudos em Mídia e Etnicidades	Identidade

UFBA	GIG@ - Grupo de Pesquisa em Gênero, Tecnologias Digitais e Cultura	Feminismo, Gênero
UFBA	Grupo de Estudos Multidisciplinares em Cultura - CULT	Queer, Sexualidade, Identidade, Gênero
UFBA	LOGOS - Comunicação Estratégica, Marca e Cultura	Identidade
UFBA	MIRADAS	Gênero
UFBA	Permanecer Milton Santos	Identidade
UFC	Laboratório de Investigação em Corpo, Comunicação e Arte	Corpo
UFES	Comunicação, Imagem e Afeto	Corpo
	Devir-Corpo	Corpo, Gênero
UFF	Imagem, corpo e subjetividade	Corpo
	LAMI/GRECOS - Laboratório de Mídia e Identidade/Grupo de Estudos sobre Comunicação e Sociedade	Identidade
	LEECCC - Laboratório de Etnografia e Estudos em Comunicação, Cultura e Cognição	Corpo
	Nex - Nucleo de Estudos do Excesso nas Narrativas Audiovisuais	Queer, Feminismo
UFG	Grupo Olhares - Estudos sobre Corpo, Ciência e Tecnologia	Corpo
UFJF	Comunicação, Cidade e Memória	Identidade
	Comunicação, Identidade e Cidadania	Identidade
	GRUPO SENSUS - Comunicação e Discursos (Saúde, Sensibilidades e Violências)	Corpo, Gênero
	Laboratório de Jornalismo e Narrativas Audiovisuais	Identidade
UFMA	Grupo de Pesquisa de Mídia Jornalística	Identidade
	Núcleo de Estudos em Estratégias de Comunicação - NEEC	Identidade
UFMG	LABDIM - Laboratório de Discursividades Midiáticas e Práticas Socioculturais	Identidade
UFMS	Cultura Midiática, Identidade e Representação Social	Identidade
	Linguagens, Processos e Produtos Midiáticos	Identidade
UFPB	GJAC - Grupo de Pesquisa em Jornalismo, Mídia,	Sexualidade

	Acessibilidade e Cidadania	
	Grupo de Pesquisa em Jornalismo, Gênero e Educomunicação	Gênero
UFPE	Grupo de Pesquisa Comunicação e Linguagem	Identidade, Gênero
	Laboratório de Análise de Música e Audiovisual	Identidade
	OBMIDIA UFPE - Observatório de Gênero, Democracia e Direitos Humanos	Gênero
UFPI	GEM- Grupo de Estudo e Pesquisa em Gênero e Mídia	Identidade, Gênero
	Grupo de Estudos e Pesquisas em Comunicação, Identidade e Subjetividade	Identidade
	NEPEC - Núcleo de Estudo e Pesquisa em Estratégias de Comunicação	Identidade
UFRB	Comunicação, Identidades e Memória	Identidade
	Grupo de Estudo e Pesquisa Cultura Científica, Gênero e Jornalismo	Gênero
UFRGS	Comunicação e Práticas Culturais	Identidade
UFRJ	Afetos, Gênero e Encenações	Queer, Gênero
	Comunicação, Cultura e Política	Identidade
	Coordenação Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos	Identidade
	ETHOS - Comunicação, Comportamento e Estratégias Corporais	Corpo, Identidade, Gênero
	LECC - Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária	Identidade
	NelGraf - Núcleo de Estudos em Linguagens Gráficas	Identidade
	Núcleo de Estudos de Mídia, Emoções e Sociabilidade (NEMES)	Gênero
UFRN	Comunicação, Cultura e Mídia - COMÍDIA	Gênero
	Marginália - Grupo de Estudos Transdisciplinares em Comunicação e Cultura	Corpo
UFSE	CHISGAP	Gênero
UFSM	Comunicação em Rede, Identidades e Cidadania	Identidade

	Comunicação Televisual	Identidade
	Comunicação, Identidades e Fronteiras	Identidade
	COTECS - Grupo de Pesquisa em Comunicação, Tecnologia e Sociabilidades	Identidade
	Estudos Culturais e Audiovisualidades	Identidade
	MOVIOLA - Laboratório de Estudos, Pesquisas e Produção em Memórias e Narrativas Audiovisuais	Identidade
	Núcleo de Audiovisual, Imagens técnicas e Práticas socioculturais	Identidade
	Núcleo de Comunicação, Educação Intercultural e Cidadania	Identidade
	Núcleo de Estudos em Gênero, Discurso e Comunicação - GDCom	Corpo
	Resto - Laboratório de Práticas Jornalísticas	Gênero
UFTO	Comunicação, Sociedade e Meio Ambiente	Identidade
UFTO	Grupo de Estudos em Estética, Linguagem e Identidades	Identidade
UFU	Interfaces Sociais da Comunicação: Tecnologias, Políticas e Culturas	Identidade
UMC	Políticas Públicas em Comunicação, Diversidade e Cidadania	Gênero
UMESP	Novas práticas em jornalismo	Gênero
UNB	Cultura, Mídia e Política	Gênero
UNB	Tecnologia, Imagem e Subjetividade	Corpo
UNEB	Formação, Experiência e Linguagens	Identidade
UNEB	GUPEMA - Grupo de Pesquisa e Estudos em Mídias Alternativas e Mdiativismo	Identidade
UNESP	Comunicação Midiática e Movimentos Sociais -ComMov	Identidade
UNICAP	Mediatização e Indústria Cultural	Identidade
UNICENTRO	Comunicação e Interfaces Socioculturais	Identidade
UNICID	Núcleo de Estudos em Design, Comunicação e Cultura	Identidade
UNIFRA	Cultura de Moda, Criação e Comunicação	Identidade
	Mídia e Processos Sócio-Culturais	Identidade
UNIP	Mídia, Cultura e Política: identidades, representações e configurações do público e do privado no discurso midiático	Identidade

UNIPAMP A	Processos e Práticas nas Atividades Criativas e Culturais - GPAC	Gênero
UNIR	HIBISCUS - Grupo de Pesquisa e Extensão sobre Gêneros, Discursos e Comunicação na Amazônia	Feminismo, Gênero
UNISA	Grupo de Pesquisa Comunicação, Mídia e Sociedade	Gênero
UNISO	Estudos em Jornalismo	Identidade
UNIVALI	Comunicação, Cultura e Conhecimento	Gênero
UPM	Linguagem, Sociedade e Identidade: estudos sobre a mídia	Identidade
USP	Religião & Comunicação	Gênero

## APÊNDICE 3: QUESTIONÁRIO APLICADO - FACEBOOK

### Mobilização, ativismo e resistência no Facebook

Este questionário é parte de uma pesquisa de doutorado realizada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens (UTP) e pretende investigar os usos do Facebook para fins de mobilização política e social, ativismo e outras formas de resistência ao status quo.

O preenchimento do formulário será feito de forma anônima e as informações que você submeter nas respostas serão mantidas em confidencialidade, pois os dados serão apresentados e analisados na tese de forma agregada (dados gerais, não individualizados). Caso seja necessário utilizar alguma passagem específica de uma resposta, o anonimato será mantido.

Apenas as pessoas diretamente envolvidas com a pesquisa – a pesquisadora e seu orientador - terão acesso aos dados completos das respostas.

Ao responder a este questionário você concorda em permitir à pesquisadora a utilização na pesquisa dos dados derivados de suas respostas.

:: O tempo de resposta médio das questões é de 15 minutos. Peço, por favor, que não pare no meio do preenchimento, para que a pesquisa seja o mais válida possível. ::

\*Obrigatório

email para contato: [mobsantimainstream@gmail.com](mailto:mobsantimainstream@gmail.com)

**\*Obrigatório**

**\*1. Eu aceito os termos acima e concordo com a utilização de minhas respostas na pesquisa em questão. \***

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sim
- ☐ Não *Pare de preencher este formulário.*

## Perfil socioeconômico

**2. Qual a sua idade? \***

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Menos de 18 anos
- ☐ de 18 a 25 anos
- ☐ de 26 a 35 anos
- ☐ de 36 a 45 anos
- ☐ de 46 a 55 anos
- ☐ de 56 a 65 anos
- ☐ acima de 66 anos

**3. Você é uma pessoa: \***

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Cisgênero (pessoa que se identifica com o gênero designado no nascimento)
- ☐ Transgênero (pessoa que não se identifica com o gênero designado no nascimento)

**4. 4. Você é: \****Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Homem
- ☐ Mulher
- ☐ Pessoa não binária (pessoa cuja identidade de gênero não se prende ao binarismo homem-mulher)
- ☐ Outro: \_\_\_\_\_

**5. 5. Você é: \****Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Assexual
- ☐ Bissexual
- ☐ Gay
- ☐ Heterossexual
- ☐ Lésbica
- ☐ Pansexual
- ☐ Outro: \_\_\_\_\_

**6. 6. Você se identifica com qual grupo étnico-racial? \****Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Branco
- ☐ Indígena
- ☐ Mestiço
- ☐ Negro
- ☐ Oriental - Ásia
- ☐ Oriental - Oriente Médio
- ☐ Outro: \_\_\_\_\_

**7. 7. Você é uma pessoa \****Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Monogâmica
- ☐ Não-Monogâmica
- ☐ Poliamorista (relacionamento consensual estável com mais de uma pessoa).
- ☐ Outro: \_\_\_\_\_



**8. 8. Você é uma pessoa: \****Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Solteira
- ☐ Casada
- ☐ Vivendo em união estável
- ☐ Divorciada / Separada / Desquitada
- ☐ Viúva
- ☐ Outro: \_\_\_\_\_

**9. 9. O seu grau de escolaridade é: \****Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Ensino Fundamental incompleto
- ☐ Ensino Fundamental completo
- ☐ Ensino Médio incompleto
- ☐ Ensino Médio completo
- ☐ Ensino Superior incompleto
- ☐ Ensino Superior completo
- ☐ Pós-graduação/MBA
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutorado
- ☐ Pós-Doutorado
- ☐ Outro: \_\_\_\_\_

**10. 10. A sua faixa de renda mensal familiar é: \****Marcar apenas uma oval.*

- ☐ até R\$880,00
- ☐ de R\$880,00 até R\$1760,00
- ☐ de R\$1760,00 até R\$4.300,00
- ☐ de R\$4300,00 até R\$8600,00
- ☐ de R\$8600,00 até R\$12.900,00
- ☐ acima de R\$12.900,00

**11. 11. Sobre a sua religiosidade, você se considera uma pessoa \****Marque todas que se aplicam.*

- ☐ Agnóstico
- ☐ Ateísta
- ☐ Budista
- ☐ Candomblecista
- ☐ Católica
- ☐ Espírita
- ☐ Islâmica
- ☐ Judia
- ☐ Protestante Neopentecostal
- ☐ Protestante Pentecostal
- ☐ Protestante Tradicional
- ☐ Umbandista
- ☐ Teísta sem religião
- ☐ Outro: \_\_\_\_\_

**12. 12. Em qual cidade você mora? \****Cidade/Estado*

---

## Política

**13. 13. A sua ideologia política é: \****Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Anarquista
- ☐ Conservadora
- ☐ Comunista
- ☐ Liberal
- ☐ Nacionalista
- ☐ Social-democrata
- ☐ Socialista
- ☐ Trabalhista
- ☐ Outro: \_\_\_\_\_

**14. 14. Você atua em algum espaço de militância não partidário? \****Marque todas que se aplicam.*

- ☐ Não
- ☐ Sindicato profissional ou de classe
- ☐ ONG (Organização Não Governamental)
- ☐ Coletivo (não institucionalizado)
- ☐ Outro: \_\_\_\_\_

**15. 15. Tem filiação partidária? \***

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim      Ir para a pergunta 16.
- ☐ Não      Ir para a pergunta 17.

Ir para a pergunta 2.

## Partido

**16. Qual Partido? \***

---

## Facebook

**17. 16. Em qual meio de comunicação você se informa sobre o que acontece na sua cidade, no Brasil e no mundo? \***

Marque quantas opções desejar

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Internet
- ☐ Jornal
- ☐ Rádio
- ☐ Televisão
- ☐ Outro: \_\_\_\_\_

**18. 17. Na internet, você se informa em: \***

Marque quantas opções desejar

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Blogs
- ☐ Facebook
- ☐ Jornais Online
- ☐ Portais de Notícias
- ☐ Twitter
- ☐ WhatsApp
- ☐ Outro: \_\_\_\_\_

**19. 18. Você acessa o Facebook por meio de: \***

Marque quantas opções desejar

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Computador desktop
- ☐ Netbook
- ☐ Notebook
- ☐ Smartphone
- ☐ Tablet
- ☐ Outro: \_\_\_\_\_

**20. 19. Seus acessos ao Facebook são feitos: \***

*Marque todas que se aplicam.*

- ☐ Em casa
- ☐ No trabalho
- ☐ Na escola/faculdade
- ☐ Na casa de outras pessoas (vizinhos, parentes, amigos, etc.)
- ☐ Em lan house
- ☐ Em espaços públicos (na rua, no ônibus, no metrô)
- ☐ Outro: \_\_\_\_\_

**21. 20. Quantas horas por dia você acessa o Facebook? \***

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Não acesso diariamente
- ☐ Menos de 1 hora diária.
- ☐ Entre 1 e 2 horas diárias
- ☐ Entre 2 e 3 horas diárias
- ☐ Entre 3 e 4 horas diárias
- ☐ Mais de 4 horas diárias

**22. 21. Quais as ferramentas do Facebook que você mais utiliza? (suas ou de seus contatos)**

\*

*Marque quantas opções desejar*

*Marque todas que se aplicam.*

- ☐ Álbuns de Fotos
- ☐ Aplicativos
- ☐ Busca/pesquisa.
- ☐ Eventos
- ☐ Grupos
- ☐ Linha do tempo (Feed de notícias)
- ☐ Mensagens (Inbox ou Messenger)
- ☐ Páginas de Perfil Pessoal
- ☐ Páginas (Fanpages)
- ☐ Outro: \_\_\_\_\_

**23. 22. Quais são os seus temas de maior interesse no Facebook? \***

Marque quantas opções desejar

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Agricultura familiar/orgânica
- ☐ Anti-capitalismo
- ☐ Anti-Estado
- ☐ Anti-globalização
- ☐ Artvismo
- ☐ Cicloativismo
- ☐ Craftivismo
- ☐ Consumo sustentável
- ☐ Cultura
- ☐ Democratização da mídia
- ☐ Direito à Moradia
- ☐ Direitos das Crianças
- ☐ Direitos das Pessoas com Deficiência
- ☐ Direitos dos Animais
- ☐ Educação Formal
- ☐ Educação Informal
- ☐ Feminismo
- ☐ Feminismo Negro
- ☐ Ecologia e Meio Ambiente
- ☐ Legalização das Drogas
- ☐ Mobilidade Urbana
- ☐ Movimento Estudantil
- ☐ Movimento Indígena
- ☐ Movimento LGBT
- ☐ Movimento Negro
- ☐ Parto e Maternidade
- ☐ Religiões de Matriz Africana
- ☐ Transfeminismo
- ☐ Veganismo/Vegetarianismo
- ☐ Outro: \_\_\_\_\_

**24. 23. As suas publicações no Facebook são: \***

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Públicas
- ☐ Restritas ao grupo Amigos
- ☐ Restritas para alguns grupos (Amigos, Família, Trabalho)
- ☐ Algumas públicas outras restritas
- ☐ Outro: \_\_\_\_\_

## 25. 24. Você estabelece laços de amizade/militância no Facebook: \*

Com pessoas que não conhece pessoalmente, de outras cidades, estados ou países  
*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sempre
- ☐ Normalmente
- ☐ Às vezes
- ☐ Raramente
- ☐ Nunca

## 26. 25. Você costuma manter amizade ou seguir pessoas no Facebook com ideologias/causas diferentes das suas? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sempre
- ☐ Normalmente
- ☐ Às vezes
- ☐ Raramente
- ☐ Nunca

## 27. 26. Você costuma "bloquear" pessoas devido a comentários negativos em suas postagens? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sempre
- ☐ Normalmente
- ☐ Às vezes
- ☐ Raramente
- ☐ Nunca

## 28. 27. Você costuma desfazer amizade devido a divergências ideológicas no Facebook? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sempre *Ir para a pergunta 29.*
- ☐ Normalmente *Ir para a pergunta 29.*
- ☐ Às vezes *Ir para a pergunta 29.*
- ☐ Raramente *Ir para a pergunta 30.*
- ☐ Nunca *Ir para a pergunta 30.*

## Comentário

29. Comente um exemplo de situação que resultou no fim de uma amizade devido a divergências ideológicas no Facebook. \*

---



---



---



---



---

## Denúncias/Censura

30. 28. Você costuma fazer denúncias de postagens com conteúdos ofensivos (discurso de ódio, exposição e humilhação de pessoas, violência) no Facebook? \*

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sempre
- ☐ Normalmente
- ☐ Às vezes
- ☐ Raramente
- ☐ Nunca

31. 29. Você já teve alguma postagem denunciada/excluída/censurada no Facebook? \*

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Sim, uma ou mais postagens com texto
- ☐ Sim, uma ou mais postagens com imagem
- ☐ Sim, uma ou mais postagens com vídeo
- ☐ Não

32. 30. Você já teve o seu perfil bloqueado devido ao conteúdos das suas postagens no Facebook? \*

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim, várias vezes
- ☐ Sim, mas poucas vezes
- ☐ Não

33. 31. Você já deixou de participar de algum movimento/causa devido a brigas/ataques online? \*

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim      Ir para a pergunta 34.
- ☐ Não      Ir para a pergunta 35.
- ☐ Nunca tive brigas ou disputas online      Ir para a pergunta 35.

## Comentário

34. Comente o motivo que resultou na decisão de deixar de participar de um movimento/causa.

---



---



---



---



---

## Denúncias/Censura

35. 32. Você costuma sofrer agressões/ataques virtuais devido ao conteúdo de suas postagens no Facebook? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sempre *Ir para a pergunta 36.*
- ☐ Normalmente *Ir para a pergunta 36.*
- ☐ Às vezes *Ir para a pergunta 36.*
- ☐ Raramente *Ir para a pergunta 37.*
- ☐ Nunca *Ir para a pergunta 37.*

## Comentário

36. Comente um exemplo de situação que resultou em agressão/ataque virtual devido ao conteúdo de suas postagens no Facebook.

---



---



---



---



---

## Ativismo

37. 33. Você costuma assinar petições online? \*

*Abaixo-assinados em plataforma virtual*

*Marque todas que se aplicam.*

- ☐ Não
- ☐ Já assinei, mas não lembro em qual plataforma
- ☐ Avaaz
- ☐ Change
- ☐ Petição Pública
- ☐ Outro: \_\_\_\_\_



38. **34. Você costuma fazer doações ou participar de financiamento coletivo para pessoas ou grupos ativistas? \***

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sempre
- ☐ Normalmente
- ☐ Às vezes
- ☐ Raramente
- ☐ Nunca

39. **35. Você costuma usar filtros para fotografia de perfil no Facebook? \***

Em apoio a causas sociais, com aplicativos como o Twibbom

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sempre
- ☐ Normalmente
- ☐ Às vezes
- ☐ Raramente
- ☐ Nunca

40. **36. Você acompanha, no Facebook, a ação de militantes/ativistas de outras cidades, estados, países: \***

Sem laço de amizade, apenas a opção seguir

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sempre
- ☐ Normalmente
- ☐ Às vezes
- ☐ Raramente
- ☐ Nunca

41. **37. Com relação aos eventos organizados via Facebook, você geralmente: \***

Políticos, de ativismo ou militância

*Marque todas que se aplicam.*

- ☐ Só confirma a presença no evento quando tem certeza de que poderá participar
- ☐ Confirma a presença no evento mesmo sem ter certeza se poderá participar
- ☐ Confirma a presença no evento mesmo sabendo que não poderá participar
- ☐ Confirma a presença no evento só para apoiar
- ☐ Não confirma a presença no evento, mesmo sabendo que poderá participar
- ☐ Não confirma a presença no evento mesmo sem ter certeza se poderá participar
- ☐ Outro: \_\_\_\_\_

42. **38. Você costuma participar presencialmente de eventos políticos/ativistas/militantes divulgados via Facebook? \***

Marchas, Atos, Passeatas, Ocupações, Intervenções, Performances, Aulas Públicas  
*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sempre
- ☐ Normalmente
- ☐ Às vezes
- ☐ Raramente
- ☐ Nunca

43. **39. Você já mudou de opinião sobre algum assunto depois de discuti-lo com outras pessoas no Facebook? \***

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sempre
- ☐ Normalmente
- ☐ Às vezes
- ☐ Raramente
- ☐ Nunca

44. **40. Você já mudou de opinião depois de ler textos/debates postados no Facebook? \***

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sempre
- ☐ Normalmente
- ☐ Às vezes
- ☐ Raramente
- ☐ Nunca

45. **41. Sobre as possibilidades de ativismo no Facebook, você acha que as mudanças de layout, filtros, algoritmos, etc.: \***

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Melhoraram as possibilidades *Ir para a pergunta 46.*
- ☐ Pioraram as possibilidades *Ir para a pergunta 46.*
- ☐ Não interferiram nas possibilidades *Ir para a pergunta 47.*
- ☐ Desconheço as mudanças *Ir para a pergunta 47.*

## Comentário

46. **Comente sobre como as mudanças de layout, filtros, algoritmos, etc. interferiram nas possibilidades de ativismo no Facebook. \***

---



---



---



---



---

47. 42. Na sua opinião, quais são as melhores características do Facebook para fins de militância/ativismo? \*

---

---

---

---

---

48. 43. Na sua opinião, quais são as piores características do Facebook para fins de militância/ativismo? \*

---

---

---

---

---

49. Caso tenha interesse em ler a tese que irá utilizar os dados coletados nesse formulário após a sua finalização e aprovação, preencha o seu endereço de email:

---

---

---

---

---

## APÊNDICE 4: TERMO DE CONSENTIMENTO E AUTORIZAÇÃO

### UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E LINGUAGENS TERMO DE CONSENTIMENTO E AUTORIZAÇÃO

**PROJETO:** God save de queer: mobilização e resistência antimainstream no Facebook

**PESQUISADORA:** Máira de Souza Nunes

**CONTATO:** (41) 988735302 / mairanunes@gmail.com

**ORIENTADOR:** Álvaro Nunes Laranjeira

Esta pesquisa pretende analisar, a partir dos estudos queer e pós-coloniais, de que maneira se estabeleceram redes e iniciativas de resistência ao *status quo* no Facebook, a partir do ano de 2011. Além do debate teórico, a análise parte de movimentos coletivos como Occupy Wall Street, SlutWalk e Jornadas de Junho, bem como de postagens que reflitam sobre subalternidades, iniciativas contra-hegemônicas, críticas ao neoliberalismo e violências de gênero (entre outros temas).

A sua participação na pesquisa está estabelecida em três etapas: resposta ao questionário (formulário do Google), coleta e análise de postagens no Facebook, entrevista (por email, com a finalidade de completar as informações coletadas no questionário e nas postagens). As informações serão utilizadas na elaboração da tese e de artigos/comunicações que possam ser produzidos como desdobramento da pesquisa.

Caso não tenha mais interesse em fazer parte da pesquisa, o consentimento poderá ser retirado a qualquer momento, basta entrar em contato com a pesquisadora.

Pelo presente instrumento, eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, CPF \_\_\_\_\_, abaixo assinado, concordo em participar da pesquisa de Máira de Souza Nunes, doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Linguagens – UTP, portadora do RGXXX e CPF XXX. Autorizo o uso das informações coletadas por

meio de questionário, entrevista e postagens pessoais de Facebook na tese, bem como a publicação dessas informações.

Nome:: \_\_\_\_\_

RG:: \_\_\_\_\_

CPF: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE 5 - REDE ATIVISTA DE CURITIBA

### 1. PERFIL DA AUTORA NO FACEBOOK



Perfil: <https://www.facebook.com/maira.nunes.58>

### 2. ANDRÉA BEZERRA CORDEIRO



Perfil: <https://www.facebook.com/andrea.cordeiro.108>

### 3. BÁRBARA CARDOSO



Perfil: <https://www.facebook.com/babi.rdrq>

### 4. CAMILA OLIVIA DE MELO



Perfil: <https://www.facebook.com/camilamelopuni>

## 5. CLARA CUEVAS



Perfil: <https://www.facebook.com/cuevasnotdead>

## 6. GUSTAVO BITENCOURT



Perfil: <https://www.facebook.com/gustavo.bitencourt>



## 7. JUSSARA CARDOSO DE SOUZA MELO



Perfil: <https://www.facebook.com/jussaracsmelo>



Perfil: <https://www.facebook.com/jussara.cardoso.560>



Perfil: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100011405365695>

## 8. MARIA HELENA MUNIZ



Perfil: <https://www.facebook.com/lenamuniz>

## 9. LETÍCIA CAMARGO



Perfil: <https://www.facebook.com/leticia.camargo.357>

## 10. MARIANA RAQUEL



Perfil: <https://www.facebook.com/marianaraquel.costa>

## 11. MIRO SPINELLI



Perfil: <https://www.facebook.com/tamiris.spinelli>



## 12. RICARDO MARINELLI



Perfil: <https://www.facebook.com/ricardo.marinelli>

## 13. SUELEN REGINA



Perfil: <https://www.facebook.com/escrevapasuelen>

## 14. THAYZ ATHAYDE



Perfil: <https://www.facebook.com/thayz.athayde>

## 15. XÊNIA MELO

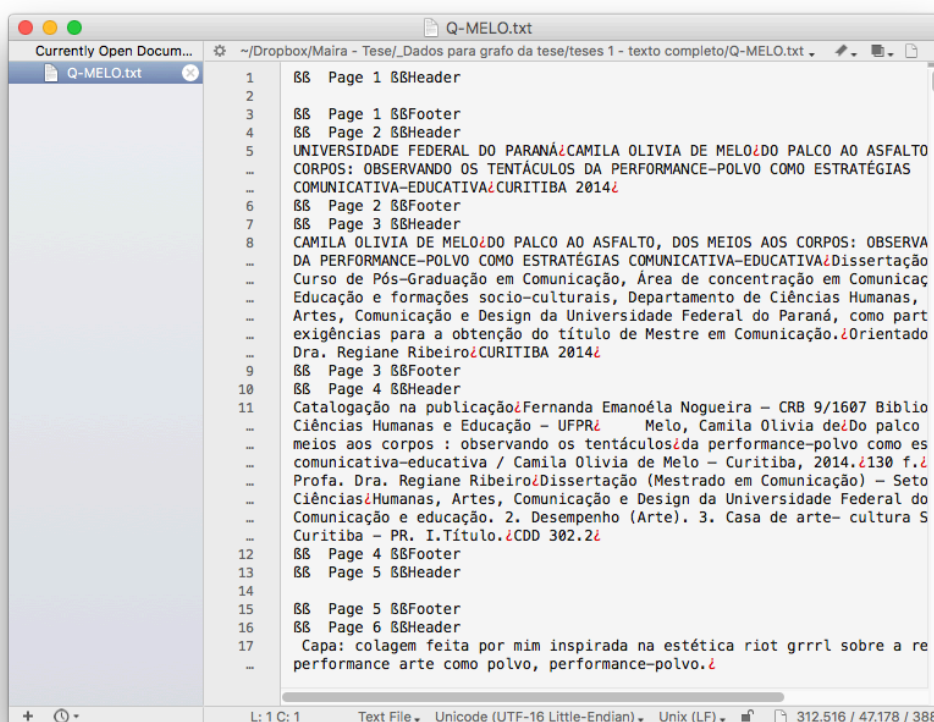


Perfil: <https://www.facebook.com/xenia.mello.9>

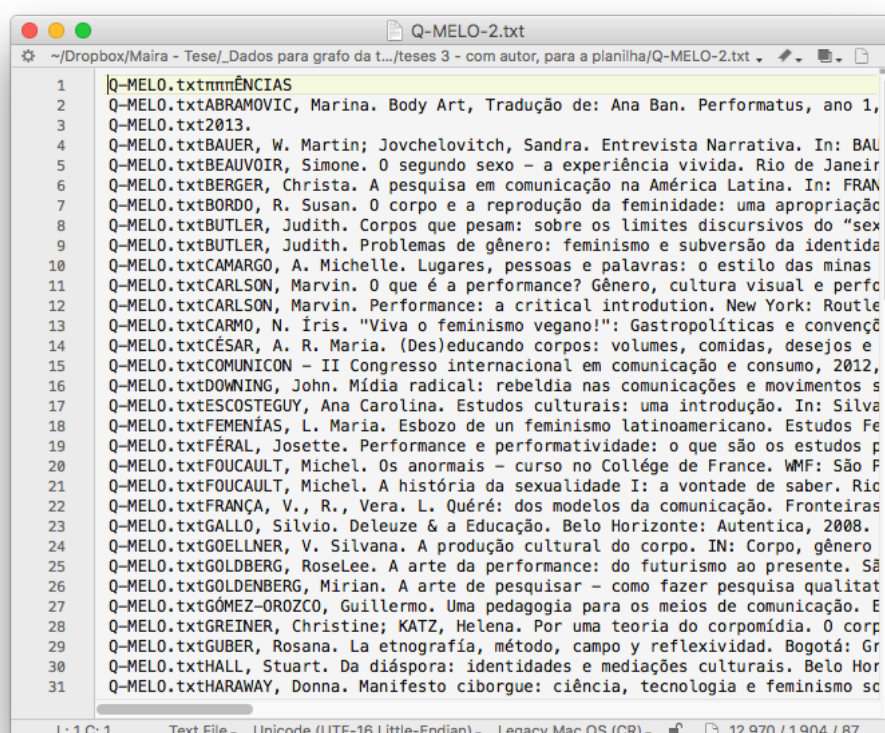
## APÊNDICE 6 – PROCESSO DE ELABORAÇÃO DOS GRAFOS

### 1. REDE DE AUTORES – ESTADO DA ARTE

As teses e dissertações pesquisadas foram baixadas em formato PDF. Foram convertidas em texto usando um script feito no programa Automator (Mac) que gerava arquivos de texto com o conteúdo dos arquivos PDF. Foram detectados alguns problemas, como arquivos PDF protegidos contra cópia, cujos conteúdos foram inseridos manualmente mais tarde.

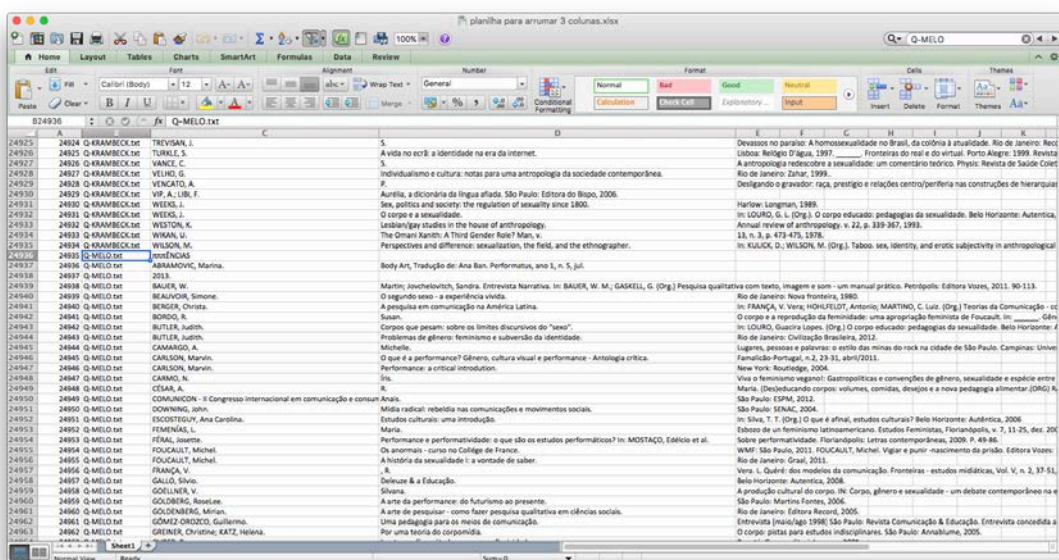


Esses arquivos de texto foram editados com o software TextWrangler para eliminar todo o texto anterior às palavras “Referências” ou “Bibliografia”, com o objetivo de deixar neles somente as referências bibliográficas. Foi usado um script na linguagem Python para inserir, na primeira linha de cada arquivo, o nome do próprio arquivo – que identificava quem escreveu a tese ou dissertação. Usando o TextWrangler, o nome do arquivo foi colocado à frente de cada linha do arquivo.



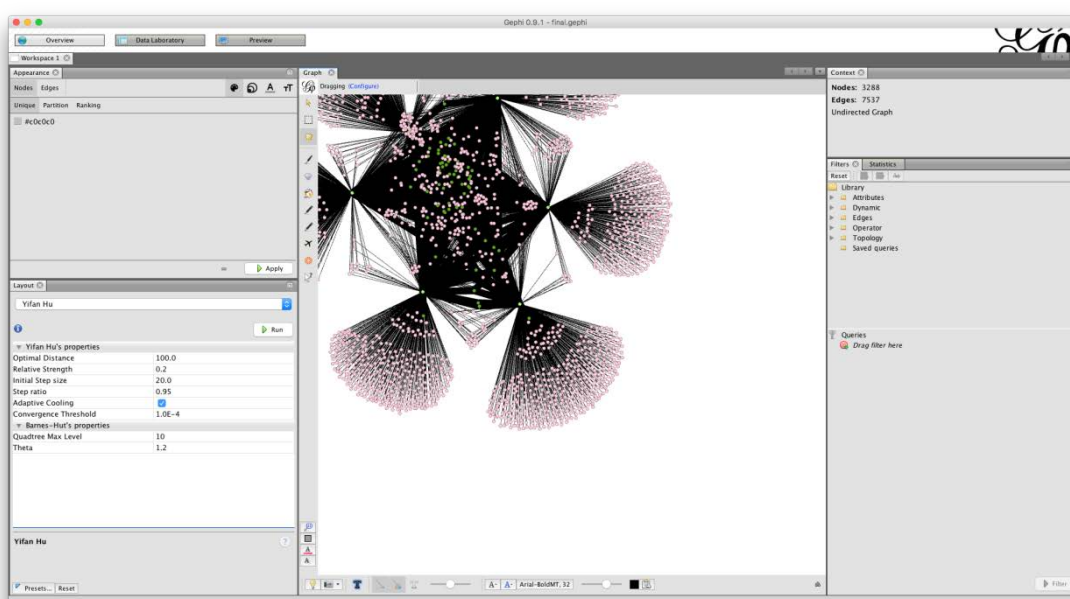
Os arquivos foram então reunidos em um único arquivo de texto, que teve suas linhas divididas com caracteres tabuladores, para serem divididos em colunas quando importados em uma planilha eletrônica. A definição das colunas foi feita com base nos padrões da ABNT. Por exemplo, o primeiro ponto seguido de espaço, segundo a ABNT, deveria aparecer depois do nome do autor da obra. Houve vários problemas, já que algumas pesquisas não seguiam corretamente as normas de referências bibliográficas. Também foi usado o programa Open Refine, que identifica e padroniza textos semelhantes – ideal para encontrar grafias erradas de um mesmo nome, por exemplo. O resultado foi uma planilha eletrônica de aproximadamente 31 mil linhas, que foram filtradas para eliminar as linhas ou parte das linhas que não interessavam – como linhas em branco, referências de jornais e/ou sites, trechos do corpo principal do texto da pesquisa que acabou se “infiltrando”, informações sobre editoras, ano de publicação, entre outros.





Depois da limpeza, a planilha ficou com aproximadamente 7,3 mil linhas, nas quais constava o nome de quem fez a pesquisa, o nome dos autores das obras consultadas nessa pesquisa, e os títulos das obras. Novamente foi usado o Open Refine para padronizar obras e achar erros.

Finalmente, usando aplicativos de planilha eletrônica como Microsoft Excel e OpenOffice, foram formatados os arquivos no padrão exigido pelo aplicativo Gephi, usado para gerar a rede de relações. Nesta etapa, foi decidido mapear somente as relações entre as obras citadas e a classificação por temas.



Foram feitos ajustes para conseguir a visualização desejada, e gerada uma



versão para ser vista no visualizador gexf-js. Outra versão foi gerada para ser finalizada no aplicativo Adobe Illustrator, para preparar a rede para a impressão, incluir nomes, ajustar cores, entre outros detalhes. Foram inclusos os nomes dos 20 autores mais citados em cada assunto – o total é inferior a 120, já que há autores que se repetem entre os diferentes assuntos.

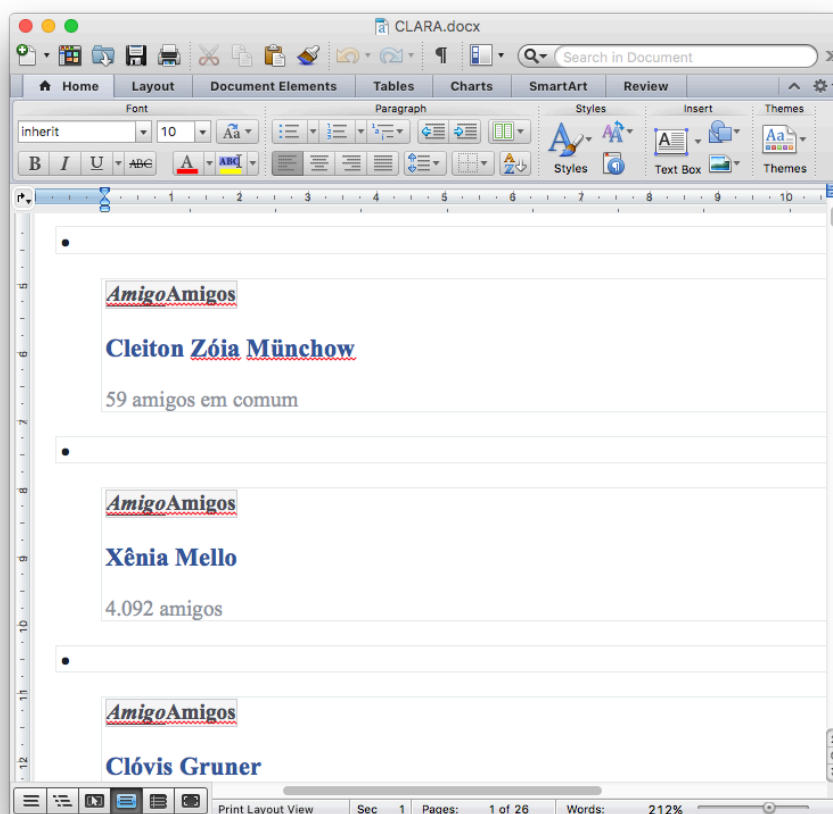
As possíveis limitações do método esbarram na falta de padrão das citações, que pode ter ocasionado que algumas citações se percam, ou que ficassem perdidas, junto de alguma outra informação que acabou por ser descartada. Algumas obras podem não ter sido consideradas as mesmas por diferenças na grafia que não foram detectadas – na última etapa, os principais nomes citados foram checados e unificados, mas não foi possível fazer isso com toda a planilha, já que deveria ser feito manualmente.

## REDE DO FACEBOOK – AUTOETNOGRAFIA

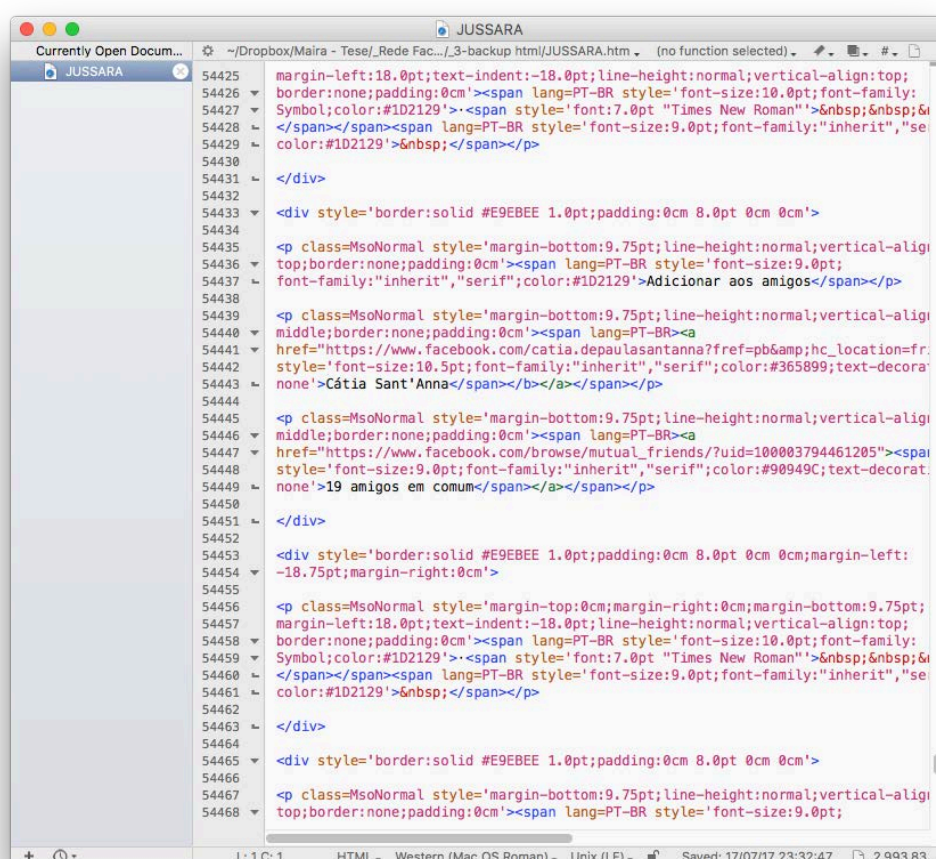
Como o Facebook não permite mais o acesso automatizado à lista de amigos das pessoas, os dados foram levantados manualmente. Foi aberta a página de amigos de cada pessoa pesquisada. Em alguns casos, foi necessário solicitar que a pessoa modificasse as configurações de privacidade, já que a lista completa de amigos não era visível para a pesquisadora.

A página de amigos do Facebook vai carregando cada vez mais informações à medida que se chega ao final da rolagem da página. Assim, foi feito esse procedimento na página de amigos de cada pessoa pesquisada. Uma vez atingido o final da lista, o conteúdo foi copiado e colado em um documento do Microsoft Word. Uma das pessoas pesquisadas fez esse procedimento ela mesma, e enviou o arquivo para a pesquisadora.

De posse desses arquivos, foi feita uma busca automática no Word para eliminar as fotografias.

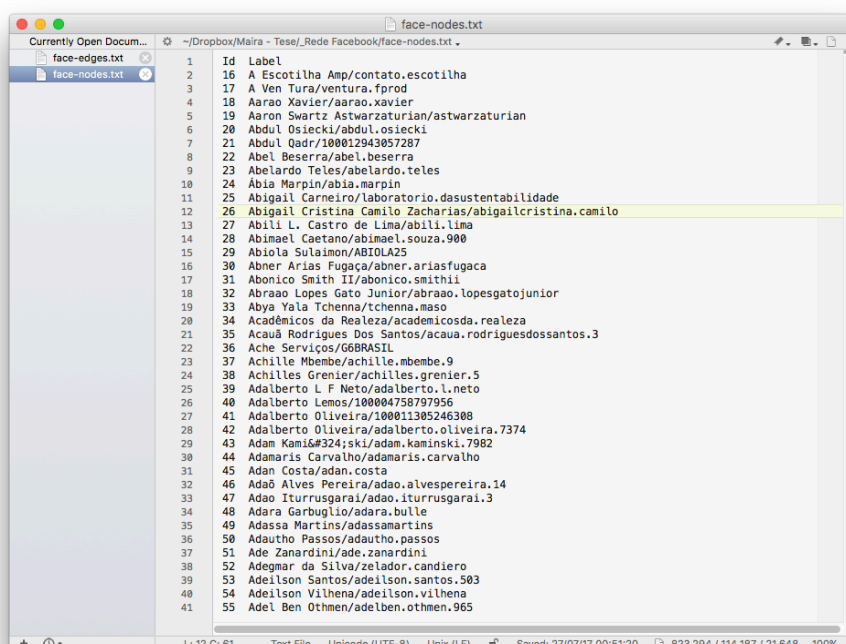
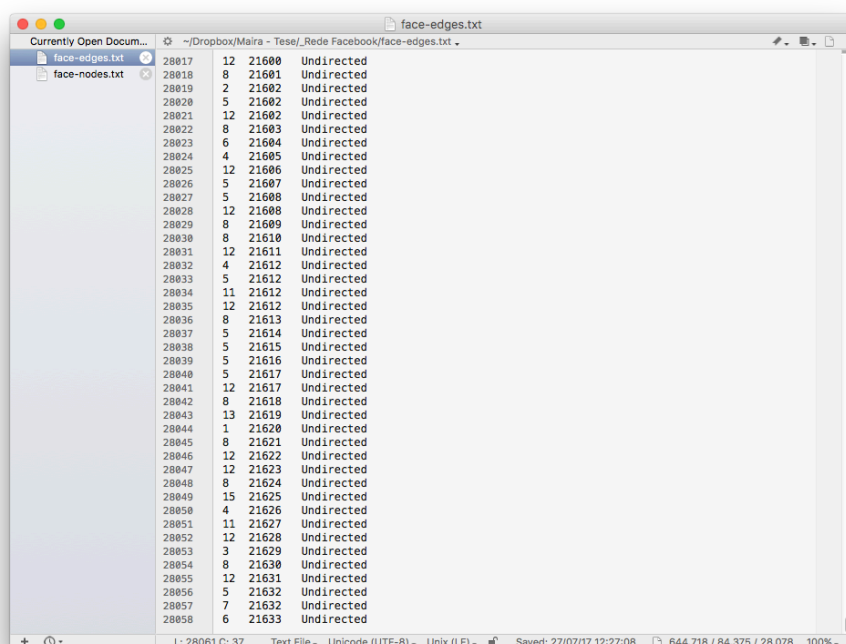


Os arquivos foram então exportados, a partir do próprio Word, como HTML, já que trabalhar diretamente com o código HTML facilitaria extrair as informações desejadas de cada perfil (Nome e URL do perfil). Esse procedimento foi realizado com o editor de texto TextWrangler. Esse programa se caracteriza por processar texto sem formatação e em grandes volumes.

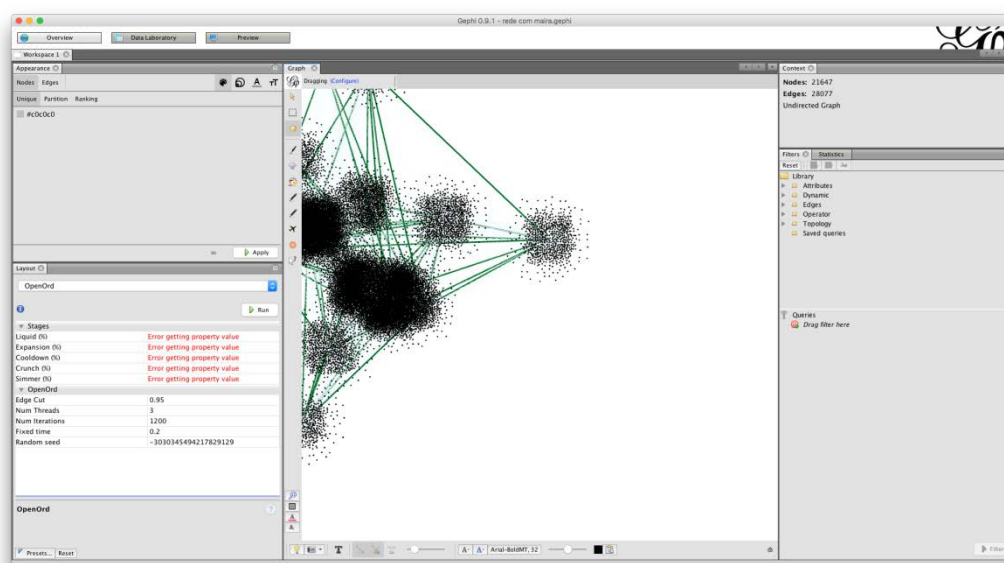


The screenshot shows a TextWrangler window with the title 'JUSSARA'. The window displays a large block of HTML code, which appears to be a list of social media links or profiles. The code includes various HTML tags such as `<div>`, `<p>`, `<a>`, and `<span>`, along with attributes like `margin-left`, `text-indent`, `line-height`, `vertical-align`, `border`, `padding`, `font-size`, `font-family`, `color`, and `href`. The code is color-coded, with tags in blue and text in black. The window also shows a sidebar on the left with a file explorer view, and a status bar at the bottom indicating the current file is 'L: 1 C: 1' and the encoding is 'HTML - Western (Mac OS Roman)'.

O resultado foram 15 arquivos de texto, que foram reunidos em uma planilha. Usando aplicativos de planilha eletrônica, como Microsoft Excel e OpenOffice, foram formatados os arquivos no padrão exigido pelo aplicativo Gephi, usado para gerar a rede de relações.



Foram feitos ajustes para conseguir a visualização desejada, e gerada uma versão para ser vista no visualizador gexf-js.



Outra versão foi gerada para ser finalizada no aplicativo Adobe Illustrator, para preparar a rede para a impressão, incluir nomes, ajustar cores, entre outros detalhes. Os possíveis problemas encontrados foi a diferença entre o número de amigos de cada pessoa pesquisada e os nomes que puderam ser levantados. Essa diferença, acredita-se, se dá pelas configurações de privacidade de alguns dos amigos, que não permitem que sejam vistos por terceiros.

## ANEXO 1

### - I SEMINÁRIO QUEER

- Contra-hegemonias – os estudos queer entre os saberes insurgentes

(<https://www.youtube.com/watch?v=SzDS2IXjD0Y>)

Transcrição das perguntas realizadas após a fala de Richard Miskolci e Larissa Pelúcio.

“Richard, durante o Seminário falou-se muito nas transformações políticas de reconhecimento das chamadas minorias – raciais, sexuais, de gênero, etc. Como você enxerga a não presença dessas pessoas aqui, sem um lugar direto de fala? Como reverter tal quadro, se ainda precisamos falar por eles – ou nós?”

Leonardo Fabri

“Na sua fala de ontem você falou brevemente sobre o conceito de cisgênero. Hoje, no seu apanhado do contexto histórico e social do país, você repetiu os termos político sexual e feminismo e homossexuais. Onde estão as pessoas trans na sua exposição da teoria queer?”

Juliana (ou Juliane)

“O I Seminário Queer é uma grande iniciativa para a difusão dos estudos de gênero no Brasil. Entretanto, é nítida a presença majoritária de acadêmicos brancos de classe média alta. Como ampliar a visibilidade da teoria queer e fornecer meios e espaços para que seus próprios agentes – travestis, pessoas trans, drag queens e outras minorias – possa, se expressar de forma direta, sem o intermédio da acadêmica e de alguns poucos privilegiados?”

Tiago (sobrenome ilegível)

Transcrição da resposta de Richard Miskolci

“É, não sei talvez eu tenha falado um pouco rápido, né, mas o tempo todo uma das questões era sobre as questões de transexuais, né. Na minha fala, eu tava falando de políticas de gênero, falava o tempo todo das possibilidades da busca da autonomia, de transitividade de gênero, então a minha ideia era, sim, incluir, várias vezes eu falei isso, gostaria de deixar claro, tem o texto disponível, né. E, no que toca a falar pelo outro, sinceramente, eu acho que, é, eu concordo 100% com a Larissa, eu diria o seguinte: é, mas uma vez, aquilo que eu falei sobre generosidades, construções de alianças e tudo mais, né. Eu não tô aqui disputando fala com ninguém, né, eu também sofri violências, eu também tenho essa experiência, sobretudo, eu resolvi construir o meu compromisso acadêmico como sendo um compromisso político com aqueles que sofrem, com os corpos que são violentados e tolhidos na sua autonomia, na sua agência. Eu acho que isso também valida a minha fala, eu não estou falando pelos outros, eu estou falando com os outros, né. Falar com é falar com um posicionamento político, sobretudo numa sociedade que nos joga sempre no enfrentamento, na violência, no conflito, e nos divide, né, tirando de nós a nossa força e o nosso potencial político e intelectual, né. Essa é a minha visão e no que toca a falar pelo outro eu penso na Spivak, vamos pegar a Spivak, a ideia da Spivak é que é a seguinte: o subalterno não pode falar não porque não tem voz, você pode trazer, às vezes, pessoas e dar o microfone pra elas, **falta o vocabulário**. O nosso trabalho é construir um vocabulário que permita reconhecer violências, ampliar as possibilidades da gente compreender a nossa política, o lugar que a gente ocupa nela e, sobretudo, pensar em espaços que possam ser mais compartilhados, vividos em conjunto, né, que possam ser positivos para todos, e não nas pequenas políticas das divergências atomizantes, neoliberais, que fazem pessoas quererem ser, na verdade, estrelas representantes de outros grupos.”

Richard Miskolci

## ANEXO 2

### **O fim do Couve-flor segundo Gustavo Bitencourt**

30 de dezembro de 2011 às 00:02

<https://goo.gl/6cJCKE>

Gente,

Venho por meio desta informar, pra todo mundo que quiser saber, que o Couve-flor tá acabando. Mas relaxem, que gente vai acabando aos poucos pra ninguém sair traumatizado.

2012 vai ser o ano de nos enfiarmos num novo processo de criação, com uma pequena circulação na sequência, de decidirmos como vão ser as nossas vidas, o que que vai ser do Cafofo (o nosso espaço de trabalho), enfim, de irmos arrematando as coisas.

Unanimidade nunca foi o nosso forte. Cada decisão que a gente tomou e toma é fruto de muito trabalho, discussões longas, perguntas que desembocam em outras perguntas. Acho que isso ensinou muito pra cada um de nós ao longo desses quase sete anos. Fomos aprendendo um outro jeito de fazer democracia. Uma democracia que não é numérica, não é de levantar a mão. É muito mais uma democracia de sujeitos, de pessoas, que se recusam a deixar de ser pessoas pra fazer parte de uma coletividade.

Pessoalmente, me entender dentro desse grupo foi muito importante também pra eu ir aprendendo a organizar internamente de um jeito mais democrático: dar voz a todo mundo que me habita.

Eu falei que unanimidade nunca foi o nosso forte, mas essa decisão, de ir acabando, foi uma das poucas, senão a primeira, decisão unânime. E eu arrisco dizer - não, eu sei com certeza - que não foi um saco cheio geral, ou pelo menos não só isso. Acho que foi muito mais uma tranquilidade de entender que um trabalho foi feito, e que precisa abrir espaço pra outras coisas acontecerem, nas nossas vidas, na cidade, no país.

Terminar coisas é sempre complicado. Eu tava tentando, por exemplo, fazer a linha é-natural-tudo-acaba-gente-relaxa, mas agora mesmo to chorando que nem uma vaca velha aqui escrevendo isso. É bem doído, mas vem junto com um grande alívio. E uma segurança de que tudo isso que a gente construiu continua me modificando, modificando todos nós, modificando um pouquinho que seja o mundo em volta.

E que tudo isso só foi possível porque é uma amizade de verdade. E amigo de verdade às vezes afasta um pouco, às vezes muda o jeito de operar em conjunto, mas tá sempre lá, não se perde. E que essas parcerias artísticas, profissionais, afetivas, continuam acontecendo, talvez até de um jeito mais livre, mais sossegado.



Bom, é isso, gente. Queremos os amigos e parceiros por perto nesse ano aí que tá vindo, nos acompanhando - estamos meio frágeis - pra esse encerramento rolar em grande estilo, com glamour e bem-aventurança.

Feliz ano novo pra todo mundo que tá começando ou terminando coisas.

Beijão.